ROSANA COSTA DE OLIVEIRA

MORFOLOGIA E SINTAXE DA LÍNGUA XAVANTE

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doutorado em lingüística

Orientador:
Profº Drº Marcus Antônio Rezende Maia

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS
2007

MORFOLOGIA E SINTAXE DA LÍNGUA XAVANTE

ROSANA COSTA DE OLIVEIRA

Tese de Doutorado em Lingüística

apresentada à Coordenação dos Cursos de

Pós-graduação em Letras da Universidade

Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Orientador: Prof. Dr. Marcus Antônio Rezende Maia

Rio de Janeiro

2007

MORFOLOGIA E SINTAXE DA LÍNGUA XAVANTE

Rosana Costa de Oliveira

Tese submetida ao Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor.

Aprovada por:

Prof. _____ -Orientador
Doutor Marcus Antônio Rezende Maia (UFRJ)

Prof. _____
Doutora Míriam Lemle (UFRJ)

Prof. _____
Doutora Márcia Maria Damaso Vieira (UFRJ)

Prof. _____
Doutora Yonne de Freitas Leite (UFRJ)

Prof. _____
Doutora Maria Filomena Spatti Sandalo (UNICAMP)

Prof. _____
Doutora Bruna Franchetto (UFRJ)

Prof. _____
Doutor Angel Humberto Corbera Mori (UNICAMP)

Oliveira, Rosana Costa de

Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante / Rosana Costa de Oliveira. Rio de janeiro: UFRJ / FL, 2007.

ix, 274p.

Tese (Doutorado)– Universidade Federal do Rio de Janeiro – FL, 2007.

1. Línguas Indígenas Brasileiras. 2. Teoria da Gramática. 3. Lingüística – Tese. I. Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante. II. Tese (Doutorado – UFRJ/ FL, Departamento de Lingüística).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao meu orientador Marcus Maia, pela orientação, incentivo e dedicação. Obrigada!

Às professoras Miriam Lemle e Márcia Damaso, pelas importantes sugestões feitas à minha tese durante o exame de qualificação.

À Heidi Harley, por ter cedido parte do seu tempo para discutir os dados Xavante.

À professora Bruna Franchetto, por ter disponibilizado um espaço em seu escritório para eu estudar.

A todos os índios Xavante das aldeias Água Branca e Pimentel Barbosa, pela boa vontade de me ensinar um pouco sua língua.

A Paulo Domingues Xavante, por ter cedido grande parte de seu tempo para me ajudar.

Para meu marido, Alex, que sempre me deu muita força em tudo que resolvi fazer.

Para minha amiga, Mara, pela força e por ter compartilhado comigo os momentos difíceis.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro durante o período da pesquisa.

RESUMO

OLIVEIRA, Rosana Costa de Oliveira. **Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante**. Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia. Rio de Janeiro UFRJ/FL; 2007. Tese (Doutorado em Lingüística).

A proposta desta tese é a de empreender a análise da morfologia da língua Xavante, dentro do modelo da Morfologia Distribuída e também analisar algumas questões a respeito da sintaxe, com o aparato formal do Programa Minimalista e do Projeto Cartográfico.

Sob o enfoque da Morfologia Distribuída, evidenciamos os dados do Xavante, descrevendo e analisando o nome e o verbo nesta língua, além de mostrar que alguns itens de vocabulário são subespecificados. O nome, em Xavante, é formado pela junção de raízes acategoriais ou raízes verbais a nominalizadores fonologicamente nulos ou explícitos. O verbo é formado somente por raízes acategoriais juntadas a verbalizadores fonologicamente nulos ou explícitos. A língua Xavante, assim como qualquer língua natural, possui casos em que a mesma forma morfológica é encontrada em diferentes contextos sintático-semânticos. Neste caso, certos itens de vocabulário possuem o mesmo molde morfológico e traços diferentes, sendo portanto, subespecificados.

Tomando por base um pressuposto dentro do programa Minimalista de que a ordem SVO é universal para todas as línguas, verificamos o movimento dos constituintes para fora do vP. Foi possível observar que o verbo principal não precisa sair do núcleo vP para checar a flexão, pois o verbo auxiliar, que é gerado no núcleo de TP, carrega os traços flexionais. Primeiramente, o sujeito e o objeto se movem para posições funcionais acima do vP. O sujeito sobe para o especificador de TP para checar seu traço EPP. O objeto, que na ordem SOV pode estar à esquerda ou à direita do verbo auxiliar, sai do núcleo do VP para o vP para verificar caso acusativo. Com seus traços checados, o sujeito, e às vezes o objeto, sobem para uma posição de tópico ou foco no sintagma complementizador expandido por razões de pragmática. As construções de tópico e foco, em Xavante, assim como outras construções interrogativas que estão localizadas na periferia esquerda da oração, são analisadas, nesta tese, dentro das propostas feitas por Rizzi (1997 e 1999) e Benincá (2001), no âmbito do projeto cartográfico.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Rosana Costa de Oliveira. **Morfologia e Sintaxe da Língua Xavante**. Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia. Rio de Janeiro UFRJ/FL; 2007. Tese (Doutorado em Lingüística).

The purpose of this thesis is to perform a morphological analysis of the Xavante language within the Distributed Morphology theoretical framework (cf. Halle & Marantz 1993) and also to analyze aspects of the syntax of the language in the light of the Minimalist Program (cf. Chomsky, 1995) and the Cartographic Project (cf. Rizzi, 1997).

Within the Distributed Morphology framework, we describe and analyze Xavante's names and verbs, and show that some vocabulary items are undespecified. The name, in Xavante, is formed with acategorial or verbal roots merged to null or explicit phonological nominalizers. The verb is formed only by acategorial roots merged with null or explicit phonological verbalizers.

According to the Minimalist Program, the SVO order is universal. It is possible to observe that the main verb doesn't need to go out of the vP to check inflection, because the auxiliary verb which is base generated in the head of T, carries the inflections features. Firstly, the subject and the object move for functional positions in the vP. The subject rises to the TP specifier to check its EPP trace. The object, which in SOV order can be in the left or in the right of the auxiliary verb, also goes out of the vP. Having its features checked, the subject, and sometimes the object, go up for a topic or focus position within a complex CP. Xavante interrogative, topic and focus constructions which have an impact on the left periphery of the clause are also investigated with reference to proposals made by Rizzi (1997 e 1999) and Benincá (2001).

LISTA DE ABREVIATURAS

A = adjetivo
AdvP = Sintagma Adverbial
Agr. = agreement (concordância)
Asp = aspecto
AUM = Aumentativo
C = complementizador
COL = Coletivo
CP = SC (sintagma complementizador)
Dem. = demonstrativo
Dim = Diminutivo
DiscP = sintagma do discurso
DP = SD (sintagma determinante)
Enf. = enfático
Estat. = estativo
Fin = finitude
FinP = sintagma de finitude
Foc = foco
FocP = sintagma de foco
Fut = futuro
G = genitivo
Imp = Imperativo
Imperf. = Imperfectivo
INT = interrogativo
IP = SF (sintagma flexional)
LD = left deslocation (deslocamento à esquerda)
N = nome
n = nome
Neg. = negação
NMLZ = nominalizador
NP = Sintagma Nominal
Num. = numeral
O = objeto
Pass. = passado
Perf. Perfectivo
pl. = plural
Posp. = posposição
Poss. = possessivo
Pres. = presente
R = Raiz
Rel. = relativa
S = sujeito
SIL = Summer Institute of Linguistic
Spec = especificador
T = tempo
t = vestígio
Top = tópico
TopP = sitagma de tópico
V = verbo
VBLZ = verbalizador
VP = SV (sintagma verbal)

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fonemas Consonantais 19
Quadro 2: Fonemas Vocálicos 22
Quadro 3: Morfemas marcadores de plural 75
Quadro 4: Morfemas marcadores de dual 76
Quadro 5: Morfemas marcadores de número e pessoa 76
Quadro 6: Verbo Matar 78
Quadro 7: Verbo correr 79
Quadro 8: Verbo ir 81
Quadro 9: Verbo sair 85
Quadro 10: Coletivo *tsiwi* 90
Quadro 11: Categorizadores verbais da classe I 96
Quadro 12: Categorizador verbal da classe II 97
Quadro13: Prefixos de pessoa sujeito dos verbos transitivos 110
Quadro 14: Prefixos de pessoa sujeito da classe I dos verbos transitivos 113
Quadro 15: Prefixos de pessoa sujeito da classe II dos verbos transitivos 117
Quadro 16: Prefixos de pessoa sujeito dos verbos intransitivos 118
Quadro 17: Prefixos de pessoa sujeito da classe I dos verbos intransitivos 122
Quadro 18: Prefixos de pessoa sujeito da classe II dos verbos intransitivos 124
Quadro 19: Prefixos de pessoa sujeito da classe III dos verbos intransitivos 126
Quadro 20: Prefixos de pessoa sujeito da classe IV dos verbos intransitivos 128
Quadro 21: Morfemas livres marcadores de sujeito 130
Quadro 22: Morfemas presos marcadores de sujeito 135
Quadro 23: Morfemas presos marcadores de objeto 136
Quadro 24: Morfemas marcadores de pessoa sujeito e tempo 154
Quadro 25: Subespecificação dos morfemas *wa*, *te* e *ma* 168
Quadro 26: Ocorrência dos morfemas marcadores de pessoa e tempo 175
Quadro 27: Sistema de marcação de caso dos morfemas livres marcadores de pessoa e tempo em orações afirmativas: Sistema ativo/estativo. 177
Quadro 28: Sistema de marcação de caso dos morfemas livres marcadores de pessoa e tempo em orações negativas: Sistema ergativo/absolutivo. 177
Quadro 29: Ocorrência dos morfemas livres e morfemas presos marcadores de pessoa. 178
Quadro 30: Sistema de marcação de caso dos morfemas presos marcadores de pessoa em orações afirmativas: Sistema ativo/estativo. 179
Quadro 31: Prefixos verbais de sujeito e objeto. 180
Quadro 32: Presença ou ausência dos morfemas de pessoa e tempo *wa*, *te* e *ma*. 187
Quadro 33: Morfemas presos marcadores de sujeito. 204
Quadro 34: Morfemas que indicam pessoa e tempo em orações transitivas negativas. 226

SUMÁRIO

1-INTRODUÇÃO **12**

1.1- Objetivo da Tese 12

1.2- A Família Jê e os Xavante 14

1.3- Estrutura da Tese 15

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA XAVANTE **18**

2.1- Inventário Fonológico das Consoantes 19

2.2- Inventário Fonológico das Vogais 22

2.3- Estrutura Silábica 23

3- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS **24**

3.1- Morfologia Distribuída 25

3.1.1- A Estrutura da Gramática 26

3.1.2- Estágios da Derivação na Hipótese Lexicalista e na DM 27

3.1.3- Itens de Vocabulário e a Distinção entre Morfemas Funcionais e Lexicais 31

3.2- Linearização Assimétrica 34

3.3- Projeto Cartográfico 37

3.3.1- Estrutura CP 38

4- ASPECTOS DA MORFOLOGIA XAVANTE **47**

4.1- Nome em Xavante 49

4.1.1- Nomes Formados por um Categorizador Fonologicamente Nulo juntados a uma Raiz Acategorial 54

4.1.2- Nomes Formados por Categorizadores Fonologicamente Explícitos juntados a uma Raiz Verbal 63

4.2- Posposições 71

4.3- Número em Xavante 74

4.3.1- Plural 77

4.3.2- Dual 82

4.3.3- Coletivo “norĩ” 87
4.3.4- Coletivo “tsiwi” 89
4.4- A Organização da Estrutura Verbal em Xavante 91
4.4.1- Morfemas Verbalizadores em Xavante 92
4.4.1.1- Verbos Formados por um Categorizador Fonologicamente Nulo juntados a uma Raiz Acategorial 94
4.4.1.2- Verbos Formados por Categorizadores Fonologicamente Explícitos juntados a uma Raiz Acategorial 95
4.4.1.3- Categorizadores Verbais de Verbos Transitivos 96
4.4.1.4- Categorizadores Verbais de Verbos Intransitivos 100
4.4.1.5- Categorizadores Verbais de Verbos Transitivos e Verbos Intransitivos 104
4.4.2- Classes Verbais 107
4.4.2.1- Classes de Verbos Transitivos 110
4.4.2.2- Classes de Verbos Intransitivos 118
4.5- Pessoa, Tempo e Aspecto em Xavante 129
4.5.1- Morfemas Marcadores de Pessoa 130
4.5.2- Morfemas Marcadores de Tempo 143
4.5.3- Morfemas Marcadores de Aspecto 145
4.6- Inserção Tardia e Subespecificação em Xavante 149
4.7- Estrutura Sintática e Morfológica de Orações Ativas da Língua Xavante 155

5- ASPECTOS DA SINTAXE XAVANTE 169
5.1. Sistema de Marcação de Caso 170
5.2-A Estrutura das Sentenças 182
5.2.1- Ordem dos Constituintes da Oração 189
5.2.1.1- Orações Declarativas 192
5.2.1.1.1- Derivaçao da Ordem Vocabular SOV 202
5.2.1.2- Orações Interrogativas 211
5.2.1.2.1- Interrogativas Sim /Não 212
5.2.1.2.2- Interrogativas QU Simples 213
5.2.1.2.3- Interrogativas QU Múltiplas 222

5.2.2- Orações Transitivas 225
5.2.3- Orações Intransitivas 229
5.2.4- Orações Estativas 234
5.2.5- Orações Transitivas e Intransitivas Negativas 236
5.3- Projeto Cartográfico em Xavante 248
5.3.1- Análise da Estrutura CP em Xavante 248
5.3.1.1- Interrogativas 249
5.3.1.2- A Posição do Sujeito e do Objeto 253

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 270

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 275

1- INTRODUÇÃO

1.1- Objetivo da Tese

O objetivo desta tese é descrever e analisar alguns aspectos da morfologia e da sintaxe da língua indígena Xavante (Tronco Macro-Jê), tratando de questões relacionadas à morfologia nominal e verbal, à marcação de caso, ordem de palavras, e estruturas com impacto na periferia esquerda da oração. Adotando o modelo teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993; Harley & Noyer, 1999), mostraremos que os verbos em Xavante são formados pela junção de morfemas verbalizadores a uma raiz acategorial. Já os nomes são formados pela junção de morfemas nominalizadores a uma raiz acategorial ou a uma raiz anteriormente verbalizada (raiz deverbal). Tanto categorizadores verbais quanto categorizadores nominais são sufixos.

Na língua Xavante, há três morfemas livres que sempre aparecem antes do verbo principal. Estes morfemas, que são analisados nesta tese como verbos auxiliares, carregam traços de pessoa e tempo. Veremos que esses morfemas são subespecificados. No quadro da Morfologia Distribuída, a subespecificação de itens de vocabulário significa que as expressões fonológicas não precisam ser completamente especificadas em termos de traços para serem inseridos nos nós terminais.

De forma idêntica aos verbos auxiliares, alguns verbalizadores também são subespecificados. Esses verbalizadores apresentam a mesma forma fonológica, mas possuem traços diferentes.

Além da descrição e análise dos morfemas verbalizadores, nominalizadores e dos verbos auxiliares em Xavante, faremos uma descrição do sistema de marcação de caso, sugerindo que essa língua possui um sistema cindido.

Pretendemos também, nesta tese, discutir a linearização da ordem básica SOV dessa língua através de um enfoque baseado no programa minimalista, que toma por base uma hipótese feita por Kayne (1994), para a linearização da cadeia dos constituintes frasais, que propõe que a ordem básica inicial é SVO, sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem. Como, além da ordem SOV, a ordem SVO também é produtiva em Xavante, pareceu-nos que a hipótese de Kayne poderia explicar adequadamente a derivação das ordens vocabulares na língua.

No âmbito do projeto cartográfico, utilizamos a teoria de Rizzi (1997), onde se propõe uma expansão da camada complementizadora, postulando-se um componente fixo envolvendo os núcleos Força e Finitude, e um componente acessório envolvendo os núcleos Tópico e Foco, que são ativados quando necessários. Apresentamos também a proposta feita em Rizzi (1999), onde se acrescenta a posição INT (interrogativo) na camada complementizadora, argumentando-se em favor de uma posição distinta do sítio de aterrissagem do movimento QU, a posição INT, que daria conta dos elementos que fazem parte da oração interrogativa. Mostraremos que a posição INT é o ponto de aterrissagem da palavra QU que está abaixo do morfema interrogativo *e*, morfema que dá à oração o seu valor ou força ilocucionária interrogativa. Veremos, também, que a língua Xavante possui uma estrutura CP rica, pois o argumento externo e, às vezes, o argumento interno se movem para posições específicas na cartografia do CP expandido.

A respeito das construções de tópico e foco, além da proposta de Rizzi (1997), utilizaremos a análise feita por Paola Benincà (2001), seguindo a proposta de Rizzi (1997), na qual há uma posição de aterrissagem para um tipo de tópico que está acima de Força, que é a projeção DISC(ourse)P. Esta posição parece ser uma opção para a

posição de tópico em Xavante que está deslocado para a esquerda da partícula interrogativa *e*, isto é, acima da Força da oração.

1.2- A Família Jê e os Xavante

A língua Xavante é uma língua que está classificada como pertencente à família Jê, principal família do tronco Macro-Jê, ao lado de outras onze famílias que fazem parte deste tronco, as famílias Maxacalí, Krenák, Yatê, Karajá, Ofayé, Bororo, Guató, Rikbaktsá, Kamakã, Puri e Kariri, sendo que nestas três últimas famílias, as línguas já estão extintas. Junto com os Xavante, há mais nove línguas ainda faladas que são classificadas como membros da família Jê e que estão divididas em três ramos: Jê setentrional, Jê central e Jê meridional. As línguas da família Jê não mais faladas são o Xakriabá e Akroá (Jê central), Ingaín (Jê meridional) e Jaikó, que constitui um outro ramo da família (cf. Rodrigues, 1999).

As línguas da Família Jê ainda faladas são o Timbira, Apinayé, Kayapó, Panará e Suya (Jê Setentrional), Xavante e Xerente (Jê Central) e Kaingang e Xokléng (Jê Meridional).

O povo Xavante vive hoje na parte leste do estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil, em uma área de cerrado. Eles, hoje, possuem uma população de cerca de nove mil pessoas (Rodrigues, 1999) distribuídas em 6 reservas diferentes: São Marcos, Sangradouro, Marechal Rondon, Parabubure, Areões e Pimentel Barbosa.

Cada região teve uma história diferente de contato. A maioria das regiões teve contato com missões religiosas, católicas ou protestantes. As regiões de Areões e

Pimentel Barbosa tiveram contato com o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), órgão do estado brasileiro que precedeu a Fundação Nacional do Índio – FUNAI.

No início da década de 60, a maioria dos índios Xavante era monolingüe, mas, mesmo com o pouco tempo de convívio com os brancos, que se deu na década de 1950, passaram a falar fluentemente a língua portuguesa. Hoje cerca de 90% dos Xavante são bilíngües, isto é, falantes do português e de sua própria língua, que denominam de A'uwê. A minoria não-bilingüe é formada por velhos e crianças. Na comunicação entre os membros da etnia, geralmente, a língua Xavante é utilizada, sendo o português usado apenas como uma língua de contato com os brancos.

O povo Xavante se autodenomina A'uwê Uptabi, 'povo verdadeiro', sendo que a'uwê significa 'gente'. O termo usado para designar os povos de outras etnias indígenas é A'uwê Prãire que siginifica 'mais ou menos gente', e o termo usado para designar os não indígenas é Warazu, que significa 'branco', 'civilizado'.

1.3- Estrutura da Tese

Como foi dito anteriormente, esta tese pretende tratar de questões relacionadas aos aspectos morfológicos e sintáticos da língua Xavante. Os quadros teóricos tomados como referência para as análises são a teoria da Morfologia Distribuída, o Programa Minimalista e o Projeto Cartográfico.

Nossa metodologia, nesta tese, foi a de buscar conciliar as observações substantivas a respeito da morfologia da língua Xavante, possibilitadas pelo modelo da Morfologia Distribuída e também analisar algumas questões a respeito da sintaxe, com o aparato formal do Programa Minimalista e do Projeto Cartográfico.

A fim de efetivar esses estudos, esta tese se divide em cinco capítulos. O capítulo 2 apresenta uma descrição dos fonemas consonantais e vocálicos da língua Xavante.

O terceiro capítulo introduz as teorias escolhidas para tratar da formação dos nomes e verbos da língua Xavante, da linearização das orações e de algumas construções localizadas na periferia esquerda da oração. Neste capítulo, apresentamos a teoria da Morfologia Distribuída para mostrar que as raízes são acategoriais, e que somente juntando morfemas categorizadores a essas raízes iremos obter, por exemplo, um nome ou um verbo. Com o foco na ordem dos constituintes da oração, apresentamos a hipótese assimétrica adotada no programa minimalista que estipula que a ordem básica em todas as línguas é SVO. Com base no projeto cartográfico, analisamos a estrutura CP, focalizando as construções interrogativas, construções de tópico e construções de foco, e para isto, tomamos por base as propostas de Rizzi (1997) e Rizzi (1999) que, como veremos no capítulo 5, permitem representar melhor a periferia esquerda na língua Xavante.

O capítulo 4 apresenta alguns aspectos da morfologia Xavante. Veremos neste capítulo, com o aparato formal da Morfologia Distribuída, que os nomes em Xavante são formados a partir de categorizadores nominais fonologicamente explícitos ou fonologicamente nulos sufixados a uma raiz acategorial ou a uma raiz verbal. Os verbos também são formados por categorizadores verbais fonologicamente explícitos ou fonologicamente nulos sufixados a uma raiz acategorial. Além de mostrar alguns aspectos da morfologia Xavante, como os morfemas livres marcadores de pessoa sujeito e tempo, morfemas presos marcadores de sujeito e objeto, e morfemas marcadores de

aspecto, apresentaremos também as classes verbais desta língua. Também neste capítulo, iremos mostrar que alguns morfemas da língua Xavante são subespecificados[1].

O quinto capítulo é uma análise da sintaxe em Xavante. Neste capítulo, na seção 5.1, apresentaremos uma descrição dos sistemas de marcação de caso em Xavante, onde explicaremos a hipótese desta língua possuir um sistema de marcação de caso cindido. Em seguida, na seção 5.2, falaremos da estrutura das sentenças em Xavante, onde faremos uma descrição das orações declarativas e interrogativas simples e múltiplas. Apresentaremos uma hipótese para a linearização da ordem SOV da língua Xavante, tendo em vista a proposta de Kayne (1994), adotada por Chomsky (1995), de que os Princípios da Gramática Universal apenas determinam o ordenamento SVO, sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem. A respeito das orações interrogativas, analisa-se a partícula interrogativa utilizada em perguntas do tipo sim/não e em perguntas do tipo QU. Esta partícula é a única forma de diferenciar uma oração interrogativa de uma oração declarativa. Nesta mesma seção, veremos que, além da partícula interrogativa, a língua Xavante possui movimento sintático QU. Além disso, apresentaremos a estrutura das orações transitivas, intransitivas e estativas afirmativas e negativas, mostrando que essas orações possuem marcações morfológicas e sintáticas distintas. E, por fim, na seção 5.3, analisaremos a estrutura CP em Xavante dentro do Projeto Cartográfico. Veremos que a língua Xavante possui uma estrutura CP rica, pois apresenta o sujeito, e às vezes o objeto, na posição de tópico ou de foco.

[1] Mostraremos o que significa subespecificação dentro do aparato formal da Morfologia Distribuída no capítulo 3, para depois falarmos da suberspecificação dos morfemas em Xavante no capítulo 4.

2- CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA XAVANTE

Este capítulo não tem como propósito apresentar uma análise original da fonologia da língua Xavante, apenas elaboramos uma breve descrição dos fonemas consonantais e vocálicos com base nos critérios de variação livre e distribuição complementar.

Como foge ao escopo da presente tese proceder a uma análise detalhada do subsistema fonológico do Xavante, procuramos apenas fazer o levantamento crítico de análises fonológicas desenvolvidas em trabalhos feitos previamente, como os estudos de lingüistas do SIL e também do lingüista Wellington Pedrosa[2]. Esta resenha crítica permitiu-nos comparar nossos dados com os dados coletados por esse lingüista. Nessa comparação, ao invés da fricativa velar / /, descrita como fonema por Pedrosa (Pedrosa 2000), achamos a fricativa glotal /h/. O glide palatal foi descrito por ele como fonema da língua, possuindo três alofones [j], [ ] e [ ]. Analisamos este glide também como fonema, embora possa aparecer como alofone do fonema /z/ na fala rápida, ocorrendo em variação livre. A nasal palatal [ ] está em nosso quadro de fonemas. Além disso, não encontramos a nasal velar [ ], encontrada por Pedrosa, em nosso corpus.

Apresentamos também uma pequena descrição dos tipos silábicos em Xavante. Veremos que o padrão silábico 'default' em Xavante é CV (consoante, vogal).

[2] Wellington Pedrosa trabalhou com a fonologia Xavante e escreveu a dissertação de Mestrado "Aspectos da Fonologia Xavante", defendida no IEL/Unicamp em 2000.

2.1- Inventário Fonológico das Consoantes

Em nossa análise, a língua Xavante possui 12 fonemas consonantais.

	Bilabial	Dental	Alveolar	Palatal	Glotal
Oclusiva	p b	t d			
Nasal					
Tepe					
Fricativa			s z		h
Glide	w			j	

Quadro 1: Fonemas Consonantais

(a) O fonema oclusivo bilabial sonoro /b/ apresenta dois alofones [b] e [m]. Os dois alofones estão em distribuição complementar. O alofone [b] ocorre em posição de onset de sílaba sempre antes de vogal oral, como podemos observar nos exemplos a seguir:

[bu u]	roça
[ai b]	homem
[aba ze]	caça
[abazi pa a]	rede
[b d]	sol
[tebe]	peixe
[sibi]	aranha
[ĩsi b]	pena

O alofone [b] também ocorre antes de /d/ e /z/, em posição de coda:

[b du i] caminhão
[zub z] lugar de socar

Aparece também como primeiro elemento do encontro consonantal br, antes de vogal oral, conforme os exemplos abaixo:

[wa t b] sair
[wat br mi] criança

Já o alofone [m], ocorre sempre antes de vogal nasal, em posição de onset:

[da m ẽmẽ] palavra
[da h jm n] vida

Aparece também no encontro consonantal mr, antes de vogal nasal:

[da m ẽmẽ] palavra
[as m] sentar

O alofone [m] aparece antes de consoante nasal e antes da fricativa glotal / /, como podemos observar nos dados abaixo:

[mẽm h] aqui
[om hu i] trabalho

(b) O fonema oclusivo dental sonoro /d/ possui dois alofones [d] e [n]. Estes alofones estão em distribuição complementar. O alofone [d] aparece sempre antes de vogal oral, como nos mostra os exemplos a seguir:

[du]	capim
[wede hu]	vara
[da a]	filha /filho
[da di]	barriga
[a do]	coco de bocaiuva
[d]	morrer

Já o alofone [n] ocorre sempre antes de vogal nasal:

[si ono]	cesto
[da n]	mãe
[niwa]	quando

(c) O fonema fricativo alveolar surdo /s/ possui três alofones [s], [ ] e [ts]. Esses três alofones ocorrem em variação livre, conforme os exemplos abaixo:

/isa n /	[isa n]	~[i a n]	~[itsa n]	grande
/su pa a/	[su pa a]	~[u pa a]	~[tsu pa a]	areia

(d) O fonema fricativo alveolar sonoro /z/ possui quatro alofones [z], [ ], [dz] e [j]. Esses alofones ocorrem em variação livre, sendo que [j] ocorre na fala rápida, sempre antes de vogal oral. Vejamos alguna exemplos:

/u z /	[u z]	[u]	[u dz]	fogo
/z z /	[z z]	[ ]	[dz dz]	gafanhoto
/za a/	[za a]	[dza a]	[ja a]	marcador de plural

(e) Os demais fonemas não possuem maiores restrições de ocorrências fonéticas:

2.2- Inventário Fonológico das Vogais

A língua Xavante possui treze fonemas vocálicos, sendo quatro destes fonemas nasais e nove, orais, conforme se vê no quadro abaixo:

	Anteriores		Centrais		Posteriores	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i	ĩ			u	
Média –alta	e	ẽ			o	õ
Média –baixa						
Baixa			a			

Quadro 2: Fonemas Vocálicos

2.3- Estrutura Silábica

Os tipos silábicos em Xavante podem ter os seguintes padrões: CV, CVC, CCV, CCVC, sendo que o padrão silábico 'default' é CV. As sílabas fonológicas podem ser compostas por tais padrões: CV, CVC, CCV, CCVC, V e VC. As sílabas fonéticas não podem ser iniciadas pela vogal do núcleo, isto é, a posição de onset é obrigatória nessas sílabas.

Sílabas Fonológicas: (CV) (CVC) (CCV) (CCVC) (V) (VC)

Sílabas Fonéticas: (CV) (CVC) (CCV) (CCVC) *(V) *(VC)

3- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos dois modelos teóricos baseados na teoria Gerativa, a teoria da Morfologia Distribuída e o Projeto Cartográfico, que está ligado ao programa Minimalista. Embora sejam modelos teóricos diferentes, mostramos que as duas teorias podem andar juntas, pois ambas têm em comum a visão de que a morfologia flexional é distribuída na sintaxe.

Discutiremos alguns tópicos sobre a morfologia distribuída, mostrando as unidades básicas da morfologia e seus estágios de derivação.

Dando continuidade à dissertação de Mestrado, em que foram abordadas questões relativas à ordem dos constituintes da oração dentro do quadro dos estudos de tipologia de ordem vocabular, discutiremos a linearização da cadeia dos constituintes frasais, adotando a proposta de Kayne (1994) que diz que o Princípio da Gramática Universal apenas determina o ordenamento Sujeito Verbo Objeto (SVO), sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem.

Além das questões relativas à ordem vocabular da oração, falaremos também sobre a estrutura do sintagma complementizador dentro do projeto cartográfico (cf Rizzi 1997, 1999), no qual a camada complementizadora possui mais do que um único esquema estrutural para constituir a periferia esquerda da oração.

3.1- Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (DM) é uma teoria que apresenta uma divergência fundamental em relação a outras teorias gerativas de natureza lexicalista. Enquanto as abordagens tradicionais assumiam que as palavras e morfemas eram criados no léxico, e que nesse léxico os itens lexicais já continham traços fonológicos, formais e semânticos por processos distintos dos processos sintáticos, a DM "explode" o léxico, isto é, põe um fim no léxico. A DM assume que as peças de vocabulário já contêm traços fonológicos e morfossintáticos, mas que eles só entram na derivação após a sintaxe, isto é, a inserção lexical é pós sintática.

Na DM, ao invés de um léxico unificado, a formação da palavra se dá nas interfaces entre os componentes, sendo distribuída entre eles. A sintaxe atua para juntar e mover; as operações morfológicas juntam, movem, eliminam e acrescentam; e na fonologia há a inserção de vocabulário e reajustes fonológicos. Como na DM a palavra não é uma unidade operacional, existe uma distribuição em três listas que possuem um tipo de informação lingüística. A lista 1 fornece informação gramatical, a lista 2, informação fonológica e a lista 3 fornece informações semânticas.

Nas próximas seções apresentaremos essas três listas mais detalhadamente e também as propriedades que definem a DM: a Inserção Tardia, a Subespecificação e a presença da Estrutura Sintática Hierarquizada *All the Way Down*.

3.1.1- A Estrutura da Gramática

Há três propriedades que definem a Morfologia Distribuída (DM): a Inserção Tardia, a Subespecificação e a presença da Estrutura Sintática Hierarquizada a*ll the way down*, isto é, desde a sintaxe até a entrada nos módulos da morfologia e fonologia.

A DM gera estruturas pela combinação de traços morfossintáticos (via juntar e mover)[3] selecionados de uma relação disponível (Harley e Noyer, 1999).

Na Morfologia Distribuída, as conexões entre traços semânticos, sintáticos e morfológicos são implementadas pelo significado de unidades ou átomos.

A Inserção Tardia significa que na derivação sintática, as categorias sintáticas são puramente abstratas, isto é, não possuem conteúdo fonológico. Segundo Halle & Marantz, somente após as operações sintáticas realizadas, as expressões fonológicas, chamadas de Itens de Vocabulário, são inseridas nos nós terminais, em um processo chamado de *spell out*. A inserção tardia é motivada pelos núcleos funcionais.

A Subespecificação de itens de vocabulário da Morfologia Distribuída significa que as expressões fonológicas, ou Itens de Vocabulário, não precisam ser completamente especificadas em termos de traços para serem inseridos nos nós terminais durante o *spell out*. Os Itens de Vocabulário podem ser subespecificados a ponto de se encaixar em certas posições por default.

A Estrutura Sintática Hierarquizada *All the Way Down* significa que os nós terminais nos quais os Itens de Vocabulário são inseridos são determinados por princípios e operações da sintaxe. Antes dos Itens de Vocabulário serem enviados para o componente fonológico, podem sofrer algumas modificações como resultado de

[3] *Merge and move*

operações realizadas no componente morfológico. A DM é baseada em ‘pedaços’ no sentido que os elementos da sintaxe e da morfologia são entendidos como constituintes discretos.

3.1.2- Estágios da Derivação na Hipótese Lexicalista e na DM

Dentro do quadro do Programa Minimalista, a derivação de uma frase é feita por concatenação e movimento. No primeiro estágio da derivação, retiram-se do léxico os itens que irão participar da derivação sintática e em seguida agrupam-os na numeração.

Os itens lexicais que entram na derivação sintática já possuem seus traços fonológicos, sintáticos e semânticos ou esses traços podem ser combinados para criar palavras que serão manipuladas pela sintaxe. As palavras retiradas do léxico são palavras pré-formadas. Mesmo com seus traços já flexionados, os itens lexicais precisam verificar esses traços em uma posição funcional apropriada que retira os elementos da numeração e junta-os na estrutura sintática.

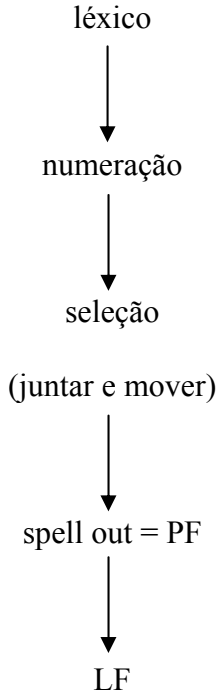
Na última etapa da derivação, os itens lexicais que foram unidos pela operação juntar (merge), são deslocados para outras posições dentro da sentença, através da operação mover (move), de modo a checar seus traços flexionais licenciados na estrutura sintática.

Então, as operações Juntar e Mover são operações básicas na estrutura sintática, pois as sentenças das línguas são construídas a partir dessas duas operações.

No final da operação, a estrutura sintática é enviada para *spell-out*, permitindo que essas estruturas ganhem forma em PF.

A derivação das sentenças no programa minimalista, então, possui a seguinte estrutura:

1)



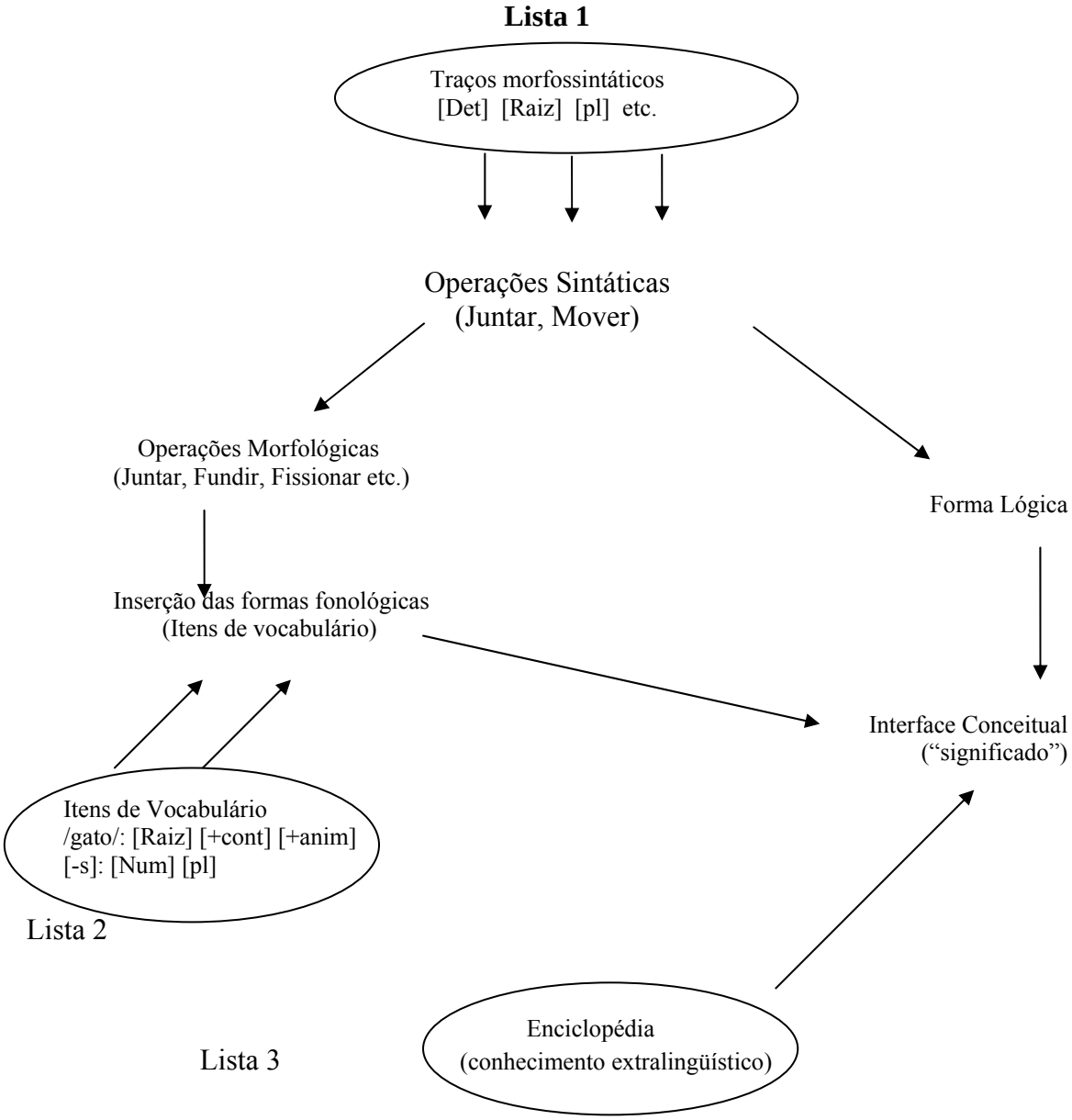
Dentro do quadro da Morfologia Distribuída (DM), a sintaxe atua no interior das "palavras", não há um léxico de onde unidades de forma (som) e sentido saem prontas para a derivação.

Na Morfologia Distribuída, há uma interface direta entre sintaxe, morfologia e fonologia. Esta teoria é uma abordagem sintática para a morfologia, no qual formação de palavra é sintática.

A sintaxe manipula morfemas concretos que são as raízes e também manipula traços abstratos. Estes traços são preenchidos de conteúdo fonológico na forma fonológica. Os elementos da morfologia são peças de vocabulário.

A gramática na Morfologia Distribuída tem a seguinte estrutura:

2)



Harley & Noyer 1999

Como podemos ver no esquema acima, a estrutura gramatical na Morfologia Distribuída possui três listas. A lista 1 fornece as raízes e os morfemas abstratos. A lista 2 é a lista dos Itens de Vocabulário, esta lista fornece o conteúdo fonológico aos morfemas abstratos. A lista 3 fornece a Enciclopédia, no qual os itens de vocabulário são relacionados à parte idiossincrática da informação semântica.

A lista 1, que segundo Marantz (1997), é chamado de léxico estrito, possui os nós terminais sintáticos, isto é, possuem informação gramatical. A lista 1 contém as raízes acategoriais e os morfemas abstratos. As operações realizadas pelo sistema computacional são juntar (merge) e mover (move), formando a árvore de baixo para cima, obedecendo a restrições de localidade dos deslocamentos no ciclo da derivação (Lemle 2001). Este sistema computacional operará juntando e movendo as raízes acategoriais e os traços morfossintáticos contidos na lista 1. Estas raízes acategoriais são morfemas concretos que já possuem traços fonéticos, embora não contenham traços gramaticais (traços sintáticos). As raízes já possuem conteúdo fonético desde a lista 1, portanto, a inserção destes conteúdos não é tardia. Ao contrário das raízes, os morfemas abstratos são compostos exclusivamente de traços não-fonéticos, tais como [Pass.], [pl.], etc. Durante a derivação, a informação que os nós resultantes das operações sintáticas possuem é mandada (em ciclos ou fases) para a Forma Lógica (LF) e para o componente morfológico. Pode-se dizer que a estrutura na DM é produzida na sintaxe, e após a sintaxe, no componente morfológico (Operações morfológicas). Por causa da Estrutura Sintática Hierárquica *all the Way Down*, as operações dentro da Morfologia ainda manipulam o que são essencialmente relações sintáticas estruturais (Harley & Noyer,1999). O componente sintático produz uma representação cujos elementos

terminais são traços morfossintáticos que estão sujeitos a operações como juntar, fundir, fissionar, podendo criar novos nós, apagar alguns, mover, copiar traços, etc.

A inserção dos Itens de Vocabulário é o processo que adiciona conteúdo fonológico a morfemas abstratos. Estes morfemas adquirem conteúdo fonológico somente após a derivação sintática, isto é, após as operações morfológicas e sintáticas em cada fase, na Forma Fonológica, sendo, portanto, tardia. Quando essas operações sofrem o *spell out*, significa que nesse momento se dá a inserção dos itens de vocabulário, elementos contidos na lista 2 (Vocabulário, Marantz 1997). Durante o *spell out*, para que um item de vocabulário seja inserido em um determinado nó, é preciso que ele contenha, senão todos os traços, pelo menos um subconjunto dos traços morfossintáticos que este nó apresenta. O item de vocabulário, portanto, é subespecificado, uma vez que não precisa possuir todos os traços presentes em um nó para ser inserido nele.

Após a inserção dos itens de vocabulário, as expressões são enviadas para a lista 3, a *Enciclopédia*, lista que contém informação semântica. É na enciclopédia que os itens de vocabulário são relacionados a sentidos. Nesta lista, o contexto sintático é levado em conta, fato que pode explicar expressões idiomáticas.

3.1.3- Itens de Vocabulário e a Distinção entre Morfemas Funcionais e Lexicais

Os Itens de Vocabulário fornecem um conjunto de sinais fonológicos (sons) disponíveis nas línguas que servem para a expressão de morfemas abstratos. Essa seqüência de sons deve carregar algumas informações sintáticas, semânticas e morfológicas para indicar o lugar em que os nós sintáticos devem ser inseridos durante

o *spell out*. O conjunto de todos os Itens de Vocabulário de uma língua é chamado Vocabulário (lista 2). As unidades chamadas de Itens de Vocabulário podem ser representadas pelo esquema seguinte:

Unidade Básica da Morfologia na Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1994):

$$\left\{\begin{array}{l}\text{Traços Semântico}\\ \text{Traços Sintáticos}\\ \text{Traços Morfológicos}\end{array}\right\} \leftrightarrow \text{Traços Fonológicos}$$

Segundo o esquema acima, os traços fonológicos fornecem o "som" do item de vocabulário e os traços semânticos, sintáticos e morfológicos fornecem o contexto de inserção deste item.

Na DM, os morfemas são nós terminais sintáticos (ou morfológicos) constituídos por feixes de traços morfossintáticos disponíveis pela Gramática Universal.

Nos trabalhos iniciais da DM, os morfemas eram divididos em morfemas concretos, cuja expressão fonológica era fixa, e morfemas abstratos, cuja expressão fonológica era adiada até depois da sintaxe (Halle 1992). A distinção entre morfemas concretos e abstratos foi abandonada nos trabalhos recentes. Harley e Noyer (1998) propõem uma alternativa para a distinção entre morfemas concretos e abstratos. Eles sugerem que morfemas são de dois tipos básicos: morfemas *l* e morfemas *f*, que correspondem à divisão convencional entre categorias lexicais e funcionais, ou categorias de classes fechadas e classes abertas.

Os morfemas lexicais, morfemas *l*, são raízes, e os morfemas funcionais, morfemas *f*, são feixes de traços gramaticais sem traços fonéticos, como por exemplo, o vezinho, o determinante, traços de tempo, aspecto, traços de número, etc.. A diferença entre esses dois morfemas é baseada na inserção do item de vocabulário correspondente. Enquanto os morfemas *l* não possuem especificação suficiente para restringir um conjunto de candidatos à inserção, o conteúdo dos morfemas *f* é suficiente para determinar que expressão fonológica deve ser inserida nele.

A inserção dos itens nos morfemas *l* é guiada por condições de *licenciamento*, enquanto que a inserção dos itens nos morfemas *f* se dá através do *Princípio do Subconjunto*.

O licenciamento dos morfemas *l* se dá através de morfemas *f* em certas relações estruturais com os morfemas *l* onde os Itens de Vocabulário são inseridos, isto é, as raízes são licenciadas no contexto dos elementos funcionais. Essas relações estruturais determinam a classe ou categoria desses itens de vocabulário.

O conjunto de itens de vocabulário nos morfemas *f* compete por inserção em um dado morfema, sendo regido pelo Princípio do Subconjunto (Halle,1997):

Princípio do subconjunto

"O expoente fonológico de um item de vocabulário é inserido em um morfema... se o item parear todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não acontece se o item de vocabulário contém traços que não estão presentes no morfema. Onde vários Itens de Vocabulário encontram as

condições para a inserção, o item que parear o maior número de traços especificados no morfema terminal deve ser escolhido"[4].

Segundo o Princípio do Subconjunto, todos os itens de vocabulário podem competir pela inserção em um dado morfema. De acordo com esse princípio, os elementos funcionais são inseridos pelo pareamento dos traços.

Nesta seção, vimos que as operações da sintaxe, juntar e mover, se aplicam fase a fase, a partir de três diferentes listas distribuídas em três estágios na derivação da estrutura sintática. A lista 1, que possui traços abstratos, a lista 2, que contém os itens de vocabulário, e a lista 3, que é a enciclopédia.

3.2- Linearização Assimétrica

Dentro da Teoria Gerativa, a ordem linear dos constituintes não é um primitivo, e sim um epifenômeno, no qual as palavras formam determinadas ordens através de operações sintáticas básicas.

No que se refere à linearização das ordens vocabulares, Chomsky (1995) adota a proposta de Kayne (1994) de que os Princípios da Gramática Universal apenas determinam o ordenamento Sujeito Verbo Objeto (SVO), sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem.

---

[4] *Subset Principle.* 'The phonological exponent of a Vocabulary Item is inserted into a morpheme... if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary Item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary Items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen.'

A posição dos advérbios adjungidos ao sintagma verbal é geralmente utilizada como teste para a demarcação de fronteira do SV. A partir da posição destes advérbios, é possível determinar se a linearização, por exemplo, da ordem SOV é produzida ou não pelo movimento do verbo e de seus argumentos para fora de SV.

A linearização das ordens de palavras encontradas nas línguas naturais tem sido bastante estudada na literatura gerativa. Podemos encontrar diversas abordagens referentes à derivação das ordens de palavras desde os primeiros trabalhos dentro da gramática gerativa (Chomsky 1965) que, por exemplo, tratava a diferença entre as ordens SVO e SOV simplesmente por duas diferentes regras da estrutura frasal. As línguas SVO tinham a ordem núcleo – complemento enquanto que as línguas SOV tinham a ordem complemento núcleo:

3)

Línguas SVO: VP → V NP

Línguas SOV: VP → NP V

Os trabalhos posteriores sobre derivação de ordem vocabular dentro da gramática gerativa não tiveram uma mudança muito significativa. Na teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981) e Lectures on Government and Binding (LGB), a derivação da ordem vocabular foi tratada basicamente da mesma forma dos trabalhos iniciais.

Nos anos 80 e início dos anos 90, muitos trabalhos sobre derivação de ordem vocabular tratavam a variação lingüística das ordens de palavras entre as línguas usando

regras de estrutura frasal, e a variação da ordem de palavra interna de uma língua estava localizada nos componentes transformacionais.

Uma das tentativas de pôr a variação lingüística entre as línguas e a variação interna de uma língua dentro do mesmo componente da gramática foi na abordagem assimétrica de Kayne (1994). A idéia básica desta proposta é que todas as línguas possuem a ordem especificador-núcleo-complemento (SVO) como a única ordem possível para os subcomponentes do sintagma. Segundo esta abordagem, o especificador e o complemento de um núcleo devem estar em lados opostos de um núcleo e que o especificador antecede o núcleo enquanto o complemento o segue. Então, dentro desta proposta, o especificador e o complemento sempre vão ocupar posições opostas ao núcleo.

A explicação do fato de que há línguas que apresentam o complemento antecedendo o núcleo se dá a partir do movimento do complemento à esquerda. As línguas, em princípio, teriam a mesma ordem linear: especificador-núcleo-complemento (SVO). A variação da ordem dos constituintes SOV, OSV, VSO, VOS, OVS ocorre pelo movimento do sujeito, do objeto e do verbo.

No capítulo 5, trataremos a derivação da ordem de palavras em Xavante baseada na proposta de Kayne. Primeiramente, na seção 5.2.1, descreveremos as ordens possíveis que ocorrem em Xavante. Veremos que a língua Xavante possui a ordem SOV como sua ordem básica. A partir dessa descrição, discutiremos a linearização da ordem SOV.

3.3- Projeto Cartográfico

O projeto cartográfico tem como objetivo desenhar mapas detalhados da estrutura oracional, identificando os diferentes tipos de posições sintáticas, isto é, há uma posição sintática específica dedicada a cada constituinte sintático.

O projeto cartográfico tem como precursor a literatura iniciada por Pollock (1989). Pollock expandiu a categoria flexional (IP), dividindo-a em componentes menores, passando a ser vista como uma seqüência detalhada de projeções funcionais como Tempo, Concordância, Modo, Aspecto, etc. Posteriormente, Chomsky (1995) propõe manter-se apenas o nó TP nesta camada.

Posteriormente, Rizzi (1997) propõe a expansão da categoria complementizadora (CP), prevendo posições para codificar um componente fixo envolvendo os núcleos Força e Finitude, e um componente acessório envolvendo os núcleos Tópico e Foco.

O núcleo Força determina o tipo das sentenças, ele é a força ilocucionária da oração. O núcleo finitude determina a forma das sentenças, fazendo uma interface com o IP. Os núcleos Tópico e Foco, que são componentes acessórios, são ativados quando necessário.

Em Rizzi (1999), há a proposta de acrescentar mais uma posição na camada complementizadore, o núcleo INT (interrogativo), argumentando-se em favor em uma posição distinta do sítio de aterrissagem do movimento QU, isto é, esta posição dá conta dos elementos que fazem parte da oração interrogativa.

Nesta seção, apresentaremos com mais detalhes a estrutura CP desde a primeira proposta de Rizzi, em que ele propõe os núcleos Força e Finitude e Tópico e Foco.

Dando continuidade a essa proposta, mostraremos que a camada complementizadora cindida irá ser mais elaborada, acrescentando os núcleos INT(errogativo), para argumentar em favor de uma posição distinta do sítio de aterrissagem do movimento QU. Seguindo a proposta de Rizzi, apresentaremos a proposta de Benincá (2001) que mostra uma nova opção para um tipo de tópico que está acima do sintagma de Força na cartografia do sintagma complementizador expandido.

3.3.1- Estrutura CP

A camada complementizadora (CP) foi inicialmente concebida, no âmbito da Teoria Padrão (Chomsky, 1965), como uma única posição pré-S, posteriormente caracterizada por Bresnan (1970) pela regra S' $\rightarrow$ Comp S. Chomsky (1982) propôs que Comp fosse assimilado ao esquema X', como uma projeção funcional, contendo posições de núcleo e especificador, do mesmo modo que as categorias lexicais. No dizer de Rizzi (1997), o sintagma complementizador "olha" para cima, expressando a relação entre o papel proposicional da sentença, marcando o tipo da sentença em relação com o discurso, no caso de uma oração matriz ou em relação a uma oração mais alta que a selecione. Por outro lado, o sistema de complementização também "olha" para baixo, replicando informações do sistema flexional.

Na literatura recente (cf. Rizzi 1997, 1999, 2000), tem sido proposto que a camada complementizadora contenha mais do que um único esquema x-barra para constituir a periferia esquerda da oração. Há uma série de elementos que ocupam posições possíveis de serem cartografadas na periferia esquerda: sintagmas interrogativos, sintagmas relativos, sintagmas exclamativos, elementos topicalizados,

elementos focalizados, dêiticos, evidenciais, etc (Benincá, 2001). Todos estes elementos ocupam o especificador de uma projeção funcional. Alguns deles não parecem estar em distribuição complementar, podendo co-ocorrer e, então, não seria possível que uma só projeção na periferia esquerda desse conta de todos estes elementos.

Rizzi (1997), seguindo a idéia mestra da proposta de Pollock (1989) na qual se divide o sistema IP em uma série de projeções funcionais, cada uma correspondendo a um traço expressado abstrato ou abertamente no sistema verbal (Agr, T, Asp...), estabelece uma estrutura fina da periferia esquerda da oração, dando um enfoque cartográfico, onde existe uma posição dedicada para cada categoria, obtendo posições definidas e evitando posições de adjunção livre, que são em princípio irrestritas e, portanto, teoricamente pouco interessantes.

Os complementizadores expressam o fato de uma oração poder ser uma oração interrogativa, uma declarativa, uma relativa, etc. Essa informação é chamada de Tipo da oração (Cheng 1993) ou especificada como Força (Chomsky 1995).

Rizzi postula que o CP engloba vários constituintes, propondo uma expansão da camada complementizadora, isto é, propõe um complexo de nós funcionais, postulando um componente fixo envolvendo os núcleos Força e Finitude, sendo que o primeiro "olha" para fora da estrutura do CP, e o segundo, "olha" para dentro da estrutura do IP. Há também um componente acessório envolvendo os núcleos Tópico e Foco, que são ativados quando necessários. Segundo Rizzi, é possível também que os sintagmas de Força e de Finitude sejam sincréticos, isto é, realizem-se em uma única projeção funcional.

Nesta análise, a periferia esquerda da oração é vista como uma zona estrutural definida por um sistema de núcleos funcionais e suas projeções:

4) Force (Top) (Foc) (Top) Fin IP

Os núcleos Force e Fin determinam respectivamente o tipo e a forma das sentenças. Eles podem ser nulos ou não.

A categoria Força distingue vários tipos de sentenças: declarativas, interrogativas, relativas, clivadas, etc. Mesmo não havendo um item lexical visível nos domínios do sintagma de Força, este sintagma sempre estará presente, isto é, existiria um sintagma complementizador encabeçando cada sentença, mesmo não se encontrando um elemento visível neste domínio. Esta categoria "olha" para a estrutura mais alta, marcando a oração para possibilitar sua seleção pela estrutura hiper-ordenada, por exemplo, uma oração matriz que seleciona uma subordinada. Resumindo, uma sentença engloba ForceP mesmo que de forma abstrata.

Segundo Rizzi (1997), o tipo do CP é determinado pelo preenchimento do spec de ForceP ou pelo preenchimento do núcleo. O sintagma Force é expresso, às vezes, por uma partícula visível no seu núcleo, isto é, possui uma morfologia especial para caracterizar uma interrogativa, declarativa, etc. Às vezes, Force é expresso simplesmente por fornecer a estrutura para hospedar um operador que foi movido de sua posição original, e também pode ser expressa por ambos os meios, mas, segundo Rizzi, isto é um caso raro devido a uma economia do tipo de representação favorecendo uma expressão aberta de uma certa especificação substantiva no núcleo ou no especificador, mas não simultaneamente em ambos.

Outro tipo de categoria do sistema complementizador é a categoria FIN (Finitude). Esta categoria "olha" para dentro da estrutura do IP, no qual o complementizador pode refletir certas propriedades do sistema flexional, por exemplo,

regras de concordância entre C e I. Então, o sistema C expressa uma especificação de Finitude, no qual seleciona um sistema IP com características de finitude: distinção de modo, licenciamento de caso, distinção de tempo.

Por exemplo, em português, poderia se argumentar que os complementizadores 'que' e 'para' preencheriam a posição do núcleo do sintagma de finitude, FinP, determinando a flexão da oração, no qual o verbo, dependendo do tipo de complementizador, apresenta propriedades finitas ou não finitas:

5) Eu pedi <u>para</u> João <u>sair</u>

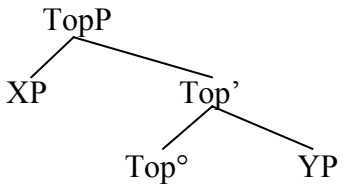
   Eu pedi <u>que</u> João <u>saísse</u>

Quando o complementizador é 'para', o verbo apresenta a forma infinitiva, isto é, não flexionada, e quando o complementizador é 'que', o verbo possui a forma finita, flexionada, indicando que propriedades do IP refletem-se em CP.

Uma construção que também faz parte da periferia esquerda da oração, isto é, faz parte de uma posição não argumental, é a construção de tópico. Segundo Rizzi, o tópico, assim como o foco, são núcleos funcionais que são ativados na camada complementizadora quando necessários.

Dentro da teoria de Rizzi, na qual há um complexo de nós funcionais no sistema complementizador, o SN topicalizado se move para a posição de especificador do sintagma de Top, então, um núcleo Top°, um núcleo funcional pertencendo a este sistema, projeta seu próprio esquema x-barra com as seguintes interpretações funcionais: seu especificador é o tópico e seu complemento é o comentário.

6)



(Rizzi, 1997)

XP = tópico

YP = comentário

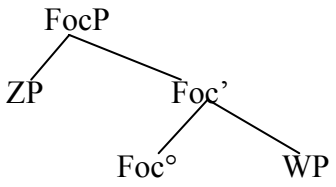
O tópico é um elemento preposto que está deslocado do resto da oração em algumas línguas por uma entonação de vírgula *comma intonation*, e em outras, pela presença de uma partícula.

Como já dissemos, o SN topicalizado se move para a posição de spec de Top, enquanto que o núcleo de TopP pode ser nulo, contendo traços abstratos, ou pode ter uma partícula (um morfema livre) preenchendo esta posição, isto é, há uma marca morfológica explícita na posição de núcleo de Top. Normalmente, o tópico é uma informação velha retomada do discurso prévio.

Outra construção do sistema complementizador é a construção de foco.

Um núcleo Foc° projeta o foco como seu especificador e a pressuposição como seu complemento, isto é, o especificador é o lugar da informação nova, enquanto que o complemento é o lugar da informação velha:

7)



(Rizzi, 1997)

ZP = foco

WP = pressuposição

As construções focalizadas e as construções interrogativas do tipo QU se estruturam de modo idêntico. Rizzi (1997) postula que FocP é a categoria da periferia esquerda a partir da qual se estruturam ambos os tipos de sentença. Então, nesta abordagem, o especificador do sintagma de foco (FocP) é a posição que aloja a expressão QU ou o foco deslocados.

Esta ambigüidade será desfeita em Rizzi (1999), no qual há o acréscimo da posição INT (interrogativa) para abrigar as palavras interrogativas deslocadas.

Segundo Rizzi, as construções de tópico e foco são similares em muitos aspectos como construções não argumentais envolvendo a periferia esquerda da oração, mas diferem em um número de aspectos. Por exemplo, um tópico pode envolver um clítico resumitivo dentro de seu comentário, enquanto que um constituinte focalizado não pode ter um clítico resumitivo em sua construção. Efeitos de cruzamento fraco podem ser observados em construções de foco, mas não de tópico. Uma oração pode conter mais de uma posição estrutural para tópico, enquanto que, para foco, por outro lado, há uma única posição estrutural. Um foco e um ou mais tópicos podem aparecer em uma mesma

estrutura. O foco é quantificacional, o tópico não. O tópico é compatível com um operador QU em construções interrogativas principais, mas estas construções são incompatíveis com o foco. (cf. Rizzi 1997, p. 289-295)

Dando continuidade à análise proposta em Rizzi (1997), no qual o sintagma complementizador expandido possui um componente fixo que, como vimos anteriormente, são os núcleos Força e Finitude, e um componente acessório, que são os núcleos Tópico e Foco, Rizzi (1999) acrescenta a posição INT (interrogativa) na camada complementizadora, argumentando em favor de uma posição distinta do sítio de aterrissagem do movimento QU, isto é, esta posição dá conta dos elementos que fazem parte da oração interrogativa.

Neste trabalho, investiga-se a posição ocupada pelo complementizador *se* em italiano, que ocorre em orações encaixadas, e também mostra-se que este complementizador ocupa uma posição distinta e mais baixa do que a posição do complementizador declarativo *che*.

Segundo Rizzi, a posição INT pode hospedar elementos QU em orações interrogativas principais e encaixadas, e esta afirmação ajudará a explicar certas peculiaridades de tais elementos em italiano e outras línguas Românicas.

Em Rizzi (1997), os elementos QU em orações principais movem-se para o especificador do núcleo de Foc, no qual eles competem com os constituintes focalizados uma vaga nesta posição. Em Rizzi (1999) há duas posições distintas para elementos QU e elementos focalizados. A posição ocupada por um elemento QU é uma posição mais alta do que Foc, mas pode ser precedida por um tópico.

8) Force (Top) Int (Top) (Foc) (Top) Fin IP

Rizzi (1999) faz esta abordagem para abrigar o complementizador *se* que ocupa uma posição distinta e mais baixa que a posição de *che* que expressa força em italiano, isto é, Rizzi cria a posição INT para abrigar elementos QU em orações encaixadas. Segundo ele, não há evidencia direta da presença da posição INT em orações interrogativas principais em italiano, porque construções interrogativas do tipo sim/não nesta língua não possuem nenhuma marca morfológica especial, mas há razões para concluir que elementos QU possam preencher a posição INT.

Na seção sobre interrogativas QU iremos apresentar os dados em Xavante que mostram que a posição INT é a posição ideal para abrigar as palavras QU que foram deslocadas.

Seguindo a proposta de Rizzi (97), Benincà (2001) acrescenta uma nova posição na cartografia do sintagma complementizador expandido. Esta posição é uma nova opção para a aterrissagem de um tipo de tópico que está acima do sintagma de força que, como vimos antes, dá à oração o seu tipo ou força ilocucionária, que pode ser identificada como interrogativa, declarativa, relativa, etc.

Esta nova posição é a posição DISC(ourse)P, que serve para abrigar um tipo de tópico, *Hanging Topic*, que, segundo Benincá, é diferente de um simples deslocamento à esquerda (*Left Deslocation*).

De acordo com a análise de Benincà, com o deslocamento à esquerda (LD), um argumento inteiro aparece à esquerda da oração, incluindo algumas preposições. Um clítico resumitivo é obrigatório com objetos direto e partitivo, e opcional em outros casos. Se presente, o clítico concorda com o tópico em gênero, número e caso. Já com o *Hanging Topic* (HT), à esquerda estará apenas um DP, sem nenhuma preposição. O

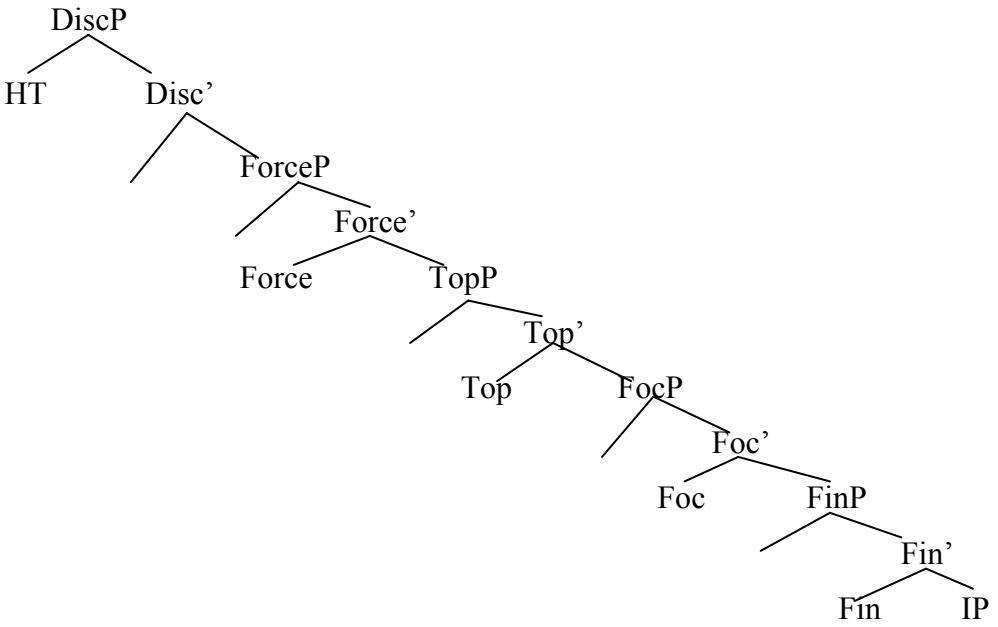
clítico resumitivo expressando o tipo de argumento é obrigatório, e só concorda com HT em número e gênero, mas não em Caso.

No caso da *Left Deslocation*, quando um sintagma nominal é deslocado para a esquerda da oração, um vestígio é deixado no seu lugar de origem. O sintagma se move para uma posição específica na cartografia do sintagma complementizador expandido.

Com o *Hanging Topic*, o sintagma nominal não seria gerado como complemento do verbo, e sim na própria estrutura do sintagma complementizador.

Segundo Benincà, o sintagma de tópico, na abordagem do sintagma complementizador expandido, não é a única projeção onde um tema pode ser hospedado. O 'Hanging Topic' parece estar mais alto do que o TopP, situando-se, então, em uma posição mais alta do que o sintagma de Força, que é a posição DiscP, como podemos observar na estrutura abaixo:

9)



4- ASPECTOS DA MORFOLOGIA XAVANTE

Neste capítulo, pretendemos apresentar uma descrição dos principais aspectos da estrutura morfológica da língua Xavante, com ênfase especial na formação do nome e na formação do verbo. Discutimos esses aspectos da morfologia Xavante com base no quadro teórico da Morfologia Distribuída, no qual uma raiz acategorial juntada a determinados feixes de traços pode formar um nome ou um verbo.

Além de mostrar a formação do nome em Xavante, dentro da teoria da Morfologia Distribuída, faremos uma breve descrição de alguns aspectos da estrutura gramatical da língua Xavante, especificamente, a posposição e o número.

Apresentaremos uma descrição dos morfemas verbalizadores e também apresentaremos as classes verbais dos verbos transitivos e intransitivos.

Ainda, neste capítulo, descreveremos os morfemas marcadores de pessoa, tempo e aspecto, mostrando que esses morfemas são importantes na derivação sintática da língua.

Por fim, mostraremos que a língua Xavante possui uma forte evidência para inserção tardia e subespecificação no que diz respeito a alguns verbalizadores e aos morfemas de tempo e pessoa da língua.

A língua Xavante possui pouca morfologia na estrutura das palavras morfológicas nominal e verbal. Essa língua possui mais palavras isoladas do que morfemas afixados nas raízes. Os prefixos dessa língua marcam somente pessoa, tanto em verbos como em nomes. Antes da raiz verbal, além dos prefixos de pessoa, podem aparecer também morfemas reflexivos e antes de uma raiz nominal podem aparecer marcadores de posse alienável. Os sufixos da língua marcam grau (diminutivo e

aumentativo). Quanto à mudança de classe, marcam as nominalizações e as verbalizações. Tempo, aspecto, número e negação são morfemas livres ou dependentes que podem aparecer antes ou depois da raiz. Tempo e aspecto perfectivo e imperfectivo de verbos ativos aparecem antes da raiz. Número, negação e aspecto imperfectivo de verbos estativos aparecem após a raiz.

Dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída, o que tradicionalmente se chamaria de nome e verbo são resultados de processos sintáticos entre raízes acategoriais e morfemas categorizadores. Para se tornar um nome ou um verbo, uma raiz acategorial, desprovida de traços funcionais, precisa se juntar a determinados feixes de traços, respectivamente, "nomezinho" para formar um nome e "vezinho" para formar um verbo.

Uma raiz, na língua Xavante, se torna um verbo a partir da junção de morfemas verbalizadores fonologicamente nulos ou fonologicamente explícitos. Para se tornar um nome, morfemas nominalizadores fonologicamente nulos ou fonologicamente explícitos se juntam, respectivamente, a uma raiz acategorial ou a uma raiz verbal.

Os prefixos pronominais da língua Xavante marcam o sujeito ou o objeto. O prefixo de sujeito co-ocorre com o sintagma nominal que indica sujeito. Neste caso, supomos que esse prefixo seja concordância. Já o objeto, quando aparece prefixado ao verbo, não pode co-ocorrer com o sintagma nominal de objeto. O prefixo de objeto ocorre em distribuição complementar com esse sintagma.

A língua Xavante marca os tempos presente e passado. Os morfemas que marcam esses tempos são os mesmos que marcam pessoa sujeito. Esses morfemas são subespecificados. Falaremos sobre subespecificação desses morfemas na seção 4.6. Nessa língua, o futuro é marcado por um morfema de aspecto que aparece logo após os

morfemas de pessoa e tempo em orações afirmativas e no final da oração em construções negativas. Os morfemas indicativos de aspecto perfectivo e imperfectivo de verbos ativos também ocorrem após os morfemas de pessoa e tempo. O imperfectivo de verbos estativos ocorre no final da oração. O aspecto continuativo e o pontual não são distintos.

O número é marcado por morfemas livres que aparecem após a raiz verbal ou nominal e também pode ser expresso por raízes verbais que indicam coletivo. Essas raízes variam sua forma de acordo com o número do objeto, em orações transitivas, e variam de acordo com o sujeito, em orações intransitivas.

A negação, que sempre ocorre junto ao morfema estativo, aparece também após a raiz nominal ou verbal, sendo o último morfema da oração, podendo ser seguido apenas pelo morfema de aspecto futuro imperfectivo e aspecto imperfectivo de verbos estativos.

Faremos uma descrição mais detalhada sobre estes tópicos e outros nas próximas seções deste capítulo.

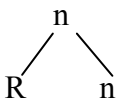
4.1- Nome em Xavante

Dentro do quadro da Morfologia distribuída, os nomes podem ser formados de dois modos. Um nome pode ser formado direto da raiz, ou pode ser formado a partir de uma raiz verbalizada. Os nomes que são formados a partir de uma raiz verbalizada são chamados de deverbais.

Nomes formados diretamente da raiz

Os nomes formados diretamente da raiz possuem um único categorizador, um morfema nominalizador. Uma raiz acategorial se junta diretamente a esse categorizador nominal.

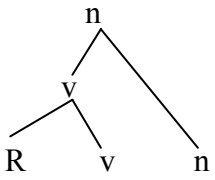
10)



Nomes formados a partir de uma raiz verbal

No caso de nomes formados a partir de uma raiz verbalizada, uma raiz acategorial se junta primeiro a um morfema verbalizador e, depois do verbo já formado, se juntará a um morfema nominalizador, formando assim uma forma deverbal nominalizada.

11)



Em Xavante, um nome pode ser formado por esses dois modos: (1) é formado diretamente da raiz ou (2) é formado a partir de uma raiz anteriormente verbalizada. Os

nomes formados diretamente da raiz são constituídos por uma raiz acategorial juntada a um categorizador fonologicamente nulo. Já os nomes formados a partir de uma raiz anteriormente verbalizada são constituídos pela junção de sufixos nominalizadores (ou deverbalizadores) fonologicamente explícitos.

Os nomes em Xavante podem apresentar prefixos que marcam pessoa. A relação de posse é indicada pela ocorrência de pronomes pessoais juntos aos nomes.

Os prefixos marcadores de posse são obrigatórios com nomes que expressam parentesco e partes do corpo. Esses prefixos são opcionais com raízes nominalizadas que expressam instrumento ou lugar.

12) Prefixos Marcadores de Pessoa

da- Sentido genérico (aparece com nomes e verbos)

	singular	**plural**
1ª pessoa	ĩ.-	wa-
2ª pessoa	a-/ai-	a-/ai-
3ª pessoa	ĩ-	ĩ-

Regra para os prefixos de pessoa:

2ª pessoa sg./pl.	→ **a-/ai-**
1ª pessoa pl.	→ **wa-**
Elsewhere	→ **ĩ-**

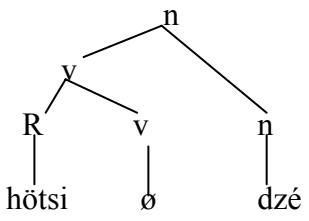
Na estrutura nominal há prefixos que indicam posse, que pode ser alienável ou inalienável.

Os nomes que são formados diretamente da raiz, em Xavante, indicam parentesco, partes do corpo, objetos pessoais e lugar. Esses nomes são formados a partir de um categorizador fonologicamente nulo. Veremos exemplos com esses nomes a seguir, na seção 4.1.1.

Além dos nomes formados diretamente da raiz, a língua Xavante também possui, como falamos anteriormente, nomes formados a partir de uma raiz verbal. Para a formação desses nomes há dois morfemas nominalizadores explícitos na língua Xavante, que indicam instrumento/lugar e agente, e aparecem sufixados a uma raiz verbal. O morfema nominalizador *–dzé* indica instrumento/lugar e o morfema -*'wa* indica agente. Esses morfemas nominalizadores são morfemas deverbais que aparecem sufixados a uma raiz verbal, conforme podemos observar nos dados abaixo.

O exemplo (13) é uma raiz verbal *hötsi*, cujo verbalizador é *-ø*, ao qual é juntado ao morfema nominalizador *–dzé*, formando o nome *hötsidzé* "bebida":

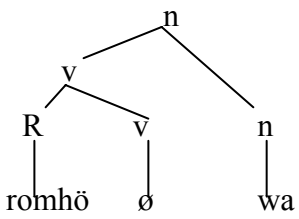
13) hötsi – ø - dzé
beb – VBLZ - NMLZ
Bebida



Esse nome já foi anteriormente negociado na enciclopédia. A partir do momento que já foi categorizado uma vez, isto é, a partir do primeiro categorizador, tudo o que vem depois é composicional. O nome herda o significado do primeiro categorizador.

Já no exemplo (14), o morfema nominalizador que indica agente –*'wa* aparece com a raiz verbal *romhö* formando o nome *romhö'wa* "atirador":

14) romhö – ø - 'wa
atir – VBLZ - NMLZ
Atirador



Podemos concluir, então, que a língua Xavante possui além dos morfemas categorizadores de nome fonologicamente explícitos, que aparecem com raízes verbais, morfemas categorizadores de nome fonologicamente nulos, que aparecem com raízes acategoriais.

4.1.1- Nomes formados por um categorizador fonologicamente nulo juntado a uma raiz acategorial

(Prefixos de pessoa) + Raiz + NMLZ ø

As raízes formadas a partir de um categorizador fonologicamente nulo abrangem nomes que expressam parentesco, partes do corpo, objetos pessoais e lugar. Como dissemos, esses nomes são formados por morfemas fonologicamente nulos juntados a uma raiz acategorial.

Os nomes formados por morfemas *-ø* que expressam parentesco e partes do corpo são inerentemente possuídos. Um nome que expressa esses termos, quando não está flexionado para pessoa, precisa vir marcado pelo morfema neutro *da-*. Este morfema aparece prefixado à raiz. Já os nomes que expressam instrumento ou lugar podem ser possuídos ou não. Os prefixos que aparecem com esses nomes são os descritos acima, no exemplo (12).

Abaixo, veremos exemplos com nomes que expressam parentesco, partes do corpo, objetos pessoais e lugar. Todas as raízes desses exemplos são acategoriais e formadas por um categorizador fonologicamente nulo.

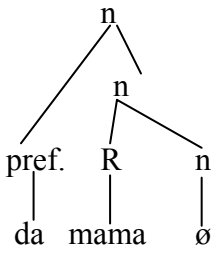
Termos de Parentesco

Os termos de parentesco, na língua Xavante, são inerentemente possuídos. Quando o "possuidor" não está especificado, usa-se o prefixo genérico *da-*. No exemplo abaixo, o morfema *da-*, que aparece com a raiz *mama* "pai", é um morfema neutro que

tem como significado o termo genérico “da pessoa”, que neste caso, junto à raiz *mama* significa literalmente “pai da pessoa”:

15) Damama = pai

Os termos de parentesco são formados primeiramente por uma raiz acategorial juntada ao morfema nominalizador -ø, e logo após, o nome já formado é unido ao prefixo marcador de pessoa. Esses pronomes pessoais não variam em gênero:



Os exemplos abaixo nos mostram o morfema categorizador fonologicamente nulo juntado às raízes, com seus prefixos pessoais flexionados de acordo com a pessoa e o número. Como podemos observar nestes exemplos, os sufixos de dual e plural são gerados junto ao prefixo de pessoa e depois são extrapostos:

16)

Singular

ĩ. – mama - ø	**ai** – mama - ø	**ĩ** – mama - ø
1ª - pai – NMLZ	*2ª - pai – NMLZ*	*3ª - pai – NMLZ*
meu pai	teu pai	pai dele

Dual

wa – mama – ø	ai – ‘wa mama	**ĩ** - dzahuré mama - ø
1ª - pai – NMLZ	**ai** – mama - ø ‘wa	**ĩ** - mama - ø dzahuré
pai de nós dois	*2ª - pai – NMLZ dual*	*3ª - pai – NMLZ dual*
	pai de vocês dois	pai deles dois

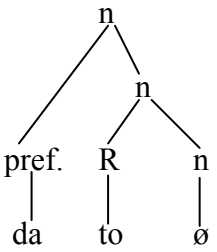
Plural

wa – dza’ra mama - ø	ai – dza’ra wa’wa mama	**ĩ** - dza’ra mama - ø
wa –mama - ø dza’ra	**ai** – mama - ø dza’ra wa’wa	**ĩ** - mama - ø dza’ra
1ª - pai – NMLZ PL	*2ª - pai – NMLZ PL*	*3ª - pai – NMLZ PL*
nosso pai	pai de você	pai deles

Partes do Corpo

Os nomes que expressam partes do corpo também são inerentemente possuídos. Nos exemplos abaixo, os morfemas possessivos aparecem antes da raiz *to* “olho”. O morfema categorizador de nome também é *-ø* e juntado a raiz *to* formam um nome. Após a formação do nome, os prefixos são inseridos:

17) Dato = Olho



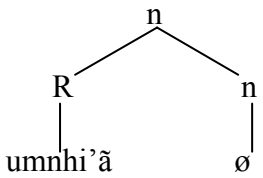
Singular	
ĩ. – to	‘*meu olho*’
a - to	‘*teu olho*’
ĩ – to	‘*olho dele*’

Plural		
wa – dza’ra to	**wa** – to dza’ra	‘*nosso olho*’
a – dza’ra wa’wa to	**a** – to dza’ra wa’wa	‘*olho de vocês*’
ĩ - dza’ra to	**ĩ -** to dza’ra	‘*olho deles*’

Objetos Pessoais

As raízes que indicam objetos pessoais podem ser possuídas ou não. Aqui, o morfema *-ø* também é o morfema categorizador de nome:

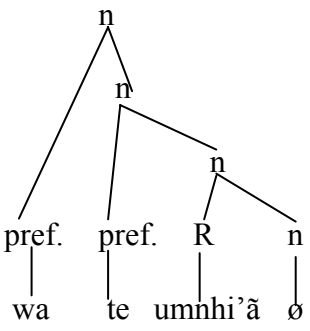
18) umnhi’ã = arco



Singular	
ĩ. - te – umnhi'ã	'*meu arco*'
a - te – umnhi'ã	'*teu arco*'
ĩ - te – umnhi'ã	'*arco dele*'

wa - te – umnhi'ã	'*arco de nós dois*'	
a - 'wa **- te** – umnhi'ã	**a - te** – umnhi'ã 'wa	'*arco de vocês dois*'
ĩ - dzahuré **- te** – umnhi'ã	**ĩ - te** – umnhi'ã dzahuré	'*arco deles dois*'

Quando essas raízes estão possuídas, o morfema de posse alienável *-te-* pode se unir à raiz.



Lugar

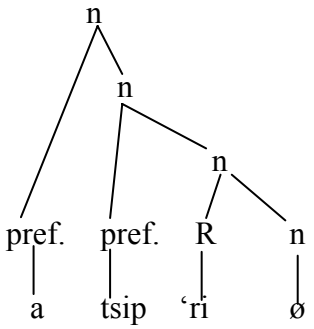
As raízes que indicam lugar podem ser categorizadas pelo morfema *-ø*. Nos exemplos abaixo, a raiz *'ri* aparece com os prefixos que marcam pessoa e também com os morfemas de posse alienável *-nhip-* usado com a 1ª pessoa e *-tsip-* usado com as demais pessoas da oração:

19)

ĩ. – nhip – 'ri	*'minha casa'*
a. – tsip – 'ri	*'sua casa'*
ĩ – tsip – 'ri	*'a casa dele'*

Veremos, mais adiante, que raízes que expressam lugar podem ser formadas por nominalizadores fonologicamente explícitos. Neste caso, os nominalizadores explícitos são juntados a uma raiz verbal.

Podemos observar, abaixo, a estrutura do nome *'ri* formado a partir de uma raiz acategorial juntada ao morfema nominalizador fonologicamente nulo:

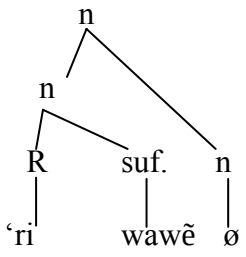


Grau Aumentativo

A semântica do morfema *wawẽ* é [aumentativo]. Este morfema aparece sufixado ao nome. As raízes que aparecem com esse sufixo podem ocorrer independentemente.

Como vimos anteriormente, as raízes que indicam lugar são nominalizadas pelo morfema categorizador *-ø* que aparece sufixado a elas. Na primeira etapa da derivação, há a junção de uma raiz acategorial com o sufixo aumentativo *wawẽ*, formando uma nova raiz [raiz + *wawẽ*]. A segunda etapa da derivação é a junção da nova raiz [raiz - *wawẽ*] com o morfema categorizador de nome, nomezinho, que neste caso será nulo, *ø*. Então, como vemos no exemplo (20), a raiz *'ri* recebe o morfema aumentativo *wawẽ*, formando a raiz *'riwawẽ*. Após a primeira etapa da derivação, o sufixo nominalizador *-ø* é inserido, formando o nome [*'riwawẽ*+ *ø*] "casarão":

20) 'ri – wawẽ
casa – AUM
casarão



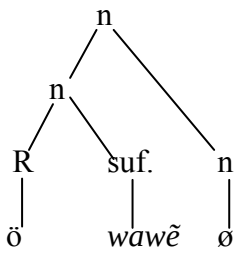
Derivação:

1. Junção 'ri + wawẽ

2. Junção ['ri - *wawẽ*] + ø

O mesmo acontece com o exemplo (21). A raiz *ö* é juntada ao sufixo aumentativo -*wawẽ* e depois é categorizada como nome pelo morfema nominalizador -*ø*:

21) ö – wawẽ
água – AUM
Água grande/ rio



Derivação:

1. Junção ö + wawẽ

2. Junção [ö - *wawẽ*] + ø

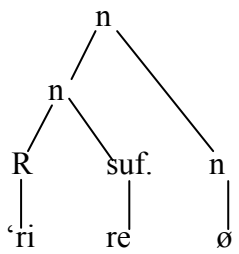
Grau Diminutivo

O grau diminutivo, assim como o aumentativo, também é marcado por um morfema que aparece sufixado ao nome. O sufixo *–re* marca semanticamente esse grau.

Na primeira etapa da derivação, o sufixo *–re*, que indica diminutivo, se junta a uma raiz acategorial. Após a junção [raiz + re], o morfema nominalizador -*ø* se junta à raiz para categorizá-la como nome [raiz – re + ø].

No exemplo (22), o sufixo *-re* aparece sufixado ao nome *'ri*. Após essa primeira etapa da derivação, o morfema nominalizador *-ø* é inserido, formando o nome [*'riwawẽ*+ *ø*] "casinha":

22) 'ri - re
casa – DIM
casinha



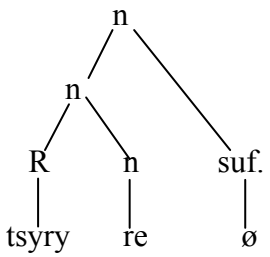
Derivação:

1. Junção 'ri + re

2. Junção ['ri - re] + ø

O mesmo acontece com o exemplo (23), o nome *tsyry* é juntado ao sufixo diminutivo *–re*. Após essa derivação, o morfema nominalizador *-ø* é inserido, formando o nome [tsyryre+ *ø*] "pequenininho":

23) tsyry – re
pequeno – DIM
Pequenininho



Derivação:

1. Junção tsyry + re

2. Junção [tsyry - re] + ø

4.1.2- Nomes Formados por Categorizadores Explícitos juntados a uma raiz verbal

(Prefixos de pessoa) + Raiz + VBLZ + NMLZ

As raízes formadas a partir de categorizadores fonologicamente explícitos possuem dois morfemas nominalizadores deverbais que se juntam a uma raiz verbal. Como vimos acima, o morfema *–dzé* indica instrumento ou lugar e o morfema *–'wa* indica agente. Ambos aparecem sufixados a uma raiz primeiramente verbalizada.

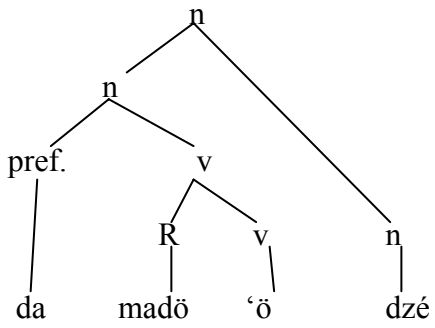
Abaixo, mostraremos exemplos de raízes verbais categorizadas como nome a partir dos morfemas nominalizadores deverbais *–dzé*, e *-'wa*. Os categorizadores verbais também são sufixos que, como vimos, podem ser nulos ou explícitos.

Veremos, a seguir, que os nomes formados pelos morfemas nominalizadores *-dzé* e *-'wa* podem aparecer com o prefixo neutro *da-* ou podem aparecer com os prefixos flexionados para pessoa.

Raiz Damadö'ö

Como falamos anteriormente, os sufixos nominalizadores explícitos podem ser juntados a raízes verbais que possuem verbalizadores explícitos ou nulos. O exemplo (24), a seguir, é de uma raiz verbal *madö* juntada primeiramente ao verbalizador *'ö*. O nominalizador *dzé*, então, se junta a uma raiz verbal. O significado dos nomes derivados já foi negociado quando o primeiro categorizador se juntou a uma raiz acategorial. O que vem depois pode ser composicional, e no caso do Xavante é:

24) da – madö – 'ö – dzé
neutro - ver – VBLZ - NMLZ
espelho

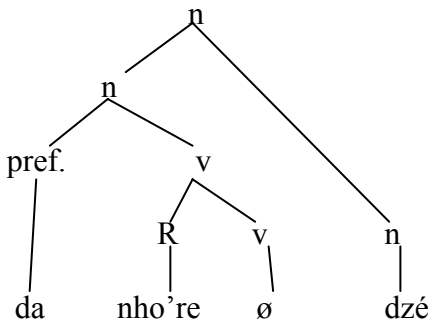


Raiz Danho're

O exemplo (25) é com a raiz verbal *nho're* "cantar", que juntada ao categorizador *-dzé* forma o nome *nho'redzé* que significa "lugar para o canto". As raízes verbais que são nominalizadas precisam carregar um prefixo genérico. Este prefixo

ocorre após a categorização nominal, ocorrendo na morfologia[5]. Nota-se que o verbalizador, nesse caso, é *ø*:

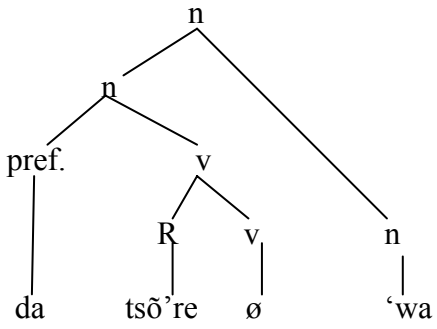
25) da – nho're - ø – dzé
neutro - cant – VBLZ - NMLZ
Lugar para o canto



Como podemos observar adiante, com os exemplos (26) e (27), que possuem o morfema nominalizador de agente *'wa*, a raiz pode vir com o morfema neutro *da-* ou com o morfema de 3ª pessoa *ĩ-*. No exemplo (27), o prefixo *ĩ-* não está marcando posse, neste caso, é apenas uma flexão de pessoa:

26) da – tsõ're – ø - 'wa
neutro - cant – VBLZ - NMLZ
Cantor

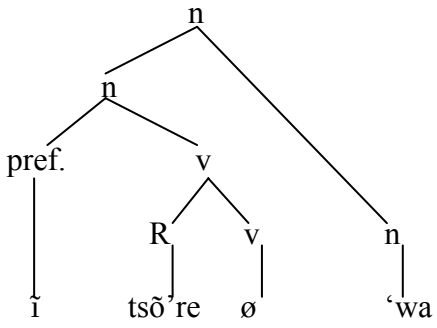
[5] Falaremos a respeito da derivação dos prefixos de pessoa na seção 4.7.



27)ĩ – tsõ're – ø - 'wa

3ª - cant – VBLZ - NMLZ

Cantor



Raiz Danhipi

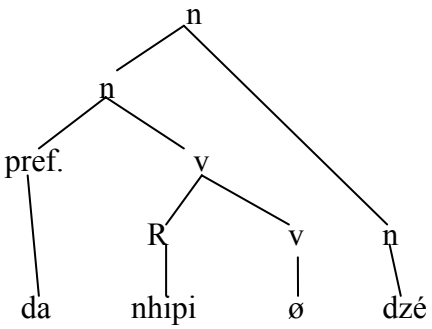
O mesmo acontece com os exemplos (28) e (29), com a raiz *danhipi*. O nominalizador *-dzé* e o nominalizador *-wa* se juntam a uma raiz verbal para formar um nome.

O exemplo (28) possui o nominalizador *-dzé* junto com a raiz verbal *danhipi* formando o nome *danhipidzé* "cozinha". Este exemplo está com o prefixo neutro *da-*:

28) da - nhipi – ø - dzé

neutro – cozinh – VBLZ - NMLZ

cozinha

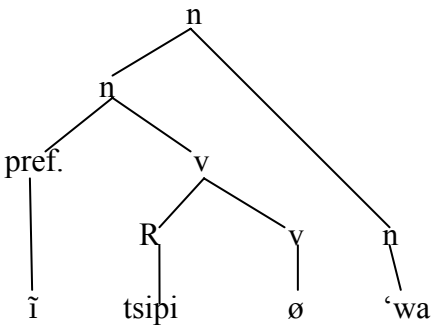


No exemplo (29) a raiz verbal *danhipi* aparece flexionada pelo prefixo *ĩ-*. O morfema nominalizador *'wa* juntado a raiz forma o nome *tsipi'wa* "cozinheiro":

29) ĩ – tsipi – ø - 'wa

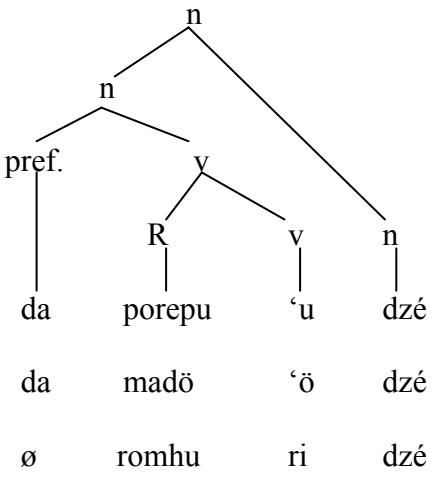
3ª - cozinh – VBLZ - NMLZ

Cozinheiro

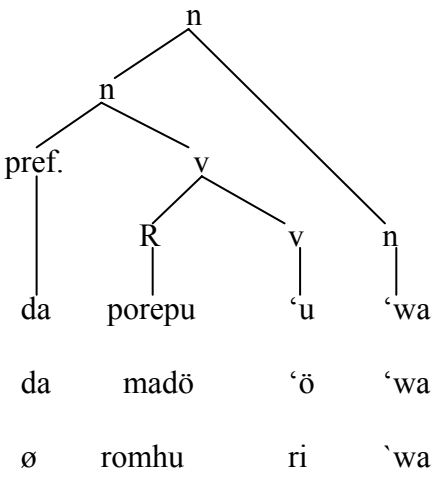


Abaixo, mostraremos exemplos com os nominalizadores deverbais explícitos - *'wa* e *–dzé* juntados a raízes verbais que possuem verbalizadores explícitos e nulos.

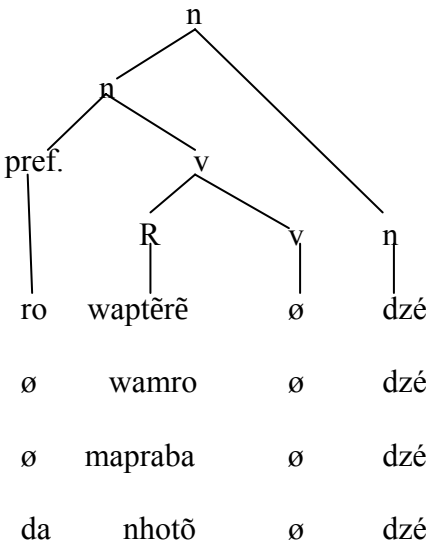
Nominalizador Deverbal *dzé* Sufixado a uma Raiz Verbal com Verbalizadores Explícitos



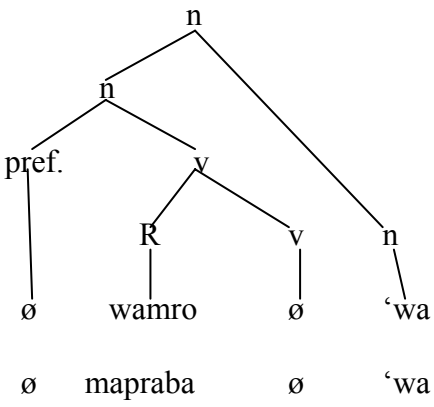
Nominalizador Deverbal *‘wa* Sufixado a uma Raiz Verbal com Verbalizadores Explícitos



Nominalizador Deverbal *dzé* Sufixado a uma Raiz Verbal com Verbalizadores Nulos



Nominalizador Deverbal *'wa* Sufixado a uma Raiz Verbal com Verbalizadores Nulos



As raízes nominalizadas pelo morfema *-dzé* podem ter prefixos que indicam posse. Os exemplos abaixo, com a raiz *danhono*, recebem o morfema nominalizador *dzé* e os prefixos de posse *ĩ*.- 1ª pessoa, *a*- 2ª pessoa e *ĩ*- 3ª pessoa:

30) ĩ. – nhotõ – dzé
1ª – dorm - NMLZ
Minha coisa para dormir (cobertor)

31) a – tsõtõ – dzé
2ª – dorm - NMLZ
Sua coisa para dormir (cobertor)

32) ĩ – tsõtõ – dzé
3ª – dorm - NMLZ
Coisa para dormir dele (cobertor)

Raiz Morĩ

33) ĩ – morĩ – dzé
3ª - ir – NMLZ
A ida dele

Raiz Watobro

34) ĩ – watobro – dzé
3ª - sair – NMLZ
A saída dele

Raiz Waptã

35) ĩ – waptã'ã – dzé
3ª - nasc – NMLZ
O nascimento dele

4.2- Posposições

A língua Xavante apresenta posposições. Os sintagmas posposicionais, PPs, apresentam a ordem sintática [COMPL[NÚCLEO]]. Observe o morfema *u* no exemplo (36) e o morfema *ãna* em (37). Ambos posicionam-se à direita do nome:

36) buru u te mo
roça à 3ª ir
'Ele vai à roça'

37) tsabo ãna te uptsõ
sabão sem 3ª lavar
'Ela está lavando sem sabão'

Além das posposições *u* e *ãna*, o Xavante apresenta mais duas posposições que aparecem com determinados nomes e verbos. Elas também ocorrem imediatamente após o nome, mas têm alguma relação com o sintagma verbal. São as posposições *dzô* e *na*.

A posposição *dzô* segue a nome de animais. Em Xavante, não há o verbo "pescar", há a junção do nome *tebe* "peixe" com a posposição *dzô* "pelo" ocorrendo junto com o verbo *mo* "ir":

38) aibö tepe dzô te ø - mo
homem peixe pelo 3ª/pres. 3ª - ir
(lit.: O homem vai pelo peixe)
O homem foi pescar

Note a agramaticalidade da oração sem a posposição *dzô*:

39) *aibö tepe te mo

Como podemos observar no exemplo acima, o verbo principal é intransitivo, e somente verbos intransitivos selecionam PP. Podemos notar que com verbos transitivos, como "pegar" abaixo, não há a ocorrência da posposição *dzô*:

40) e mahã tebe ma ĩ – mai'ö
int. qual peixe 2ª/pass. 2ª/pegar
Qual peixe você pegou?

41) pehöire wa ø – mai'ö
mantrixã 1ª/pass. 1ª - pegar
Eu peguei mantrixã

No exemplo (42), a posposição dzô segue o nome "macaco". Similar ao exemplo (38), com o verbo "pescar", em Xavante não há um verbo "caçar", e sim a posposição dzô seguindo o nome "macaco", juntamente com o verbo "ir". Além disso, há na sentença um nome para "caça":

42) ro'ore dzô te aba're ai – mo
macaco pelo 2ª/pres. caça 2ª - ir
(lit.: Você vai pela caça do macaco)
Você caça macaco

Podemos notar no exemplo a seguir a mesma situação com o nome para "anta" *utö*. *Utö* deve ser seguido pela posposição *dzô*, não podendo ocorrer sem ela:

43)

48) pa’o wa ti - ’rẽ

banana 1ª/pres. 1ª - comer

Eu como banana

A raiz verbal *rẽne* não pode apresentar a posposição *na*

Os morfemas livres que marcam número são os mesmos em orações transitivas e intransitivas. As raízes verbais transitivas no dual e plural variam suas formas de acordo com o número do objeto, enquanto as raízes verbais intransitivas no dual e plural variam suas formas segundo o número do sujeito da oração. Em orações transitivas, os morfemas livres de número marcam o sujeito da oração, já as raízes que possuem formas que indicam coletivo marcam o objeto. Em orações intransitivas, o número do sujeito pode ser marcado por morfemas livres ou por essas raízes que possuem formas diferentes.

A flexão de número no nome é idêntica à flexão de número no verbo. Tanto no nome quanto no verbo o número aparece logo após a raiz.

O nome em Xavante pode ter o número indicado por numerais, pelo coletivo *norĩ* e também pelas desinências de número. O número no verbo pode ser indicado pelas desinências de número e também pelas formas coletivas da raiz verbal. A flexão de número também varia de acordo com a pessoa indicada no verbo.

O plural é marcado pelo morfema *dza'ra* que aparece nas três pessoas da oração. Além desse morfema, o plural possui o morfema *ni* para marcar 1ª pessoa, *wa'wa* para marcar 2ª pessoa, e podemos dizer que o morfema *ø* marca a 3ª pessoa. Como podemos observar no quadro abaixo, quando o sujeito da oração está no plural, esses três morfemas aparecem após o morfema *dza'ra*.

1ª pessoa	dza'ra	ni
2ª pessoa	dza'ra	wa'wa
3ª pessoa	dza'ra	ø

Quadro 3: Morfemas marcadores de plural

O sujeito do dual é marcado somente pelos morfemas *ni*, 1ª pessoa, *wa'wa* ou *'wa*, 2ª pessoa e *dzahuré*, 3ª pessoa, conforme nos mostra o quadro abaixo:

1ª pessoa	ni
2ª pessoa	wa'wa
3ª pessoa	dzahuré

Quadro 4: Morfemas marcadores de dual

Podemos notar que no plural, além do morfema *dza'ra*, a 1ª e a 2ª pessoa apresentam os mesmos morfemas do dual, que são, respectivamente, *ni* e *wa'wa*. Uma hipótese é que esses morfemas marcam somente a pessoa da oração, e que o morfema *dza'ra*, que marca o plural, está em distribuição complementar com o morfema *ø*, que então marcará o dual. A 3ª pessoa dual é marcada pelo morfema *dzahuré*, estando em distribuição complementar com o morfema *ø* que marca a 3ª pessoa do plural.

	número		pessoa	
	dual	plural	dual	plural
1ª pessoa	Ø	Dza'ra	ni	ni
2ª pessoa	Ø	Dza'ra	Wa'wa	Wa'wa
3ª pessoa	Ø	Dza'ra	dzahuré	Ø

Quadro 5: Morfemas marcadores de número e pessoa

A seguir, veremos exemplos de orações com sujeito e objeto no plural, dual e também com os coletivos *norĩ* e *tsiwi* na língua Xavante.

4.3.1- Plural

O plural é marcado na língua Xavante quando há mais de três participantes.

Como vimos acima, os morfemas livres que indicam número marcam o sujeito da oração. A 1ª pessoa do plural é marcada pelos morfemas *dza'ra ni*. Estes morfemas aparecem em orações transitivas e orações intransitivas, marcando o sujeito da oração. Os morfemas de número são gerados, na sintaxe, antes da raiz verbal, após o prefixo de pessoa. Logo em seguida são extrapostos, se ajustando morfologicamente.

52) aihöiré wa ø - t_i- wĩrĩ dza'ra ni_i
jacaré 1ª/pres. 1ª - matar pl.
Nós estamos matando jacaré

53) wa wa – t_i - waptã'ã dza'ra ni_i
1ª/pres. 1ª - cair pl.
Nós estamos caindo

A 2ª pessoa é marcada pelos morfemas *dza'ra wa'wa*:

54) aihöiré te ĩ - t_i - wĩrĩ dza`ra wa'wa_i
jacaré 2ª/pres. 2ª - matar pl.
Vocês estão matando jacaré

55) te ai – t_i - waptã'ã dza'ra wa'wa_i
2ª/pres. 2ª - cair pl.
Vocês estão caindo

A 3ª pessoa é marcada pelo morfema *dza'ra*:

56) te ti – waptã'ã dza'ra
3ª/pres. 3ª - cair pl.
Eles estão caindo

Em orações transitivas, quando o objeto está no plural, o verbo apresenta formas diferentes. Abaixo mostraremos exemplos com o verbo "matar" tendo a raiz *wĩri* no singular e *tsimrõ* no plural para compararmos as duas formas verbais. O significado da raiz *tsimrõ* é "matar mais de dois", portanto, vamos traduzir como "matar coletivo":

wĩri	matar
tsimrõ	matar coletivo

Quadro 6: Verbo matar

57) ro'ore wa tô tĩ – wĩ
macaco 1ª/pass. perf. 1ª - matar
Eu matei o macaco

58) ro'ore wa tô ø – tsimrõ
macaco 1ª/pass. perf. 1ª - matar/pl.
Eu matei macacos

59) ro'ore ma tô ĩ - wĩ
macaco 2ª /pass. perf. 2ª - matar
Você matou o macaco

60) ro'ore ma tô ĩ - tsimrõ
macaco 2ª /pass. perf. 2ª - matar/pl.
Você matou macacos

61) ro'ore ma tô ti - wĩ
macaco 3ª /pass. perf. 3ª - matar
Ele matou o macaco

62) □L'ore ma □L ø – tsimrõ
macaco 3ª /pass. Perf. 3ª – matar/ L.
Ele matou macacos

Como podemos observar nos exemplos acima, os verbos no plural, que apresentam raízes com formas diferentes, possuem também prefixos pessoais diferentes dos verbos no singular. Veremos mais adiante, na seção 4.4.2, que estas raízes verbais são de classes distintas.

O verbo também pode apresentar formas diferentes no dual e no plural em orações intransitivas, só que neste caso, o verbo marcará o sujeito da oração. Abaixo mostraremos exemplos com a 1ª e 3ª pessoas do verbo "correr" no singular, que indica que somente uma pessoa está correndo, e no plural, que indica que mais de duas pessoas estão correndo:

wara	Correr
tsitsa're	Correr coletivo

Quadro 7: Verbo correr

63) wa ø – wara
1ª/pres. 1ª - correr
Eu corro

64) wa wa – tsitsa’re
1ª/pres. 1ª - correr/pl.
Nós corremos

65) te ø – wara
3ª/pres. 3ª - correr
Ele corre

66) te ø – tsitsa’re
3ª/pres. 3ª - correr/pl.
Eles correm

A desinência de número pode seguir diretamente os sintagmas nominais, que no caso do plural é marcada pelo morfema *dza’ra* na 1ª e 3ª pessoas e *dza’ra wa’wa* na 2ª pessoa. Como podemos observar nos exemplos abaixo, essa desinência se refere aos pronomes. A desinência de número é gerada logo após esse pronome, sendo, em seguida, extrapostas:

67) wa – t_i - nhip – ‘ri dza’ra_i
1ª - poss. – casa pl.
Nossa casa

68) a – t_i - tsip – ‘ri dza’ra wa’wa_i
2ª - poss. – casa pl.
Casa de vocês

69) ĩ - t_i – tsip – ‘ri dza’ra_i
3ª - poss. – casa pl.
A casa deles

O plural possui marcação diferente em orações imperativas, sendo idêntico nas formas imperativas dos verbos transitivos e intransitivos. O morfema *dza'ra*, juntamente com o morfema *wa'aba* marca o plural neste tipo de oração e aparecem no final da oração:

70) romhuri dza'ra wa'aba
trabalhar pl./imp.
Trabalhem!

71) a – tsipi dza'ra wa'aba
2ª - cozinhar pl./imp.
Cozinhem vocês

Quando em uma oração imperativa a raiz verbal apresenta formas diferentes do singular para marcar o dual e o plural, como no caso do verbo ir *'aba'réi*, o plural em orações imperativas será marcado pela raiz verbal e pelo morfema *wa'aba*:

mo	Ir
aba'rei	Ir coletivo

Quadro 8: Verbo ir

72) ai – 'aba'réi wa'aba
2ª - ir/pl. pl./imp.
Vão vocês

Em orações imperativas negativas, o morfema de plural *dza'ra wa'aba*, ou somente *wa'aba*, aparece antes do morfema negativo *tõ*:

73) romhuri dza'ra wa'aba tõ
trabalhar pl./imp. neg.
Não trabalhem!

74) ai – 'aba'réi wa'aba tõ
2ª - ir/pl. pl./imp. neg.
Não vão vocês

4.3.2- Dual

O dual é marcado quando há somente dois participantes na oração. Os mesmos morfemas marcadores de dual aparecem em orações transitivas e intransitivas.

A 1ª pessoa do dual é marcada pelo morfema *ni*. Ou como sugerimos anteriormente, pelo morfema *ø* mais o morfema *ni*. Assim como no plural, esse morfema é gerado logo após o prefixo de sujeito, e depois extraposto, aparecendo livre no final da oração, conforme se vê nos exemplos (75) e (76):

75) wa wa – t_i – waptã'ã ni_i
1ª 1ª - cair dual
Nós dois estamos caindo

76) wa dza ø – t_i - 'adzöri ni_i
1ª/pl. fut. 3ª - bater dual
Nós dois vamos bater nele

A 2ª pessoa pode ser marcada pelo morfema *'wa* ou *wa'wa*, dependendo da raiz verbal. Quando uma raiz apresenta mais de três sílabas, como podemos observar nos dados abaixo, o morfema *'wa* irá marcar essas orações:

77) te ai – t_i – waptã'ã 'wa$_i$
2ª/pres. 2ª - cair dual
Vocês dois estão caindo

78) te ĩ – t_i – 'adzöri 'wa$_i$
2ª/pres. 1ª - bater dual
Vocês dois estão me batendo

Enquanto que uma oração com duas ou menos sílabas na raiz apresenta o morfema *wa'wa*:

79) aihöiré te ĩ – t_i - wĩrĩ wa'wa$_i$
jacaré 2ª/pres. 2ª - matar dual
Vocês estão matando jacaré

80) te ai – t_i – wawai wa'wa$_i$
2ª/pres. 2ª - chorar dual
Eles dois estão chorando

A 3ª pessoa é marcada pelo morfema *dzahuré*, como podemos observar nos dados abaixo:

81) romrã te ø – t_i – 'rẽne dzahuré$_i$
fruta 3ª/pres. 3ª - comer dual
Eles dois comem frutas

82) te ti – t_i – wawa dzahuré$_i$
3ª/pres. 3ª - chorar dual
Eles dois estão chorando

Como vimos anteriormente, a desinência de número pode seguir diretamente os sintagmas nominais. O dual é marcado pelo morfema *'wa* na 2ª pessoa e *dzahuré* na 3ª pessoa, que são gerados após o prefixo de pessoa e, em seguida, extrapostos para o final da oração. A primeira pessoa do dual é marcada somente pelo prefixo de pessoa:

83) wa – mama
1ª - pai
Pai de nós dois

84) ai - t_i– mama 'wa$_i$
2ª - pai dual
Pai de vocês dois

85) ĩ – t_i - mama dzahuré$_i$
3ª -pai dual
O pai deles dois

O dual, assim como o plural, possui marcação diferente em orações imperativas, sendo idêntico nas formas imperativas dos verbos transitivos e verbos intransitivos. O morfema que marca o dual neste tipo de oração é *aba*, aparecendo no final da oração:

86) romhuri aba
trabalhar dual./imp.
Trabalhem!

87) a – tsipi aba
2ª - cozinhar dual/imp.
Cozinhem vocês dois

Em orações imperativas negativas, os morfemas de dual *aba* e *wa'aba* aparecem antes do morfema negativo *tõ*:

88) romhuri aba tõ
trabalhar dual/imp. neg.
Não trabalhem!

89) a – mo wa'aba to
2ª – ir/dual dual/imp. Neg.
Não vão vocês

Quando um verbo intransitivo, com a mesma semântica, possui no plural uma raiz diferente da raiz do dual, o morfema de plural *dza'ra* irá desaparecer, ficando somente os morfemas idênticos aos do dual e a raiz, indicando que o verbo está no plural. Como veremos abaixo, o verbo "sair" possui três raízes diferentes, a raiz *watobro* aparece no singular, *putsi* no dual e *wairébe* no plural, e as marcas de número dual e plural são idênticas neste caso, só se diferenciando pela raiz verbal:

watobro	Sair
putsi	Sair (duas pessoas)
wairébe	Sair coletivo

Quadro 9: Verbo sair

Singular

90) wa tô ø – watobro
1ª/pass. perf. 1ª - sair
Eu saí

91) ma tô ai – wato
2ª/pass. perf. 2ª - sair
Você saiu

92) ma tô ø – watobro
3ª/pass. perf. 3ª - sair
Ele saiu

Dual

93) wa tô wa – putsi ni
1ª/pass. perf. 1ª - sair/dual dual
Nós dois saímos

94) ma tô ai – putsi ‘wa
2ª/pass. perf. 2ª - sair/dual dual
Vocês dois saíram

95) ma tô ti – putsi dzahuré
3ª/pass. perf. 3ª - sair/dual dual
Eles dois saíram

Plural

96) wa tô wa – wairébe ni
1ª/pass. perf. 1ª - sair/pl. pl.
Nós saímos

97) ma tô ai – wairébe ‘wa
2ª/pass. perf. 2ª - sair/pl. pl.
Vocês saíram

98) ma tô ø – wairé
3ª/pass. perf. 3ª - sair/pl
Eles sairam

Podemos notar nos exemplos acima que a 3ª pessoa do dual possui o morfema *dzahuré* marcando o dual enquanto que a 3ª pessoa do plural não possui nenhum morfema para marcar a pluralidade da oração, somente a raiz verbal marca o plural.

4.3.3- Coletivo *norĩ*

O coletivo *norĩ* que significa "grupo", aparece logo após o nome, como podemos observar nos exemplos abaixo:

99) pi'õ norĩ
mulher COL
Um grupo de mulheres / mulheres

100) ai'uté norĩ hã, rowẽ di
criança COL enf. feliz est.
'As crianças estão felizes'

O morfema *norĩ* é usado somente com pessoa, não pode ser usado com objetos:

101) aibö norĩ
homem COL
Um grupo de homens

102) *tsib'édzé norĩ
faca COL
Facas

O plural do objeto é marcado por numerais:

103) tsib'édzé maparane
faca dois
Duas facas

Os numerais também podem ser usados com seres animados:

104) ba'õno tsi'umdatõ
menina três
Três meninas

O coletivo *norĩ* é usado também com os pronomes livres. Esse coletivo marca o dual e o plural, não havendo distinção entre eles. Ele aparece após o pronome e antes do morfema *hã*:

105) <u>Singular</u>

wa hã	1ª pessoa singular
a hã	2ª pessoa singular
õ hã	3ª pessoa singular

106) <u>Dual e Plural</u>

wa norĩ hã	1ª pessoa dual/plural
a norĩ wa'wa hã	2ª pessoa dual/plural
õ norĩ hã	3ª pessoa dual/plural

Como podemos observar acima, o pronome de 2ª pessoa apresenta, além do coletivo *norĩ*, o morfema *wa'wa* para marcar o dual e o plural.

O morfema *hã*[6] sempre aparece com os pronomes livres, sendo impossível falar sem ele:

107)

*wa norĩ 1ª pessoa plural
*õ norĩ 3ª pessoa plural

4.3.4- Coletivo *tsiwi*

O coletivo *tsiwi* aparece somente em orações transitivas. Esse coletivo que indica que todos fizeram a ação marca sujeitos no plural, sempre aparecendo antes da raiz verbal, podendo aparecer também em orações negativas. Veremos nos exemplos abaixo que o morfema marcador de plural *dza'ra*, que aparece em todas as pessoas, pode não aparecer quando o morfema *tsiwi* está presente.

O morfema *tsiwi* possui seus próprios prefixos marcadores de pessoa. Como podemos observar no quadro abaixo, o morfema *wa-* marca a 1ª pessoa, o morfema *a-* marca a 2ª pessoa e o morfema *ø-* marca a 3ª pessoa:

[6] Há, na língua Xavante, um morfema enfático *hã* que estamos analisando como marcador de foco. Este morfema ocorre após sintagmas nominais de sujeito e objeto. Vamos propor que o morfema hã que ocorre com os pronomes livres não é o mesmo que ocorre em construções de foco. Os pronomes livres, em Xavante, podem ser omitidos, portanto não poderiam ser foco, pois foco é uma informação nova que não pode ser apagada no discurso.

1ª pessoa	wa-	-tsiwi
2ª pessoa	a-	-tsiwi
3ª pessoa	ø-	-tsiwi

Quadro 10: Coletivo tsiwi

Conforme nos mostra o exemplo a seguir, o morfema *wa*- aparece prefixado ao coletivo *tsiwi* marcando a 1ª pessoa do plural, enquanto a raiz verbal possui outro prefixo marcador de pessoa, que neste caso é *ø*:

108) aihöiré wa wa - tsiwi ø - wĩrĩ ni
jacaré 1ª/pres. 1ª - todos 1ª - matar pl.
Nós estamos matando jacaré

O exemplo a seguir nos mostra o coletivo *tsiwi* marcando o sujeito da oração, enquanto o verbo com a raiz *tsimrõ* "matar" marca a numerosidade do objeto da oração:

109) aihöiré wa tô wa - tsiwi ø - tsimrõ ni
jacaré 1ª/pass.. perf. 1ª - todos 1ª - matar pl.
Nós matamos jacarés

A 2ª pessoa é marcada pelo morfema *a*- prefixado ao coletivo *tsiwi*. No caso do verbo "matar", que aparece no exemplo abaixo, o prefixo *ĩ*- aparece na raiz verbal marcando a 2ª pessoa:

110) aihöiré te a - tsiwi ĩ - wĩrĩ 'wa
jacaré 2ª/pres. 2ª - todos 2ª - matar pl.
Vocês estão matando jacaré

Na *3ª* pessoa é o morfema *ø-* que aparece com o coletivo tsiwi:

111) aihöiré te ø - tsiwi ti - wĩ
jacaré 3ª/pres. 3ª - todos 3ª - matar
Eles estão matando jacaré

Podemos observar, com os exemplos acima, que o coletivo *tsiwi* marca o sujeito da oração. Este coletivo não pode co-ocorrer com um sintagma nominal de sujeito. Vamos postular que *tsiwi* "todos" está indicando a posição original de onde o sujeito foi gerado. Falaremos sobre a posição deste coletivo no capítulo 5.

4.4- A Organização da Estrutura Verbal em Xavante

O verbo, em Xavante, apresenta prefixos que marcam pessoa e morfemas categorizadores verbais que aparecem sufixados a uma raiz acategorial.

Segundo nossos dados, não há nenhum critério semântico para diferenciar verbos transitivos de verbos intransitivos. A diferença entre eles está baseada em critérios sintáticos. Uma oração transitiva se diferencia de uma oração intransitiva de acordo com a presença ou ausência de complemento e também com o padrão afirmativo ou negativo da oração. O padrão ativo e o padrão estativo também são diferenciados. Como veremos adiante, os verbos intransitivos possuem um número maior de prefixos que marcam pessoa.

Como falamos anteriormente, a língua Xavante apresenta prefixos que marcam pessoa sujeito e objeto. O prefixo de sujeito é apenas concordância, pois co-ocorre com

o sintagma nominal de sujeito. Já o prefixo de objeto, quando ocorre[7], está em distribuição complementar com o sintagma nominal de objeto. A diferença entre o prefixo de sujeito e o prefixo de objeto na raiz verbal pode ser um critério de identificação de um sistema de marcação de caso. Podemos supor que a diferença entre S e O se dá a partir do sistema de caso ergativo. Por enquanto, nesta seção, descreveremos as classes verbais e, mais adiante, no capítulo 5, seção 5.1, discutiremos o sistema de marcação de caso da língua Xavante.

4.4.1- Morfemas Verbalizadores em Xavante

Os verbos em Xavante, assim como os nomes, são formados por categorizadores nulos ou plenos. Os categorizadores verbais são sufixos que aparecem imediatamente depois da raiz.

Dentro do modelo teórico da Morfologia Distribuída, raízes são acategoriais, isto é, são desprovidas de traços categorizadores. O que torna a raiz um verbo é a junção de morfemas que possuem traços categoriais verbalizantes, que são chamados de verbinho ou vezinho.

O molde morfológico dos verbos em Xavante é [raiz + v]. Os verbos possuem vezinho ø ou vezinhos plenos. Esses verbinhos permitem duas possibilidades de regência: há verbinhos que ocorrem somente com verbos transitivos e verbinhos que ocorrem somente com verbos intransitivos. Aparentemente, alguns verbalizadores teriam duas possibilidades de regência. A nossa hipótese é que esses verbalizadores possuem o mesmo molde fonológico, mas traços diferentes.

[7] Veremos a ocorrência dos prefixos de sujeito e objeto na seção 4.5.1.

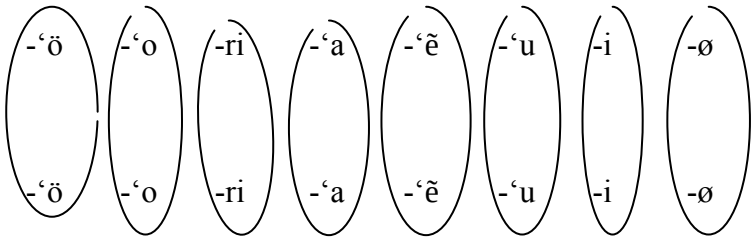
112) Categorizadores Verbais em Xavante

Transitivos:

-ta, -m, –mi

Intransitivos:

-no, -tõ, -du, -tu, -rö -ro,



Como podemos observar no quadro acima, alguns morfemas verbalizadores transitivos e intransitivos, como *‘ö*, *‘o*, *ri*, *‘a*, *‘ẽ*, *‘u*, *i* e *ø*, possuem o mesmo molde fonológico, mas possuem feixes de traços diferentes na sintaxe.

Os traços abstratos são definidos na lista 1, isto é, na sintaxe. Após a derivação sintática, os morfemas abstratos adquirem conteúdo fonológico. Vejamos o verbalizador *–ri* que, como vimos acima, pode ser transitivo ou intransitivo. O item de vocabulário *-ri* poderá, na lista 2, ser inserido em um contexto transitivo ou intransitivo.

Podemos dizer que os categorizadores verbais transitivos e intransitivos que possuem a mesma forma fonológica são subespecificados, pois não precisam possuir todos os traços presentes em um nó para ser inserido nele.

Nas seções a seguir, iremos descrever os verbos com verbinho sufixal nulo e pleno, mostrando que além da subespecificação de alguns verbalizadores, um verbo só se torna realmente transitivo ou intransitivo através de realizações sintáticas. Na seção 4.7 iremos apresentar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua Xavante.

4.4.1.1- Verbos Formados por um Categorizador Fonologicamente Nulo juntado a uma Raiz Acategorial

(Prefixos de pessoa) + Raiz + VBLZ ø

As raízes formadas a partir de um categorizador verbal fonologicamente nulo podem ser transitivas ou intransitivas. Assim como outros verbalizadores explícitos, o morfema –ø também é subespecificado. Este morfema não possui os traços de verbo transitivo e intransitivo juntos quando é inserido na lista 2. Estes traços foram definidos na sintaxe e itens de vocabulário subespecificados podem ser inseridos em mais de um contexto.

As raízes verbais transitivas formadas a partir deste categorizador pertencem somente a classe I, pois apresentam os prefixos *ĩ-* para marcar 2ª pessoa e *ø-* para marcar as demais pessoas. Como veremos na seção a seguir, seção 4.4.2, dividimos os verbos transitivos em duas classes e os verbos intransitivos em quatro classes, de acordo com os prefixos pessoais. Exemplos com os verbalizadores nulos veremos mais adiante.

4.4.1.2- Verbos Formados por Categorizadores Fonologicamente Explícitos juntados a uma Raiz Acategorial

(Prefixos de pessoa) + Raiz + VBLZ

Os verbos formados por categorizadores fonologicamente explícitos podem pertencer a raízes basicamente transitivas e intransitivas, ou um mesmo verbalizador pode aparecer com raízes transitivas ou intransitivas.

Os verbalizadores que podem ser transitivos ou intransitivos, como vimos acima, possuem a mesma forma fonológica, e são subespecificados quanto aos traços. A nossa hipótese é que quando a raiz se junta a um categorizador verbal fonologicamente idêntico, não terá os traços na primeira categorização. O que acontece na primeira categorização é a junção de uma raiz acategorial a um verbalizador que pode possuir traços [+v] [+acusativo]/ [+ergativo] ou somente [+v]. Vejamos o esquema abaixo:

113)

[8] A conclusão de que o vezinho, em Xavante, possui traços [+v], [+acus.] em verbos transitivos e somente [+v] em verbos intransitivos, foi tirada a partir de comunicação pessoal com Heidi Harley, durante o Congresso da ABRALIN, na UFMG, em março de 2007.

[9] Veremos que os verbos estativos possuem os traços [+v] [+estado], mas como não possuem traços subespecificados não falaremos sobre eles nesta seção.

Segundo Embick (2004), a condição de spell out para determinado feixe de traços pode depender do ambiente sintático. Isto acontece em Xavante. Após o verbo formado, ele se tornará transitivo pela presença de um complemento, e intransitivo pela ausência de um complemento. Além disso, no capítulo 5, seção 5.2, veremos também que uma raiz verbal se torna transitiva ou intransitiva a partir da presença ou ausência, em orações negativas, dos morfemas livres que marcam pessoa e tempo.

Nesta seção, iremos descrever todos os morfemas categorizadores verbais encontrados até então na língua Xavante.

4.4.1.3- Categorizadores Verbais de Verbos Transitivos

Foram encontrados três morfemas verbalizadores que ocorrem somente com verbos transitivos. As raízes categorizadas pelos morfemas *–ta* e *–m* pertencem à classe I, que, como falamos anteriormente, foram divididas de acordo com os prefixos pessoais de sujeito, possuindo o prefixo *ĩ-* para marcar 2ª pessoa e *ø-* para marcar 1ª e 3ª pessoas. As raízes categorizadas pelo morfema *–mi* pertencem à classe II. O prefixo *ti-* ocorre com a 1ª e 3ª pessoa do singular, o prefixo *ĩ-* ocorre com a 2ª pessoa, e o prefixo *ø-* ocorre com as 1ª e 3ª pessoas do dual e plural.

verbalizador	**pessoa**
-ta	**Sg/dual/pl**
-m	Ø- ĩ- Ø-

Quadro 11: Categorizadores verbais da classe I

116) ba'õno ma ø – rotsa'ra – ta dza'ra
menina 1ª/pass. 1ª – pensar – VBLZ pl.
Eles pensaram na menina

Sufixo Verbalizador *-m*

Assim como a maioria dos verbalizadores da língua Xavante, o verbalizador transitivo *–m* ocorre somente quando a oração está no dual ou no plural. No dual, ocorre com a 1ª e 3ª pessoa, e no plural, com todas as pessoas. As 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e a 2ª pessoa do dual são marcadas pelo sufixo *–ø*.

117) pi'õ aiu'té ma ø – pawapto – ø
mulher criança 3ª/pass. 3ª – ajudar – VBLZ
A mulher ajudou a criança

118) aiu'té ma ĩ – pawapto – ø
criança 2ª/pass. 2ª – ajudar – VBLZ
Você ajudou a criança

119) pi'õ norĩ aiu'té ma ø – pawapto – m dza'ra
mulher COL. criança 3ª/pass. 3ª – ajudar – VBLZ pl.
As mulheres ajudaram a criança

120) wa ø – pawapto – m dza'ra ni
1ª/pass. 1ª – ajudar – VBLZ pl.
Nós ajudamos a criança

121) aro te ø – tsu – m dza'ra
arroz 3ª/pres.. 3ª – socar – VBLZ pl.
Eles socam o arroz

Sufixo Verbalizador –*mi*

O exemplo que achamos com o verbalizador –*mi* foi com a raiz "apanhar". Como foi dito na seção 4.3, algumas raízes transitivas, em Xavante, possuem formas diferentes de acordo com o número do objeto. Então, com o verbo "apanhar", quando o objeto da oração está no singular, a raiz é *öri*, o objeto no dual é *mrami*, e o objeto no plural é *waibui*. O sufixo –*mi*, portanto, aparece somente com a raiz *mrami*, quando o objeto está no dual. Vejamos alguns exemplos.

Os exemplos (122) e (123) ocorrem com o objeto dual e o sujeito no singular. Podemos ver nesses exemplos, que o verbalizador não está presente:

122) wede wa ti – mra - ø
madeira 1ª/pass. 1ª – apanhar - VBLZ
Eu apanhei duas madeiras

123) wede ma ti – mra - ø
madeira 3ª/pass. 3ª – apanhar - VBLZ
Eu apanhei duas madeiras

Já nos exemplos (124) e (125), com o objeto no dual e o sujeito no dual ou no plural, o verbalizador –*mi* ocorrerá:

124) wede wa ø – mra – mi ni
madeira 1ª/pass. 1ª – apanhar – VBLZ dual
Nós dois apanhamos duas madeiras

125) wede wa wa – tsiwi ø – mra – mi
madeira 1ª/pass. 1ª – COL. 1ª – apanhar – VBLZ
Nós todos apanhamos duas madeiras

4.4.1.4- Categorizadores Verbais de Verbos Intransitivos

Os categorizadores verbais que ocorrem somente com verbos intransitivos possuem a mesma distribuição em relação à ocorrência. Todos os sufixos possuem alomorfes que estão em distribuição complementar. Além disso, todos os categorizadores desta categoria pertencem à mesma classe verbal, a classe IV. As outras classes de verbos intransitivos possuem verbalizadores que têm a mesma forma fonológica dos verbos transitivos. Como a ocorrência dos verbalizadores intransitivos se dá de forma regular, vamos mostrar somente alguns exemplos.

Sufixo Verbalizador *–no / -tõ*

Como falamos anteriormente, os sufixos *–no* e *–tõ*, assim como os outros sufixos que aparecem somente com verbos intransitivos, estão em distribuição complementar. Como veremos nos exemplos abaixo, o sufixo *-no* ocorre com a 1ª e 3ª pessoa do singular. Já o sufixo *–tõ* ocorre com todas as pessoas do dual e plural. Aqui, como iremos relatar somente os sufixos verbalizadores, e estes são idênticos no dual e plural, apresentaremos exemplos somente do plural. A 2ª pessoa do singular é marcada pelo sufixo *–ø*.

126) wa ø - nho – no
1ª/pres. 1ª - dorm – VBLZ
Eu durmo

127) te a – tsõ – ø
2ª/pres. 2ª - dorm – VBLZ
Você dorme

128) te ø - nho – no
3ª/pres. 3ª - dorm – VBLZ
Ele dorme

129) wa wa - nho – tõ dza`ra ni
1ª/pres. 1ª - dorm – VBLZ PL
Nós dormimos

130) te a - tsõ – tõ dza'ra wa'wa
2ª/pres. 2ª - dorm – VBLZ PL
Vocês dormem

131) te ti - nho – tõ dza'ra
3ª/pres. 3ª - dorm – VBLZ PL
Eles dormem

Sufixo Verbalizador *–du / -tu*

Os verbalizadores *–du* e *–tu* também estão em distribuição complementar. O verbalizador *–du* ocorre sufixado a raízes na 1ª e 3ª pessoa do singular. No dual e plural, o sufixo *–tu* ocorre. A 2ª pessoa do singular, dual e plural possui o verbalizador *–ø*.

132) wa ø - u – du
1ª/pres. 1ª - levant – VBLZ
Eu me levanto

133) te ai – ‘u – ø
2ª/pres. 2ª - levant – VBLZ
Você se levanta

134) te ø - u – du
3ª/pres. 3ª - levant – VBLZ
Ele se levanta

135) wa wa – ‘u – tu dza`ra ni
1ª/pres. 1ª - levant – VBLZ PL
Nós nos levantamos

136) te ai – ‘u – tu dza’ra wa’wa
2ª/pres. 2ª - levant – VBLZ PL
Vocês se levantam

137) te ti – ‘u– tu dza’ra
3ª/pres. 3ª - levant – VBLZ PL
Eles se levantam

Sufixo Verbalizador *–rö / -‘ö*

Como podemos observar nos dados abaixo, há um processo regular no aparecimento dos sufixos verbalizadores *–rö* e *-‘ö*. Na 3ª pessoa do singular, há sempre uma consoante sonora antecedendo a vogal que é uma cópia da última vogal da raiz. No

dual e plural há uma oclusiva glotal surda que antecede também uma vogal, que é cópia da ultima vogal da raiz.

138) ma ø - dö – rö
3ª/pass. 3ª - morr – VBLZ
Ele morreu

139) ma ti - dö – ‘ö dza’ra
3ª/pass. 3ª - morr – VBLZ PL
Eles dormem

Sufixo Verbalizador *–ro / -‘o*

O sufixo verbalizador *–ro* ocorre quando o sujeito está no singular. Já o verbalizador *‘o* ocorre quando o sujeito está no dual ou plural. Veremos nos exemplos adiante que o sufixo *–ro* ocorre com as 1ª e 3ª pessoas do singular. A 2ª pessoa do singular possui o verbalizador *–ø*. O sufixo *‘o* ocorre com todas as pessoas do dual e plural. Abaixo, só mostraremos exemplos no singular e plural:

140) wa ø – tsõ’o – ro
1ª/pass. 1ª - vomit – VBLZ
Eu vomitei

141) te a – tsõ’o – ø
2ª/pass. 2ª - vomit – VBLZ
Você vomitou

142) te ø – tsõ'o – ro
3ª/pass. 3ª - vomit – VBLZ
Ele vomitou

143) wa wa – nho'o – 'o dza`ra ni
1ª/pass. 1ª - vomit – VBLZ PL
Nós vomitamos

144) te a – tsõ'o – 'o dza'ra wa'wa
2ª/pass. 2ª - vomit – VBLZ PL
Vocês vomitaram

145) te ti – nho'o – 'o dza'ra
3ª/pass. 3ª - vomit – VBLZ PL
Eles vomitaram

4.4.1.5- Categorizadores Verbais de Verbos Transitivos e Verbos Intransitivos

Alguns verbalizadores possuem a mesma forma fonológica, e ambos dividem o traço [+v], mas diferem no traço [+acusativo]/[+ergativo]. Esses morfemas, portanto, são subespecificados, pois estes itens de vocabulário não precisam possuir todos os traços presentes em um nó para serem inseridos nele. Além da subespecificação, os morfemas verbalizadores não possuem traços transitivo ou intransitivo. Um verbo só se torna transitivo ou intransitivo na presença ou ausência de um complemento. Nesta lista de categorizadores verbais há o morfema *–ri* e morfemas vocálicos como *'a*, *'ẽ*, *'o*, *'ö*, *'u* e *'i*. Todos os sufixos vocálicos são uma cópia da última vogal da raiz.

Sufixo Verbalizador –*ri*

O sufixo –*ri* ocorre, por exemplo, com o verbo "trabalhar" *romhuri*, que em Xavante, é um verbo transitivo. Este verbalizador ocorre no dual e no plural. No singular, como podemos observar nos exemplos abaixo, há a ocorrência do verbalizador –ø:

146) buru u wa ø – romhu - ø
roça para 1ª/pres. 1ª – trabalhar – VBLZ
Eu estou trabalhando na roça

147) buru u te ĩ – romhu - ø
roça para 2ª /pres. 2ª – trabalhar - VBLZ
Você está trabalhando na roça

148) buru u te ø – romhu - ø
roça para 3ª /pres 3ª – trabalhar - VBLZ
Ele está trabalhando na roça

149) buru u wa ø – romhu - ri dza'ra ni
roça para 1ª/pres. 1ª – trabalhar - VBLZ pl.
Nós estamos trabalhando na roça

150) buru u te ĩ – romhu-ri dza'ra wa'wa
roça para 2ª /pres 2ª – trabalhar - VBLZ pl.
Vocês estão trabalhando na roça

151) buru u te ø – romhu-ri dza'ra
roça para 3a /pres 3a - trabalhar - VBLZ pl.
Eles estão trabalhando na roça

O sufixo *-ri* também ocorre com verbos intransitivos. A posição de ocorrência deste sufixo com verbos intransitivos é idêntica a de verbos transitivos. O sufixo *–ri* ocorre no dual e no plural:

152) wa ø – mapa - ri dza'ra ni
1ª/pres. 1a –esperar - VBLZ pl.
Nós esperamos

153) te ø – mapa - ri dza'ra
3a /pres 3a -esperar - VBLZ pl.
Eles esperam

Além do sufixo *–ri*, há outros morfemas verbalizadores que ocorrem com verbos transitivos e intransitivos. São verbalizadores vocálicos que são a repetição da última vogal da raiz. São eles: -*'a*, -*'ẽ*, -*'o*, -*'ö*, -*'u* e *–i*. Esses verbalizadores ocorrem com a 1ª e 3ª pessoa do singular e com todas as pessoas do dual e do plural. Vejamos alguns exemplos com verbos transitivos e intransitivos. O verbo "saber" *waihu* é um verbo transitivo. O verbalizador é uma cópia da última vogal da raiz, portanto, *'u*:

154) wa ø – waihu – 'u
1ª/pres. 1ª – saber – VBLZ
Eu sei

155) te ĩ – waihu – 'u
2a/pres. 2a – saber – VBLZ
Você sabe

156) te ø – waihu – ‘u
3a/pres. 3a – saber – VBLZ
Ele sabe

O verbo “tossir” *da’a*, é um verbo intransitivo, e seu verbalizador é o morfema *‘a*:

157) wa wa – ‘a ‘a dza’ra ni
1a/pres. 1a – tossir – VBLZ PL.
Nós tossimos

158) te ai – ‘a ‘a dza’ra wa’wa
2a/pres. 2a – tossir – VBLZ PL.
Vocês tossem

159) te ti – ‘a ‘a dza’ra
3a/pres. 3a – tossir – VBLZ PL.
Eles tossem

4.4.2- Classes Verbais

As classes verbais foram trabalhadas anteriormente por pesquisadores missionários do SIL (Summer Institute of Linguistics) e da Missão Salesiana de Mato Grosso.

Em sua “Gramática Xavante”, Padre Georg Lachnitt, da Missão Salesiana de Mato Grosso, dividiu os verbos transitivos e intransitivos em Xavante em classes, de acordo com as raízes.

De acordo com Lachnitt, os verbos transitivos foram divididos em sete classes, a saber, classes A, A-ti, B, C, C-ti, D e E.

As classes A, B, C, D e E foram divididas conforme o número de sílabas que a raiz possui, e pelo acréscimo ou perda de sílabas dessas raízes. Segundo Lachnit, a classe A-ti e a classe C-ti são idênticas, respectivamente, as classes A e C, a diferença está no prefixo que aparece com as 1ª e 3ª pessoas do singular, que é o prefixo *ti-*.

Já os verbos intransitivos foram divididos em cinco classes: A, B, C, D e E. Essas classes também foram divididas pelo número de sílabas da raiz.

Para McLeod (1977), os verbos em Xavante foram divididos em duas classes principais, a classe de verbos intransitivos (classe I) e a classe de verbos transitivos (classe II). Essas duas classes se dividem em sub-classes, e cada uma possui cinco sub-classes. A divisão dessas sub-classes se dá também a partir da raiz verbal.

Segundo nossos dados, em Xavante, os verbos transitivos possuem morfemas que marcam pessoa sujeito diferentes dos verbos intransitivos. Esses morfemas pessoais de sujeito, tanto dos verbos transitivos quanto dos verbos intransitivos, aparecem prefixados às raízes verbais.

Ao contrário das análises acima, nossa proposta de classificação dos verbos toma como critério somente os morfemas que marcam pessoa sujeito. Estes morfemas aparecem prefixados à raiz verbal. Não levamos em conta o número de sílabas que uma raiz apresenta, pois estas sílabas, que às vezes aparecem, para nós, são os morfemas verbalizadores. Em nossa análise, os verbos transitivos estão divididos em duas classes e os verbos intransitivos em quatro classes.

Faremos, abaixo, uma descrição das classes dos verbos transitivos e intransitivos, mostrando quadros com os prefixos que aparecem nessas classes. Além disso, mostraremos alguns exemplos dos verbos.

4.4.2.1- Classes de Verbos Transitivos

Os verbos transitivos possuem três prefixos que marcam pessoa: *ø-*, *ĩ-* e *ti-*. O morfema *ø-* pode marcar 1ª ou 3ª pessoa do singular, dual e plural. O morfema *ĩ-* marca a segunda pessoa do singular, dual e plural. Já o morfema *ti-* marca somente as 1ª e 3ª pessoa do singular.

	SINGULAR	**DUAL / PLURAL**
1ª pessoa	ø-/ti-	ø-
2ª pessoa	ĩ-	ĩ-
3ª pessoa	ø-/ti-	ø-

Quadro 13: Prefixos de pessoa sujeito dos verbos transitivos

Dividimos os verbos transitivos em duas classes de acordo com a distribuição dos prefixos marcadores de sujeito que estão no singular. Os prefixos que aparecem com os verbos do dual e plural são idênticos nas duas classes. O singular apresenta mudança com a 1ª e 3ª pessoa do singular. Os verbos da classe I apresentam o prefixo *ø-* para marcar 1ª e 3ª pessoa do singular e os verbos da classe II apresentam o prefixo *ti-* para marcar estas mesmas pessoas. As raízes verbais transitivas das classes I e II podem apresentar morfemas verbalizadores fonologicamente explícitos ou fonologicamente nulos.

Regra:

ĩ → 2ª pessoa
ti → 1ª e 3ª pessoa singular (classe II)
ø → elsewhere

O morfema verbalizador nulo, assim como os morfemas verbalizadores que ocorrem somente com verbos transitivos pertencem à classe I. A classe II possui morfemas verbalizadores que podem ocorrer com raízes transitivas ou intransitivas. Abaixo descreveremos as duas classes.

CLASSE I

Os verbos desta classe possuem o prefixo *ø-* para marcar 1ª e 3ª pessoa singular, dual e plural e *ĩ-* para marcar 2ª pessoa singular, dual e plural. Como vemos nos exemplos abaixo, a raiz *dzöi'rẽ* "beber" apresenta o morfema *ø-* para marcar a 1ª e a 3ª pessoa do singular e o morfema *ĩ-* para marcar a 2ª pessoa do singular:

160) ö wa ø - dzöi'rẽ
água 1ª/pres. 1ª - beber
Eu bebo água

161) ö te ĩ - dzöi'rẽ
água 2ª/pres 2ª - beber
Você bebe água

162) ö ma ø - dzöi'rẽ
água 3ª/pass. 3ª - beber
Ele bebeu água

Nesta classe, os prefixos pessoais verbais de sujeito não são diferenciados no singular, dual e plural. Os exemplos abaixo, com o verbo "ver" no dual e plural, possuem os mesmos prefixos dos verbos no singular. O exemplo (163) e o exemplo (164) apresentam o prefixo ø- marcando, respectivamente a 1ª e a 3ª pessoa do dual:

163) ai'uté wa ø – tsabu ni
criança 1ª/pass. 1ª - ver dual
Nós dois vimos a criança.

164) ai'uté ma ø – tsabu dzahuré
criança 3ª/pass. 3ª - ver dual
Eles dois viram a criança.

Já os exemplos (165) e (166) são exemplos no plural, também apresentando o prefixo ø- para marcar a 1ª e 3ª pessoa:

165) ai'uté wa ø – tsabu dza'ra ni
criança 1ª/pass. 1ª - ver pl
Nós vimos a criança.

166) ai'uté ma ø – tsabu dza'ra
criança 3ª/pass. 3ª - ver pl
Eles viram a criança.

A 2ª pessoa dual e plural, assim como a 2ª pessoa do singular, apresentam o morfema *ĩ-* prefixado à raiz verbal. Vejamos os exemplos:

167) ai'uté ma ĩ – tsabui wa'wa
criança 2ª/pass. 2ª - ver dual
Vocês dois viram a criança.

168) ai'uté ma ĩ – tsabu dza'ra wa'wa
criança 2ª/pass. 2ª - ver pl
Vocês viram a criança.

Prefixos Verbais dos Verbos da Classe I

Como vimos nos exemplos acima, os prefixos verbais desta classe são idênticos no singular, dual e plural. Representamos esses prefixos no quadro abaixo:

	SINGULAR / DUAL / PLURAL
1ª pessoa	ø-
2ª pessoa	ĩ-
3ª pessoa	ø-

Quadro 14: Prefixos de pessoa sujeito da classe I dos verbos transitivos

<u>Outras raízes verbais que pertencem à classe I:</u>

'manharĩ fazer, *'madö'ö* ver, *mreme* dizer, falar, *tsapu'u*, *wẽ'ẽ* quebrar, *rotsa'rata* pensar, *uptsõ* lavar, *wamro* varrer, *pawaptõ* ajudar.

CLASSE II

Os verbos da classe II se diferenciam dos verbos da classe I apenas pelo prefixo que marca a 1ª e a 3ª pessoa do singular. A 2ª pessoa do singular e todas as pessoas do dual e plural são idênticas nas duas classes.

Os verbos desta classe possuem o prefixo *ti-* para marcar 1ª e 3ª pessoa singular, *ø-* para marcar 1ª e 3ª pessoa do dual e plural e *ĩ-* para marcar 2ª pessoa singular, dual e plural.

Regra:

ĩ → 2ª pessoa
ti → -2ª pessoa, singular
ø → elsewhere

Como podemos observar nos exemplos (169), (170) e (171), com o verbo "dar" *tsõmri*, quando o sujeito está no singular, a 1ª e a 3ª pessoa são marcadas pelo prefixo *ti-* . A 2ª pessoa é marcada pelo prefixo *ĩ-*:

169) tebe wa dza tã - ma ti - tsõ
peixe 1ª fut.imperf. 3ª - para 1ª - dar
Eu vou dar o peixe para ele

170) a'é te dza tã – ma ĩ – tsõ
colar 2ª fut.imperf. 3ª - para 2ª - dar
Você vai dar o colar para ele

171) upadzub'ré te dza ĩ – ma ti – tsõ
farinha 3ª fut.imperf. 1ª - para 3ª - dar
Ele vai me dar a farinha

O mesmo acontece com os exemplos (172), (173) e (174), com a raiz *wĩrĩ* "matar". O prefixo *ti-* marca a 1ª e a 3ª pessoa do singular e o prefixo *ĩ-* marca a 2ª pessoa do singular:

172) hu wa tô tĩ – wĩ
onça 1ª/pass. perf. 1ª - matar
Eu matei a onça

173) hu ma tô ĩ - wĩ
onça 2ª /pass. perf. 2ª - matar
Você matou a onça

174) hu ma tô ti - wĩ
onça 3ª /pass. perf. 3ª - matar
Ele matou a onça

Nos exemplos (175) e (176) a raiz *wĩrĩ* apresenta o prefixo *ø-* para marcar a 1ª pessoas do dual e o prefixo *ĩ-* para marcar a 2ª pessoa do dual:

175) aihöiré wa ø - wĩrĩ ni
jacaré 1ª/pres. 1ª - matar dual
Nós dois estamos matando jacaré

176) aihöiré te ĩ - wĩrĩ 'wa
jacaré 2ª/pres. 2ª - matar dual
Vocês dois estão matando jacaré

Os prefixos que marcam pessoa no plural são idênticos aos prefixos que marcam pessoa no dual. Os exemplos (177) e (178), com o verbo dar *tsõmri*, estão no dual. Podemos ver que o prefixo *ø–* marca a 1ª pessoa e o prefixo *ĩ–* a 2ª pessoa:

177) romnhi wa dza tã – ma ø - tsõmri ni
carne 1ª fut. 3ª - para 1ª - dar dual
Nós dois vamos dar a caça para ele

178) romnhi te dza tã – ma ĩ – tsõmri ’wa
carne 2ª fut. 3ª - para 2ª - dar dual
Vocês vão dar a caça para ele

Os exemplos (179), (180) e (181), também com o verbo dar *tsõmri*, possuem o prefixo *ø-* para marcar 1ª e 3ª pessoas e *ĩ-* para marcar a 2ª pessoa:

179) abadze - nhi wa dza tã – ma ø - tsõmri dza’ra ni
caça - carne 1ª fut. 3ª - para 1ª - dar pl.
Nós vamos dar a caça para ele

180) romnhi te dza ĩ – ma ĩ – tsõmri dza’ra wa’wa
carne 2ª fut. 1ª - para 2ª - dar pl.
Vocês vão me dar a caça

181) umnhi’ã te dza ĩ – ma ø - tsõmri dza’ra
arco 3ª fut. 1ª - para 3ª - dar pl.
Eles vão me dar o arco

Podemos notar, com os exemplos acima, que a raiz verbal e os prefixos são idênticos no dual e no plural. O que os diferencia são os morfemas que marcam dual e plural, morfemas livres que aparecem após a raiz verbal.

Prefixos Verbais dos Verbos da Classe II

Como vimos nos exemplos acima, a 1ª e a 3ª pessoa do singular são marcadas pelo prefixo *ti-*. A 1ª e a 3ª pessoa do dual e plural são marcadas pelo prefixo *ø-*. A 2ª pessoa do singular, dual e plural é *ĩ-*. Podemos observá-los no quadro abaixo:

	SINGULAR	**DUAL / PLURAL**
1ª pessoa	ti-	ø-
2ª pessoa	ĩ-	ĩ-
3ª pessoa	ti-	ø-

Quadro 15: Prefixos de pessoa sujeito da classe II dos verbos transitivos

<u>Outras raízes verbais que pertencem à classe II:</u>

nharĩ dizer, *wari* pedir, *pari* limpar, *duri* carregar, *'rẽne* comer, etc.

4.4.2.3- Classes de Verbos Intransitivos

Os verbos intransitivos possuem um número maior de prefixos que marcam pessoa sujeito. Esses verbos também foram divididos em classes segundo a distribuição de seus prefixos.

A primeira pessoa singular pode ser marcada pelos prefixos *ĩ-* ou *ø-*, a primeira pessoa dual e plural pelo prefixo *wa-*. Os prefixos *a-* ou *ai-* marcam a segunda pessoa do singular, dual e plural. O prefixo *ai-* ocorre quando a raiz se inicia com consoante. Já o prefixo *a-* ocorre quando a raiz se inicia com vogal. A terceira pessoa pode ser marcada pelos prefixos *ti-* ou *ø-* no singular, dual e plural.

	SINGULAR	**DUAL / PLURAL**
1ª pessoa	ĩ-/ø-	wa-
2ª pessoa	ai-/a-	ai-/a-
3ª pessoa	ti-/ø-	ti-/ø-

Quadro 16: Prefixos de pessoa sujeito dos verbos intransitivos

Dividimos os verbos intransitivos em quatro classes de acordo com a distribuição dos prefixos marcadores de sujeito. Os prefixos verbais da classe I e da classe II dos verbos intransitivos se diferenciam apenas na 3ª pessoa do plural. O prefixo *ti-* marca a 3ª do singular, dual e plural da classe I e a 3ª pessoa do singular e dual da classe II. A 3ª pessoa do plural da classe II é marcada pelo prefixo *ø-*. Os prefixos de 1ª e 2ª pessoas são idênticos nessas duas classes. A classe IV se diferencia da classe I na 1ª e 3ª pessoa do singular. A 1ª pessoa do singular da classe I é marcada

pelo prefixo *ĩ-* enquanto que o prefixo *ø-* marca a 1ª pessoa do singular da classe IV. A 3ª pessoa é marcada pelo prefixo *ti*-na classe I. Na classe IV é marcada pelo prefixo *ø-*. O prefixo *wa-* marca a 1ª pessoa do dual e plural em todas as classes. O morfema *a-*, que aparece antes de consoante e *ai-* antes de vogal ou antes da oclusiva glotal, marcam a 2ª pessoa em todas as classes.

A seguir veremos os quadros com os prefixos das classes identificadas e também exemplos dos verbos pertencentes a cada classe.

CLASSE I

A classe I dos verbos intransitivos possui quatro morfemas para marcar pessoa sujeito. Esses morfemas aparecem prefixados a raiz verbal. O morfema *ai-* marca a 2ª pessoa singular, dual e plural quando a raiz se inicia por vogal. Quando a raiz se inicia por consoante, é o morfema *a-* que marca a 2ª pessoa. O morfema *ti-* aparece prefixado a 3ª pessoa do singular, dual e plural. A primeira pessoa desta classe apresenta dois prefixos: o morfema *ĩ-* que aparece no singular e o morfema *wa-* que aparece no dual e no plural.

O verbo "cantar", cuja raiz é *nho're*, apresenta o prefixo *ĩ-* para marcar 1ª pessoa do singular, como podemos observar no exemplo (182):

182) wa ĩ – nho're
1ª/pres. 1ª - cantar
Eu estou cantando

Com o prefixo *a-*, de 2ª pessoa, a raiz verbal passa de nasal palatal [ ] para fricativa alveolar [s], conforme se vê em (183):

183) te a – tsõ’re
2ª/pres. 2ª - cantar
Você está cantando

A 3ª pessoa do singular apresenta o prefixo *ti-* e sua raiz não apresenta mudança:

184) te ti - nho’re
3ª/pres. 3ª - cantar
Ele está cantando

Como podemos observar nos exemplos a seguir, a 1ª pessoa do dual e a 1ª pessoa do plural possuem o mesmo prefixo, o prefixo *wa-*:

185) wa wa – nho’re ni
1ª/pres. 1ª - cantar dual
Nós dois estamos cantando

186) wa wa – nho’re dza’ra ni
1ª/pres. 1ª - cantar pl.
Nós estamos cantando

A 2ª pessoa do plural, e também do dual, apresentam o prefixo *a-*. Abaixo, um exemplo no plural nos mostra a ocorrência deste prefixo:

187) te a – tsõ’re dza’ra wa’wa
2ª/pres. 2ª - cantar pl.
Vocês estão cantando

Esta classe apresenta o prefixo *ti-* para marcar a 3ª pessoa do dual e plural. Abaixo, veremos um exemplo com o prefixo *ti-* marcando a 3ª pessoa do verbo “cantar”:

188) te ti – nho’re dza’ra
3ª/pres. 3ª - cantar pl.
Eles estão cantando

Os exemplos abaixo, que estão no plural, apresentam o prefixo *wa-* com a 1ª pessoa, o prefixo *ai-* com a 2ª e o prefixo *ti-* com a 3ª pessoa:

189) wa wa – ‘a’a dza’ra ni
1ª/pass. 1ª - tossir pl.
Nós tossimos

190) ma ai – ‘a’a dza’ra wa’wa
2ª/pass. 2ª - tossir pl.
Vocês tossiram

191) ma ti – ‘a’a dza’ra
3ª/pass. 3ª - tossir pl.
Eles tossiram

Prefixos Verbais da Classe I

	SINGULAR	**DUAL / PLURAL**
1ª pessoa	ĩ-	wa-
2ª pessoa	ai- / a-	ai- / a-
3ª pessoa	ti-	ti-

Quadro 17: Prefixos de pessoa sujeito da classe I dos verbos intransitivos

CLASSE II

Esta classe é quase idêntica à classe I. A diferença entre essas classes está na 3ª pessoa do plural que, na classe II, é marcada pelo prefixo *ø-* ao invés de *ti-*. Como podemos observar nos exemplos abaixo, com o verbo intransitivo "comer" *tsa*, os prefixos do singular são idênticos aos da classe I. A 1ª pessoa é marcada pelo prefixo *ĩ* -, exemplo (192), a 2ª pessoa é marcada pelo prefixo *a-*, exemplo (193), e a 3ª pessoa é marcada pelo prefixo *ti-*, exemplificado em (194):

192) wa ĩ - tsa
1ª/pres. 1ª - comer
Eu me alimento

193) te a - tsa
2ª/pres. 2ª - comer
Você se alimenta

194) te ti - tsa
3ª/pres. 3ª - comer
Ele se alimenta

Os prefixos do dual da classe II também não mostram nenhuma diferença dos prefixos do dual da classe I. A 1ª, 2ª e 3ª pessoas são marcadas pelos prefixos *wa-*, *a-* e *ti-*, respectivamente:

195) wa wa – tsa ni
1ª/pres. 1ª - comer dual
Nós dois nos alimentamos

196) te a – tsai wa'wa
2ª/pres. 2ª - comer dual
Vocês dois se alimentam

197) te ti – tsa dzahuré
3ª/pres. 3ª - comer dual
Eles dois se alimentam

Já o prefixo da 3ª pessoa do plural é diferente da 3ª pessoa do singular e dual. A 3ª pessoa plural não é marcada pelo morfema *ti-*, e sim, pelo morfema *ø-*. Abaixo veremos exemplos com a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural:

198) wa wa – tsa dza'ra ni
1ª/pres. 1ª - comer pl
Nós nos alimentamos

199) te a – tsai dza'ra wa'wa

2ª/pres. 2ª - comer pl

Vocês se alimentam

200) te ø – tsa dza'ra

3ª/pres. 3ª - comer pl

Eles se alimentam

Prefixos Verbais da Classe II

	SINGULAR	**DUAL**	**PLURAL**
1ª pessoa	ĩ-	wa-	wa-
2ª pessoa	a- /ai-	a- / ai-	a- /ai-
3ª pessoa	Ti-	ti-	ø-

Quadro 18: Prefixos de pessoa sujeito da classe II dos verbos intransitivos

CLASSE III

A classe III dos verbos intransitivos possui o prefixo *ĩ-* para marcar a 1ª pessoa do singular. A 1ª pessoa do dual e plural é marcada pelo prefixo *wa-*. A 2ª pessoa do singular, dual e plural possuem os mesmos prefixos, *a-* quando a raiz se inicia por consoante e *ai-* quando a raiz se inicia por vogal. A 3ª pessoa do singular, dual e plural também possui o mesmo prefixo. O prefixo *ø-* marca a 3ª pessoa.

Abaixo, mostraremos exemplos com o verbo "cozinhar" *danhipi*. A 1ª pessoa singular apresenta o prefixo *ĩ-*:

201) wa ĩ - nhipi
1ª/pres. 1ª - cozinhar
Eu cozinho

Enquanto a 1ª pessoa do dual e plural apresenta o prefixo *wa-*:

202) wa wa – nhipi ni
1ª/pres. 1ª - cozinhar dual
Nós dois cozinhamos

203) wa wa – nhipi dza'ra ni
1ª/pres. 1ª - cozinhar pl
Nós cozinhamos

A 2ª pessoa do singular, dual e plural do verbo *danhipi* "cozinhar", apresenta o prefixo *a-*:

204) te a – tsipi
2ª/pres. 2ª - cozinhar
Você cozinha

205) te a – tsipi wa'wa
2ª/pres. 2ª – cozinhar dual
Vocês dois cozinham

206) te a – tsipi dza'ra wa'wa
2ª/pres. 2ª – cozinhar pl
Vocês cozinham

O prefixo *ø-* ocorre com a 3ª pessoa do singular, dual e plural:

207) te ø – tsipi
3ª/pres. 3ª - cozinhar
Ele cozinha

208) te ø – tsipi wa'wa
3ª/pres. 3ª - cozinhar dual
Eles dois cozinham

209) te ø – tsipi dza'ra wa'wa
3ª/pres. 3ª – cozinhar pl
Eles cozinham

Prefixos Verbais da Classe III

	SINGULAR	**DUAL/ PLURAL**
1ª pessoa	ĩ-	wa-
2ª pessoa	a- / ai-	a- / ai-
3ª pessoa	ø-	ø-

Quadro 19: Prefixos de pessoa sujeito da classe III dos verbos intransitivos

<u>Outras raízes verbais que pertencem à classe III:</u>

datsihö rir, *nhiptsaihu*, roubar

CLASSE IV

Os verbos desta classe possuem 5 morfemas para indicar pessoa. O prefixo *ø-* aparece com a 1ª e 3ª pessoa do singular. O prefixo *wa-* marca a 1ª pessoa do dual e plural, enquanto o prefixo *ti-* marca a 3ª pessoa do dual e plural. A 2ª pessoa do

singular, dual e plural possui dois prefixos, que são idênticos aos das outras classes: o prefixo *a-* aparece quando a raiz se inicia por consoante e o prefixo *ai-* aparece quando a raiz começa por vogal.

Podemos observar nos dados abaixo, com o verbo "dormir" *danhono*, que o prefixo *ø-* ocorre com a 1ª e 3ª pessoas do singular. A 2ª pessoa é marcada pelo morfema *a-*:

210) wa ø – nhono
1ª/pres. 1ª - dormir
Eu estou dormindo

211) te a – tsõ
2ª/pres. 2ª - dormir
Você está dormindo

212) te ø – nhono
3ª/pres. 3ª - dormir
Ele está dormindo

O prefixo *wa-* ocorre com a 1ª pessoa do dual e plural, o prefixo *a-* com a 2ª pessoa e o prefixo *ti-* com a 3ª pessoa do dual e plural. Abaixo mostraremos exemplos com essas 3ª pessoas no dual. Não achamos necessário mostrar exemplos no plural, pois os prefixos são os mesmos.

213) wa wa – nhotõ ni
1ª/pres. 1ª - dormir dual
Nós dois estamos dormindo

214) te a – tsõtõ ‘wa

2ª/pres. 2ª - dormir dual

Vocês dois estão dormindo

215) te ti – nhotõ dzahuré

3ª/pres. 3ª - dormir dual

Eles dois estão dormindo

Prefixos Verbais da Classe IV

	SINGULAR	**DUAL / PLURAL**
1ª pessoa	ø-	wa-
2ª pessoa	a-/ai-	a-/ai-
3ª pessoa	ø-	ti-

Quadro 20: Prefixos de pessoa sujeito da classe IV dos verbos intransitivos

4.5- Pessoa, Tempo e Aspecto em Xavante

Faremos, nesta seção, apenas uma análise distribucional dos morfemas marcadores de pessoa, tempo e aspecto em Xavante. Descreveremos os morfemas que marcam pessoa na oração e veremos que o sujeito pode ser marcado por morfemas livres e presos, enquanto que o objeto, quando não for um sintagma nominal, virá marcado por morfemas presos à raiz verbal.

Primeiramente, mostraremos a ocorrência dos morfemas livres, marcadores de sujeito, em orações transitivas e intransitivas. Apresentaremos também os prefixos verbais marcadores de sujeito e objeto.

Os morfemas livres,[10] que marcam pessoa sujeito, também marcam o tempo da oração, a saber, tempo presente e tempo passado. Em Xavante, o futuro não é marcado por um morfema de tempo. O morfema *dza*, exibe um papel aspectual, pois ocorre na mesma posição sintática que o aspecto perfectivo *tô*. Falaremos mais adiante dos morfemas de aspecto da língua Xavante, que também são morfemas livres que aparecem após os morfemas de pessoa e tempo, ou após o morfema estativo *di*, ocupando a última posição na oração. Além disso, faremos uma análise mais aprofundada dos morfemas livres de pessoa e tempo na seção 4.6, com o aparato teórico formal da Morfologia Distribuída, no qual afirmamos a subespecificação desses morfemas.

[10] Veremos mais adiante que esses morfemas que marcam pessoa sujeito e tempo são os verbos auxiliares que são gerados no núcleo de TP.

4.5.1- Morfemas Marcadores de Pessoa

O sujeito da oração, em Xavante, além de vir marcado pelos morfemas livres *wa*, *te* e *ma*, que na nossa análise atual assumimos que são verbos auxiliares, possui pronomes que aparecem prefixados ao verbo, tanto em orações transitivas quanto em orações intransitivas. O objeto, se não for um sintagma nominal, é marcado somente por prefixos no verbo. Esse objeto só será marcado explicitamente no verbo quando for um pronome. Quando o objeto for um sintagma nominal, virá marcado pelo morfema *ø-* na raiz verbal. Falaremos a respeito da ocorrência desses prefixos adiante. Nos esquemas abaixo podemos observar a relação dos morfemas livres e dos prefixos da língua:

Marcadores de Pessoa

1ª pessoa	Wa
2ª pessoa	te/ma
3ª pessoa	te/ma

Quadro 21: Morfemas livres marcadores de sujeito

Os morfemas livres *wa*, *te* e *ma* marcam o sujeito da oração.

O morfema *wa* marca a 1ª pessoa sujeito. Esse morfema, assim como os morfemas *te* e *ma*, aparece antecedendo o verbo principal:

216) ai'uté wa 'madö
criança 1ª/pres. ver
Eu vejo a criança

Quando o sujeito da oração for um pronome, como nos mostra a oração acima, além de ser marcado pelo morfema livre *wa* e pelos prefixos que marcam pessoa no verbo, pode ser marcado pelo pronome livre *wa hã*:

217) wa hã ai'uté wa 'madö
1ª. criança 1ª/pres. ver
Eu vejo a criança

Os morfemas *te* e *ma* marcam a 2ª e a 3ª pessoa sujeito. Estes morfemas, juntamente com o morfema *wa*, estão em distribuição complementar. Veremos, na próxima seção, que o morfema *te* marca o tempo presente enquanto o morfema *ma* marca o tempo passado da oração. O morfema *wa*, além de carregar o traço de 1ª pessoa, carrega os traços de tempo presente ou passado. A seguir, mostraremos exemplos com os morfemas *te* e *ma*, ocorrendo com a 2ª e 3ª pessoa.

No exemplo (218), o morfema *te* carrega o traço [+2ª pessoa]. Nota-se, neste exemplo, que a 2ª pessoa é marcada também pelo pronome livre *a hã*:

218) a hã buru u te ĩ – romhu
2ª roça para 2ª/pres. 2ª - trabalhar
Você está trabalhando na roça

O pronome livre pode ser apagado, sendo apenas marcado pelo morfema *te* e pelos prefixos verbais, como nos mostra o exemplo a seguir:

219) buru u te ĩ – romhu
roça para 2ª/pres. 2ª - trabalhar
Você está trabalhando na roça

O morfema *te* também carrega o traço [+ 3ª pessoa], ocorrendo em posição idêntica a 2ª pessoa, conforme podemos observar a seguir:

220) o hã buru u te ø – romhu
3ª enf. roça para 3ª/pres. 3ª - trabalhar
Ele está trabalhando na roça

221) buru u te ø – romhu
roça para 3ª/pres. 3ª - trabalhar
Ele está trabalhando na roça

O mesmo acontece com o morfema *ma*, o sujeito pode ser marcado por um pronome livre no início da oração ou apenas pelo morfema *ma* e pelos prefixos verbais. Este morfema carrega os traços [+2ª pessoa] ou [+ 3ª pessoa]. Os exemplos (222) e (223) são com a segunda pessoa e os exemplos (224) e (225) apresentam a 3ª pessoa:

222) a hã buru u ma ĩ – romhu
2ª. roça para 2ª/pass. 2ª - trabalhar
Você trabalhou na roça

223) buru u ma ĩ – romhu
roça para 2ª/pass. 2ª - trabalhar
Você trabalhou na roça

224) o hã buru u ma ø – romhu
3ª. roça para 3ª/pass. 3ª - trabalhar
Ele trabalhou na roça

225) buru u ma ø – romhu
roça para 3ª/pass. 3ª - trabalhar
Ele trabalhou na roça

Como pudemos observar nos exemplos acima, o sujeito, em Xavante, pode ser marcado por pronomes livres co-ocorrendo com os morfemas livres que marcam pessoa e com os prefixos verbais. O pronome livre pode ser apagado, ficando presentes na oração somente os morfemas *wa*, *te* e *ma* e a concordância verbal para marcar o sujeito da oração. Analisando estes dados, podemos afirmar, que a língua Xavante é *pro-drop* de sujeito, isto é, o sujeito pronominal pode ser apagado.

Quando o sujeito é um sintagma nominal, os morfemas livres marcadores de sujeito *wa*, *te* e *ma* poderão aparecer após o sujeito e antes do objeto, não antecedendo imediatamente o verbo, conforme se vê em (226) e (227):

226) aibö te pa'o ti - 'rẽ
homem 3ª/pres. banana 3ª - comer
O homem come banana

227) aibö ma pa'o ti - 'rẽ
homem 3ª/pass. banana 3ª - comer
O homem comeu banana

Ou poderão aparecer após o objeto, antecedendo imediatamente o verbo, como podemos observar em (228) e (229):

228) aibö pa'o te ti - 'rẽ
homem banana 3ª/pres. 3ª - comer
O homem come banana

229) aibö pa'o ma ti - 'rẽ
homem banana 3ª/pass. 3ª - comer
O homem comeu banana

Falaremos da ocorrência do objeto nas seções 5.2 e 5.3. Veremos, na seção 4.5.2, que os morfemas *wa*, *te* e *ma* além de marcarem a pessoa também marcam o tempo da oração.

Morfemas presos marcadores de sujeito

Os morfemas presos marcadores de sujeito aparecem prefixados à raiz verbal. A 1ª e a 3ª pessoa do singular dos verbos transitivos são marcadas pelos prefixos *ø- / ti-*. A 2ª pessoa do singular dos verbos transitivos é marcada pelo prefixo *ĩ-*. A 3ª pessoa singular dos verbos intransitivos possui os mesmos prefixos da 1ª e 3ª pessoa dos verbos transitivos, *ø- / ti*. Já a 1ª pessoa dos verbos intransitivos possuem os morfemas *ĩ- / ø-* prefixados à raiz. A 2ª pessoa do singular dos verbos intransitivos apresentam os prefixos *a- /ai-/ ø-*. O morfema *a-* aparece prefixado a uma raiz iniciada por consoante, enquanto que o morfema *ai-* aparece prefixado a uma raiz iniciada por vogal.

Os prefixos que marcam o sujeito das orações transitivas possuem a mesma forma no dual e no plural. O que irá desambiguar esses dois números são os morfemas livres que marcam dual ou plural, morfemas que, como vimos na seção anterior, ocorrem no final da oração. A 1ª e a 3ª pessoas dual/plural dos verbos transitivos são marcadas pelo morfema *ø-*. A 2ª pessoa dual /plural dos verbos transitivos é idêntica a 2ª pessoa singular desses verbos, é marcada pelo morfema *ĩ-*. Os prefixos que marcam o sujeito das orações intransitivas também possuem a mesma forma no dual e no plural. A

1ª pessoa é marcada pelos morfemas *wa- / ø-*. Já as 2ª e 3ª pessoa dual/ plural dos verbos intransitivos possuem os mesmos prefixos das 2ª e 3ª pessoas singular desses verbos. Abaixo, mostraremos um quadro para melhor visualização dos morfemas presos marcadores de sujeito que aparecem com verbos transitivos e intransitivos.

Nas orações transitivas, quando o objeto é marcado explicitamente na raiz verbal, o prefixo de sujeito aparecerá marcado pelo morfema *ø-*.

	Singular		**Dual / Plural**	
	TRANS	**INTRANS**	**TRANS**	**INTRANS**
1ª pessoa	ø- / ti-	ĩ- / ø-	wa- / ø-	wa- / ø-
2ª pessoa	ĩ-	a- /ai-/ ø-	ĩ-	a- /ai-/ ø-
3ª pessoa	ø-/ ti-	ø-/ ti-	ø-	ø-/ ti-

Quadro 22: Morfemas presos marcadores de sujeito

Morfemas presos marcadores de objeto

Como dissemos anteriormente, os morfemas presos marcadores de objeto aparecem prefixados à raiz verbal quando, na oração, não há um sintagma nominal de objeto. Estes morfemas presos estão em distribuição complementar com os sintagmas nominais de objeto.

Vejamos, no quadro abaixo, a ocorrência dos morfemas presos de objeto:

	Singular	**Dual / Plural**
1ª pessoa	ĩ-/ø-	wa-
2ª pessoa	ai-	ai-
3ª pessoa	ø-	ø-

Quadro 23: Morfemas presos marcadores de objeto

Voltando aos morfemas livres que marcam sujeito, *wa*, *te* e *ma*, podemos observar que eles sempre estarão presentes nas orações transitivas e intransitivas afirmativas. Quando o sujeito da oração é um sintagma nominal, em ambos os tipos de oração, os morfemas *wa*, *te* e *ma* estarão marcando este sujeito. Veremos adiante, na seção 4.6, que eles são subespecificados para tempo ou para pessoa. Como podemos observar no exemplo (230), o morfema *ma*, juntamente com o sintagma nominal *aibö* "homem", marcam o sujeito da oração, assim como o prefixo de pessoa, que neste caso é *ø*:

230) aibö ma tô wede – pró - nhõ'u ø - höi'rẽ
homem 3ª/pass. perf. árvore – pó – líquido 3ª - beber
O homem bebeu café

O mesmo acontece com o exemplo (231). Aqui o morfema *te* juntamente com sintagma nominal *pi'õ* "mulher", marcam o sujeito da oração:

231) pi'õ te utö – nhi ø - tsebre
mulher 3ª/pres. anta – carne 3ª - assar
A mulher cozinha anta/ A mulher está cozinhando anta

Os prefixos verbais de orações intransitivas sempre marcarão o sujeito da oração:

232) ai'uté ma ø - podo
criança 3ª/pass. 3ª - nascer
A criança nasceu

233) aibö ma ø - dörö
homem 3ª/pass. 3ª - morrer
O homem morreu

Quando o sujeito é um pronome e o objeto um sintagma nominal, o sujeito será marcado pelos morfemas *wa*, *te* e *ma* e pelos morfemas prefixados à raiz verbal, como podemos observar nos exemplos (234), (235) e (236):

234) ö wa ø - höi'rẽ
água 1ª/pres. 1ª - beber
Eu bebo água

235) ö te ĩ - höi'rẽ
água 3ª/pres. 2ª - beber
Você bebe água

236) ö te ø - höi'rẽ
água 3ª/pres. 3ª - beber
Ele bebeu água

O objeto é marcado no verbo quando é um pronome. Este pronome aparece prefixado ao verbo. Neste caso, se o sujeito também for um pronome, este não será visível, sendo marcado de forma explícita somente pelos morfemas livres *wa*, *te* e *ma*.

Veremos adiante que, quando o objeto singular está marcado explicitamente no verbo, o sujeito singular será marcado pelo prefixo *ø*-. Podemos dizer que há um pronome nulo marcando a posição de sujeito porque, quando a oração está no plural, ambos, sujeito e objeto poderão ser marcados explicitamente na oração.

Nos exemplos (237) e (238), o sujeito de 1ª pessoa é marcado pelo morfema livre *wa* enquanto o objeto aparece prefixado ao verbo, sendo o prefixo *ai*- usado com a 2ª pessoa e o prefixo *ø*- com a 3ª pessoa:

237) wa tô ai – ‘adzö
1ª/pass. perf. 2ª - bater
Eu bati em você

238) wa tô ø - ‘adzö
1ª/pass. perf. 3ª - bater
Eu bati nele

Nos exemplos a seguir, o sujeito da oração está no plural, e também é marcado pelo morfema livre *wa*. Os prefixos verbais estão marcando o objeto da oração, que igualmente aos exemplos anteriores, estão no singular:

239) wa wa - tsiwi ai – ‘adzöri ni
1ª/pass. 1ª - COL 2ª - bater pl
Nós batemos em você

240) wa dza wa - tsiwi ø – ‘adzöri ni
1ª fut. 1ª - COL 3ª - bater pl
Nós vamos bater nele

A seguir, nos exemplos (241) e (242), a 3ª pessoa é marcada pelo morfema livre *ma* e o objeto aparece prefixado pelos morfemas *ĩ-*, 1ª pessoa, e *ai-*, 2ª pessoa:

241) ma ĩ – ‘adzö
3ª/pass. 1ª - bater
Ele me bateu

242) ma ai – ‘adzö
3ª/pass. 2ª - bater
Ele bateu em você

Quando o sujeito está no dual ou plural, a 3ª pessoa também é marcada pelo morfema *ma*, e o objeto aparece prefixado à raiz verbal:

243) ma ø - tsiwi ĩ – ‘adzö
3ª/pass. 3ª - COL 1ª - bater
Eles me bateram

244) ma ø - tsiwi ai – ‘adzö
3ª/pass. 3ª - COL 2ª - bater
Eles bateram em você

Quando o sujeito da oração está na 2ª pessoa, diferentemente da 1ª e 3ª pessoa, o prefixo que aparecerá visível na raiz verbal não será de objeto, e sim de sujeito. Como nos mostram os exemplos (245) e (246), o morfema *ma* e o morfema *ĩ* – que aparece prefixado ao verbo marcam o sujeito da oração:

245) ma ĩ – ‘adzö
2ª/pass. 2ª - bater
Você me bateu

246) ma ĩ – ‘adzö
2ª/pass. 2ª - bater
Você bateu nele

Quando a 2ª pessoa sujeito está no plural, também será marcada visivelmente no verbo. O objeto aparecerá explícito no verbo, juntamente com o sujeito, quando estiver na 1ª pessoa do plural. Primeiro, ocorre o prefixo de sujeito, e em seguida, o prefixo de objeto, e logo após, a raiz verbal. *pref. suj. – pref. obj. √raiz verbal*.

No exemplo (247), o morfema livre *ma*, assim como o coletivo *atsiwi*, marcam a 2ª pessoa sujeito. A raiz verbal *hö* aparece prefixada pelo prefixo de sujeito *ĩ-* e pelo prefixo de objeto plural *–wa-*:

247) ma tô a – tsiwi ĩ – wa – hö dza’ra wa’wa
2ª/pass. perf. 2ª - COL 2ª - 1ª - bater pl.
Vocês bateram em nós

Na 3ª pessoa de objeto plural, não há um morfema explícito para marcar este objeto. Neste caso, podemos postular um morfema *ø-* para marcar a 3ª pessoa, pois com a 1ª pessoa há um morfema explícito nesta posição:

248) ma tô a – tsiwi ĩ – ø – hö dza’ra wa’wa
2ª/pass. perf. 2ª - COL 2ª - 3ª - bater pl.
Vocês bateram neles

O que podemos concluir com os dados acima é que, quando o objeto não aparece marcado explicitamente na raiz verbal, ele é marcado pelo morfema *ø*-, é fonologicamente nulo.

Quando o objeto é um sintagma nominal, não aparece nenhuma marcação que o co-referencie no verbo. Assim, somente o sujeito aparece explicitamente prefixado à raiz verbal, sendo também marcado pelos morfemas *wa*, *te* e *ma*. O exemplo (249) nos mostra que o objeto *ro'ore* "macaco" não está visível no verbo. O prefixo de pessoa que aparece no verbo marca o sujeito da oração, que é de 1ª pessoa, assim como o morfema *wa*:

249) ro'ore wa tô ti – wĩ
macaco 1ª/pass. perf. 1ª - matar
Eu matei o macaco

Assim acontece com o exemplo (250), o sujeito de 2ª pessoa aparece prefixado ao verbo:

250) ro'ore ma tô ĩ – wĩ
macaco 2ª/pass. perf. 2ª - matar
Você matou o macaco

O mesmo com o exemplo (251), o morfema que marca 3ª pessoa do sujeito é prefixado ao verbo:

251) ro'ore ma tô ti – wĩ
macaco 3ª/pass. perf. 3ª - matar
Ele matou o macaco

Os prefixos que indicam pessoa, na maioria dos verbos, são idênticos na 1ª e 3ª pessoa. O que irá diferenciá-los são os morfemas livres. A 1ª pessoa é marcada pelo morfema *wa* e a 3ª pessoa pelos morfemas *te* (presente) ou *ma* (passado). Como podemos observar nos dados a seguir, o prefixo *ti-* marca a 1ª e a 3ª pessoa. Enquanto o morfema *wa* marca 1ª pessoa, o morfema *ma* indica 3ª pessoa:

252) pa'o wa tô ti - 'rẽ
banana 1ª/pass. perf. 1ª - comer
Eu comi banana

253) pa'o ma tô ti - 'rẽ
banana 3ª/pass. perf. 3ª - comer
Ele comeu banana

Os morfemas *te* e *ma* marcam 2ª e 3ª pessoas, o que irá diferenciar uma pessoa da outra são os prefixos. O prefixo de 2ª pessoa difere da 3ª pessoa. No exemplo (254), a 2ª pessoa é marcado pelo morfema *ĩ-*

Em ambas as orações o morfema ma enfeixa tempo e pessoa sujeito.

256)

Morfemas Livres	**Morfemas Presos**
1ª pessoa ≠3ª pessoa	1ª pessoa =3ª pessoa
2ª pessoa =3ª pessoa	2ª pessoa ≠3ª pessoa

Adiante, na seção 4.6, falaremos mais sobre os morfemas livres *wa*, *te* e *ma*, dentro do aparato formal da Morfologia Distribuída.

4.5.2- Morfemas Marcadores de Tempo

Nesta seção, faremos apenas uma descrição dos morfemas marcadores de tempo, para mais adiante mostrarmos que, além de serem subespecificados, eles são os verbos auxiliares da língua.

Enquanto o verbo principal carrega a flexão de pessoa, o verbo auxiliar carrega a flexão de pessoa sujeito e tempo. O verbo auxiliar é, portanto, um morfema portmanteau, pois carrega dois traços, o de pessoa e o de tempo presente ou passado. Segundo Comrie (1976), os tempos mais comuns encontrados nas línguas são presente, passado e futuro, embora nem todas as línguas distinguam estes três tempos. A língua Xavante possui morfemas para distingir tempo presente e passado. O futuro será tratado como um morfema aspectual. Falaremos dos morfemas de aspecto na próxima seção, seção 4.5.3. Vejamos o quadro abaixo com a descrição dos morfemas de tempo presente e passado:

257) Marcadores de Tempo

wa presente/passado

te presente

ma passado

O morfema *wa* marca 1ª pessoa e também tempo presente ou passado. Este morfema não faz distinção entre estes dois tempos. Só o contexto irá dizer se a oração está no presente ou no passado:

258) ‘ridawa wa tsitowa
porta 1ª/pres./pass. abrir
Eu abri a porta /Eu abro a porta

O morfema *te* marca 2ª e 3ª pessoa e tempo presente. Como podemos ver, tanto o morfema *te* quanto os morfemas *wa* e *ma* carregam mais de um traço, os traços de pessoa e tempo.

259) panho’omo wa te a – to
rio em 2ª/pres. 2ª - brincar
Você brinca no rio

260) panho’omo wa te ti – to
rio em 3ª/pres. 3ª - brincar
Ele brinca no rio

O morfema *ma* marca o tempo passado, também marcando as 2ª e 3ª pessoas da oração:

261) hu ma ĩ - wĩ
onça 2ª /pass. 2ª - matar
Você matou a onça

262) hu ma ti - wĩ
onça 3ª /pass. 3ª - matar
Ele matou a onça

Diante dos dados, podemos ver que a língua Xavante não faz distinção entre passado recente e passado remoto.

Veremos adiante, que os morfemas que estamos analisando como verbos auxiliares são subespecificados em relação à pessoa ou ao tempo.

4.5.3- Morfemas Marcadores de Aspecto

A língua Xavante possui quatro morfemas para marcar aspecto. O morfema *tô* marca o aspecto perfectivo, o morfema *te ‘re* o aspecto imperfectivo de verbos ativos, o morfema *éré* marca o aspecto imperfectivo de verbos estativos, e o morfema *dza* marca o aspecto futuro imperfectivo. Vejamos o quadro abaixo:

263) Marcadores de Aspecto

tô → perfectivo
te ‘re → imperfectivo de verbos ativos
éré → imperfectivo de verbos estativos
dza → futuro imperfectivo

O morfema de aspecto perfectivo *tô* só pode vir acompanhado pelo morfema de pessoa e tempo passado *ma*. Assim como muitas línguas, o aspecto perfectivo em Xavante indica uma ação completa. No caso da 1ª pessoa irá ocorrer o morfema *wa*, marcando o tempo passado e aspecto perfectivo da oração.

264) uhödö ma tô ĩ - tse
anta 2ª/pass. perf. 2ª - assar
Você cozinhou anta

265) uhödö wa tô ø - tsebre
anta 1ª/pass. perf. 1ª - assar
Eu cozinhei anta

O aspecto imperfectivo dos verbos ativos é marcado pelo morfema *te ‘re*. Como podemos observar nos exemplos (266) e (267) com a 1ª pessoa, primeiro aparece o morfema marcador de pessoa *wa*, e depois o morfema de acpecto imperfectivo *te ‘re*:

266) wa te ‘re ai – ‘ahöri
1ª. imperf. 2ª - bater
Eu batia em você

267) buru u wa te ‘re ø - romhuri
roça para 1ª imperf. 1ª - trabalhar
Eu trabalhava na roça

Quando o sujeito é de 2ª pessoa, como nos mostram os exemplos abaixo, o verbo auxiliar está ausente. Há somente a marca de aspecto, que neste caso, é um morfema descontínuo {te ‘re.....mo}:

268) te ‘re ĩ – ahöri mo
imperf. 2ª - bater imperf.
Você me batia

269) buru u te ‘re ĩ – romhuri mo
roça para imperf. 2ª - trabalhar imperf.
Você trabalhava na roça

O exemplo (270) e o exemplo (271) são exemplos com a 3ª pessoa. Nestes casos, o verbo auxiliar *te* está presente:

270) te te ‘re ĩ – ‘ahöri
3ª imperf. 1ª - bater
Ele me batia

271) buru u te te ‘re ø - romhuri
roça para 3ª imperf. 3ª - trabalhar
Ele estava trabalhando na roça

O morfema de aspecto imperfectivo das orações estativas é marcado pelo morfema *éré*. Como podemos ver nos dados a seguir, este morfema aparece no final da oração, após o morfema estativo *di*:

272) panho’u ö - ‘ré di éré
rio água - seco est. imperf.
O rio estava seco

273) ĩ – ma hö di éré
1ª - para frio est. imperf.
Eu estava com frio

A língua Xavante parece não possuir uma referência simples de tempo futuro. Tempo futuro é indicado por um morfema aspectual, que no caso estamos analisando como aspecto futuro imperfectivo. Este aspecto é representado pelo morfema *dza*, que só aparece junto com o auxiliar *te* (2ª/3ª pessoa, presente) seguindo-o, como podemos observar no exemplo a seguir:

274) hu te dza ĩ - wĩ
onça 2ª fut. 2ª - matar
Você vai matar a onça

O mesmo acontece com a 1ª pessoa. O morfema *dza* aparece posposto ao verbo auxiliar *wa*:

275) hu wa dza ti - wĩ
onça 1ª fut. 1ª - matar
Eu vou matar a onça

Na ausência dos verbos auxiliares *te* ou *wa* a oração se torna agramatical:

276) *hu dza tiwĩ

A língua Xavante também não faz distinção entre aspecto pontual e continuativo. Como podemos ver nos dados a seguir, não há nenhuma diferença entre estes aspectos:

277) panho'omo wa te ti – to
rio em 3ª/pres. 3ª - brincar
Ele brinca no rio/
Ele está brincando no rio

278) wa ø - waptãra
1ª/pres. 1ª - cair
Eu estou caindo/
Eu caio

4.6- Inserção Tardia e Subespecificação em Xavante

A estrutura da gramática na Morfologia Distribuída é composta por três propriedades: a Inserção Tardia, a Subespecificação e a presença da Estrutura Hierarquizada *all the way down*. Conforme foi visto na seção 3.1, e será repetido aqui, a inserção tardia significa que na derivação sintática, as categorias sintáticas são puramente abstratas, isto é, não possuem conteúdo fonológico. Segundo Halle & Marantz, somente após as operações sintáticas realizadas, as expressões fonológicas, chamadas de Itens de Vocabulário, são inseridas nos nós terminais, em um processo chamado de *spell out*. A inserção tardia é motivada pelos núcleos funcionais.

A Subespecificação de itens de vocabulário da Morfologia Distribuída significa que as expressões fonológicas, ou Itens de Vocabulário, não precisam ser completamente especificadas em termos de traços para serem inseridos nos nós terminais durante o *spell out*. Os Itens de Vocabulário podem ser subespecificados a ponto de se encaixar em certas posições por default.

A Estrutura Sintática Hierarquizada *All the Way* Down significa que os nós terminais nos quais os Itens de Vocabulário são inseridos são determinados por

princípios e operações da sintaxe. Antes dos Itens de Vocabulário serem enviados para o componente fonológico, podem sofrer algumas modificações como resultado de operações realizadas no componente morfológico.

Os elementos da morfologia são 'pedaços', no sentido que os elementos da sintaxe e da morfologia são entendidos como constituintes discretos. Esses 'pedaços' podem ser concretos, morfemas lexicais, ou abstratos, morfemas funcionais. A sintaxe manipula os traços morfossintáticos e as raízes acategoriais contidos na lista 1 juntando-os e movendo-os.

A língua Xavante, assim como qualquer língua natural, possui casos no qual a mesma forma morfológica é encontrada em diferentes contextos sintático-semânticos.

Os morfemas abstratos adquirem conteúdo fonológico somente após a derivação sintática, sendo, portanto tardia. Quando esses morfemas sofrem o *spell out* acontece a inserção dos itens de vocabulário, elementos contidos na lista 2 (Vocabulário, Marantz 1997).

Vejamos um exemplo em Xavante. No exemplo (279) abaixo, é adicionado um conteúdo fonológico ao nó plural [pl]. O expoente fonológico /dza'ra/ é adicionado ao nó com traço [pl]:

279) [pl] ↔ /dza'ra/

Durante o *spell out*, para que um item de vocabulário seja inserido em um determinado nó, é preciso que ele contenha, senão todos os traços, pelo menos um subconjunto dos traços morfossintáticos que este nó apresenta. O item de vocabulário,

portanto, é subespecificado, uma vez que não precisa possuir todos os traços presentes em um nó para ser inserido nele.

Na primeira etapa da derivação, os traços morfossintáticos são computados. Isto acontece antes do primeiro *spell out*. O morfema que indica primeira pessoa na língua Xavante pode ser juntado a tempo presente ou passado. Estes traços são definidos na lista 1. Quando esse feixe é implementado na lista 2, lista que fornece conteúdo fonológico aos morfemas abstratos, os morfemas que enfeixam [presente] e [passado] podem, ambos, ser preenchidos por [*wa*].

280) Morfema wa [+1ª pessoa, +T[presente]
+ T[passado]

Como foi dito acima, o morfema que marca 1ª pessoa, *wa*, pode ser inserido tanto no traço presente quanto no traço passado, isto é, este morfema é subespecificado para o traço tempo. O morfema *wa* tem um dos traços de [1ª pessoa passado] e [1ª pessoa presente]. Estes traços já foram definidos na lista 1, e *wa* pode ser inserido em qualquer um dos dois feixes, ou seja, há uma incorporação de pessoa a tempo (deslocamento) ainda abstrato, na sintaxe.

O exemplo (281)[11] nos mostra que o morfema *wa* está no tempo presente. Este morfema foi inserido a partir da lista 2 e adquiriu o traço presente proveniente da lista 1:

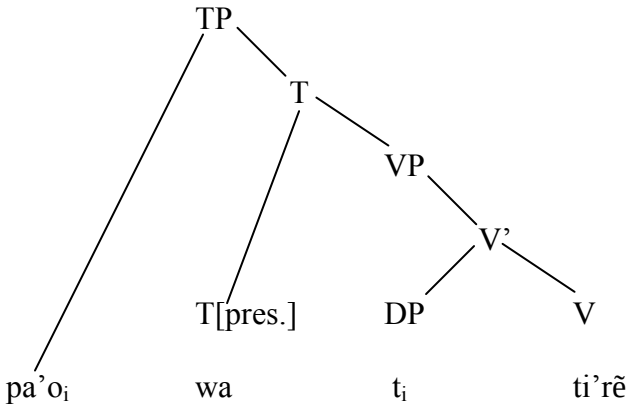
[11] Mostraremos as operações sintáticas e morfológicas mais detalhadas na próxima seção.

281) pa'o wa ti'rẽ

banana 1ª/pres. comer

Eu como banana

Eu estou comendo banana

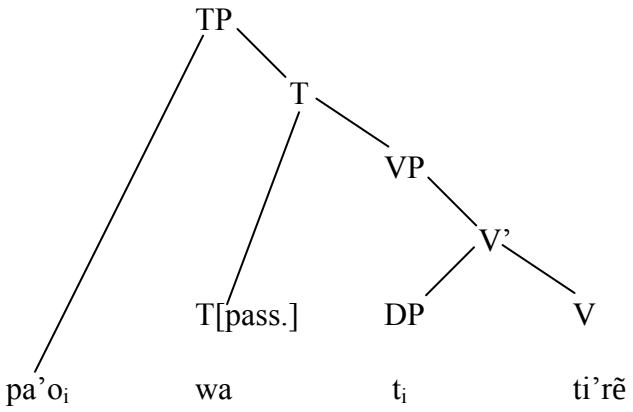


Já no exemplo (282), o morfema *wa* foi inserido a partir da lista 2 e adquiriu o traço de tempo passado proveniente da lista 1:

282) pa'o wa ti'rẽ

banana 1ª/pass. comer

Eu comi banana



Nas 2ª e 3ª pessoas, o traço de tempo passado é marcado pelo morfema *ma* e o traço de tempo presente pelo morfema *te*. Como podemos ver, os morfemas *te* e *ma* são subespecificados para o traço pessoa, ambos marcam 2ª e 3ª pessoa, mas são especificados para tempo. Assim, podem ser inseridos, respectivamente, nos feixes [-1ª pessoa presente] (te) e [-1ª pessoa passado] (ma).

283)

Morfema te [-1ª pessoa, T[presente]

Morfema ma [-1ª pessoa, T[passado]

Falaremos mais adiante, na próxima seção, que o traço [+1ª pessoa] do item de vocabulário *wa* e [-1ª pessoa] dos itens de vocabulário *te* e *ma* participam de outra operação importante que é a fusão.

284)

T [presente]→wa, te

T[passado]→wa, ma

Como vimos, os traços fonológicos dos morfemas abstratos são fornecidos na PF, por isso é uma inserção tardia.

Línguas naturais, segundo Embick (2004) apresentam bastante sincretismo, que como vimos acima, significa que há casos em que a mesma forma morfológica é encontrada em diferentes contextos sintático – semântico. Vejamos os morfemas que marcam pessoa e tempo em Xavante:

Marcadores de Pessoa e Tempo

PessoaTempo	**Presente**	**Passado**
1ª pessoa	Wa	wa
2ª pessoa	Te	ma
3ª pessoa	Te	ma

Quadro 24: Morfemas marcadores de pessoa sujeito e tempo

Há três combinações diferentes destes traços:

285)

wa	**te**	**ma**
+1	-1	-1
+suj.	+suj.	+suj.
	+pres.	+pass.

Uma análise deste sistema é que o fato da aparição do morfema *wa*, em duas combinações de tempo distintos e dos morfemas *te* e *ma* que possuem traços de pessoa diferentes é sistemática, não é um caso de homofonia acidental.

286)

+1 +suj. + ↔ wa

-1 +suj. +pres.↔ te

-1 +suj. +pass.↔ ma

As formas fonológicas *wa*, *te* e *ma* são subespecificadas com respeito aos feixes de traços aplicados a eles. A subespecificação da fonologia é feita pela suposição que núcleos funcionais não contêm traços fonológicos, na lista 1.

4.7- Estrutura Sintática e Morfológica de Orações Ativas da Língua Xavante

Nesta seção iremos apresentar uma análise das estruturas sintáticas e morfológicas da língua Xavante para mostrar onde os itens de vocabulário são gerados e para onde são movidos.

Como na DM as derivações se dão por fases, iremos mostrar inicialmente o primeiro momento da computação sintática, isto é, o momento em que os componentes da sentença são gerados e enviados para um primeiro *spell out*. Os núcleos funcionais são juntados, na sintaxe, a raízes. Os núcleos, tais como *v* e *n*, determinam os domínios de cada fase. Em determinado momento da derivação, o que foi computado é enviado para o *spell out*. As operações realizadas até este momento são uma fase. A estrutura na Morfologia Distribuída é produzida na sintaxe e após a sintaxe no componente morfológico (operações morfológicas).

Nas derivações da língua Xavante que mostraremos a seguir, a estrutura é gerada com a ordem de palavras SVO, pois sugerimos que a ordem SOV em Xavante é formada a partir do movimento do objeto para um núcleo mais acima na oração.

Agora, vamos apresentar exemplos na língua Xavante da combinação dos morfemas que carregam traços de tempo com o verbo principal, desde as operações sintáticas até as operações morfológicas. Vejamos o exemplo a seguir:

	S	T/P	O	P	R
287)	aibö	te	tebe	ti -	rẽ
	homem	*3ª/pres.*	*peixe*	*3ª -*	*comer*

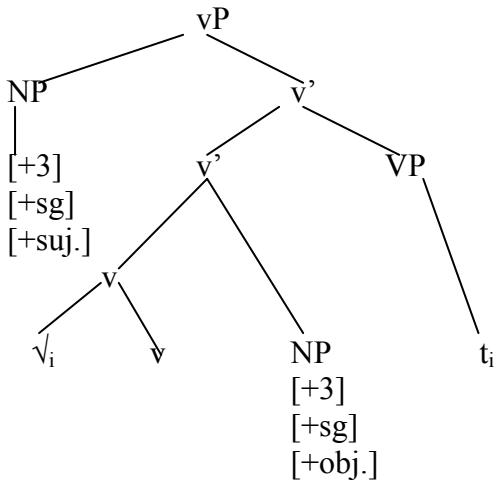
O homem come peixe

O homem está comendo peixe

Como vimos na seção 4.4.1, que falava de morfemas verbalizadores, uma raiz se junta a sufixos verbalizadores que podem ser fonologicamente nulos ou fonologicamente explícitos. Na estrutura sintática abaixo, a raiz acategorial sobe para o núcleo verbal, que possui traços de verbo transitivo, através do movimento de núcleo para núcleo, tornando-se um verbo transitivo, com um argumento externo. Com o movimento da raiz para v, termina a primeira fase, no qual esses elementos recebem conteúdo fonológico, sofrendo o *spell out*.

Sintaxe:

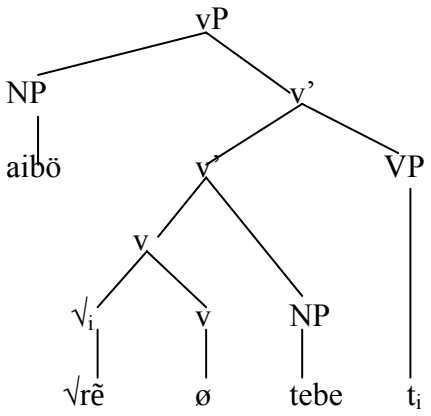
288)



Na estrutura morfológica, os itens de vocabulário são inseridos nos nós resultantes da computação sintática e enviados para o componente fonológico:

Morfologia:

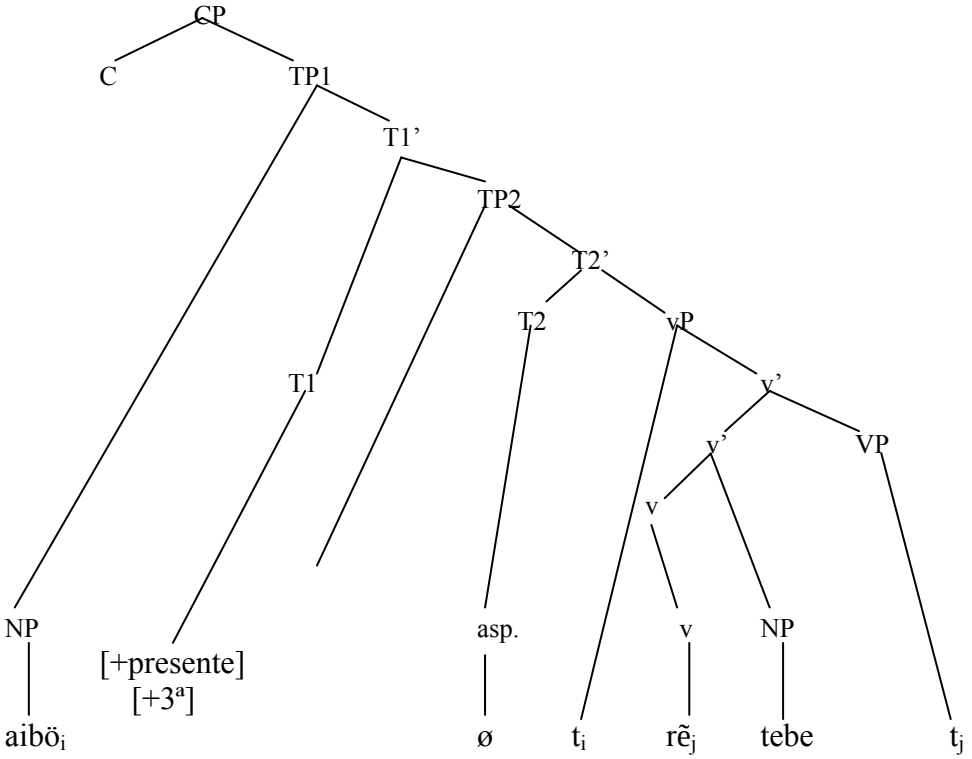
289)



A sintaxe, após a derivação de vP, continua juntando e movendo até o nó sintático CP. Neste ponto, a derivação sofre novo *spell out* e as estruturas computadas são enviadas para a morfologia, onde recebem material fonológico.

Sintaxe:

290)



O NP sujeito *aibö* sobe para o especificador de TP, preenchendo a posição de argumento externo da oração. O verbo principal, que neste exemplo é *rẽ*, não precisa subir para o núcleo do nó TP para checar traços de flexão de tempo, pois o morfema auxiliar carrega este traço.

Como vimos anteriormente, o morfema *te*, que vamos analisar como verbo auxiliar, carrega dois traços, pessoa e tempo, sendo subespecificados para pessoa, [-1ª pessoa]. Uma hipótese é dizermos que todos esses traços, pessoa e tempo, são definidos na lista 1, e somente a 2ª ou 3ª pessoa é inserida na lista 2, no caso do exemplo acima, a peça *ti*-, de 3ª pessoa.

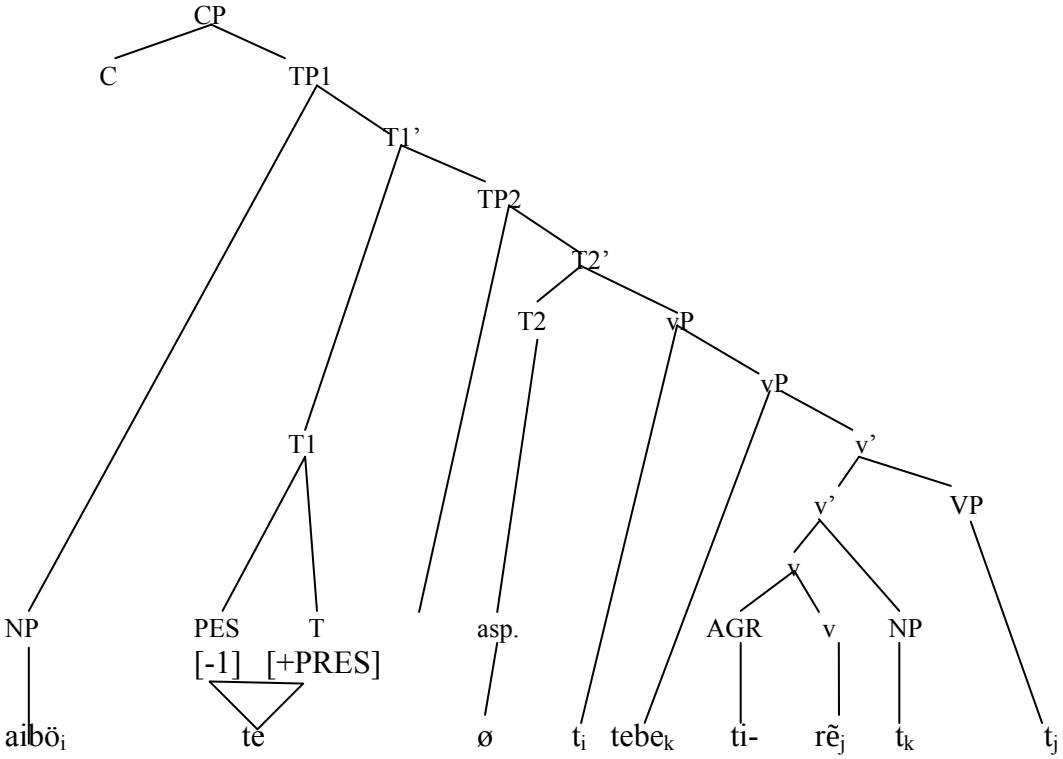
Segundo a DM, todos os morfemas e traços interpretáveis estão presentes na PF, mas nem todos os morfemas que são encontrados na PF estão presentes na derivação

sintática. Certos morfemas são adicionados na PF. Então, uma outra hipótese é dizermos que o morfema *te* só possui o traço [tempo] na lista 1. Depois de realizadas todas as operações sintáticas, um nó PESSOA é adicionado ao nó TP. Este nó carregará o traço [-1ª pessoa]. A estrutura da oração, em Xavante, conteria Tempo (e em alguns casos aspecto), mas não projetaria PESSOA na sintaxe. Como os verbos auxiliares não são apenas concordância e, além disso, afirmamos que são morfemas subespecificados, analisaremos, então, a língua Xavante, a partir da hipótese de que os traços de pessoa e tempo são definidos na lista 1.

Após as operações sintáticas, os nós terminais são manipulados pelas operações morfológicas. Como nos mostra a árvore abaixo, exemplo (291), a estrutura morfológica acrescenta à raiz a concordância de sujeito *ti-*. Esta concordância é inserida após a sintaxe, mas antes da inserção dos itens de vocabulário. Isto se dá porque esta concordância não tem nenhum efeito na sintaxe. Além de inserir a concordância de pessoa na raiz verbal, as operações morfológicas vão realizar outra operação importante, a fusão. O item de vocabulário *te* realiza os traços de tempo e pessoa fundidos em um único nó.

Morfologia:

291)



Como podemos observar na árvore acima, o item de vocabulário que contém os traços [-1ª pessoa] [+presente] recebe seu conteúdo fonológico na morfologia, isto é, a partir da lista 2. O morfema de concordância de sujeito *ti-* é inserido no nó AGR do v, aparecendo prefixado à raiz verbal *rẽ*. Este nó de concordância copia o traço de pessoa do sujeito da oração, que está na posição de especificador de TP1. Quando o nó de concordância é inserido na derivação, há o impedimento de outras junções morfológicas, pois esses morfemas marcam o limite de palavra.

O morfema *ma* também marca 2ª e 3ª pessoa, mas aparece quando a oração está no tempo passado, em alguns casos, antecedendo o morfema que indica aspecto perfectivo *tô*.

O exemplo a seguir apresenta uma oração com a 3ª pessoa e tempo passado:

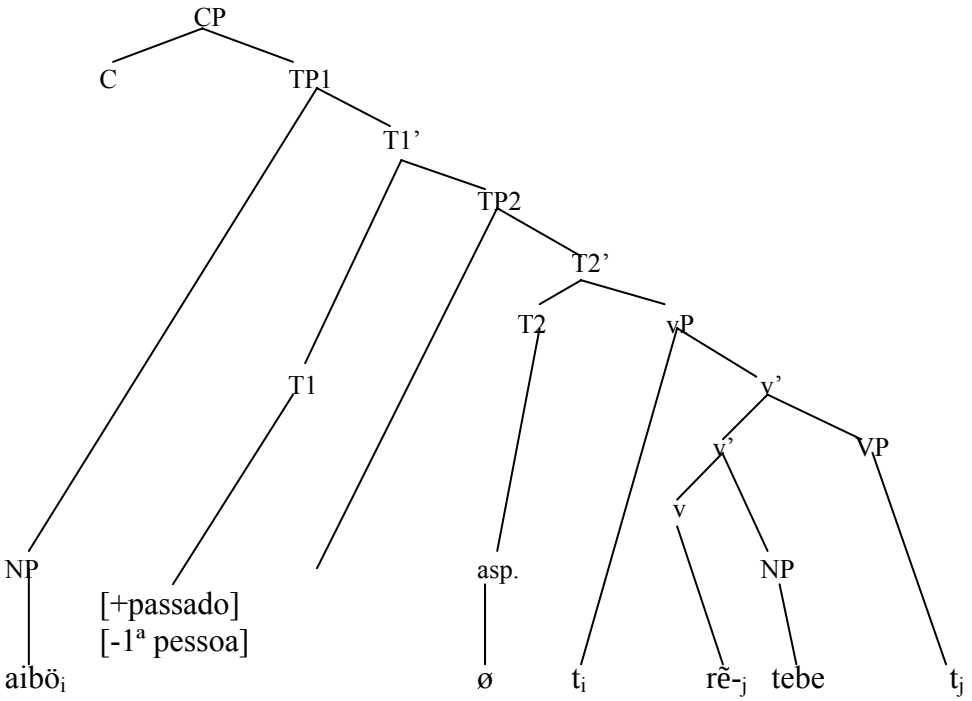
	S	T/P	O	P	R
292)	aibö	ma	tebe	ti -	rẽ
	homem	*3ª/pass.*	*peixe*	*3ª -*	*comer*

O homem comeu peixe

O processo de derivação do morfema *ma* será idêntico ao processo de derivação do morfema *te*. Por este motivo, apresentaremos a seguir somente a representação arbórea da última etapa da derivação, desde a sintaxe até o *spell out*.

Sintaxe:

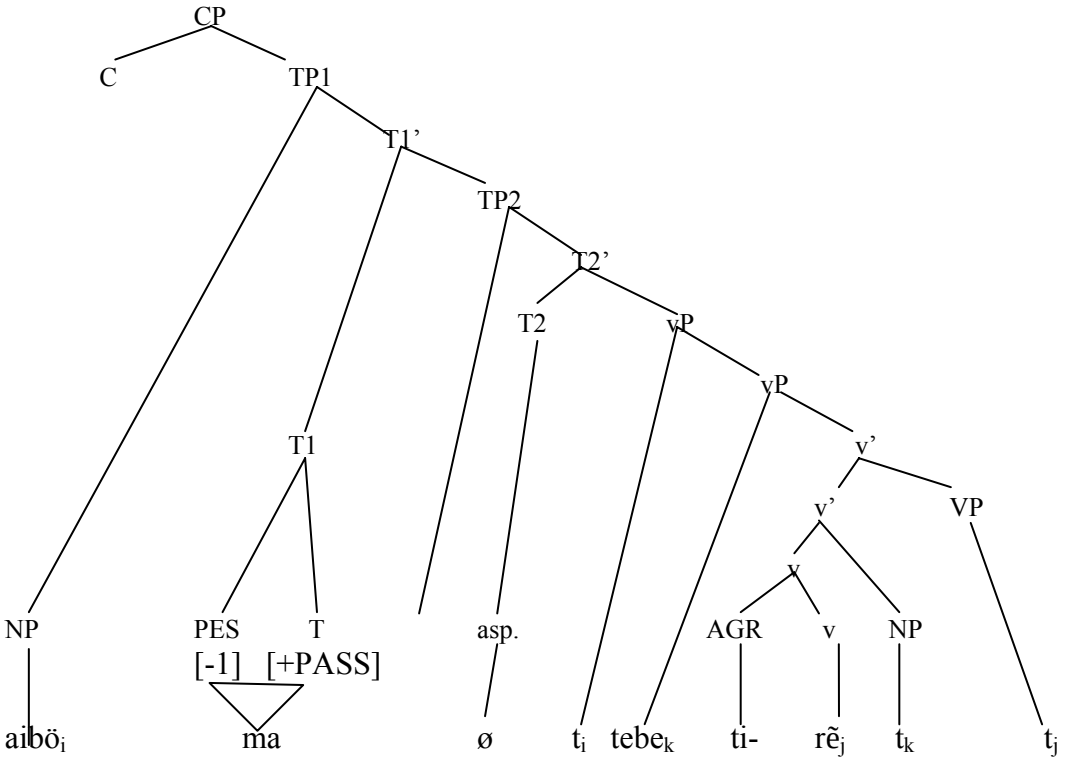
293)



Primeiramente, os traços sintáticos são computados. O morfema *ma* possui o traço de tempo [-1ª pessoa] e [+passado]. Estes traços foram definidos na lista 1 para depois serem enviados para as operações morfológicas.

Morfologia:

294)



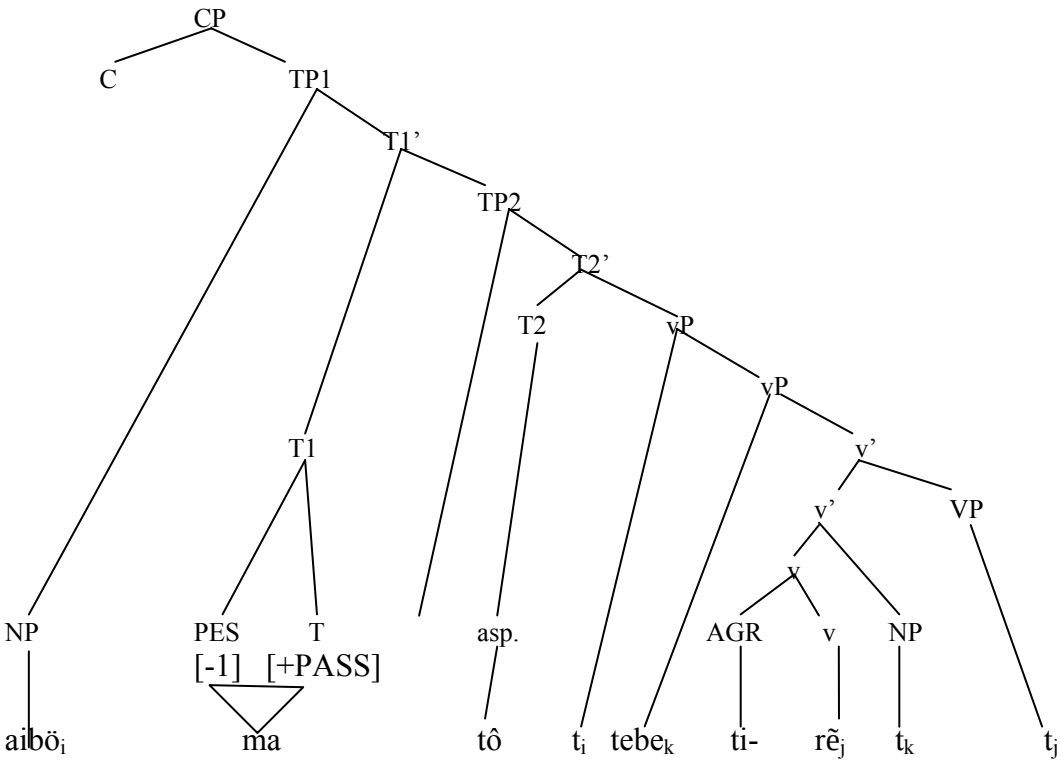
Como nos mostra a ávore acima, a concordância de sujeito *ti-* está no nó AGR, interno a vP. Isto ocorre após a sintaxe. O morfema *ma*, assim como o morfema *te*, passa pela operação de fusão, tomando os nós PESSOA e T, que são dois nós terminais irmãos que estão sob o nó T1, fundidos em um único nó. Assim, o item de vocabulário *ma* realiza os nós de tempo [+passado] e de pessoa (3ª pessoa), fundidos em um só nó.

O exemplo (295) também é uma oração no tempo passado e com a 3ª pessoa. Neste exemplo, a posição de aspecto está preenchida pelo morfema *tô*:

	S	T/P	ASP	O	P	R
295)	aibö	ma	tô	tebe	ti -	rẽ
	homem	*3ª/pass.*	*perf.*	*peixe*	*3ª -*	*comer*
	O homem comeu peixe					

Morfologia:

296)



Como foi visto na seção anterior, e veremos no exemplo abaixo, o morfema *wa* marca 1ª pessoa e tempo presente ou passado, não diferenciando aspecto continuativo e pontual. Assim como os morfemas *te* e *ma*, o morfema *wa* também apresenta fusão dos traços de tempo e pessoa. O traço [+presente] ou [+passado] e o traço [+1ª pessoa] são fundidos em um único nó. O traço de tempo do morfema *wa* é subespecificado, isto é, a realização do tempo presente ou passado é feita por um único item de vocabulário.

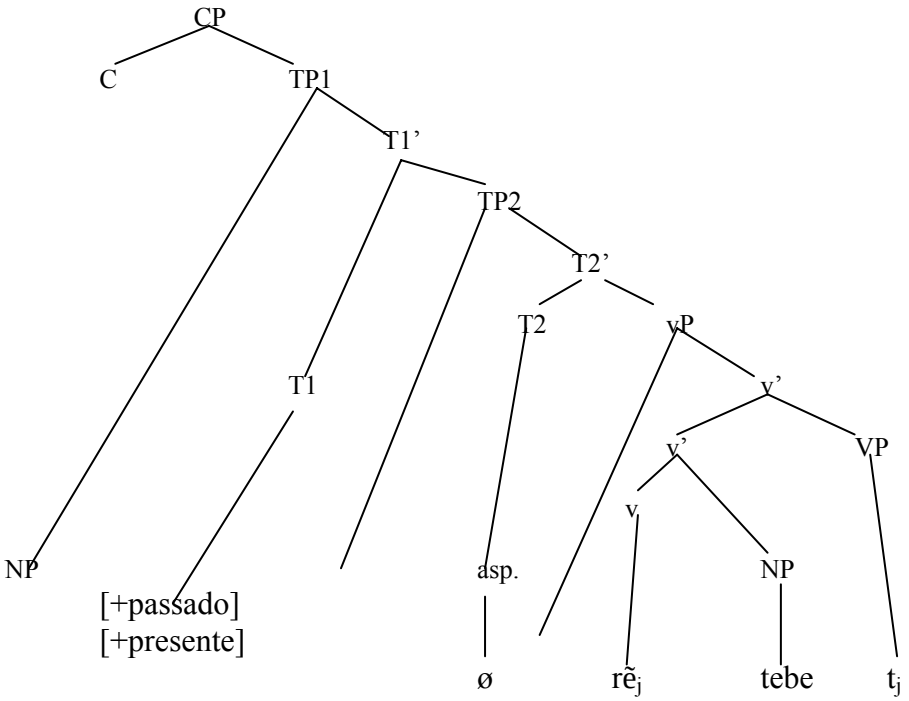
Assim, como no caso do morfema *ma*, apresentaremos aqui, somente a última etapa da derivação, pois a única diferença entre as derivações expostas acima é a inserção dos itens de vocabulário.

	O	T/P	P R
297)	tebe	wa	ti – ‘rẽ
	peixe	*1ª/pres./pass.*	*1ª - comer*

Eu como peixe/ Eu estou comendo peixe/Eu comi peixe

Sintaxe:

298)

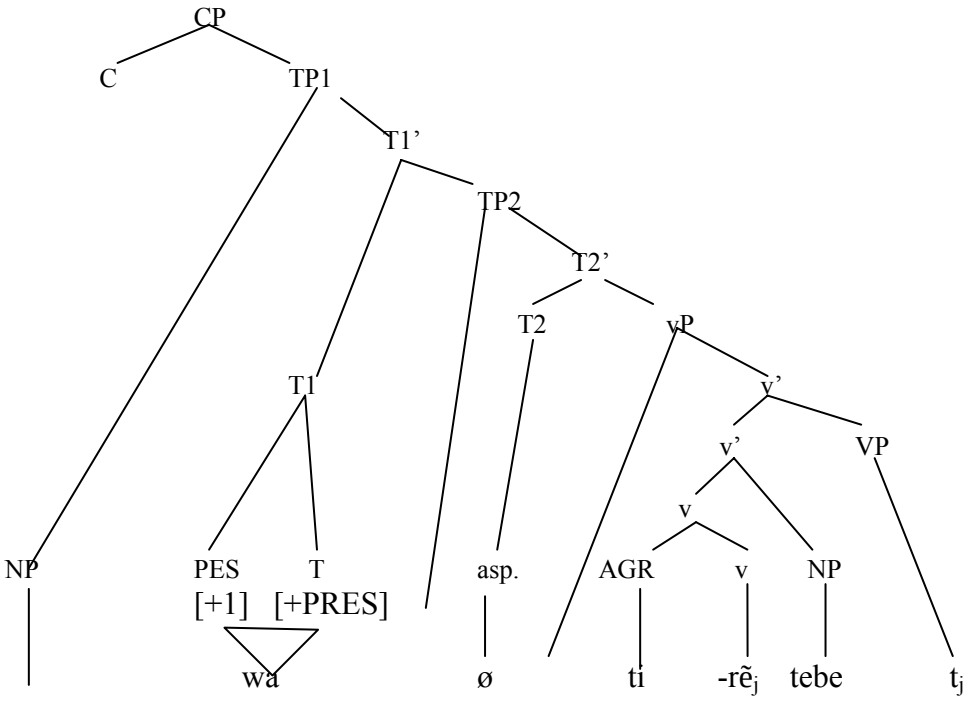


Os traços de tempo são definidos na lista 1, e conforme podemos observar na árvore acima, ambos, presente e passado estão presentes na lista 1, porém só um pode ir para a derivação. O item *wa* só tem pessoa e não é especificado para tempo, pois o

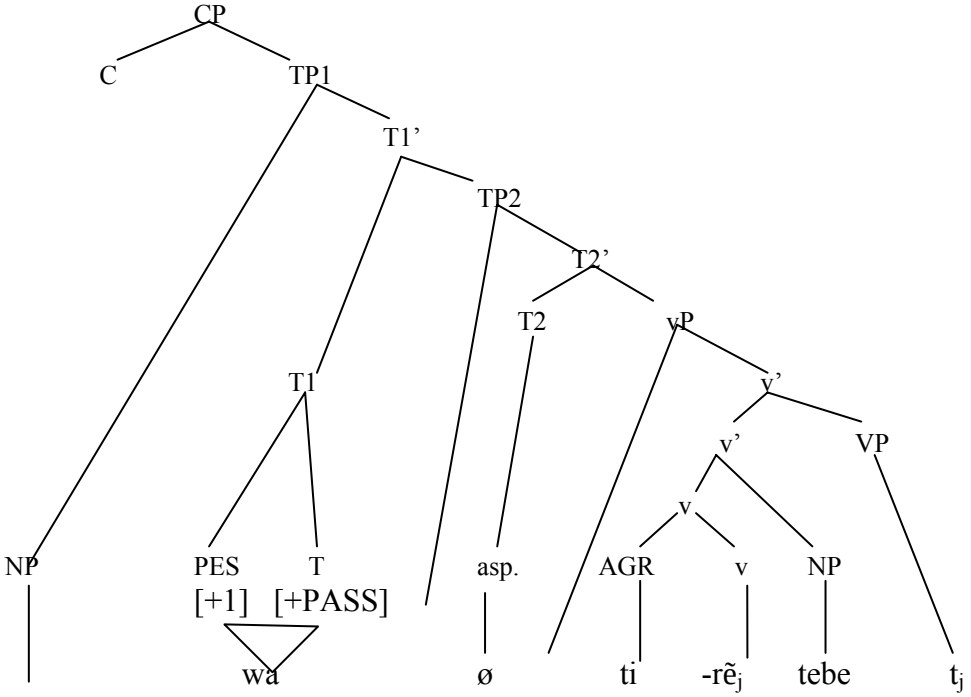
tempo vem da lista 1. *Wa* é subespecificado, ou seja, ele não tem tempo, só tem pessoa. Vejamos as árvores abaixo:

Morfologia:

299)



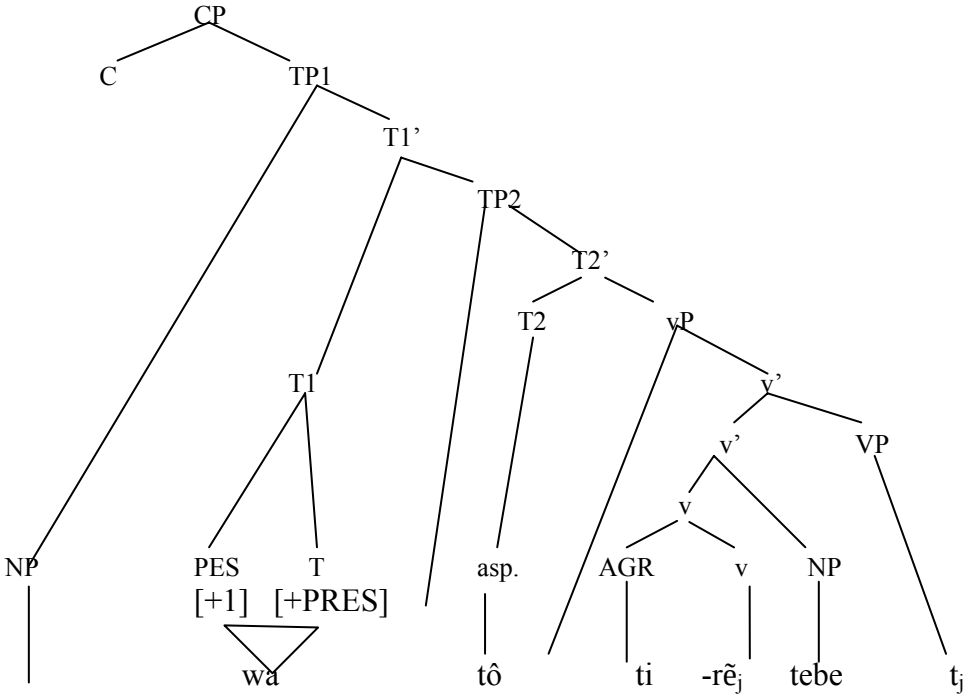
300)


CP
C
TP1
T1'
TP2
T2'
T2
vP
T1
v'
v'
VP
v
NP
PES
T
asp.
AGR
v
NP
[+1]
[+PASS]
wa
ø
ti
-rẽj
tebe
tj

No tempo passado, o nó de aspecto também pode ser preenchido pelo morfema tô:

Morfologia:

301)



Como pudemos ver nas árvores acima, o tempo é preenchido pelos morfemas *wa*, *te* e *ma*. Estes morfemas, além de marcar o tempo da oração, marcam também pessoa, o sujeito da oração, tendo o nó PESSOA preenchido por esse traço. O morfema *wa* é subespecificado para tempo, isto é, ele pode ser tanto presente quanto passado. O morfema *wa* é inserido na lista 2 somente contendo um traço, o de presente ou passado, pois estes traços já foram definidos na lista 1. Os morfemas *te* e *ma* são subespecificados para pessoa, podendo ser 2ª ou 3ª pessoa. O morfema *ti*-, morfema de

pessoa que aparece prefixado ao verbo, é apenas concordância. Este morfema entra na derivação pela morfologia e não pela sintaxe. Para marcar pessoa e tempo da oração, os morfemas *wa*, *te* e *ma* têm seus traços definidos na lista 1, isto é, estes traços são gerados na sintaxe, enquanto os traços de concordância de pessoa são gerados na morfologia.

Wa- subespecificado para tempo

Te, *Ma* } subespecificado para pessoa

wa	Só possui traço de 1ª pessoa	O traço de tempo vem da lista 1
te	Só possui traço de tempo presente	O traço de pessoa vem da lista 1
ma	Só possui traço de tempo passado	O traço de pessoa vem da lista 1

Quadro 25: Subespecificação dos morfemas *wa*, *te* e *ma*.

5- ASPECTOS DA SINTAXE XAVANTE

Neste capítulo, veremos alguns aspectos da sintaxe Xavante. Na seção 5.1, a seguir, onde falaremos do sistema de marcação de caso, veremos que a língua Xavante possui um sistema de marcação de caso cindido. Em relação aos pronomes livres e sintagmas nominais, a língua Xavante apresenta caso nominativo. Esta língua também apresenta uma cisão entre as orações ativas e estativas e afirmativas e negativas. Em orações afirmativas, os morfemas livres que marcam pessoa sujeito e tempo, participam de um sistema de caso ativo/estativo, no qual o sujeito de uma oração transitiva se comporta de forma idêntica ao sujeito de uma oração intransitiva ativa. Por outro lado, o sujeito de uma oração intransitiva estativa se comporta da mesma forma que o objeto. Em orações negativas, o sujeito de orações transitivas se diferencia do sujeito de orações intransitivas e do objeto, que possuem marcas idênticas. Neste caso, temos um sistema ergativo/absolutivo. O mesmo ocorre em relação aos morfemas presos. Eles participam também do sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo.

Na seção 5.2, falaremos sobre as estruturas das sentenças em Xavante. Veremos que essa língua apresenta duas possíveis ordens de constituintes, a saber, SOV e SVO. Apresentaremos também alguns dados com a ordem OSV que, neste caso, o objeto ocorre no início da oração pelo fato do sujeito estar apagado[12]. Apresentaremos a estrutura das orações declarativas afirmativas e negativas, mostrando as diferenças entre elas. Veremos, também, que uma oração se torna transitiva ou intransitiva não apenas pela junção do verbalizador a uma raiz, mas pela presença ou ausência de um complemento. Além disso, saberemos também a diferença entre uma oração transitiva e

[12] Veremos, também, na seção 5.2, que a língua Xavante é uma língua pro-drop de sujeito.

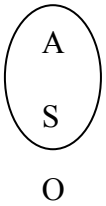
intransitiva a partir da ocorrência dos verbos auxiliares em uma oração negativa. Explicaremos melhor estas diferenças na seção 5.2.5. As orações interrogativas também serão analisadas neste capítulo. Primeiramente, faremos uma descrição dessas construções na seção 5.2.1.3. Em seguida, na seção 5.3, analisaremos essas construções sob a perspectiva formal do projeto cartográfico. Ainda dentro do projeto cartográfico, mostraremos que o sujeito, e às vezes o objeto, sobem para a posição de tópico ou foco.

5.1- Sistemas de Marcação de Caso

As línguas podem empregar diferentes mecanismos para expressar a diferença de S (sujeito intransitivo), A (sujeito transitivo) e O (objeto) no sistema de marcação de caso. Elas podem utilizar mecanismos morfológicos, como flexões de caso sobre as formas nominais ou afixos referenciais no verbo, e mecanismos sintáticos, como por exemplo, a ordem dos constituintes.

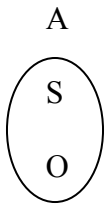
Há diversas possibilidades para a atribuição de casos sobre S, A e O. Há o sistema nominativo-acusativo, no qual o sujeito de uma oração transitiva é marcado de forma idêntica ao sujeito de uma oração intransitiva, ambos se opondo ao objeto:

Sistema Nominativo-acusativo



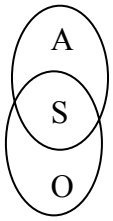
O sistema ergativo-absolutivo, onde o sujeito de uma oração intransitiva recebe a mesma marca que o objeto de uma oração transitiva, estes se opondo ao sujeito de uma oração transitiva:

Sistema Ergativo-absolutivo



Há também o chamado Split de S ou sistema ativo /estativo, que diz respeito à cisão do sujeito de uma oração intransitiva, no qual este sujeito em determinadas construções se comporta de forma idêntica ao sujeito da transitiva, e em outras, de forma idêntica ao objeto.

Split de S



Como resenhamos acima, além das flexões de caso, as línguas podem empregar afixos pronominais no verbo, operando como indicadores morfológicos da função dos sintagmas nominais na oração. Assim, por exemplo, se um sintagma nominal na função de A possui na forma verbal os mesmos afixos que S, sendo O marcado diferentemente,

tem-se um padrão nominativo-acusativo; se, por outro lado, S e O possuem no verbo afixos diferentes dos empregados para A, tem-se um padrão ergativo-absolutivo.

As línguas que exibem características tanto do sistema acusativo quanto do sistema ergativo são chamadas de línguas com sistemas cindidos e esta cisão pode se manifestar através de diversos mecanismos.

Em Oliveira (2002), descrevemos o sistema de marcação de caso da língua Xavante dizendo que, em relação aos pronomes livres e sintagmas nominais, esta língua possui caso nominativo – acusativo. Como podemos ver nos exemplos abaixo, os pronomes livres marcadores de sujeito, em Xavante, possuem a mesma forma tanto em construções transitivas quanto em construções intransitivas, sendo diferentes do objeto.

Note que em (302) o pronome livre *a hã* é o sujeito da oração transitiva, igual ao pronome livre da oração intransitiva no exemplo (303), sendo estes diferentes do objeto que, neste caso, apresenta uma forma presa prefixada ao verbo:

302) A hã te i – madö
Você . 2ª 1ª - lavar
'Você me vê'

303) A hã ma wi
você 2ª chegar
'Você chegou'

Os sintagmas nominais, em Xavante, apresentam a mesma forma para o sujeito da transitiva e intransitiva e também para o objeto:

304) aibö ma ab're ø - tsitó
homem 3ª/pass. buraco 3ª - fechar
'O homem fechou o buraco'

305) ab're ma ø - tsitó
buraco 3ª/pass. 3ª - fechar
'O buraco fechou'

Também foi dito em Oliveira (2002) que a língua Xavante fornecia a hipótese de que o sistema de marcação de caso da língua fosse cindido no que diz respeito aos morfemas que estão relacionados com o sujeito e o tempo da oração.

Como foi descrito no trabalho anterior, e veremos mais detalhadamente nas seções seguintes, as construções transitivas e intransitivas afirmativas e as construções transitivas negativas se diferenciam das construções intransitivas negativas e intransitivas estativas afirmativas e negativas no que diz respeito à cisão dos morfemas *wa*, *te* e *ma*.

O que podemos notar nos exemplos dados em Oliveira 2002, e que estão reproduzidos aqui, é que estes morfemas aparecem na oração transitiva afirmativa, exemplo (306), com algumas pessoas de orações transitiva negativa, exemplo (307) e na oração intransitiva afirmativa, exemplo (308), mas não aparecem na oração intransitiva negativa, como exemplificado em (309):

306) uhödö wa ti - rẽ
anta 1ª/pass. 1ª - comer
'Eu comi anta'

307) uhödö wa te wa - rene õ di
anta 1ª T 1ª - comer neg. est.
'Nós não comemos anta'

308) ai'uté ma ti - wawa
criança 3ª/pass. 3ª - chorar
'A criança chorou'

309) ai'uté ø - wawai õ di
criança 3ª - chorar neg. est.
'A criança não chorou'

Os morfemas *wa*, *te* e *ma* não aparecem em orações estativas:

310) ĩ - wẽ di
1ª - bom est.
Eu sou bonito

311) ĩ - wẽ õ di
1ª - bom neg. est.
Eu não sou bonito

Com o quadro abaixo, teremos uma melhor visualização da ocorrência destes morfemas:

			Morfemas
Afirmativas	Transitivas		wa, te, ma
	Intransitivas	Ativas	wa, te, ma
		Estativas	---
Negativas	Transitivas		wa, te
	Intransitivas	Ativas	---
		Estativas	---

Quadro 26: Ocorrência dos morfemas marcadores de pessoa sujeito e tempo

Como pudemos observar no quadro acima, os morfemas *wa*, *te* e *ma* ocorrem em orações transitivas e intransitivas afirmativas. Esses morfemas não aparecem em orações intransitivas negativas e intransitivas estativas afirmativas e negativas. Em Oliveira (2002), dissemos que os morfemas *wa*, *te* e *ma* ocorriam em orações transitivas negativas. Continuamos a afirmar que esses morfemas aparecem em transitivas negativas, embora ocorram com algumas restrições. Há a ocorrência dos morfemas *wa* e *te* com algumas pessoas. O morfema *ma* não ocorre com orações transitivas negativas. Falaremos mais da ocorrência destes morfemas em orações transitivas negativas na seção 5.2.5, mostrando um quadro com os morfemas. Na época não encontramos, em nosso corpus, nenhum exemplo de orações negativas intransitivas estativas, então não pudemos afirmar se havia a ocorrência destes morfemas neste tipo de oração. Hoje, com dados mais recentes podemos afirmar que em orações negativas intransitivas estativas não há a ocorrência destes morfemas.

Vejamos mais alguns exemplos com orações intransitivas e transitivas. Podemos observar que tanto em orações transitivas e intransitivas negativas, a concordância de

pessoa sujeito que ocorre prefixada ao verbo será sempre ø. O que notamos nas orações (312) e (313) e (314) e (315) que há uma assimetria ocorrendo com os prefixos de pessoa sujeito em orações afirmativas e negativas.

312) ba'ono te ti - nhore
menina 3ª/pres. 3ª - cantar
'A menina está cantando'

313) ba'ono ø - tsore õ di
menina 3ª - cantar neg. est.
'A menina não está cantando'

314) tebe wa ti - 'rẽ
peixe 1ª/pres. 1ª - comer
'Eu como peixe'

315) tebe hã wa te ø - tsi ni õ di
peixe enf. 1ª T 1ª - comer pl neg. est.
Nós não comemos peixe

Olhando para os dados anteriores, podemos fornecer uma hipótese para uma divisão quanto ao sistema de marcação de caso. Em orações afirmativas, a ocorrência dos verbos auxiliares marca um sistema ativo/estativo, no qual o sujeito intransitivo, marcado por esses auxiliares, é uma categoria cindida. Este sujeito, em uma oração intransitiva ativa, é marcado de forma idêntica ao sujeito da oração transitiva, e em uma oração estativa é marcado de forma idêntica ao objeto, ambos se diferenciando do sujeito de orações transitivas e intransitivas ativas.

Split de S / Sistema Ativo-Estativo			
Orações Afirmativas			
A	**S**		**O**
	Ativo	**Estativo**	
wa, te ,ma	wa, te, ma	ø	ø

Quadro 27: Sistema de marcação de caso dos morfemas livres marcadores de pessoa e tempo em orações afirmativas: Sistema ativo/estativo.

Já em orações negativas, observamos um outro sistema. Nestas orações, o sujeito de uma oração transitiva é marcado diferentemente de uma oração intransitiva e também diferente do objeto. Neste caso, temos um sistema ergativo/absolutivo.

Sistema Ergativo /Absolutivo		
Orações Negativas		
A	**S**	**O**
wa, te	ø	ø

Quadro 28: Sistema de marcação de caso dos morfemas livres marcadores de pessoa e tempo em orações negativas: Sistema ergativo/absolutivo.

Aparentemente, estes morfemas marcam um sistema ativo/estativo em orações afirmativas e um sistema ergativo/absolutivo em orações negativas.

Com relação aos morfemas presos, em Oliveira (2002), dissemos que nos mostravam um outro tipo de marcação, no qual formas presas de objeto, em construções afirmativas, se comportam de forma idêntica às formas presas de sujeito intransitivo em construções negativas e afirmativas estativas. Formas presas de objeto em construções negativas se comportam da mesma forma que as formas presas de sujeito intransitivo

em construções afirmativas ativas. A seguir, reapresentaremos o quadro com a distribuição dos morfemas *wa*, *te* e *ma* e também com as formas presas, que foi feito no intuito de comparar as duas formas.

Note-se, no quadro abaixo, que as formas presas são idênticas nas 2ª e 3ª pessoas. Somente a 1ª pessoa apresenta mudança:

			Morfemas	Formas Presas
Afirmativas	Transitivas		wa, te, ma	Objeto i, ai, ø
	Intransitivas	Ativas	wa, te, ma	sujeito ø, ai, ø
		estativas	---	sujeito i, ai, ø
Negativas	Transitivas		wa, te, ma	objeto ø, ai, ø
	Intransitivas	Ativas	---	sujeito i, ai, ø
		estativas	---	?

Quadro 29: Ocorrência dos morfemas livres e morfemas presos marcadores de pessoa

Afirmamos, na época, que em orações afirmativas, o sujeito de uma oração transitiva, não era marcado no verbo, isto é, apresentava um morfema zero em todas as pessoas, distinguindo-se do sujeito da oração intransitiva e do objeto, apresentando um sistema ergativo/absolutivo.

Sistema Ergativo /Absolutivo		
Orações Afirmativas		
A	**S**	**O**
ø	ø, ai, ø / i, ai, ø	i, ai, ø

Quadro 30: Sistema de marcação de caso dos morfemas presos marcadores de pessoa em orações afirmativas: Sistema ergativo/absolutivo.

Elicitando e analisando dados novos podemos afirmar que o sujeito, além do objeto, também aparece prefixado aos verbos transitivos. Inclusive, na nossa análise atual, dividimos os verbos transitivos de acordo com os prefixos marcadores de sujeito. Vimos na seção 4.5.1 que o objeto é marcado no verbo quando é um pronome. Quando o objeto é um sintagma nominal, é o sujeito que é marcado no verbo. Afirmamos que, quando um ou outro argumento não está presente na raiz verbal, o morfema ø ocorrerá. Temos evidências de um morfema nulo representando o sujeito e o objeto porque na 1ª pessoa do dual/plural ambos, sujeito e objeto, são marcados explicitamente no verbo.

Com a descrição das classes verbais na seção 4.4.2, pudemos descobrir um maior número de prefixos que marcam pessoa que aparecem no verbo. Abaixo, mostraremos um quadro com os prefixos de sujeito e objeto:

	Sujeito				Objeto	
	Singular		dual/plural		singular	dual/plural
	transitivo	Intransitivo	transitivo	intransitivo		
1ª pessoa	ø/ti	ĩ/ø	wa/ø	wa/ø	ĩ/ø	wa
2ª pessoa	ĩ	a/ai/ø	ĩ	a/ai/ø	ai	ai
3ª pessoa	ø/ti	ø/ti	ø	ø/ti	ø	ø

Quadro 31: Prefixos verbais de sujeito e objeto

Como podemos observar no quadro acima, os prefixos de objeto de 1ª pessoa do singular e 2ª pessoa do singular, dual/plural são idênticos aos prefixos de sujeito que aparecem em orações intransitivas. Como os prefixos de objeto *wa*, 1 pessoa dual/plural e o prefixo ø de 3ª pessoa singular e dual/plural são idênticos aos prefixos de sujeito que aparecem em orações transitivas e intransitivas, vamos supor que estão se opondo aos prefixos de sujeito intransitivo, já que com a 1ª pessoa singular e 2ª pessoas há essa ocorrência. Com essa descrição, continuamos a afirmar que os prefixos participam do sistema de marcação de caso ergativo/absolutivo.

Afirmamos, então, que a língua Xavante possui um sistema de marcação de caso cindido, pois quando mostra-se o quadro dos pronomes livres ou sintagmas nominais, apresenta um determinado padrão, quando mostra-se o quadro em relação aos verbos auxiliares existentes nesta língua, apresenta-se outro padrão.

Então, em relação aos morfemas *wa*, *te* e *ma*, a marcação de caso nesta língua está condicionada ao tipo afirmativo ou negativo da oração. As orações afirmativas apresentam um split de S, isto é, um sistema ativo – estativo. O sujeito das orações transitivas possui os mesmos morfemas que o sujeito das orações intransitivas ativas,

formando um padrão ativo. Por outro lado, o sujeito das orações intransitivas estativas, juntamente com o objeto da oração, forma um padrão estativo, pois em ambas as orações, os morfemas *wa*, *te* e *ma* não estão presentes. Já as orações negativas apresentam um outro sistema de marcação de caso, o caso ergativo / absolutivo. O sujeito das orações transitivas negativas se comporta de forma diferente em relação ao sujeito das orações intransitivas ativas e estativas e ao objeto.

No quadro dos pronomes livres e sintagmas nominais da língua, o Xavante possui uma marcação de caso do tipo nominativo-acusativo.

O quadro (31), acima nos mostra que as formas presas das orações transitivas podem marcar o sujeito ou o objeto da oração. Além disso, os verbos transitivos apresentam prefixos que são diferentes dos verbos intransitivos, conforme foi visto na seção sobre classes verbais.

A língua Xavante apresenta uma cisão entre as formas livres, que são os verbos auxiliares e os pronomes livres, e as formas presas, que são os prefixos de pessoa. O padrão ergativo se manifesta em orações negativas, em orações afirmativas ativas e com os morfemas presos, enquanto o padrão acusativo se manifesta com os pronomes livres e em orações afirmativas estativas.

5.2- A Estrutura das Sentenças

Neste capítulo, apresentaremos uma descrição das duas ordens de palavras possíveis em orações declarativas, a saber, ordem SOV e SVO. Apresentaremos, também, alguns dados com a ordem OSV. Neste caso, veremos que o objeto ocorre no início da oração quando o sujeito pronominal não está presente. Em casos com esta ordem OSV, a posição onde o sujeito foi gerado está preenchida pelo coletivo que marca sujeito, *tsiwi*. Este coletivo nos mostra uma evidência de que o sujeito foi gerado interno a vP. Como discutimos na dissertação, e veremos nesta seção, a língua Xavante apresenta a ordem SOV como a ordem básica da língua, pois é a ordem de maior freqüência na oração declarativa simples e de maior produtividade gramatical.

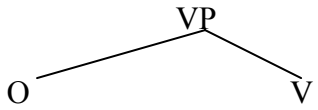
Com a descrição da ordem básica, segundo os estudos tipológicos, apresentada em Oliveira (2002), e reapresentada neste capítulo, estabelecemos uma base para discutirmos a linearização da ordem SOV, predominante nesta língua, através de um enfoque fundamentado na Teoria Gerativa, principalmente os quadros teóricos de (Chomsky 1993 e 1995) e (Kayne 1994). Para a linearização da cadeia dos constituintes frasais, Chomsky (1995), por exemplo, adota a proposta de Kayne (1994) de que os Princípios da Gramática Universal apenas determinam o ordenamento Sujeito Verbo Objeto (SVO), sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem.

Ao contrário de Kayne (1994), que propõe que todas as línguas são uniformemente de núcleo inicial, e que as línguas do tipo OV devem envolver movimento de objeto à esquerda, TAKANO, 1996 apud VICENTE (2004) p. 84,

argumenta que há línguas do tipo OV que possuem o objeto gerado na base, e há outras em que a ordem OV é derivada via movimento.

As línguas que possuem a ordem OV gerada na base têm a seguinte estrutura:

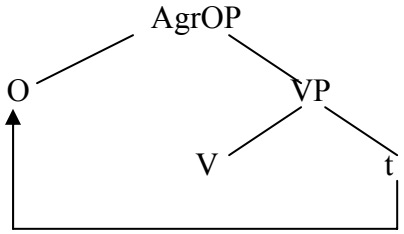
316) OV gerado na base:



De acordo com essa análise, essas línguas são parametrizadas para núcleo final VP.

Segundo Kayne (1994), a ordem OV não pode ser gerada na base. O objeto é gerado como complemento de VP e se move para a esquerda. Nesta hipótese, o sítio de pouso para o objeto seria o especificador do sintagma AgrOP (specAgrOP):

317) OV derivado:



Pretendemos então, nesta seção, discutir a linearização da ordem SOV através do enfoque baseado na proposta de Kayne (1994), pois temos evidências de que a ordem SVO parece ser a ordem base.

Há diversos testes utilizados para a demarcação da fronteira de VP. Um desses testes utilizados é a posição dos advérbios não – sentenciais. A partir da posição deste tipo de advérbios, que são gerados adjuntos ao VP, é possível determinar se a linearização da ordem SOV é produzida ou não pelo movimento do verbo e de seus argumentos para fora de VP. Em Xavante, a posição desses advérbios na sentença não serve como diad3o 6TOcoos para [(dem)8(a)-1(rcaçrd) [(s)]TJ0 0004 Tc 048139 Tw 16107 0 Td[ā front

carrega os traços flexionais de tempo e pessoa sujeito. Então, como o verbo principal tem que atribuir caso ao objeto, este objeto será gerado como complemento do verbo. Portanto, o verbo auxiliar, em Xavante, também não serve como diagnóstico de marcação de fronteira de VP. Veremos, na seção 5.2.1.1.1, que o objeto se move da posição em que recebeu caso para uma posição acima do verbo principal ou do verbo auxiliar.

Vamos postular que em Xavante, a ordem OV é derivada, pois, analisando as construções interrogativas múltiplas, veremos que o sintagma interrogativo de objeto pode ocorrer à direita do verbo, no final da oração:

319) e waima da aibö ma ti - tsõ mari
Int quem para homem 3ª/pass. 3ª - dar oque.
'Para quem o que aquele homem deu?'

Na língua Xavante, em orações declarativas afirmativas, o verbo tende a vir no final da oração, com exceção da ordem SVO em que o verbo ocorre entre o sujeito e o objeto.

Segundo Kayne (1994), o verbo e seus argumentos são gerados internamente ao VP. Isto acontece em todas as línguas. Seguindo a proposta de Kayne que diz que movimentos ocorrem somente à esquerda, vamos mostrar que, para a linearização da ordem SOV, o objeto se move para uma posição acima do verbo.

O objeto é um argumento interno do verbo, recebendo nesta posição seu papel temático (semântico). Já o sujeito é um argumento externo do verbo e recebe seu papel temático do verbo juntamente com o argumento interno. Resumindo, o verbo atribui

papel temático ao seu argumento interno, e juntos, verbo e complemento, atribuem papel temático ao argumento externo.

Para mostrarmos a linearização da ordem SOV, discutiremos a posição do verbo principal e do verbo auxiliar da oração, assumindo que o verbo principal não sai do núcleo do vP, posição na qual a raiz recebe seu verbalizador, e o verbo auxiliar é gerado como núcleo de TP. Analisaremos também a posição do sujeito que, na oração, além de um sintagma nominal, pode ser marcado por morfemas livres que carregam o traço de pessoa e tempo e também por uma concordância no verbo. Em seguida, discutiremos a posição do objeto que, na ordem SOV, pode aparecer em duas posições diferentes.

Como dissemos anteriormente, neste capitulo faremos a descrição da ordem de palavras, apresentando as duas ordens de palavras existentes na língua Xavante: SOV e SVO. Como vamos propor que a ordem SOV é derivada da ordem SVO, mostraremos aqui, primeiramente, a linearização da ordem SVO, para em seguida, apresentar a derivação dessa ordem. Veremos também que o Xavante possui as ordens S AUX VO, S AUX OV ou SO AUX V.

Além da linearização das orações declarativas, apresentaremos, também, a ordem de palavras das orações interrogativas simples, mostrando que as palavras interrogativas na língua Xavante sofrem movimento sintático, isto é, elas são extraídas de sua posição básica para uma posição mais alta na sentença, e também apresentaremos as interrogativas múltiplas, mostrando que somente um sintagma QU pode ser movido para a periferia esquerda da oração, ficando o outro sintagma *in situ*. As posições de aterrissagem dos sintagmas QU movidos de sua posição básica serão mostradas na seção 5.3, onde trataremos da estrutura CP.

Nesta mesma seção, faremos uma descrição das estruturas das sentenças transitivas, intransitivas e estativas da língua Xavante. Veremos que as sentenças dessa língua parecem estar condicionadas pela presença ou ausência dos morfemas livres *wa*, *te* e *ma*, verbos auxiliares que marcam pessoa sujeito e tempo da oração.

Como vimos anteriormente, na seçao 5.1, as orações transitivas e intransitivas declarativas ativas são idênticas, ambas possuem verbos auxiliares marcando o sujeito e prefixos verbais marcando o sujeito em orações transitivas ou intransitivas, ou o objeto em orações transitivas.

As orações intransitivas ativas negativas possuem formas idênticas às orações intransitivas estativas afirmativas e negativas, não apresentando os auxiliares *wa*, *te* e *ma* nas suas estruturas, diferindo das orações transitivas negativas. As orações transitivas negativas se caracterizam pela presença dos verbos auxiliares que marcam pessoa e tempo, embora se diferenciando em alguns aspectos. Podemos observar, no quadro a seguir, que esses auxiliares aparecem, em orações transitivas negativas, somente com algumas pessoas:

	Afirmativas		Negativas	
	singular	Plural	singular	Plural
Transitivas	wa (1ª pessoa) te (2ª/3ª pessoa) ma (2ª/3ª pessoa)	wa (1ª pessoa) te (2ª/3ª pessoa) ma (2ª/3ª pessoa)	te (3ª pessoa)	wa (1ª pessoa) te (3ª pessoa)
Intransitivas Ativas	wa (1ª pessoa) te (2ª/3ª pessoa) ma (2ª/3ª pessoa)	wa (1ª pessoa) te (2ª/3ª pessoa) ma (2ª/3ª pessoa)	-	-
Intransitivas Estativas	-	-	-	-

Quadro 32: Presença ou Ausência dos Morfemas de Pessoa e Tempo *wa*, *te* e *ma*:

Podemos notar, no quadro acima, que os auxiliares que marcam pessoa e tempo presente e passado aparecem em orações transitivas e intransitivas ativas afirmativas. Em orações intransitivas ativas negativas e em orações intransitivas estativas afirmativas e negativas, esses auxiliares não aparecem. No caso das orações transitivas negativas, os auxiliares ocorrem com a 3ª pessoa do singular e com as 1ª e 3ª pessoas do plural. Veremos adiante, que em orações transitivas vas, os auxili2r3 e tea763 52 pen serd[(n afiris

Veremos também que, as orações negativas, em todos os tipos de oração, possuem o morfema de negação *õ* e o morfema estativo *di*. Podemos dizer, então, que as orações ativas da língua Xavante, além de possuírem um recorte afirmativo/negativo, podem também possuir um recorte ativo/estativo. Uma hipótese é que as orações afirmativas possuem um padrão ativo e as orações negativas possuem um padrão estativo.

Nas seções 5.2.2, 5.2.3 e 5.2.4 iremos descrever e dar exemplos das orações transitivas, intransitivas e estativas.

5.2.1- **Ordem dos Constituintes da Oração**

Na dissertação de Mestrado "Periferia Esquerda na Língua Xavante" (Oliveira 2002), descrevemos a ordem dos constituintes da oração em Xavante dentro do quadro dos estudos de Tipologia de Ordem Vocabular. O principal objetivo dos estudos de tipologia sintática é o de estabelecer qual é a ordem básica dos constituintes em uma determinada língua. A ordem vocabular para ser considerada básica deve atender a alguns critérios, tais como: a maior freqüência de ocorrência, a menor marcação pragmática e morfológica, a maior produtividade gramatical.

De acordo com os estudos tipológicos (cf. Lehmann 1978), as línguas do mundo se dividem em dois tipos: línguas do tipo VO, em que o objeto segue o verbo, e línguas do tipo OV, na qual o objeto antecede o verbo. Greenberg (1963) dividiu as línguas de acordo com a posição do sujeito (S), do verbo (V) e do objeto (O), postulando vários universais. Por exemplo, um universal diz que se a ordem básica de uma língua é SOV, um auxiliar flexionado irá seguir o verbo principal, ordem V-AUX (Universal número

16). Outro universal proposto por Greenberg é que uma língua que possui a mesma ordem SOV possui posposições em vez de preposições. Alguns dos universais de Greenberg possuem exceções, mas muitos deles continuaram a vigorar em trabalhos posteriores.

Foram feitas outras análises dentro do quadro da tipologia, como por exemplo, o trabalho de Lehmann (1973). A partir de Lehmann, línguas dos tipos SVO, VSO e VOS foram caracterizadas em um único tipo, VO, isto é, o verbo antecedendo o objeto, contrastando com línguas do tipo OV, que possuem o verbo seguindo o objeto.

Os estudos de tipologia foram um ponto de partida para iniciarmos os estudos sobre a língua Xavante. Estes estudos tipológicos nos permitiram fazer uma primeira abordagem a respeito da ordem dos constituintes da oração e de vários outros processos de ordem vocabular que são investigados através destes estudos.

Nos primeiros trabalhos da teoria gerativa, as generalizações sobre a ordem de palavras foi capturada pela teoria X', que usou a noção de parâmetro para definir as línguas. A Gramática Gerativa possui princípios universais, que são comuns a todas as línguas, que podem ser parametrizados. No que diz respeito a ordem de constituintes, se uma língua possui um argumento antecedendo o núcleo, terá núcleo final, e se uma língua possui um argumento seguindo o núcleo terá núcleo inicial.

Estudos iniciais sobre os constituintes da oração, como os trabalhos de tipologia e trabalhos iniciais da Gramática Gerativa, já apontavam uma estrutura assimétrica das línguas VO e OV. A partir desses trabalhos, surgiram novas abordagens em relação ao estudo da ordem de palavras.

Kayne (1994) reviveu a Hipótese de Base Universal (UBH) proposta por Bach (1968) em uma nova forma. A UBH dizia que todas as línguas têm estruturas profundas

idênticas que são permutáveis pelas transformações específicas de cada língua. Kayne (1994) propõe, entre outras coisas, que todo ramo de uma árvore é binário, todo complemento está à direita do núcleo, todos os adjuntos e especificadores estão à esquerda, e todo movimento sintático é feito para a esquerda.

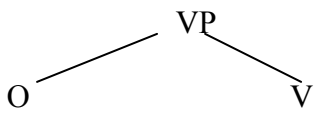
Como vimos acima, há outras propostas para analisar as línguas OV. Uma delas é que a ordem OV é derivada na base, isto é, a estrutura do VP já possui uma ordem OV parametrizada.

Em seu artigo "*Derived versus Base OV*", Vicente (2004) descreve duas línguas OV que possuem diferentes formas para a linearização dessa ordem: o holandês e o basco. Segundo ele, o holandês tem sua ordem OV gerada na base em uma estrutura VP de núcleo final. Já a ordem OV no basco é derivada pelo movimento à esquerda do objeto. Tomando a posição do advérbio, *scramble* e extração como diagnóstico para ver se há ou não movimento do objeto à esquerda nessas duas línguas, Vicente (2004) afirma que em basco o movimento do objeto ocorre por razões puramente sintáticas (*feature checking*),

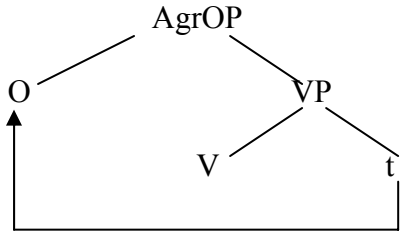
e em holandês, quando há movimento do objeto para a esquerda, este objeto se move por razões estruturais de informação.

OV gerada na base vs. derivada

320) Holandês



321) Basco



A partir da descrição das ordens vocabulares da língua Xavante feita nesta seção, discutiremos na seção 5.3.1, as linearizações das ordens S AUX VO, S AUX OV e SO AUX V através de um enfoque baseado no projeto cartográfico, pois, como veremos a seguir, iremos analisar os argumentos que estão acima do verbo auxiliar como tópico ou foco.

5.2.1.1- Orações Declarativas

As orações declarativas na língua Xavante possuem duas combinações posicionais de S (sujeito), V (verbo), O (objeto): as ordens, SOV e SVO. Abaixo, descreveremos estas duas ordens de palavras da língua. Em Oliveira (2002), afirmamos que a língua Xavante possuía, também, a ordem OSV. Veremos, adiante, que esta ordem ocorre quando o sujeito pronominal não está presente.

Ordem SOV

Nos dados primários coletados, a ordem SOV aparece com bastante freqüência. Como podemos observar, o exemplo (322), o sintagma nominal de sujeito '*pi'õ*', ocorre em primeira posição, sendo logo seguido pelo morfema *ma*, morfema que, como vimos em seções anteriores, marca a 2ª/3ª pessoa do sujeito e o tempo passado da oração. Na nossa presente análise afirmamos que esses morfemas são os verbos auxiliares. Após este morfema, temos a presença do objeto *ab're*, que significa "buraco" e logo após, o verbo principal:

	S		**O**	**V**
322)	pi'õ	ma	ab're	ø - tsitó
	mulher	*3ª/pass.*	*buraco*	*3ª - fechar*
	'A mulher fechou o buraco'			

O mesmo acontece com o exemplo (323), com o verbo auxiliar *te*, que marca o tempo presente e a 2ª/3ª pessoa da oração, no caso do exemplo abaixo, a 3ª pessoa:

	S		**O**	**V**
323)	aibö	te	tã	ø - wa.'pa
	homem	*3ª/pres.*	*chuva*	*3 - ouvir*
	'O homem ouve a chuva'			

Podemos dizer que a língua Xavante apresenta a ordem SOV como a ordem básica da língua, pois é a ordem de maior freqüência em uma oração declarativa simples:

	S	**O**	**V**
324)	aibö	tebe	ma ti - ‘rẽ
	homem	*peixe*	*3ª/pass. 3ª - comer*

‘O homem comeu o peixe’

Além disso, temos evidências de que o Xavante é uma língua de núcleo final. Essa língua apresenta alguns parâmetros de núcleo final, como posposições, genitivos, demonstrativos e possessivos antepostos ao nome, conforme foi discutido em Oliveira (2002) e exemplificado resumidamente abaixo:

Posposições

325) buru u te mo
roça à 3ª ir
‘Ele vai à roça’

Genitivos

	G	**N**
326)	’ro’oré -	pa
	macaco-	fígado

‘O fígado do macaco’

Demonstrativos

	D	**N**
327)	’õhõta	tsa’a
	aquele	monte

‘Aquele monte’

Possessivos

	Poss.	**N**
328)	i -	tsitsi’re
	meu -	nariz
	‘Meu	nariz’

Em relação à marcação morfológica, esta ordem apresenta os mesmos morfemas que a ordem SVO. Nessas duas ordens existentes no Xavante, o verbo auxiliar[13] está presente, carregando os traços de tempo e pessoa sujeito. Nota-se nos exemplos (322) e (323) que o verbo auxiliar ocorre na 2ª posição da oração, e no exemplo (324), este verbo auxiliar está após o objeto, antecedendo o verbo principal. A nossa hipótese é de que os verbos auxiliares permanecem na posição em que foram gerados e que o objeto pode ocorrer em duas posições distintas com a ordem de palavras SOV:

329)

a) S AUX O V

b) S O AUX V

Além disso, postulamos que tudo o que ocorre acima do verbo auxiliar está em uma posição na estrutura CP. No caso dos exemplos acima, o sujeito se moveu de uma posição onde checou seu traço EPP, para uma posição acima da oração, nos exemplos (322) e (323). No exemplo (324), ambos, sujeito e objeto se moveram para uma posição em CP. O objeto, no exemplo (324), se moveu de uma posição argumental, posição em

[13] Veremos nas seções 5.2.4 e 5.2.5 que as orações intransitivas ativas negativas e as orações intransitivas estativas não possuem os verbos auxiliares.

que recebeu caso, para uma posição não argumental (posição A'). Voltaremos a esse assunto na seção 5.3.1.

Veremos, mais adiante, que o verbo auxiliar é gerado diretamente no núcleo do nó TP. O objeto se move da posição de argumento interno do verbo para uma posição ou acima do verbo principal, que permanece na posição de núcleo do vP, ou acima do verbo auxiliar.

Ordem SVO

A ordem SVO, assim como a ordem SOV, também aparece com bastante freqüência nos dados do Xavante. Esta ordem não foi encontrada nos trabalhos do SIL da década de 70, levantando a hipótese de que a ordem SVO está sendo usada com mais freqüência nos dias de hoje. Segundo um índio Xavante, os mais jovens estariam falando desta forma para ficar mais próximo do português. Não acreditamos que a ordem SVO seja somente a tradução literal do português para o Xavante, pois esta ordem possui as mesmas marcações morfológicas que a ordem SOV. Nota-se que os exemplos abaixo possuem também os verbos auxiliares.

No exemplo (330), assim como no exemplo (331), o verbo auxiliar ocupa a segunda posição, sendo antecedido pelo sujeito:

S **V** **O**

330) Watebrémi te ***ø*** **-** hö hu'u
menino *3ª/pres.* *3ª - atirar* *onça*
'O menino atira na onça'

S V O

331) aibö ma ø - re rob'rã

homem 3ª/pass. 3ª - comer fruta

'O homem comeu a fruta'

Nestes exemplos, os verbos auxiliares *wa*, *te* e *ma* sempre aparecerão em 2ª posição, antecedendo imediatamente o verbo principal. Assim, com a ordem SVO, sempre teremos o auxiliar antecedendo imediatamente o verbo principal:

332)

a) S AUX V O

Além disso, seguindo Kayne (1994), vamos propor que a ordem SVO é a ordem gerada pelos Princípios da Gramática Universal.

Ordem OSV

Em Oliveira (2002), afirmamos que a ordem OSV ocorria na língua Xavante. Na época, achamos dois exemplos encontrados em parte de um mito chamado "A Origem do Fogo", no qual dissemos que o objeto, nesta ordem vocabular, estaria deslocado à periferia esquerda da oração. Como os dois exemplos tirados desse mito são os únicos existentes com a ordem OSV, encontrado em nosso corpus e, também, nos dados do SIL, não achamos que essa ordem seja produtiva na língua.

Nos dados analisados até então, há a existência da ordem OSV no qual, o objeto, só está no início da oração pelo fato de que o sujeito foi apagado.

O (S) V

333) wedehu wa ti - tsã

vara 1ª/pres. 1ª - ver

'Eu vejo a vara'

S O V

334) wa hã wedehu wa ti - tsã

1ª vara 1ª/pres. 1ª - ver

'Eu vejo a vara'

Em Xavante, há a possibilidade dos pronomes livres de sujeito estarem ausentes, permanecendo somente os verbos auxiliares que estão relacionados com o sujeito e com o tempo da oração.

Como podemos ver nos dados (333) e (334), as duas frases são gramaticais. Como foi dito anteriormente, a língua Xavante é uma língua *pro-drop* de sujeito, isto é, é uma língua na qual pode se omitir o seu argumento externo. Assim, não podemos dizer que os dados (333) e (336), abaixo, sejam realmente OSV, e sim SOV, omitindo o pronome livre:

S O V

335) o hã ö ma höiré

3ª água 3ª/pass. beber

'Ele bebeu água'

O (S) V

336) ö ma höiré

água 3ª /pass. beber

'Ele bebeu água'

Apesar desses exemplos não serem realmente com a ordem OSV, e sim, SOV, pois o sujeito é apagado, ficando somente o verbo auxiliar para marcar este sujeito, esta forma *prodrop* de sujeito O (S) V é bastante produtiva em Xavante. O pronome livre não é muito utilizado na fala do dia a dia.

Nos exemplos acima, o objeto, assim como o sujeito, se movem da posição onde receberam caso e papel temático para uma posição não argumental.

Há casos, também, que a posição de especificador do vP está preenchida pelo coletivo que marca sujeito *tsiwi*. Este coletivo, como falamos anteriormente, não co-ocorre com sintagmas nominais, e sim, somente com os pronomes livres ou quando eles estão ausentes.

Veremos, na seção 5.3, que o sujeito sobe primeiramente para a posição de especificador de TP para checar caso nominativo e, em seguida, para a posição de especificador de tópico, deixando uma cópia na posição em que foi gerado. Veremos, também, que este sujeito em tópico pode ser apagado, apresentando o coletivo *tsiwi* e o verbo auxiliar para marcar este sujeito.

Com a descrição das ordens vocabulares encontradas na língua Xavante, passaremos, de agora em diante, a analisar a linearização dessas ordens vocabulares a partir da proposta feita por Kayne (1994). Vamos propor, então, que a ordem SOV encontrada na língua Xavante é derivada da ordem universal SVO.

Em Xavante, existem evidências de que a ordem SVO seja a ordem de base.

Vamos mostrar, primeiramente, parte da derivação da ordem SVO, para, em seguida, analisarmos a derivação da ordem SOV a partir dessa ordem. Mostraremos que, já na derivação da ordem SVO, o sujeito se move para o especificador de TP1 para

satisfazer seu traço EPP[14]. O objeto, nessa ordem, não precisa se mover da posição em que foi gerado, a posição de complemento do verbo principal. Quando há a derivação da ordem SOV, o objeto se move para uma posição acima do verbo principal ou acima do verbo auxiliar.

Dentro da proposta de Kayne (1994), o especificador (sujeito) e o complemento (objeto) sempre vão ocupar posições opostas ao núcleo e que a variação da ordem dos constituintes SOV, OSV, VSO, VOS, OVS ocorre pelo movimento do sujeito, do objeto e do verbo.

Vejamos a etapa da derivação da língua Xavante em que o sujeito e o objeto são gerados em posições opostas ao verbo. Nesta etapa, o sujeito se move da posição de especificador do vP, onde recebe papel temático e caso nominativo, para o spec de TP para checar o traço EPP.

Como na seção 4.7 já foi vista a primeira etapa da derivação, na qual todos os traços sintáticos foram juntados, por exemplo, o categorizador verbal juntado a raiz para formar um verbo, mostraremos, aqui, somente a ação das operações morfológicas, que podem juntar, mover, eliminar e acrescentar itens lexicais.

337) pi'õ ma ø – tsitó ab're
A mulher fechou o buraco

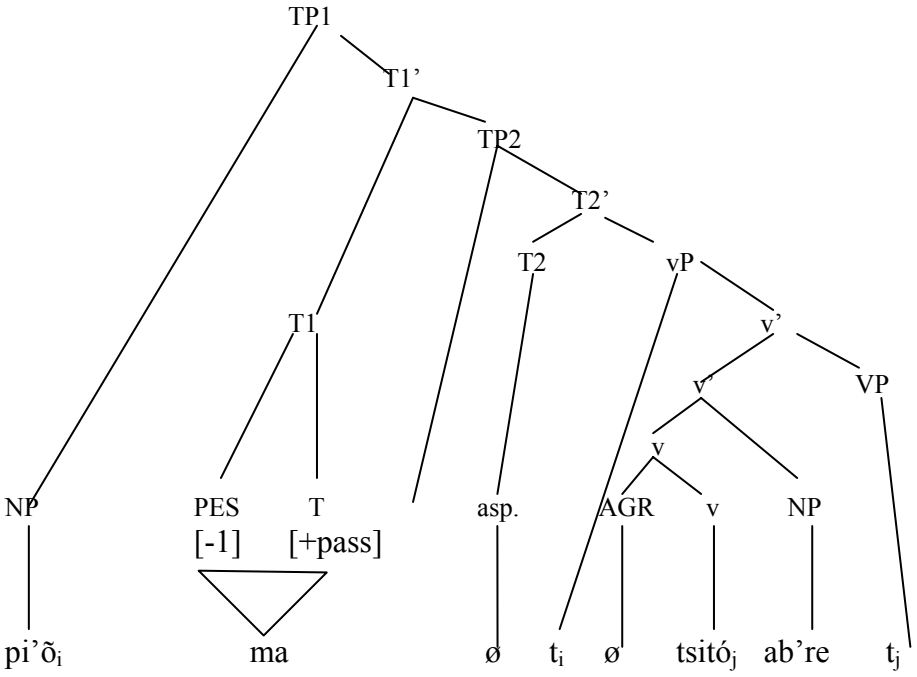
a) [$_{TP1}$ ma [$_{TP2}$ [$_{vP}$ pi'õ tsitó$_j$ ab're [$_{VP}$ t$_j$]]]]
3ª/pass. mulher fechar buraco

b) [$_{TP1}$ pi'õ$_i$ ma [$_{TP2}$ [$_{vP}$ t$_i$ tsitó$_j$ ab're [$_{VP}$ t$_j$]]]]
mulher 3ª/pass. fechar buraco

[14] EPP= Extended Projection Principle.

No exemplo acima, a raiz *tsitó* “fechar” é juntada ao seu categorizador, que veremos na árvore abaixo é nulo. O morfema *ma*, que estamos analisando como verbo auxiliar, apresenta os traços [-1ª pessoa] [+passado], sendo gerado no núcleo de TP1. O objeto da oração *ab’re* “buraco” é gerado como complemento do verbo, recebendo do verbo o seu papel temático. Na derivação da ordem SVO, o objeto não se move da posição em que ele foi gerado. Já o sujeito *pi’õ* “mulher”, que foi gerado como especificador de vP, recebendo nesta posição o seu papel temático e caso nominativo, sobe para a posição de especificador de TP1 para satisfazer seu traço EPP. Neste ponto da derivação foi gerada a ordem SVO em orações transitivas:

338) pi’õ ma ø - tsitó ab’re
mulher 3ª/pass. 3ª - fechar buraco
‘A mulher fechou o buraco’



Voltaremos com a análise das estruturas transitivas e intransitivas nas seções 5.2.2 e.5.2.3. A estrutura CP será analisada, como já foi dito, na seção 5.3.1. Nesta seção, analisaremos as construções interrogativas, as construções de tópico e as construções de foco.

5.2.1.1.1- A Derivação da Ordem Vocabular SOV

Nesta seção, veremos que o verbo principal não sofre movimento sintático para fora do vP. Para derivar as orações da língua Xavante, postulamos a existência de uma categoria funcional TP, que se divide em TP1 e TP2. O verbo auxiliar é gerado no núcleo de TP1 e o aspecto no núcleo de TP2. O verbo principal, em Xavante, é gerado no núcleo do vP e permanece interno a este núcleo. O verbo principal só carrega traços de pessoa que são, ou concordância de sujeito ou argumento interno, que aparecem prefixados à raiz verbal.

O verbo auxiliar, em Xavante, sempre antecede o verbo principal, conforme se vê em (339):

339) aibö ma ab're tsitó
homem 3ª/pass. buraco fechar
O homem fechou o buraco

Note a agramaticalidade da sentença (340) com o verbo auxiliar ocorrendo após o verbo principal:

340) *aibö ab're tsitó ma
homem buraco fechar 3ª/pass.
O homem fechou o buraco

Propomos, de fato, que o verbo auxiliar é gerado no núcleo de TP. Afirmamos que o auxiliar não pode ser gerado no núcleo de vP, uma vez que não faz parte das relações temáticas do predicado.

No exemplo abaixo, temos a raiz verbal *rẽ* "comer", juntamente com o prefixo de sujeito *ti* [+3ª pessoa], que é apenas concordância, e está interna ao núcleo do vP. A nossa hipótese é, que o verbo auxiliar é gerado no núcleo de TP por conter a flexão de tempo, portanto, o verbo principal não precisa subir para checar seus traços flexionais, pois o verbo auxiliar carrega estes traços.

341) [$_{TP1}$ ma [$_{vP}$ aibö ti - rẽ tebe]]
3ª/pass. Homem 3ª - comer peixe
O homem comeu peixe

Além disso, há na literatura, a proposta de que o movimento do verbo para o núcleo da flexão se dá a partir do fato de que este movimento é sensível à morfologia rica para pessoa, isto é, se uma língua possui um sistema rico de concordância de sujeito há movimento V → I, se uma língua não possui um sistema rico, o movimento de V → I não ocorrerá.

A língua Xavante não possui um sistema rico de concordância de sujeito. Como pudemos observar no quadro dos morfemas presos marcadores de sujeito da seção 4.5.1, repetido aqui. Alguns prefixos aparecem tanto em orações transitivas e intransitivas:

	Singular		**Dual / Plural**	
	TRANS	**INTRANS**	**TRANS**	**INTRANS**
1ª pessoa	ø- / ti-	ĩ- / ø-	wa- / ø-	wa- / ø-
2ª pessoa	ĩ-	a- /ai-/ ø-	ĩ-	a- /ai-/ ø-
3ª pessoa	ø-/ ti-	ø-/ ti-	ø-	ø -/ ti-

Quadro 33: Morfemas presos marcadores de sujeito

Podemos concluir que, para derivar a ordem SOV da ordem SVO, o verbo não precisa se mover para o núcleo de TP, pois nesta posição, o verbo auxiliar, que carrega a flexão de tempo, é gerado. Para a linearização da ordem SOV é o objeto que tem que se mover para uma posição acima do vP. Falaremos sobre o movimento do objeto mais adiante.

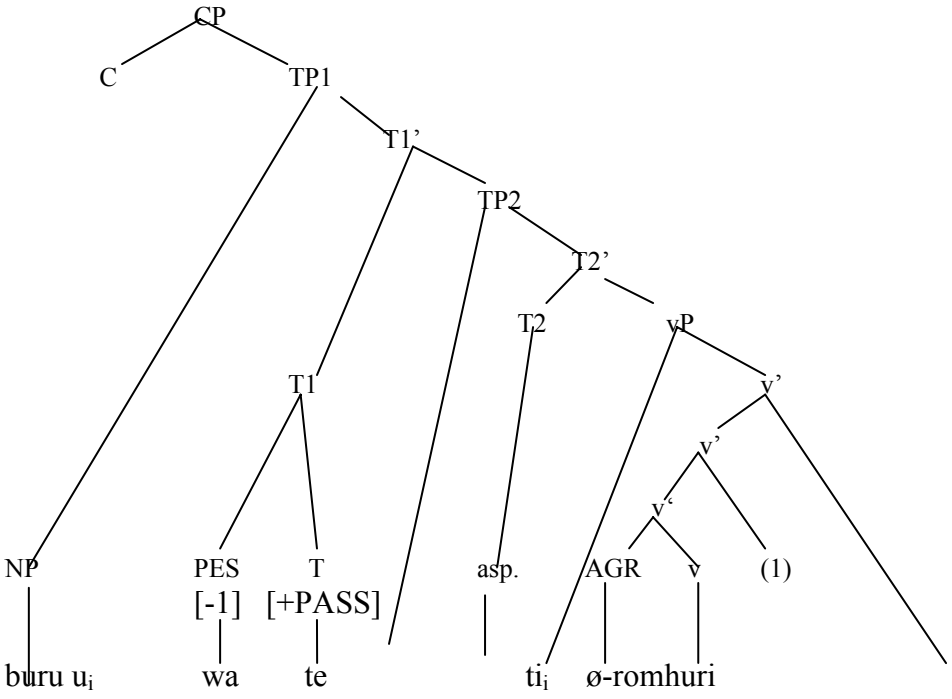
Em Xavante, há uma ordem relativa de ocorrência dos núcleos funcionais de número, negação e tempo/aspecto. Os morfemas de tempo, aspecto, número e negação são morfemas que após o *spell out* são pronunciados isoladamente. Os verbos auxiliares, que carregam o tempo, ocorrem antes do verbo principal, assim como alguns morfemas de aspecto, como aspecto perfectivo, imperfectivo de verbos ativos e tempo/aspecto futuro imperfectivo de orações afirmativas. Os morfemas de número, negação, aspecto imperfectivo de orações estativas e tempo/aspecto futuro imperfectivo de orações negativas ocorrem após o verbo principal.

A nossa proposta é que os morfemas de número, negação e tempo/aspecto são gerados juntos ao núcleo verbal, conforme nos mostram as árvores abaixo:

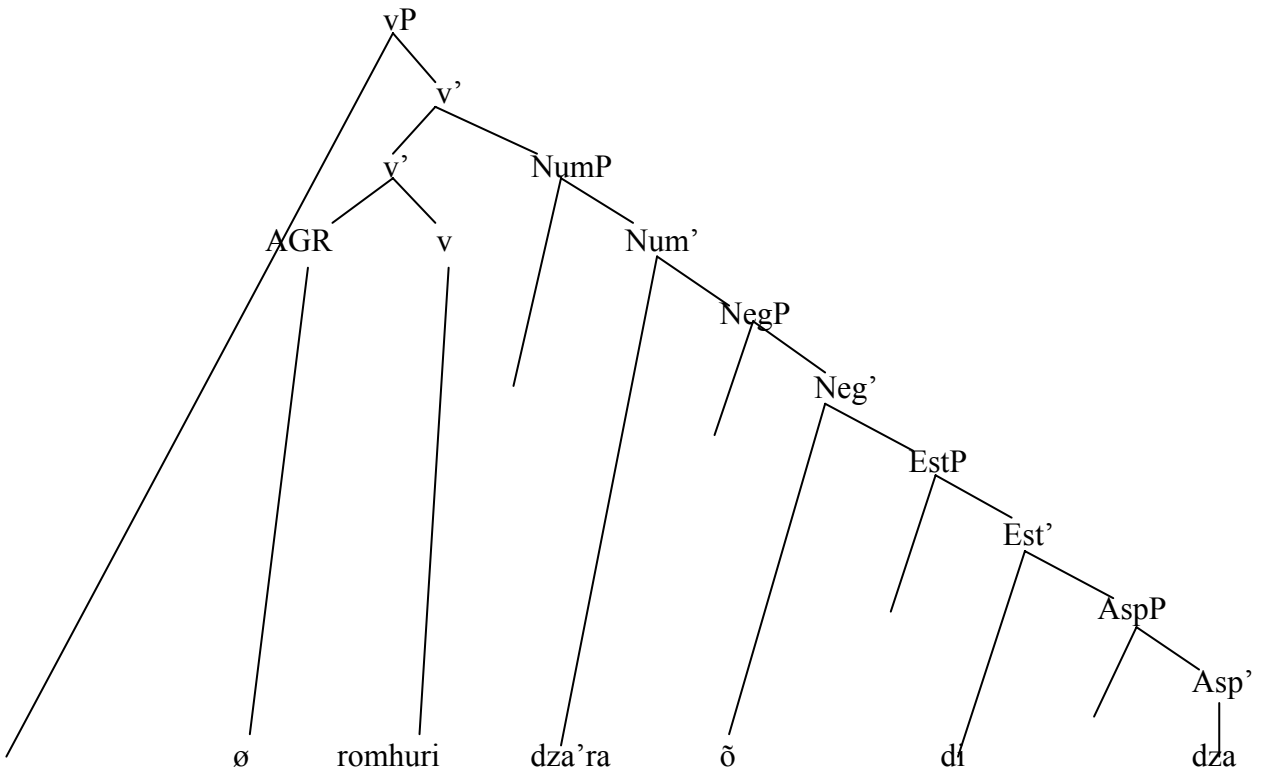
342) buru u wa te romhuri dza'ra õ di dza

roça para 1ª T trabalhar pl. neg. est. fut.

Nós não vamos trabalhar na roça



(1)



Esses morfemas são gerados juntos e após o *spell out* são pronunciados separadamente.

Comparando com uma língua do tronco Macro-Jê, a língua Karajá, que ao contrário do Xavante, é uma língua aglutinante, vimos que ambas possuem fundamentalmente a mesma posição de ocorrência dos morfemas listados acima.

Em Karajá (dados Maia, 1998), número, negação e tempo/aspecto ocorrem após a raiz verbal, como podemos observar nos exemplos abaixo:

343) r – i – wi – ny – reny – õ – re

3A – vt – fazer – VBLZ – PL. – neg. – pass. Remoto

Eles não fizeram

344) ar – i – wi – ny – reny – õ – kre
1A – vt – fazer – VBLZ – PL. – neg. – Fut
Nós não faremos

Uma outra evidência de que esses morfemas fazem parte do núcleo verbal é a posição dos advérbios. Em Xavante, os advérbios podem ocorrer no início, no meio ou no final da oração, mas não podem ocorrer entre o verbo principal e os morfemas de número, negação e tempo/aspecto. Nada pode ocorrer entre esses morfemas:

345) tepe dzô awa'awi te dza ai'aba'ré
peixe pelo agora 3ª asp.fut.imperf. ir/pl.
Eles irão pescar hoje

346) awa'awi tepe dzô te dza ai'aba'ré
agora peixe pelo 3ª asp.fut.imperf. ir/pl.
Eles irão pescar hoje

Como podemos ver no exemplo (347), abaixo, a oração se torna agramatical se um advérbio estiver entre o verbo principal e negação:

347) *tepe dzô te ai'aba'ré awa'awi õ di dza
peixe pelo 3ª ir/pl. agora neg. est. asp.fut.imperf.
Eles não irão pescar hoje

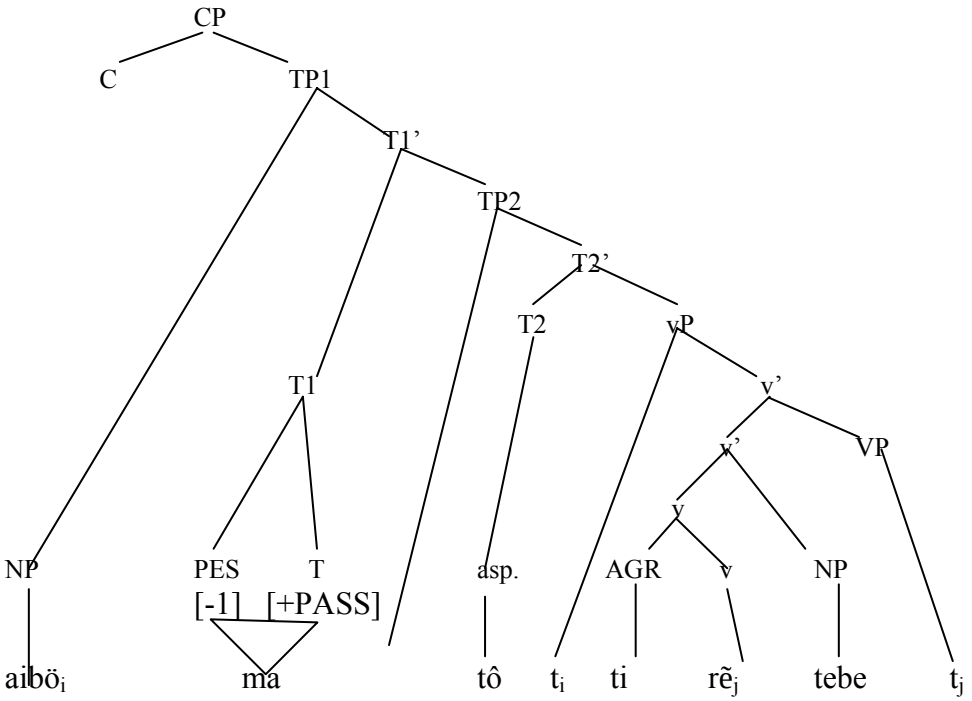
Como sugerido no início da seção, os argumentos do verbo são gerados internos a vP. O objeto é gerado como argumento interno do verbo, e juntos, verbo e objeto 4 bo, e

O sujeito, em Xavante, é gerado no especificador de vP, posição em que recebe caso nominativo, e se move para argumento externo do núcleo TP para checar seu traço EPP. Quando a oração possui um sintagma nominal de sujeito explícito, como podemos ver no exemplo abaixo[15], o SN virá sempre antes do verbo auxiliar, que neste caso é *ma* [1ª pessoa, +passado]. O verbo auxiliar é gerado no núcleo de TP, então o sujeito se move para o argumento externo dessa posição.

348) [$_{TP1}$ aibö$_i$ ma [$_{vP}$ t$_i$ ti - rẽ tebe]]]

homem 3ª/pass. 3ª - comer peixe

O homem comeu peixe



[15] Utilizaremos neste capítulo sempre o mesmo exemplo, que também foi tirado de outras seções, para melhor entendimento do leitor.

Além disso, veremos que o sintagma nominal de sujeito é movido para uma posição não argumental[16]. Em seguida, discutiremos a posição do objeto que, na ordem SOV, se move da posição de complemento do vP, ou para uma posição dentro do próprio núcleo vP, ou para uma posição em CP.

Como podemos observar no exemplo (349) abaixo, o verbo aparece no final da oração, caracterizando a ordem SOV. Nota-se que o objeto, que foi gerado internamente ao vP, se moveu para uma posição acima do verbo principal:

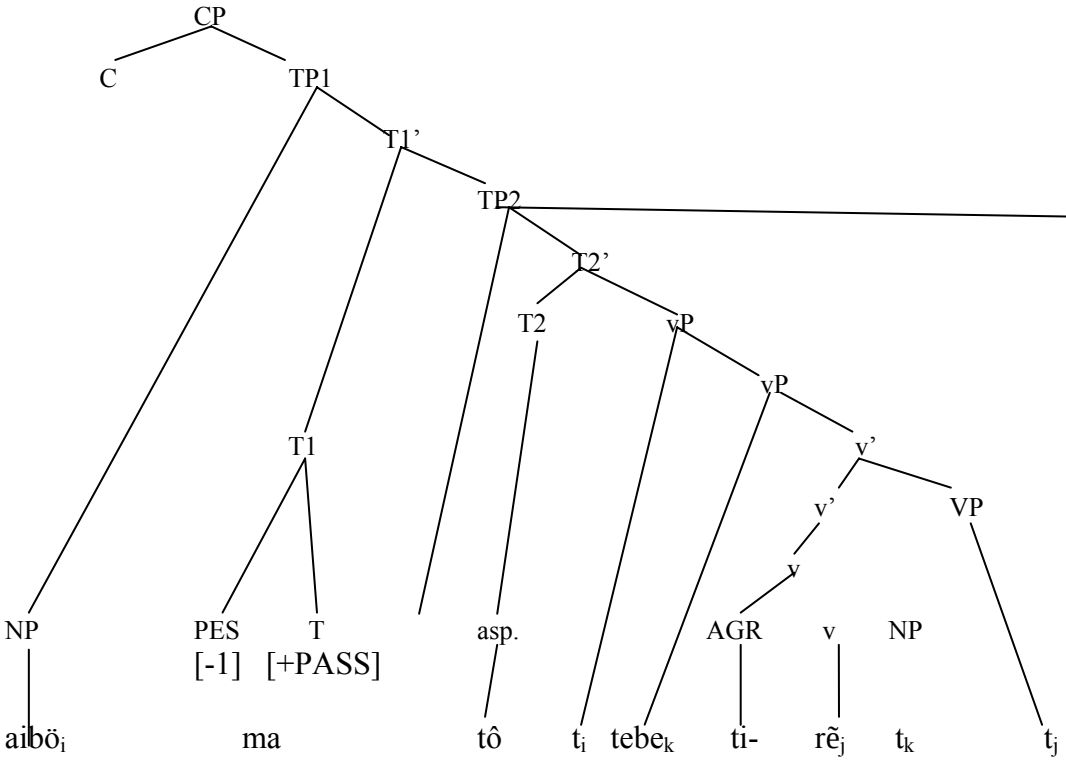
349) $[_{TP1}$ aibö$_i$ ma $[_{vP}$ tebe$_j$ t$_i$ ti - rẽ t$_j$]]

homem 3ª/pass. peixe 3ª - comer

O homem comeu peixe

O sujeito se move da posição de especificador de vP para a posição de especificador de TP1. Vamos propor, para a língua Xavante, a possibilidade de especificadores múltiplos. Neste caso, o vP teria dois especificadores, um no qual é a posição onde o sujeito recebe papel temático e caso nominativo, e outro será o pouso de aterrissagem do objeto.

[16] Discutiremos mais detalhadamente sobre o movimento do sujeito para uma posição não argumental na seção 5.3.


CP
C
TP1
T1'
TP2
T2'
T2
vP
vP
T1
v'
v'
VP
v
NP
PES
T
asp.
AGR
v
NP
[-1]
[+PASS]
aibö$_i$
ma
tô
t_i
tebe$_k$
ti-
rẽ$_j$
t_k
t_j

350) [$_{CP}$ aibö$_i$ tebe$_j$ [$_{TP1}$ ma [$_{vP}$ t$_j$ t$_i$ ti - rẽ t$_j$]]]
homem peixe 3ª/pass. 3ª - comer
O homem comeu peixe

5.2.1.2- Orações Interrogativas

As perguntas QU, em Xavante, se caracterizam pela presença de um morfema interrogativo no início da oração e pela presença de palavras interrogativas, ambos na periferia esquerda da oração, isto é, estão localizadas acima da oração via movimento sintático. As perguntas do tipo sim/não também têm um morfema visível que as tipificam como interrogativas.

O morfema interrogativo, o morfema *e*, é utilizado em perguntas do tipo sim/não e também em perguntas do tipo QU. A posição deste morfema interrogativo é fixa, aparece no início da oração, como mostram os exemplos a seguir:

351) e o hã te ti - nhore
int. 3ª enf. 3ª/pres. 3ª - cantar
'Ele está cantando?'

352) e momo te dza ai – mo
int. onde 2ª fut. 2ª - ir
'Onde você vai?'

5.2.1.2.1- Interrogativas Sim/Não

As interrogativas sim/não são chamadas assim por não ter em suas respostas, nada além de ‘sim’, ‘não’, ou no máximo ‘talvez’ ou ‘Eu não sei’, quer dizer, não possuem nenhum sintagma informativo.

Como vimos anteriormente, as perguntas do tipo sim/não possuem um morfema tipificador que aparece no início da oração, como podemos ver no dado a seguir:

353) e aibö ma tô tepe dzô mo ahömhö
int. homem 3ª/pass. perf. peixe pelo ir ontem
‘O homem foi pescar ontem?’

Se houver um sintagma topicalizado como nos exemplos (354) e (355), o morfema interrogativo ocorre logo após este sintagma, em segunda posição:

354) imro e mã ma ti - wi
marido int. ema 3ª/pass 3ª - matar
‘Seu marido, ele matou emas?’

355) Ba’airi e te ø - hödzu õ di
Bakairi int 3ª 3ª - picar neg. est.
‘Ele não picou o Bakairi?’

Este morfema é a única forma para diferenciar uma oração interrogativa de uma oração declarativa.

Veremos a posição onde os sintagmas topicalizados foram gerados e para qual posição no sintagma complementizador eles se moveram na seção 5.3. Utilizaremos estes mesmos exemplos para ilustrar esse movimento.

5.2.1.2.2- Interrogativas QU simples

As interrogativas QU possuem este nome pelo fato das palavras que as introduzem começarem com as letras ‘qu’, em português: que, quem, quando, qual, porque. Em inglês são chamadas de wh-questions: who, what, when, why, which. A resposta para este tipo de pergunta não pode ser somente ‘sim’ ou ‘não’, mas deve conter um sintagma informativo, como por exemplo:

356)

- O que você comeu?

- Peixe.

Na teoria de Princípios e Parâmetros, as interrogativas QU são construções interrogativas que envolvem um sintagma QU, como em português ‘qual’, ‘que’, ‘quando’, etc. Os sintagmas QU podem sofrer movimento sintático de sua posição básica a uma posição inicial da oração, deixando um vestígio no seu lugar de origem. O movimento QU desloca um sintagma QU para uma posição não argumental. O movimento dos sintagmas interrogativos se dá sempre para o especificador do sintagma complementizador, uma posição do tipo não argumental (A barra) fora do domínio

argumental (A) onde são satisfeitas as exigências gramaticais (por exemplo, caso e papel temático).

Nos modelos em que o CP dispõe de uma única projeção, o lugar de aterrissagem do sintagma QU que sofre movimento sintático é a posição de especificador do sintagma complementizador. Já no modelo cartográfico, como vimos, este sintagma QU que sofre movimento aterrissará em uma posição distinta na camada complementizadora, posição que dá conta dos elementos interrogativos.

Segundo Chomsky (1995), as palavras QU são formadas por um elemento indefinido mais um traço QU.

Em Xavante, as palavras interrogativas não parecem ser derivadas de uma única raiz, mas pela sua maior freqüência de ocorrência, o morfema *ha* pode ser considerado o traço interrogativo básico, como podemos ver no quadro a seguir:

357) <u>Palavras QU</u>

niha: como
mãha: qual
waha: quem
wateha: de quem
momo: onde
mame: onde
mãhawi: de onde
mari: o que
ni.wa: quando

Em perguntas do tipo QU o morfema interrogativo ocorre antes da palavra QU, como nos mostra o exemplo (358):

358) e mame aibö ma ø - waptãrã
int. onde homem 3ª/pass. 3ª - cair
'Onde o homem caiu?'

Morfemas posposicionais são sufixados às palavras interrogativas, como podemos observar nos exemplos a seguir:

359) e mari – da te dza ai – mo 'riahö u
int. que – para 2ª fut. 2ª - ir cidade para
'Para que você vai para a cidade?'

360) e 'wai – ma ma i – tsõ tebe
int. quem – para 2ª 2ª - dar peixe
'Para quem você deu o peixe?'

A língua Xavante possui movimento sintático QU, isto é, os sintagmas QU movem-se de sua posição básica para uma posição na periferia esquerda da oração, deixando um vestígio no seu lugar de origem. O lugar de aterrissagem do sintagma QU que sofreu movimento é a posição de especificador do sintagma complementizador.

Os SNs (e outros sintagmas) de uma interrogativa já possuem caso, portanto eles se movem somente para checar os traços QU. As palavras QU se movem para uma posição distante da posição onde elas receberam papel temático, a posição de especificador do sintagma complementizador, onde checam os traços QU em relação a Cº. Este movimento é engatilhado pela presença de um traço QU em Cº, ou como vimos no capítulo 3, em teorias mais recentes, no núcleo do sintagma INT, que, segundo Rizzi (1999), faz parte da expansão da camada complementizadora.

Sendo assim, parece que a língua Xavante possui traços morfológicos fortes, pois estes traços são checados via movimento sintático visível. Como vimos na seção 5.2 há também um morfema interrogativo em perguntas do tipo sim/não e em perguntas do tipo QU.

A língua Xavante possui as ordens SOV, SVO e OSV, e a ordem dos constituintes em uma pergunta QU difere da ordem dos constituintes em uma oração declarativa, como podemos ver nos dados a seguir:

	S	O		V
361)	waptsã	patire	ma	ø - tsadamrimi
	cachorro	*tamanduá*	*3ª/pass.*	*3ª - cheirar*

'O cachorro farejou um tamanduá'

362)	e	mari	waptsã	ma	ø - tsadamrimi
	int.	*o que*	*cachorro*	*3ª/pass.*	*3ª - cheirar*

'O que o cachorro farejou?'

Em Oliveira (2002), afirmamos que havia duas maneiras para formar uma oração interrogativa em Xavante: a presença do morfema interrogativo *e* e o movimento sintático das palavras interrogativas. As sentenças acima são um exemplo de que as palavras QU sofrem movimento sintático, pois o objeto está deslocado para a esquerda da oração. Como podemos observar no exemplo (362), há a ocorrência do morfema *e*, presente somente em orações interrogativas, e há também o deslocamento do objeto para a esquerda da oração.

A nossa proposta atual é dizer que não é somente a palavra QU da oração interrogativa que se move para a periferia esquerda, mas também o objeto de uma

oração declarativa pode se mover. Como falamos anteriormente, e veremos mais adiante na seção 5.3, o sujeito, e em alguns casos, o objeto de uma oração declarativa, se movem para a periferia esquerda da oração, pois tudo o que aparece à esquerda dos verbos auxiliares *wa*, *te* e *ma* está no CP. Podemos notar no exemplo (361), tanto o sujeito *waptsã* "cachorro" e o objeto *patire* "tamanduá" estão na periferia esquerda da oração, igualmente à palavra QU *marĩ*[18] da oração interrogativa (362). Sendo assim, poderíamos supor que a língua Xavante não possui movimento sintático das palavras QU, pois a ordem de palavras de uma oração interrogativa não difere de uma oração declarativa. Checando o exemplo (362), veremos que se trata de movimento vácuo. O único movimento seria o do objeto da oração interrogativa, que se moveria da posição de tópico para a posição INT do sintagma complementizador expandido, a fim de checar seus traços QU.

Como podemos observar nos exemplos (363) e (364) abaixo, com as ordens SOV e SVO, o objeto pode aparecer à direita do verbo auxiliar, não se movendo, portanto, para a periferia esquerda da oração. O objeto do exemplo (363), com a ordem SOV, se moveria de sua posição de origem para uma posição argumental, a posição de especificador do vP, e o objeto do exemplo (364), com a ordem SVO, não se moveria da posição em que foi gerado:

	S		O	V
363)	waptsã	ma	patire	ø - tsadamrimi
	cachorro	*3ª/pass.*	*tamanduá*	*3ª - cheirar*

'O cachorro farejou um tamanduá'

[18] Embora digamos que a palavra QU de uma oração interrogativa juntamente com o objeto de uma oração declarativa se move para CP, esses dois objetos não estariam em uma mesma posição na estrutura do CP cindido.

	S		V	O
364)	waptsã	ma	ø - tsadamrimi	patire
	cachorro	*3ª/pass.*	*3ª - cheirar*	*tamanduá*

‘O cachorro farejou um tamanduá’

Os exemplos acima nos mostram o objeto da oração em uma posição argumental não se movendo para uma posição em CP. P

no exemplo (368). O exemplo (367) nos mostra mais uma evidência de que o objeto pode estar acima da oração. Podemos notar, também, que o sujeito das orações interrogativas dos exemplos (367) e (368) estão em uma posição fora do domínio vP, distante da posição em que receberam caso. O exemplo (366) é uma oração declarativa com a ordem SOV. Nos exemplos (367) e (368) a palavra QU *mahã* 'qual' está deslocada para a esquerda da oração:

S O V

366) aibö te tsiwaratomoné ti - 'rẽ
homem 3ª/pres. tucunaré 3ª - comer
'O homem está comendo tucunaré'

367) e mahã tebe aibö te ti - 'rẽ
int. qual peixe homem 3ª/pres. 3ª - comer
'Qual peixe o homem está comendo?'

368) e mahã aibö te pe'a ti - 'r ẽ
int. qual homem 3ª/pres. peixe 3ª - comer
'Qual peixe o homem está comendo?'

No caso de adjuntos podemos afirmar que também há movimento sintático QU. Note-se no exemplo (369) que a palavra QU *momo* 'onde' também foi deslocada de sua posição de origem para a posição de especificador do sintagma complementizador:

369) e momo te dza ai – mo
int. onde 2ª fut. 2ª - ir
'Onde você vai?'

Os exemplos abaixo mostram que os adjuntos em uma oração declarativa podem ou não se mover para a periferia esquerda da oração. No exemplo (370) o sintagma preposicional *'ri u* está na posição em que foi gerado. Já no exemplo (371), o sintagma *'ri u* está deslocado para cima do verbo auxiliar *wa*, portanto, para uma posição no sintagma complementizador expandido:

370) wa dza mo 'ri u
1ª fu.,imp. ir casa para
'Eu vou para a casa'

371) 'ri u wa dza mo
casa para 1ª fut.imp. ir
'Eu vou para a casa'

Foram encontrados dados em que o SN de sujeito aparece em uma oração interrogativa no início da oração, antes da palavra QU. No exemplo (373), abaixo, podemos ver que a ordem de palavra em uma pergunta QU não difere da ordem de palavra em uma oração declarativa, como mostra o exemplo (372). Na oração declarativa, ambos, sujeito e objeto estão à esquerda da oração. No exemplo (373), que é uma oração interrogativa, o sujeito também ocorre antes do sintagma QU de objeto. Note-se que, normalmente, o morfema interrogativo *e* e a palavra QU ocorrem em primeira posição na oração. Neste caso, o sujeito se moveu para uma posição acima da palavra QU. Veremos na seção 5.3.1.1, que o tópico que está acima do morfema interrogativo se moveu para uma posição acima do sintagma de Força[19]. Na oração (374), embora o sujeito e o objeto ocorram acima do verbo auxiliar, isto é, em uma

[19] Sintagma de Força: Posição específica na expansão da estrutura CP.

posição à esquerda da oração, o sintagma QU de objeto se move para uma posição acima do sujeito. A posição para onde o objeto se moveu é a posição do sintagma interrogativo. Vejamos os exemplos:

372) aibö tebe ma ti – ‘rẽ
homem peixe 3ª/pass. 3ª - comer
‘O homem comeu peixe’

373) aibö, e mari ma ti - rẽ
homem int. o que 3ª/pass. 3ª - comer
‘O homem, o que ele comeu?’

374) e mari aibö ma ti - rẽ
int. o que homem 3ª/pass. 3ª - comer
‘O que o homem comeu?’

Podemos afirmar que a língua Xavante possui movimento sintático das palavras QU. As palavras QU se encontram na periferia esquerda aparecem no início da oração. Há casos em que a palavra QU não é o primeiro constituinte da sentença, pois um sintagma nominal pode aparecer mais à esquerda.

Veremos, na seção 5.3.1.1, que as palavras interrogativas de construções interrogativas simples se movem para o especificador do sintagma INT(errogativo). Este sintagma interrogativo, proposto por Rizzi (1999), é o pouso de aterrissagem das palavras QU na expansão do sintagma complementizador.

5.2.1.2.3- Interrogativas Qu Múltiplas

As interrogativas QU múltiplas são assim chamadas por apresentarem mais do que uma palavra QU em uma oração, e estas palavras devem respeitar certos domínios de localidade.

Há uma restrição para o movimento QU: condição de subjacência. O movimento QU deve respeitar certos domínios de localidade, não podendo atravessar mais de uma barreira por ciclo, onde barreiras são NPs, IPs e CPs. A condição de subjacência não tolera movimentos que atravessam mais de uma barreira.

O movimento QU é feito por passos. Cada oração (CP) define um domínio de aplicação para o movimento QU. Uma vaga [spec, CP] serve como um sítio de pouso para o movimento.

Em uma interrogativa múltipla, somente uma palavra QU pode ser movida para a periferia esquerda da oração, por só haver uma posição livre na camada complementizadora para aterrissagem do sintagma QU. O outro sintagma QU deve permanecer *in situ*. Por razões de economia, é a palavra QU mais próxima do sintagma complementizador que se move para esta posição, em favor de um movimento mais curto, respeitando assim efeitos de superioridade.

Como vimos na seção anterior, as interrogativas QU simples em Xavante apresentam a partícula interrogativa *e* no início da oração, antecedendo imediatamente a palavra QU, que foi movida de sua posição básica para a periferia esquerda da oração. Nas interrogativas múltiplas, a partícula interrogativa *e* também aparece no início da oração, seguida pela palavra QU.

A língua Xavante, satisfazendo os princípios de economia, move somente uma palavra para o especificador do sintagma complementizador, deixando a outra palavra *in situ*, ou como podemos ver nos dados adiante, apresentando duas orações.

375) e waima da ma aibö ti - tsõ mari
Int quem para 3ª/pass. homem 3ª - dar oque
'Para quem o que aquele homem deu?'

No exemplo (376) a palavra QU *mari* "o que" é gerada como complemento do verbo e se move para a esquerda da oração:

376) e mari ma aibö ti - tsõ niwaima
int o que 3ª/pass. homem 3ª - dar quem
'O que para quem aquele homem deu?'

O exemplo (377), assim como o exemplo (378), apresenta a utilização de duas orações para formar uma interrogativa múltipla, pois como afirmamos anteriormente, uma oração interrogativa se caracteriza pela presença do morfema *e*:

377) e waima da aibö ma ti – tsõ e mari
Int quem para homem 3ª/pass 3ª - dar int oque
'Para quem aquele homem deu o que?'

378) e mari aibö ma ti - tsõ. e waima
int o que homem 3ª/pass. 3ª - dar int quem
'O que aquele homem deu para quem?'

Veremos na seção 5.3.1.1 a representação da ocorrência dos morfemas e palavras interrogativas em uma interrogativa QU múltipla.

5.2.2- Orações Transitivas

Como vimos no capítulo 4, na descrição das classes verbais, as raízes verbais transitivas possuem morfemas que aparecem prefixados. Dividimos os prefixos dos verbos transitivos em duas classes verbais de acordo com os prefixos marcadores de sujeito, embora o verbo também possa carregar prefixos que se referem ao objeto da oração. Os prefixos verbais se referem ao sujeito da oração quando o objeto é um sintagma nominal, independente se o sujeito for um pronome ou um sintagma nominal. Quando o objeto é um pronome, o prefixo que aparece no verbo irá marcar este objeto.

Além dos prefixos que podem marcar o sujeito ou o objeto no verbo, as orações transitivas afirmativas e negativas são marcadas pela presença dos verbos auxiliares que marcam o tempo e a pessoa sujeito da oração.

Além da junção de morfemas verbalizadores que possuem traços de verbos transitivos a uma raiz, podemos saber se um verbo é transitivo quando os auxiliares *wa* e *te*, juntamente com o morfema *te* homônimo ao verbo auxiliar *te*, estiverem presentes em orações negativas. Nessas orações, os tempos presente e passado não serão mais especificados pelos morfemas funcionais que marcam pessoa e tempo nas orações afirmativas, estes só conterão o traço pessoa. Os traços de tempo presente ou passado irão ocorrer com o morfema *te* que aparecerá após os morfemas *wa/te/ø*. Vejamos a ocorrência destes morfemas no quadro abaixo:

	Pessoa	Tempo
1ª pessoa singular	-	te
2ª pessoa singular	-	-
3ª pessoa singular	te	te
1ª pessoa plural	wa	te
2ª pessoa plural	-	-
3ª pessoa plural	te	te

Quadro 34: Morfemas que indicam pessoa e tempo em orações transitivas negativas

Vimos, na seção 4.5, que o morfema *ma* marca o tempo passado em orações afirmativas. Veremos na seção 5.2.5 que, quando a oração é negativa, o verbo auxiliar de passado *ma* não aparecerá para marcar esse tempo.

As orações transitivas afirmativas são caracterizadas pela presença dos verbos auxiliares *wa*, *te* e *ma* para marcar o sujeito da oração. A primeira pessoa do singular e do plural é marcada pelo morfema *wa*. Como vimos anteriormente, este auxiliar também marca o tempo da oração, e no caso da 1ª pessoa, somente o contexto irá dizer se a oração está no tempo presente ou passado. Este morfema, portanto, é subespecificado para tempo. Quando o morfema *wa* é inserido na lista 2, preenchido por traços fonológicos, irá conter somente os traços de que necessita, que é 1ª pessoa e pode ser presente ou passado. No caso do exemplo (379), o traço que foi inserido na lista 2 foi o traço [+passado], e no exemplo (380), [+presente]:

379) wahi wa ø – madö
cobra 1ª/pass. 1ª - ver
Eu vi a cobra

380) wahi wa ø - madö
cobra 1ª/pres. 1ª - ver
Eu vejo a cobra / Eu estou vendo a cobra

Observando os exemplos abaixo, podemos notar que, quando a oração apresenta o morfema de aspecto perfectivo *tô*, a ambigüidade entre tempo presente e passado irá se desfazer, pois este morfema de aspecto só aparece em orações com tempo passado:

381) wahi wa tô ø - madö
cobra 1ª/pass. perf. 1ª - ver
Eu vi a cobra

382) aihöiré wa tô wa – tsiwi ø – tsimrõ ni
jacaré 1ª/pass. perf. 1ª - todos 1ª -matar pl.
Nós matamos jacarés

A 3ª pessoa do singular em orações transitivas afirmativas apresenta o morfema *te* para marcar o tempo presente e o morfema *ma* para marcar o tempo passado. O exemplo (383), que é um exemplo no tempo passado, mostra o morfema *ma* antecedendo o morfema de aspecto perfectivo *tô*:

383) hu ma tô ti - wĩ
onça 3ª/pass. perf. 3ª - matar
Ele matou a onça

O morfema *te* aparece com a 3ª pessoa quando a oração está no presente, conforme se vê em (384):

384) ‘ri te ø – wamrõ
casa 3ª/pres. 3ª - varrer
Ele está varrendo a casa

A 3ª pessoa do plural de orações transitivas afirmativas também apresenta os mesmos morfemas que a 3ª pessoa do singular:

385) aihöiré ma tô ø – tsiwi ø – tsimrõi
jacaré 3ª/pass. perf. 3ª - COL 3ª - matar
Eles mataram jacarés

386) ‘ri te ø – wamrõ dza’ra
casa 3ª/pres. 3ª - varrer pl.
Eles estão varrendo a casa

Podemos observar, nos exemplos acima, que os morfemas *te* e *ma*, em orações transitivas afirmativas, são subespecificados para pessoa. Ambos marcam 2ª e 3ª pessoa. Os dois traços, [+2ª pessoa] ou [+3ª pessoa] não são inseridos juntos na lista 2, na forma fonológica.

A 2ª pessoa do singular e do plural, em orações transitivas, também possuem os mesmos morfemas da 3ª pessoa para marcar tempo e pessoa. O que irá diferenciar a 2ª pessoa da 3ª pessoa são os prefixos que aparecem nas raízes verbais. Conforme se vê nos exemplos (387) e (388), o morfema *ma* está marcando o tempo passado e também a 2ª pessoa:

387) hu ma tô ĩ - wĩ
onça 2ª/pass. perf. 2ª - matar
Você matou a onça

388) aihöiré ma tô a – tsiwi ĩ – tsimrõi wa'wa
jacaré 2ª/pass. perf. 2ª - COL 2ª - matar pl.
Vocês mataram jacarés

O mesmo acontece com o tempo presente, note que nos exemplos (389) e (390), o morfema *te* marca o tempo presente e também a 2ª pessoa:

389) 'ri te ĩ – wamrõ
casa 2ª/pres. 2ª - varrer
Você está varrendo a casa

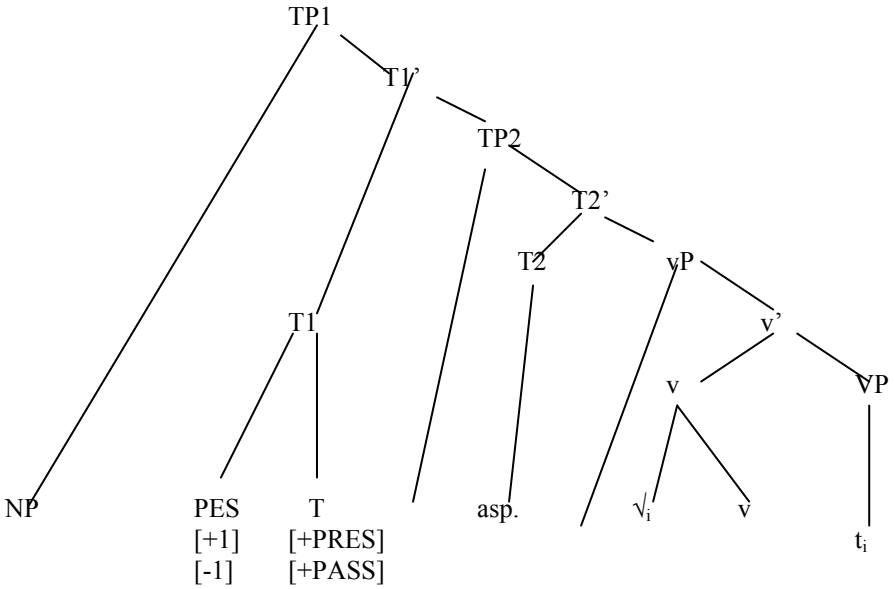
390) 'ri te ĩ – wamrõ dza'ra wa'wa
casa 2ª/pres. 2ª - varrer pl.
Vocês estão varrendo a casa

5.2.3- Orações Intransitivas

As orações intransitivas apresentam o sujeito antecedendo o verbo, isto é, a ordem SV é a única ordem possível de ocorrência dessas orações. Como vimos no capítulo 4, os verbos intransitivos foram divididos em quatro classes, de acordo com os prefixos verbais que marcam o sujeito da oração.

Assim como as orações transitivas, as orações intransitivas afirmativas também são caracterizadas pela presença dos verbos auxiliares. Nestas orações os traços de pessoa e tempo presente e passado são especificados por morfemas explícitos, que estão representados na árvore abaixo:

391)



O sujeito dos verbos intransitivos pode ser gerado de duas formas: como especificador do vP (verbos intransitivos) e como complemento de vP (verbos inacusativos). O exemplo (392) é uma oração com o verbo intransitivo, que possui traços [+agente] [-externo], e o exemplo (393) é uma oração com o verbo inacusativo, que possui traços [-agente] [-externo]:

S **V**

392) O hã te dza atsõ

3ª 3ª fut dormir

'Ele vai dormir'

S **V**

393) wede ma ø - dzada

madeira 3ª/pass. 3ª - queimar

'O pau queimou'

Vejamos, agora, a derivação dessas duas orações. No exemplo (392), repetido abaixo, a raiz sobe para o núcleo do vP para se juntar ao seu verbalizador, que no caso de orações intransitivas terá os traços [+agente] [-externo]. Neste exemplo, o auxiliar *te*, carrega o traço [-1ª pessoa], enquanto o morfema *dza* carrega o traço aspectual [+futuro imperfectivo]. O sujeito, neste caso, é gerado na mesma posição em que é gerado o sujeito dos verbos transitivos, a posição de especificador do vP. Nesta posição, ele recebe papel temático e caso nominativo, subindo para o especificador de TP1 para checar seu traço EPP:

S **V**

394) O hã te dza atsõ

'Ele vai dormir'

a) [$_{TP1}$ te dza [$_{TP2}$ [$_{vP}$ o hã$_i$ atsõ$_j$ [$_{√P}$ t$_j$]]]]

3ª fut. ele dormir

b) [$_{TP1}$ o hã$_i$ te dza [$_{TP2}$ [$_{vP}$ t$_i$ atsõ$_j$ [$_{√P}$ t$_j$]]]]

ele 3ª fut. dormir

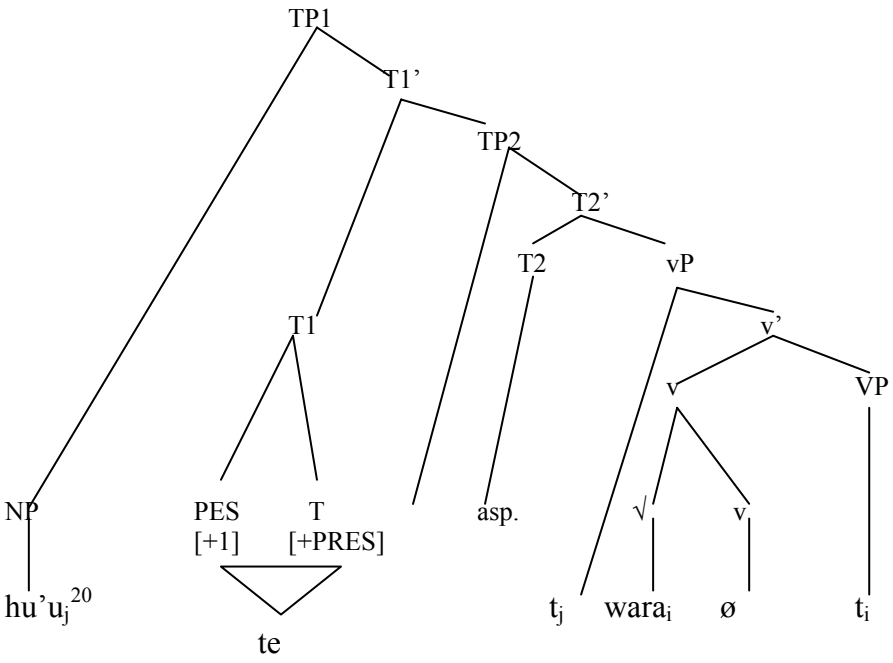
Vejamos, também, um exemplo com o verbo intransitivo "correr" na 3ª pessoa do singular e tempo presente:

395) hu'u te wara

onça 3ª/pres. correr

A onça corre

A árvore abaixo é a representação da oração intransitiva acima. Neste exemplo, podemos observar que a raiz *wara*, que em um primeiro momento da derivação, é concatenada ao seu verbalizador, que neste caso é *ø*. Neste exemplo, já mostramos a raiz na posição em que ela recebe o traço categorizador verbal. Em outro momento da derivação, o NP *hu'u* "onça" é gerado como especificador do vP, e por o vezinho ter uma característica de verbo intransitivo, atribui ao NP *hu'u* papel semântico de agente. O verbo auxiliar *te* [+3ª p., +presente] é gerado no núcleo de TP1. O NP *hu'u* subirá para o spec de TP1 para satisfazer o traço EPP:



A língua Xavante também possui verbos inacusativos. O categorizador verbal desses verbos terá os traços [-agente] [-externo]. O sujeito desse tipo de verbo será gerado como argumento interno do verbo e depois se moverá para posição de especificador de vP.

[20] Veremos, na seção 5.3, que o sujeito, por estar acima do verbo auxiliar, subirá para CP por razões de pragmática.

O exemplo (396) nos mostra o argumento *wede* no início da oração. Esse argumento, que é [-externo], é gerado como complemento do verbo:

	S	**V**
396)	wede ma	ø - dzada
	madeira	*3ª/pass. 3ª - queimar*

'O pau queimou'

a) [$_{TP1}$ ma [$_{TP2}$ [$_{vP}$ dzada$_j$ wede [$_{VP}$ t$_j$]]]]

3ª/pass. queimar madeira

O argumento interno *wede* sobe para o especificador de vP para checar caso nominativo:

b) [$_{TP1}$ ma [$_{TP2}$ [$_{vP}$ wede$_i$ dzada$_j$ t$_i$ [$_{√P}$ t$_j$]]]]

3ª/pass. madeira queimar

Após essas duas derivações, o argumento *wede* sobe para o especificador de TP1 para verificar seu traço EPP:

c) [$_{TP1}$ wede$_i$ ma [$_{TP2}$ [$_{vP}$ t$_i$ dzada$_j$ t$_i$ [$_{√P}$ t$_j$]]]]

madeira 3ª/pass. queimar

Os verbos intransitivos e inacusativos não possuem nenhuma marcação morfológica para se diferenciarem um do outro. A posição sintática em que os argumentos são gerados é que mostrará qual o tipo de verbo. Se o sujeito é gerado no

especificador de vP, teremos um verbo intransitivo. Se o sujeito é gerado como complemento, como argumento interno do verbo e depois sobe para checar caso nominativo, teremos um verbo inacusativo.

Como pudemos observar, tanto em orações transitivas quanto em orações intransitivas, o verbo sempre aparece após o sujeito.

Como dissemos anteriormente, as orações intransitivas afirmativas também são caracterizadas pela presença dos verbos auxiliares. O sujeito, neste caso, também está à esquerda do verbo auxiliar, portanto, também subirá para uma posição no sintagma complementizador.

5.2.4- Orações Estativas

As orações intransitivas estativas afirmativas e negativas se caracterizam pela ausência dos verbos auxiliares *wa*, *te* e *ma*. Igualmente as orações intransitivas ativas negativas, essas orações não possuem uma projeção máxima para tempo.

397) ai - wa'ro di
2ª - calor est.
Você está com calor

398) ai - wa'ro õ di
2ª - calor neg. est.
Você não está com calor

Observando os dados acima, podemos notar que as orações estativas se caracterizam pela presença do morfema estativo *di*. Este morfema aparece no final da

oração. Neste tipo de oração não há um traço categorizador verbalizante. Podemos sugerir a hipótese de que o morfema estativo é o licenciador de verbalizador ø.

Assim como os verbos ativos, a raiz dos verbos estativos é gerada no sintagma verbal VP e se move para o núcleo do vezinho para receber seu traço categorizador. Esse verbalizador é licenciado pelo morfema estativo *di*.

399) a – tsa'ẽtẽ di
2ª - grande est.
Você é grande

As orações estativas negativas se caracterizam pela presença do morfema negativo *õ* antes do morfema estativo *di*:

400) a – tsa'ẽtẽ õ di
2ª - grande neg. est.
Você não é grande

Quando as orações estativas apresentam o aspecto imperfectivo *éré*, o morfema estativo não estará mais no final da oração, ocorrerá antes do aspecto imperfectivo:

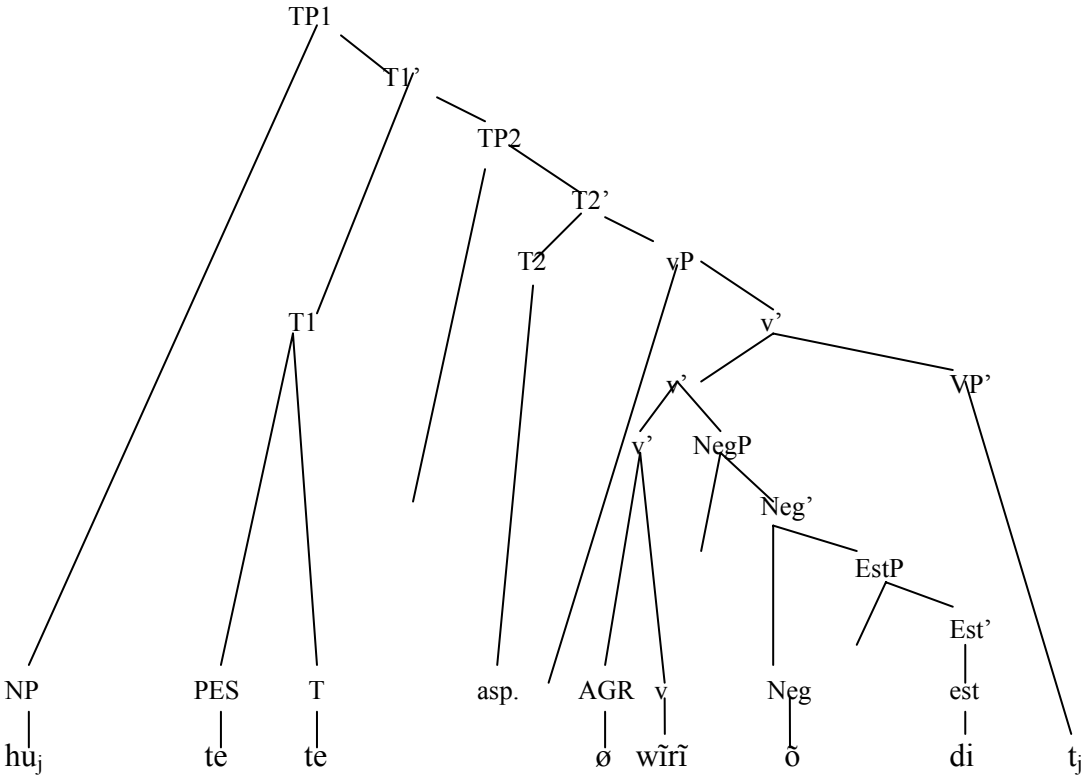
401) ĩ - wa'ro di éré
1ª - calor est. Imperf.
Eu estava com calor

Veremos na próxima seção que o morfema estativo *di* é uma barreira para a subida dos morfemas aspectuais.

5.2.5- Orações Transitivas e Intransitivas Negativas

A negação é um núcleo funcional que tem escopo sobre a oração inteira. A negação sentencial em Xavante possui uma forma complexa única, *õ di*. Como podemos observar nos exemplos abaixo, *õ* é um morfema de negação e *di* é um morfema estativo. O morfema de negação deve vir sempre acompanhado do estativo *di*.

402) hu te te ø – wĩrĩ õ di
onça 3ª pres./pass 3ª - matar neg. est.
Ele não matou a onça



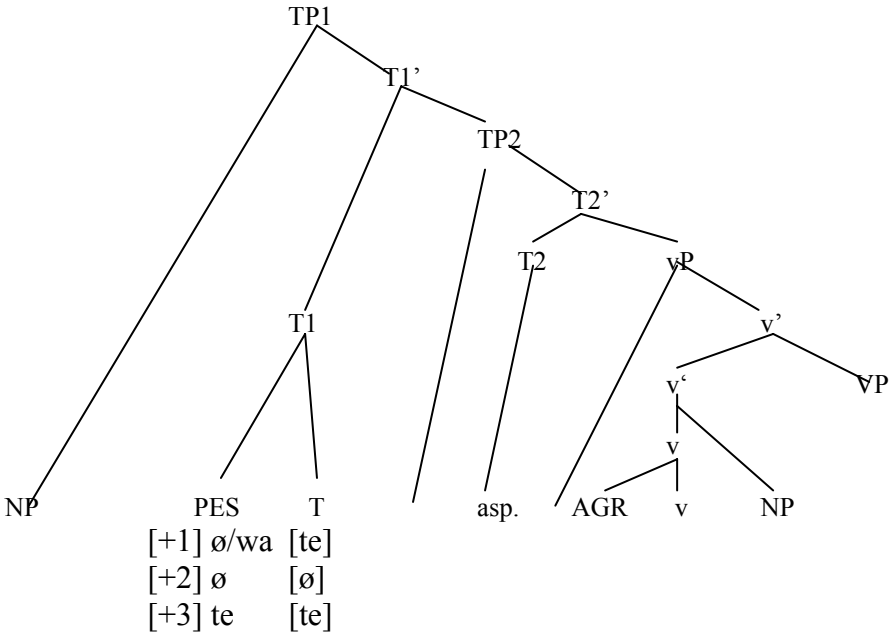
Há diferenças sintáticas entre as orações afirmativas e negativas ativas. Como vimos anteriormente, em orações afirmativas há a presença dos verbos auxiliares e em orações negativas, as orações transitivas apresentam os verbos auxiliares com algumas

diferenças dos auxiliares que ocorrem em orações afirmativas. As orações intransitivas negativas são caracterizadas pela ausência dos verbos auxiliares. Para nós está claro que os verbos auxiliares determinam a sintaxe dos verbos principais.

Os verbos auxiliares que aparecem nas orações afirmativas só irão aparecer, em alguns casos, nas orações negativas. Esses auxiliares, que marcam pessoa e tempo em orações afirmativas, só serão especificados para pessoa em orações negativas. Conforme veremos nos exemplos a seguir, o morfema *wa* somente marcará a 1ª pessoa do plural e o morfema *te* irá marcar somente a 3ª pessoa do singular, dual e plural, sendo o tempo marcado por um morfema *te* que possui a mesma forma fonológica do verbo auxiliar *te*. A 1ª pessoa do singular será marcada por um morfema nulo, e o tempo será preenchido pelo morfema *te* homônimo ao auxiliar *te*. A 2ª pessoa do singular, dual e plural de orações transitivas negativas não terá um morfema explícito nem para tempo nem para pessoa. Neste caso, um morfema abstrato irá aparecer. Nestes exemplos, haverá uma projeção funcional para tempo [T] e para pessoa [PES], embora não haja um morfema explícito.

Como optamos pelo morfema *te* homônimo ocorrendo como tempo das orações transitivas negativas, teremos o traço de tempo preenchido por esse morfema, no caso das 1ª e 3ª pessoas, e o traço de pessoa [PES] preenchido pelo morfema *wa* [+ 1ª dual/pl], ou pelo morfema *te* [+3ª sg/dual/pl] ou pelo morfema *ø* [+ 1ª sg, +2ª sg/dual/pl], conforme se vê na árvore (403):

403)



Em orações transitivas negativas, o morfema *wa* não ocorre com a 1ª pessoa do singular. Como foi dito acima, o traço pessoa pode ou não ser marcado explicitamente. No caso da 1ª pessoa do singular, um morfema abstrato irá especificar o traço de pessoa. Junto ao morfema *ø*, de 1ª pessoa, irá ocorrer um morfema *te* com a mesma forma fonológica do verbo auxiliar *te*. Esse morfema *te* aparece somente nas orações transitivas negativas. O morfema *te* passa a carregar o traço tempo presente e passado das orações transitivas negativas, funcionando como uma espécie de marca *default* do tempo.

404) buru u ø te ø - romhuri õ di

roça em 1ª pres./pass. 1ª - trabalhar neg. est.

Eu não trabalho na roça / Eu não trabalhei na roça

405) ‘ri ø te ø – wamrõi õ di
casa 1ª pres./pass. 1ª - varrer neg. est.
Eu não varro a casa/ Eu não varri a casa

O morfema *wa* aparece explicitamente com a 1ª pessoa do plural em orações transitivas negativas. Como podemos ver no exemplo (406), o morfema *wa* aparece na oração antecedendo o morfema *te*:

406) aihöiré wa te wa – tsiwi ø – tsimrõ ni õ di
jacaré 1ª pres./pass. 1ª - COL 1ª -matar pl. neg. est.
Nós não matamos jacarés

O exemplo acima, com a 1ª pessoa do plural, que aparece com o morfema *wa* e também com o morfema *te*, nos mostra que este morfema *te* não é o verbo auxiliar que, em orações afirmativas, marca tempo e 2ª /3ª pessoa da oração.

A 3ª pessoa do singular e plural, em orações transitivas negativas, possui o morfema marcador de pessoa, o morfema *te*, que aparece antecedendo outro morfema *te*. Como foi discutido acima, em orações transitivas negativas, o verbo auxiliar *te* só carrega o traço de pessoa, enquanto o segundo morfema *te* carrega o traço de tempo.

407) hu te te ø – wĩrĩ õ di
onça 3ª pres./pass 3ª - matar neg. est.
Ele não matou a onça

408) aihöiré te te ø – tsiwi ø – tsimrõi õ di
jacaré 3ª pres./pass 3ª - COL 3ª - matar neg. est.
Eles não mataram jacarés

Resumindo, o tempo, em orações transitivas negativas, é marcado por esse morfema *te*, que funcionaria como um tempo neutro, marcando presente ou passado de acordo com o contexto da oração. Podemos supor que, neste caso, o morfema *te* é subespecificado para tempo, podendo ocorrer com o tempo presente ou tempo passado.

Em orações transitivas negativas, a 2ª pessoa, tanto do singular quanto do plural se comportam de uma maneira diferente das outras pessoas de orações transitivas. Com a 2ª pessoa, não irá aparecer nenhum morfema. Assim como o morfema *te*, o verbo auxiliar não ocorrerá com a 2ª pessoa. Estas orações apresentam a mesma forma de orações intransitivas negativas, sem a presença dos morfemas livres de sujeito. Neste caso, há uma projeção funcional para tempo e pessoa, e temos um morfema abstrato ocorrendo como pessoa e outro ocorrendo como tempo:

409) uhödö ø – wĩrĩ õ di
anta 2ª - matar neg. est.
Você não matou a anta

410) aihöiré a – tsiwi ø – tsimrõ wa'aba õ di
jacaré 2ª - COL 2ª - matar pl. neg. est.
Vocês não mataram jacarés

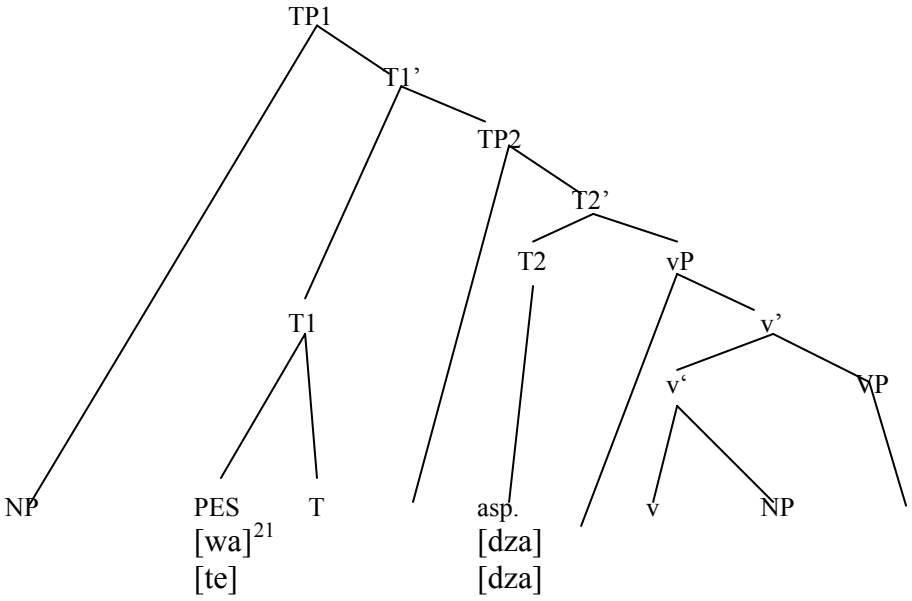
Até agora, vimos que os verbos auxiliares em Xavante, que carregam traços de pessoa e tempo presente e passado em orações transitivas afirmativas, passam a carregar somente o traço de pessoa em orações transitivas negativas. Os tempos presente e passado são marcados por um morfema *te* que pode ser considerado como tempo *default*, ora marcando tempo presente, ora marcando tempo passado. Como vimos na seção 4.5, o morfema de aspecto futuro imperfectivo *dza* segue o verbo auxiliar *te* em

orações afirmativas. Em orações negativas este morfema se encontra em uma posição após o morfema estativo *di*, morfema que, em orações negativas, sempre segue o morfema de negação *õ*. Neste tipo de oração, o morfema de aspecto não permanece junto ao verbo auxiliar.

Os verbos auxiliares que contêm traços de tempo presente e passado, assim como o morfema de aspecto futuro imperfectivo, em orações afirmativas estão em uma posição mais alta que o verbo principal. Em orações transitivas negativas, sendo especificados por um morfema abstrato ou por um morfema explícito, os verbos auxiliares, que neste caso contêm apenas o traço pessoa, estão também em uma posição mais alta que o verbo principal. Nestas orações, o morfema de aspecto futuro imperfectivo está em uma posição mais baixa do que o verbo principal. Temos então a seguinte questão: qual traço impede a subida do morfema de aspecto futuro imperfectivo para o núcleo de TP2? Vimos que, em orações afirmativas ativas, os morfemas de aspecto ocorrem entre o verbo auxiliar e o verbo principal.

A árvore abaixo apresenta os verbos auxiliares juntamente com o morfema de aspecto futuro imperfectivo, ambos ocorrendo acima do verbo principal:

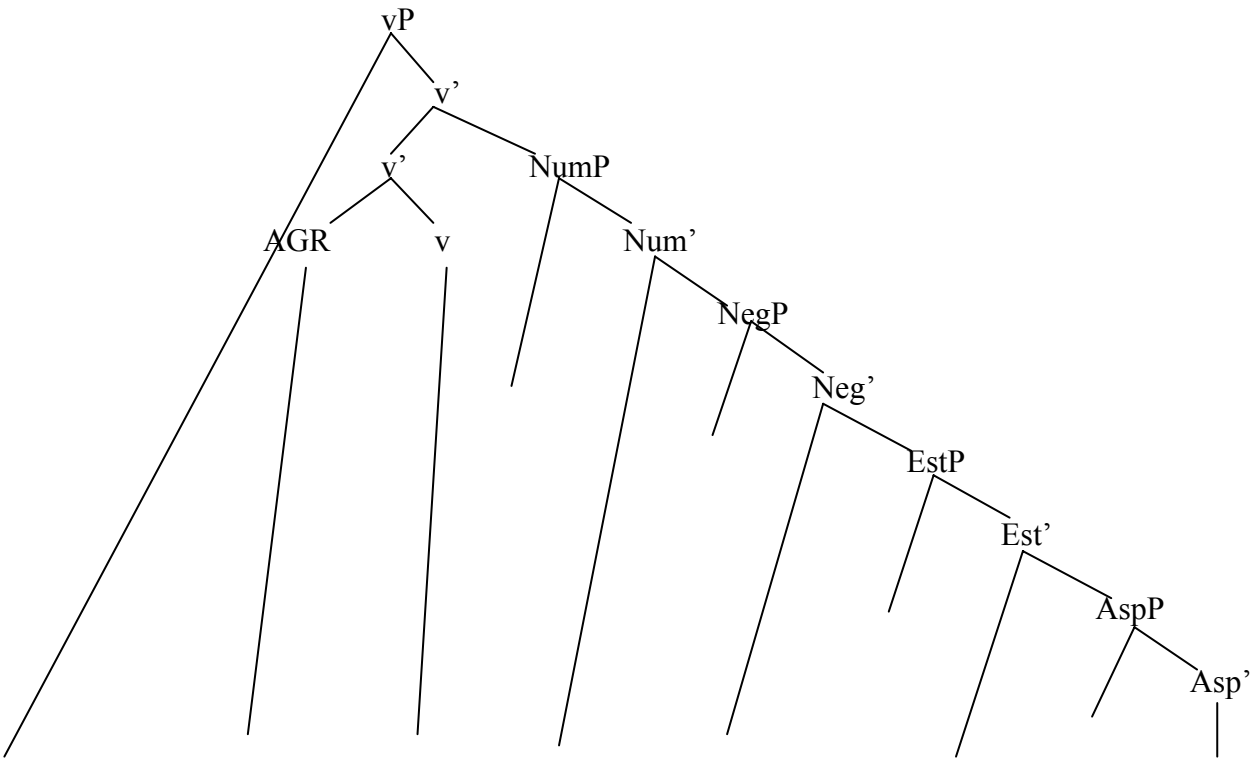
411)



Vamos propor que a negação é um núcleo funcional que tem escopo sobre toda a oração. Sugerimos que número, negação e aspecto são núcleos funcionais que são gerados junto ao núcleo de vP, isto é, estes núcleos funcionais pertencem ao verbo, como podemos observar na árvore (412):

[21] Como vimos no capítulo 4, o morfema dza só aparece após o morfema wa que possui o traço [+1ª pessoa] [+presente] e após o morfema te, que possui os traços [+2ª pessoa]/[+3ª pessoa] [+presente].

412)

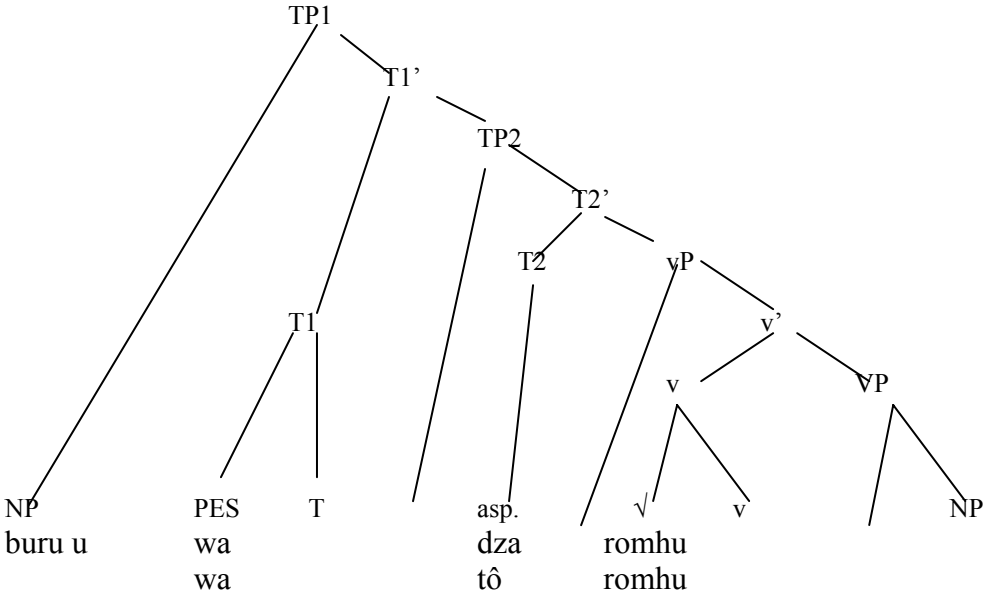


Como vimos na árvore acima, negação e aspecto pertencem ao núcleo verbal. Em orações transitivas e intransitivas, a negação junto com o morfema estativo são gerados no núcleo verbal, permanecendo nessa posição. O morfema de aspecto futuro imperfectivo *dza* também pertence ao núcleo verbal. Este morfema é gerado no núcleo de AspP, dentro do complexo verbal, e em orações afirmativas se move para o núcleo de TP2.

413) buru u wa dza ø - romhu
roça em 1ª fut. 1ª - trabalha
Eu vou trabalhar na roça

Como podemos observar no exemplo acima, o morfema *dza* aparece na mesma posição do aspecto perfectivo *to*, do exemplo (414):

414) buru u wa tô ø - romhu
roça em 1ª/pass. perf.. 1ª - trabalha
Eu vou trabalhar na roça

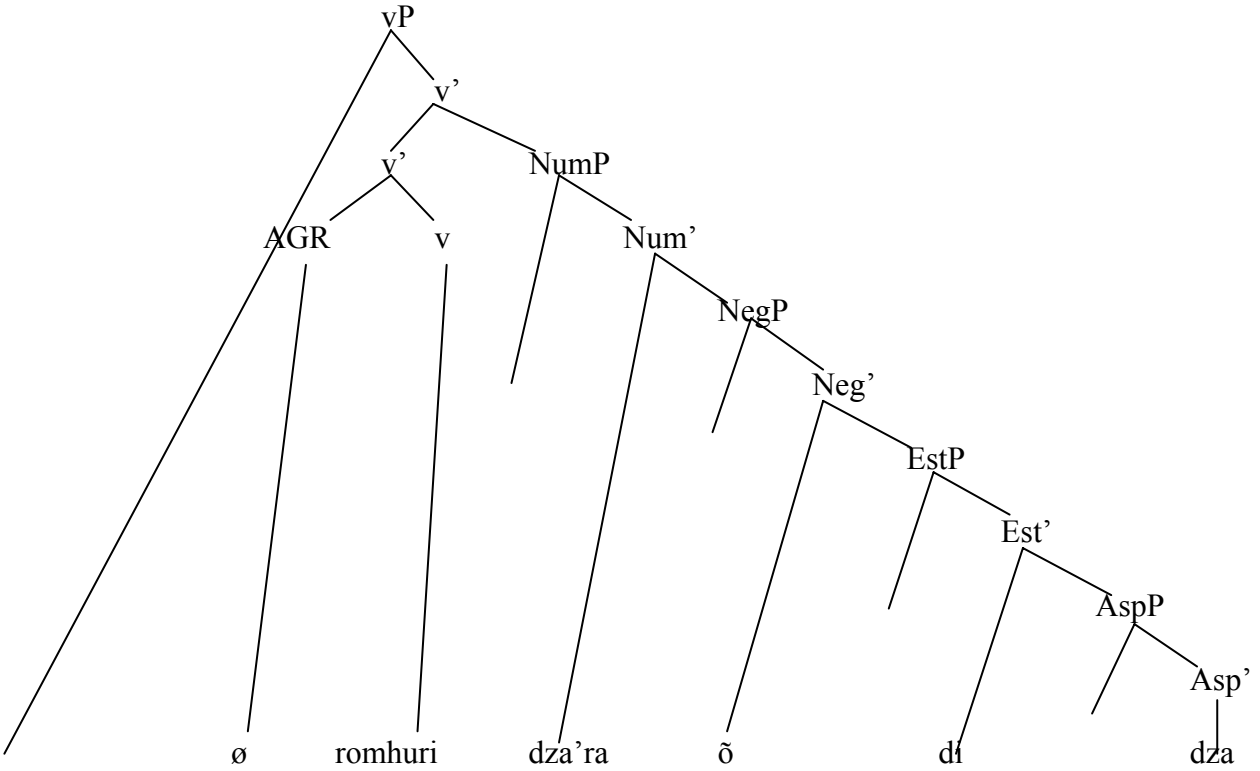


Quando a oração é negativa, o morfema *dza* permanece *in situ*. A nossa hipótese é que o morfema estativo não permite a subida de nenhum morfema. O morfema estativo é uma barreira para qualquer núcleo funcional.

415) buru u te ø - romhuri õ di dza
roça em T 1ª - trabalhar neg. est. fut.
Eu não vou trabalhar na roça

416) buru u ø – romhuri õ di dza
roça em 2ª - trabalhar neg. est. fut.
Você não vai trabalhar na roça

417) buru u te te ø – romhuri õ di dza
roça em 3ª T 3ª - trabalhar neg. est. fut.
Ele não vai trabalhar na roça



Achamos que o morfema estativo *di* é uma barreira para o aspecto subir para TP2, pois em orações estativas afirmativas que possuem um aspecto imperfectivo, o morfema estativo *di* também barra a subida desse aspecto para TP. Vejamos alguns exemplos:

418) panho'u ö - 'ré di éré

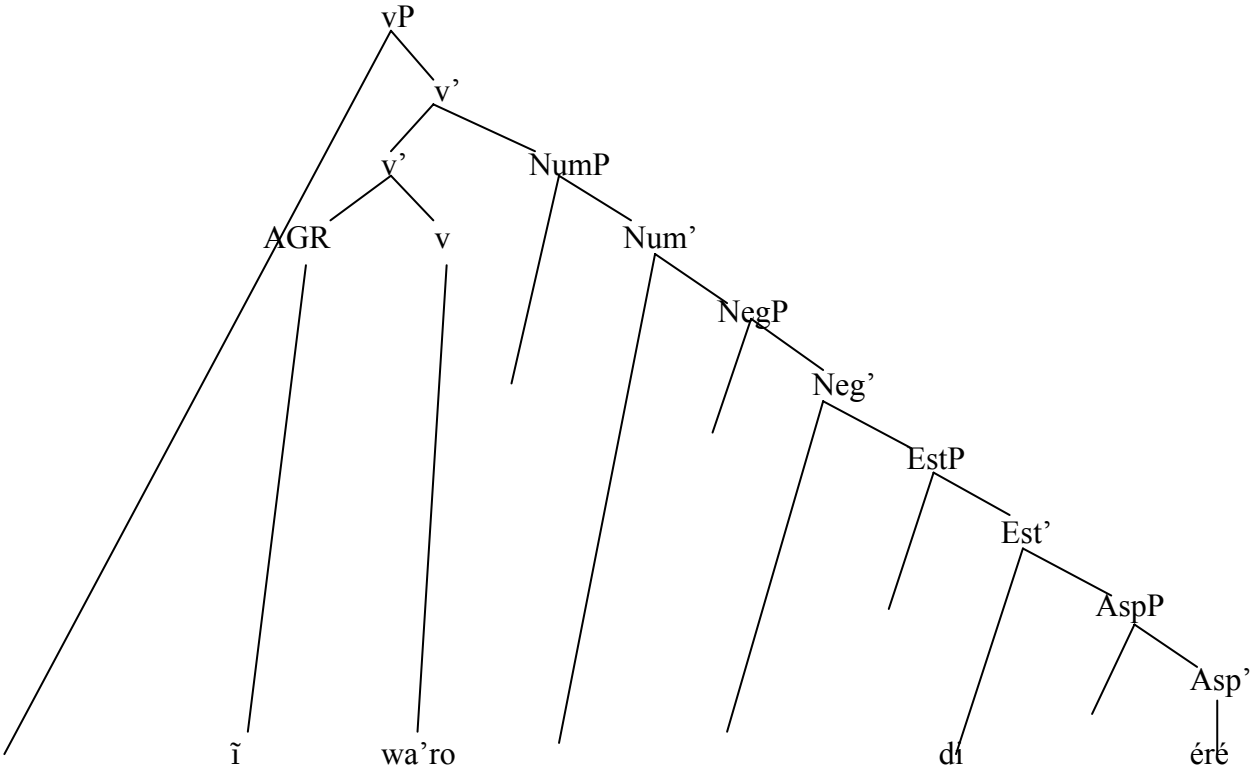
rio água - seco est. imperf.

O rio estava seco

419) ĩ - wa'ro di éré

1ª - calor est. Imperf.

Eu estava com calor



Diferentemente das orações intransitivas afirmativas, as orações intransitivas negativas não possuem uma projeção funcional contendo tempo e pessoa. O verbo auxiliar não estará presente nestas orações. Vejamos o esquema abaixo:

420) [vP [v' [VP NP]]]

Os verbos auxiliares, em Xavante, são gerados na posição de núcleo de TP1. Esses auxiliares não ocorrem com as orações intransitivas negativas, portanto, nessas orações, o sujeito não precisará subir para TP1 para checar o traço EPP. Esse traço é verificado na posição em que ele é gerado, a posição de especificador de vP.

Vimos até agora que as orações negativas, assim como as orações estativas, possuem o morfema estativo *di* em sua composição. Assim, confirmando o que foi dito anteriormente, as orações afirmativas possuem um padrão ativo e as orações negativas possuem um padrão estativo. Além disso, o morfema *di* não permite a subida para uma posição fora do domínio de vP de outros constituintes que estão abaixo dele.

5.3- Projeto Cartográfico em Xavante

5.3.1- Análise da Estrutura CP em Xavante

Na seção 5.2 descrevemos as construções interrogativas e fizemos uma análise da linearização das ordens vocabulares existentes na língua Xavante. Naquela seção, mostramos a linearização dos constituintes argumentais nas orações em Xavante. Como achamos que o sujeito, e às vezes o objeto, se movem para uma posição acima da oração, que pode ser tópico ou foco, nesta seção, mostraremos a posição na estrutura CP para onde estes sintagmas se movem. As orações interrogativas simples e múltiplas também foram descritas na seção 5.2. Vimos que, as palavras QU de interrogativas simples se movem para a periferia esquerda da oração e, com as interrogativas múltiplas, somente uma palavra QU se move para a perifeira esquerda, ficando a outra palavra *in situ*. Ou, quando o morfema interrogativo *e* ocorre com as duas palavras QU, supomos que essas duas palavras se movem para a periferia esquerda e, neste caso, há duas orações. A análise das estruturas do sintagma complementizador em Xavante, que tratará das orações interrogativas e estruturas de tópico e foco, será feita a partir das propostas de Rizzi (1997) e (1999), no qual há a expansão deste sintagma, envolvendo posições distintas para diferentes núcleos.

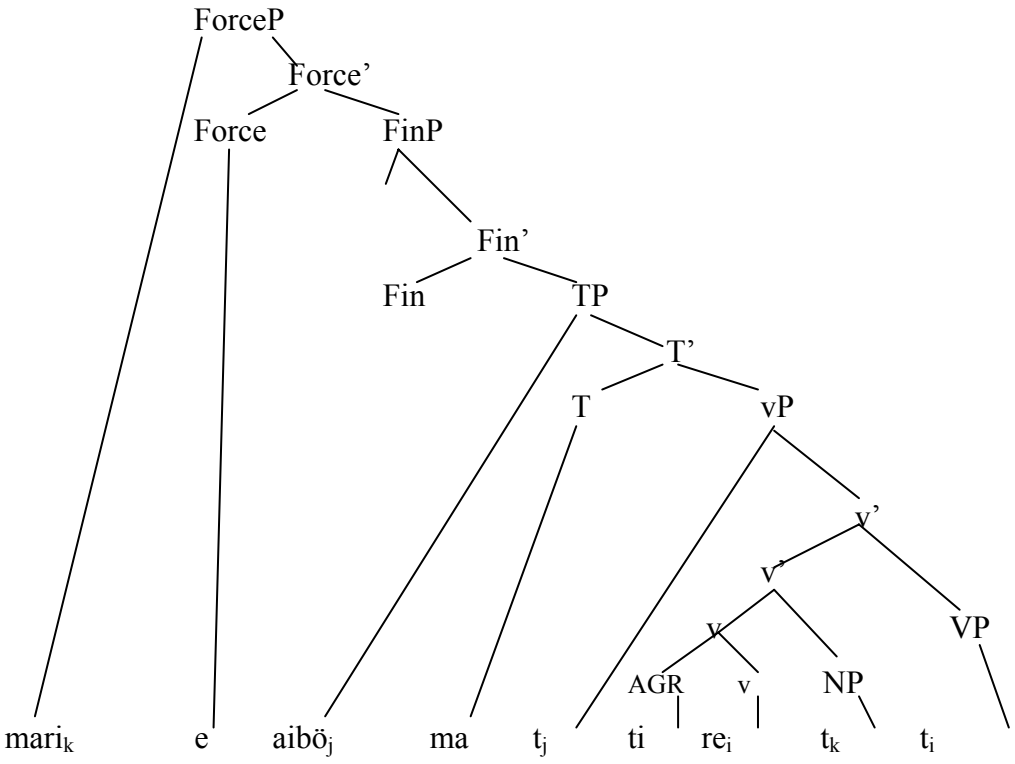
5.3.1.1- Interrogativas

Como foi dito anteriormente, a língua Xavante possui um morfema presente nas orações interrogativas para diferenciar estas construções das construções declarativas. Este morfema é gerado no sintagma de Força. Este sintagma dá a força ilocucionária de uma oração. No caso do Xavante, o morfema *e* é inserido no núcleo deste sintagma por dar à oração seu valor interrogativo.

A análise de Rizzi (1997) permite que se proponha, em princípio, como opção de pouso para a palavra interrogativa deslocada em Xavante, as posições de Força e Finitude.

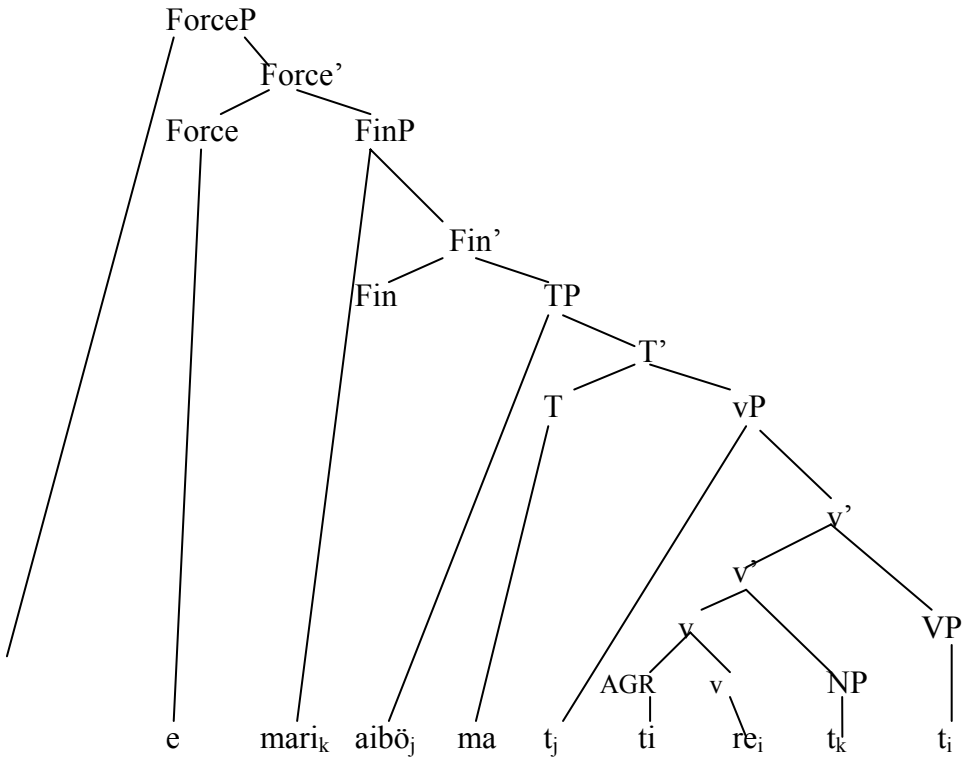
A palavra interrogativa, em Xavante, ocorre após o morfema *e*, e nunca pode antecedê-la. Se a palavra interrogativa se deslocar para a posição de especificador do sintagma de Força, esta oração será agramatical, pois a palavra interrogativa viria antes do morfema interrogativo, o que não é permitido na língua.

421) * mari e aibö ma ti - rẽ
o que int . homem 3ª/pass. 3ª - comer
'O que o homem comeu?'



Observando a árvore abaixo, podemos notar que, nesta análise, a única posição livre para a aterrissagem da palavra QU é a posição de especificador do sintagma de Finitude.

422) e mari aibö ma ti - rẽ
int. oque homem 3ª/pass. 3ª - comer
'O que o homem comeu?'



Este sintagma mantém uma relação com o sintagma flexional, mas em Xavante, a palavra QU aparentemente não possui nenhum traço morfologicamente visível que caracterize alguma relação de concordância com o TP. Acreditamos que, por isso, em Xavante os operadores QU devem ocupar uma posição mais acima na camada complementizadora, justamente a posição INT, proposta em Rizzi (1999).

Segundo Rizzi (1997), os sintagmas de Força e Finitude podem se realizar em uma única projeção funcional. Como não temos evidências de que os dados da língua Xavante possuam alguma relação de concordância entre o sintagma de Finitude e o sintagma flexional, não iremos mais representar o sintagma de Finitude nas árvores abaixo.

Comparando as duas análises de Rizzi (1997) e (1999), a primeira sem a presença da posição INT (interrogativa) e a segunda com esta posição, podemos notar,

através da árvore abaixo, que o acréscimo desta posição na camada complementizadora representa melhor a língua Xavante:

423)

cartografia do sintagma complementizador expandido, a fim de checar traços fortes na sintaxe visível.

No exemplo (423), o sintagma nominal de sujeito está acima do verbo auxiliar. Como foi dito anteriormente, tudo o que está à esquerda do verbo auxiliar está em CP, portanto, o sujeito desta oração está em uma posição acima da oração. Como iremos falar da posição na sentença do sujeito e do objeto na próxima seção, não vimos necessidade de representar a posição final do sujeito na árvore acima.

5.3.1.2- A Posição do Sujeito e Objeto

Vimos na seção 5.2, que o sujeito, em Xavante, não permanece na posição em que recebeu caso e papel temático. O sujeito sobe para o especificador de TP para checar seu traço EPP. Por razões de pragmática, o sujeito também não permanece na posição em que checou este traço, ele sobe para uma posição na estrutura CP. O objeto, quando está acima do verbo auxiliar, também vai para uma posição em CP.

Como foi dito anteriormente, postulamos que tudo o que está acima dos verbos auxiliares *wa*, *te* e *ma* se moveu para CP. Então, temos as seguintes posições:

424)

$_{CP}$ S $_{TP}$wa/te/ma OV

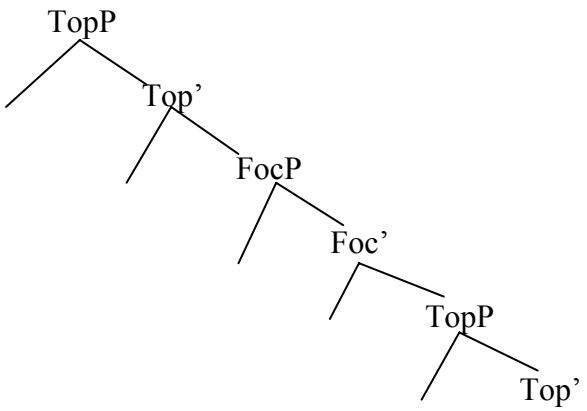
$_{CP}$ SO $_{TP}$wa/te/ma V

$_{CP}$ O $_{TP}$wa/(te)/ma SV

Os verbos auxiliares estão no núcleo de TP e os constituintes que estão acima desses auxiliares, como o sujeito e às vezes o objeto, estariam em uma posição acima da oração.

Na abordagem cartográfica, Rizzi (1997) e (1999), estipula uma expansão da estrutura CP, com posições sintáticas distintas para cada constituinte sintático. As posições possíveis na estrutura CP para a aterrissagem do sujeito ou do objeto são:

425)

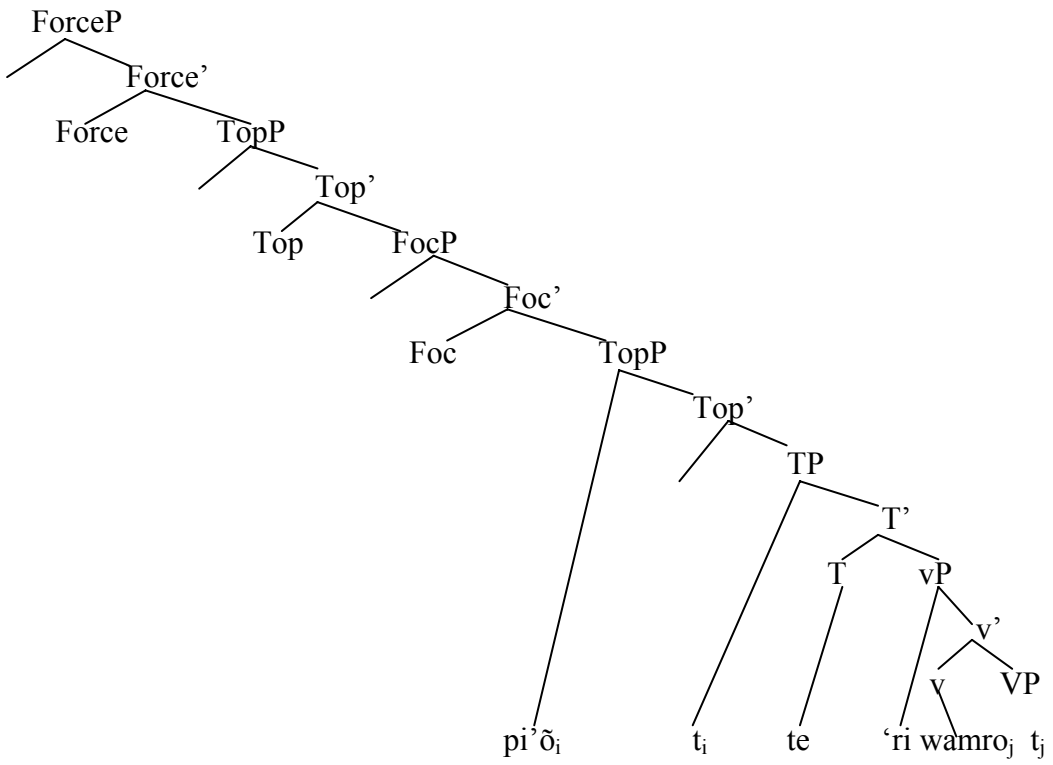


Em Xavante, podemos ter a ordem SAUXOV. Nesta ordem, o sujeito está acima da oração. Propomos, então, que o sujeito está em uma posição de tópico, pois nessa língua, além de uma marcação pragmática, a diferença entre tópico e foco se dá pela presença de um morfema marcando o foco da oração. O tópico é um elemento que está deslocado do resto da oração. Em algumas línguas há uma partícula explícita que preenche a posição do núcleo de Top na estrutura do sintagma complementizador expandido; em outras, é pela entonação que se diferencia um sintagma nominal topicalizado. Como podemos observar, em Xavante não há partícula visível que preencha a posição do núcleo de Top. O núcleo de Top, para esta língua, é nulo,

contendo somente traços abstratos. O sintagma nominal topicalizado se move de sua posição de origem (posição argumental) para a posição de especificador do sintagma de Top. Vejamos dois exemplos em Xavante. No exemplo (426), o sujeito da oração é um tópico que está deslocado da oração por uma entonação de virgula "comma intonation":

426) pi'õ te 'ri ø – wamro – ø
mulher 3ª/pres. casa 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa

Vejamos a posição de ocorrência do sintagma de sujeito topicalizado e focalizado dentro da estrutura do CP cindido, no qual há uma posição específica para cada argumento:



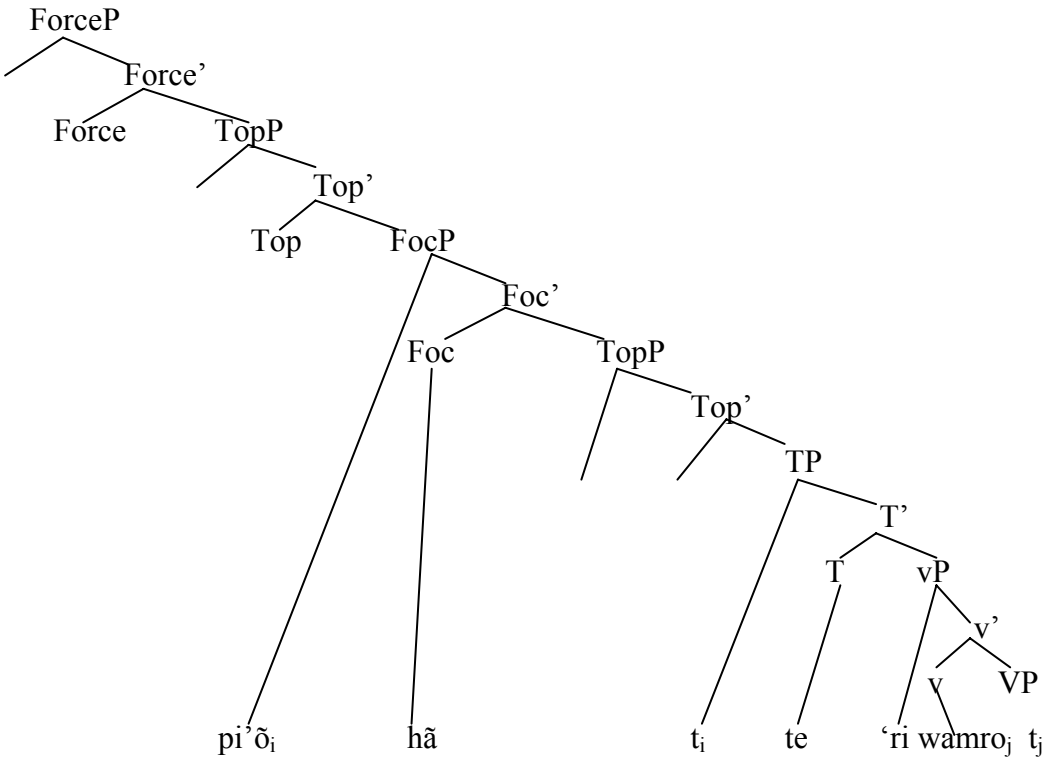
O sujeito *pi'õ* "mulher" se move da posição de especificador de vP para a posição de especificador de TP para checar seu traço EPP. Com este movimento, deixa uma posição vazia para o pouso de aterrissagem do objeto, a posição de especificador de vP. Com seus traços checados, sobe para a posição de especificador de tópico por razões de pragmática.

Como podemos ver na estrutura acima, o sintagma Force não está preenchido por nenhuma partícula visível, porque em Xavante, uma oração declarativa não possui nenhuma marca explícita. O mesmo acontece com o núcleo de Top, que está vazio. A língua Xavante não possui nenhuma marcação morfológica explícita para preencher esta posição, só contém traços abstratos. Esses traços são checados na relação com o SN na posição de especificador do sintagma de tópico, conforme previsto na teoria (sistema de critérios). (Chomsky, 1995, Rizzi, 1997).

No exemplo (448), a seguir, o sujeito ocorre junto com o morfema *hã*, morfema enfático que aparece para focalizar um sintagma:

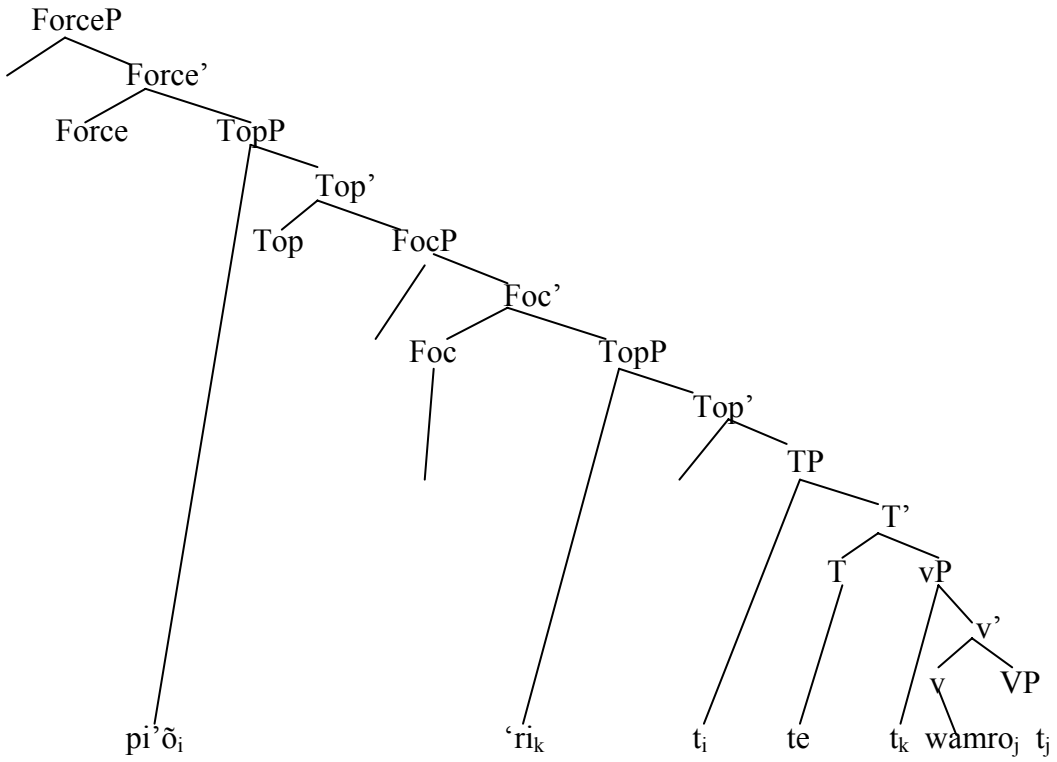
427) pi'õ hã te 'ri ø – wamro – ø
mulher enf. 3ª/pres. casa 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa

Ao contrário de um sintagma topicalizado que não possui nenhum morfema explícito, o sintagma focalizado pode ter um morfema explícito, no caso, o morfema *hã*.



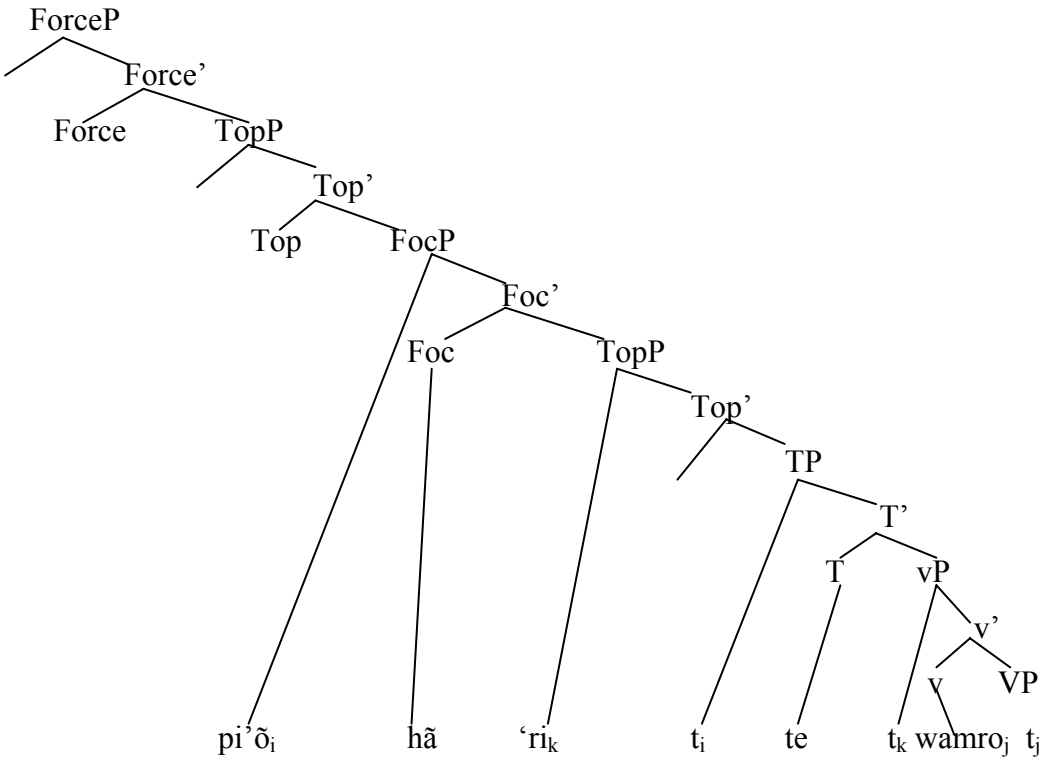
A língua Xavante também possui a ordem SOAUXV. Nesta ordem, o sujeito e o objeto se movem para o CP. Ambos podem ser tópico. Como podemos ver nas árvores apresentadas nesta seção, há duas posições específicas para tópico.

428) pi'õ 'ri te ø – wamro – ø
mulher casa 3ª/pres. 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa



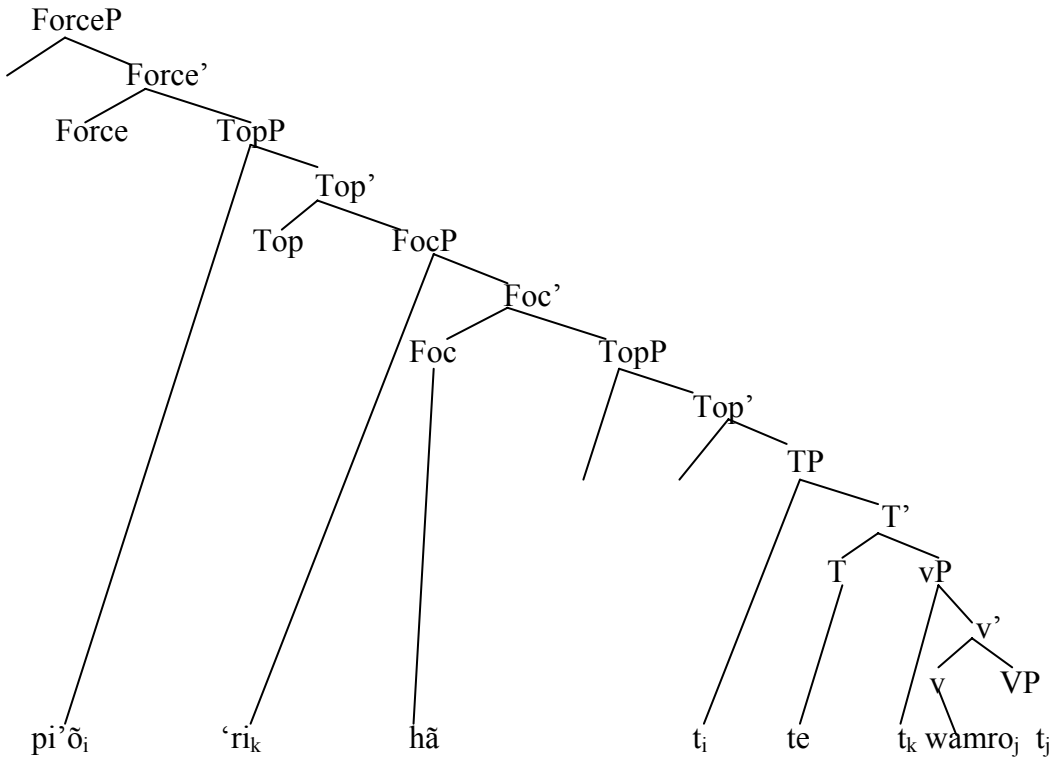
Ou um sintagma pode ser tópico e outro foco. Como podemos observar no exemplo abaixo, o sintagma nominal de sujeito *pi'õ* está ocorrendo com o morfema de foco *hã*. Neste exemplo, o sujeito irá para a posição de foco e o objeto para a posição de tópico:

429) pi'õ hã 'ri te ø – wamro – ø
mulher enf. casa 3ª/pres. 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa



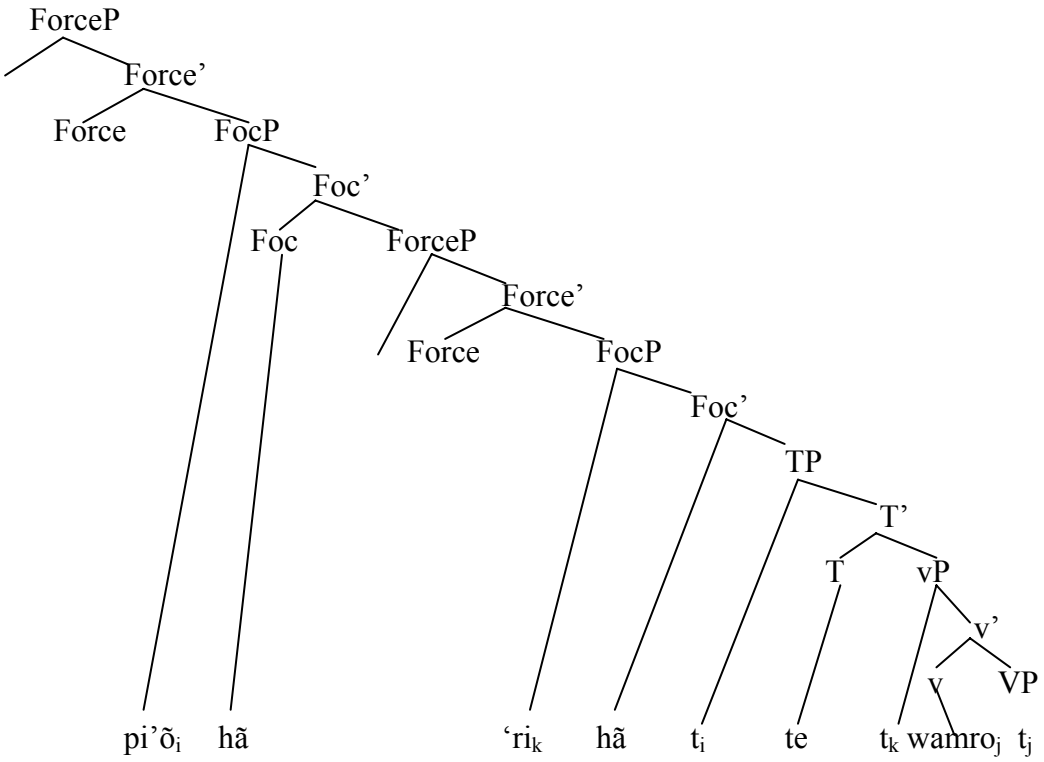
Ou pode ser o contrário, o sujeito se move para uma posição de tópico e o objeto para uma posição de foco, pois o sintagma nominal de objeto está acompanhado pelo morfema *hã*:

430) pi'õ 'ri hã te ø – wamro – ø
mulher casa enf. 3ª/pres. 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa



Mas, como analisar o exemplo a seguir em que o morfema *hã* ocorre juntamente com o sujeito e o objeto, já que na abordagem cartográfica só há permissão para uma posição de foco? Há na literatura gerativa a proposta de que só pode existir um foco na oração. A nossa proposta é dizer que quando o sujeito e o objeto ocorrem junto com o morfema *hã*, há na verdade duas orações:

431) pi'õ hã 'ri hã te ø – wamro – ø
mulher enf. casa enf. 3ª/pres. 3ª – varrer - VBLZ
A mulher está varrendo a casa

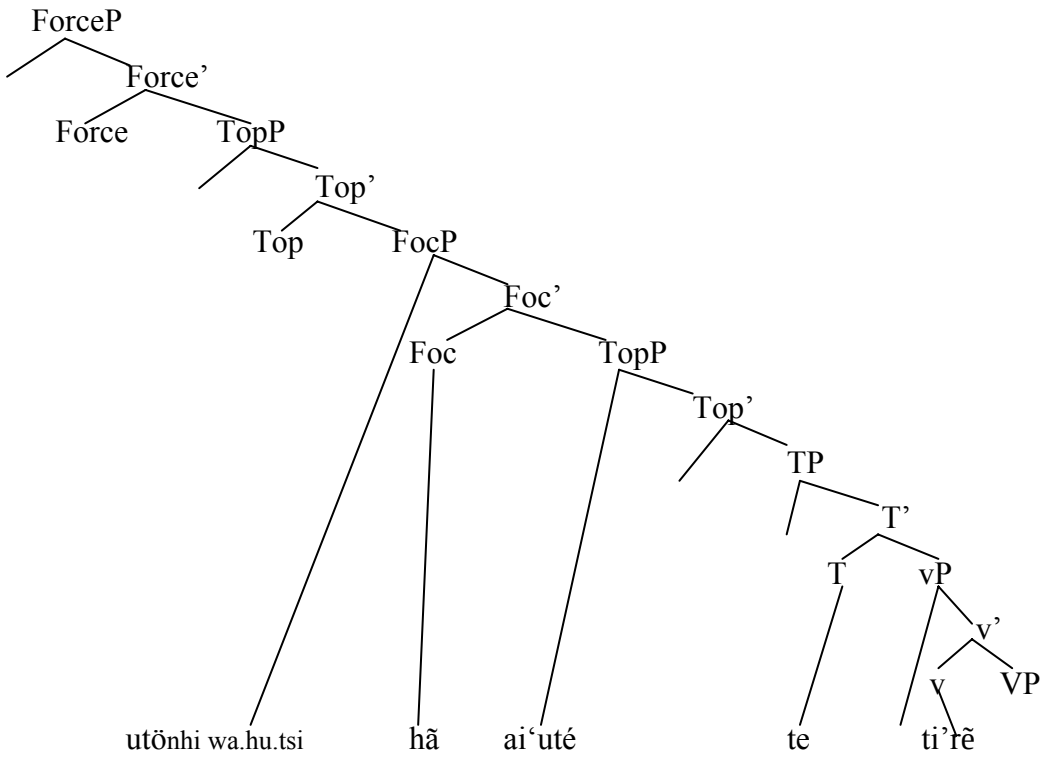


Como vimos no capítulo 3, Rizzi (1997) postula que as construções de tópico e as construções de foco são construções similares em muitos casos, mas diferem em um número de aspectos. Por exemplo, um dos aspectos em que estas construções diferem é que o foco pode ser um elemento quantificacional, o tópico não.

Então, podemos notar que,no exemplo abaixo, há um sintagma nominal deslocado à esquerda. Este sintagma, que se moveu para a posição de especificador do sintagma de Foco, de acordo com as posições definidas por Rizzi na cartografia do CP expandido, carrega um elemento quantificacional, dando uma outra evidência, além de ser uma informação nova, de que este elemento à esquerda é, de fato, um sintagma nominal focalizado.

Abaixo, veremos o sintagma utö*nhi wahutsi* na posição de especificador de Foco no esquema do sintagma complementizador expandido para a língua Xavante:

432) utö – nhi hã wahutsi ai'uté te ti – 'rẽ
anta – carne enf. somente criança 3ª/pres. 3ª – comer
A criança come somente carne de anta



O núcleo do sintagma de Foc projeta o foco como seu especificador. O sintagma nominal utö*nhi* "carne de anta", juntamente com o quantificador *wahutsi*, se moveu de sua posição de origem (objeto da oração) para a posição de especificador do sintagma de foco, a fim de checar traços na relação especificador-núcleo. O mesmo núcleo Foc° projeta a pressuposição como seu complemento. O resto da oração *ai'uté te ti'rẽ* é o complemento do sintagma de foco.

Há, em Xavante, casos em que o objeto está no início da oração. Vimos, na seção 5.2, que tal caso ocorre pelo fato de que o sujeito pronominal foi apagado.

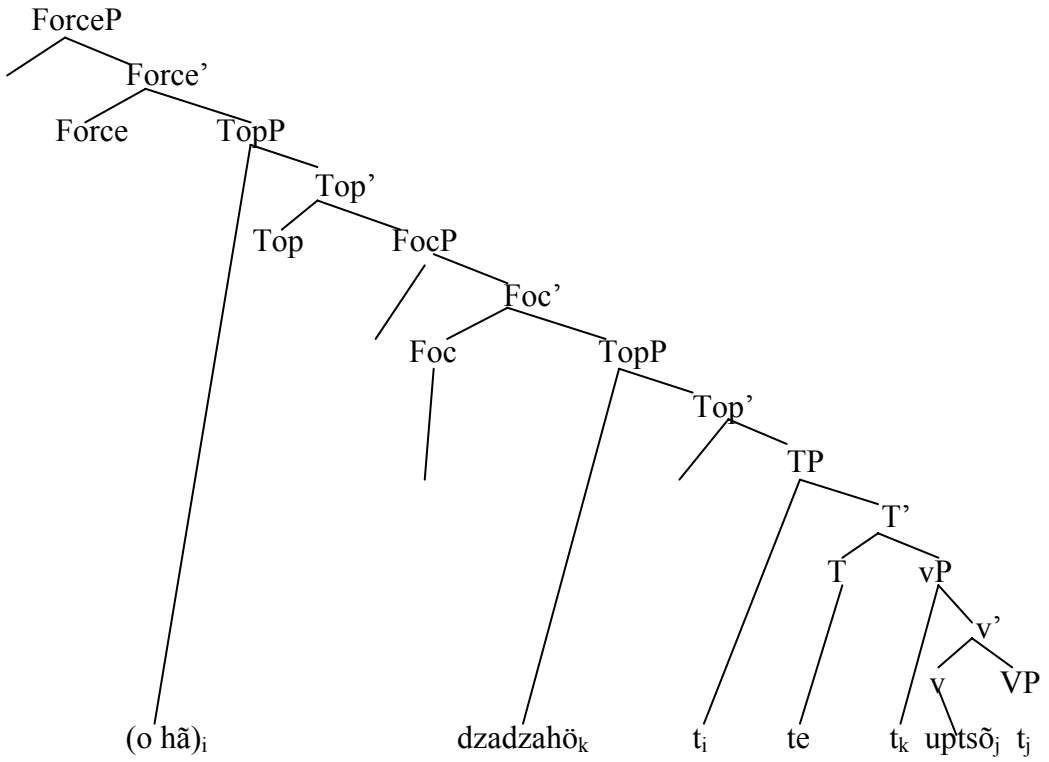
Podemos observar, no exemplo (433), que o objeto está em primeira posição na oração, acima do verbo auxiliar, portanto, em uma posição de tópico:

433) dzadzahö te ø – uptsõ
roupa 3ª/pres. 3ª – lavar
Ela está lavando roupa

Quando o sujeito está explícito na oração, ocorrerá à esquerda do objeto, também na posição de tópico:

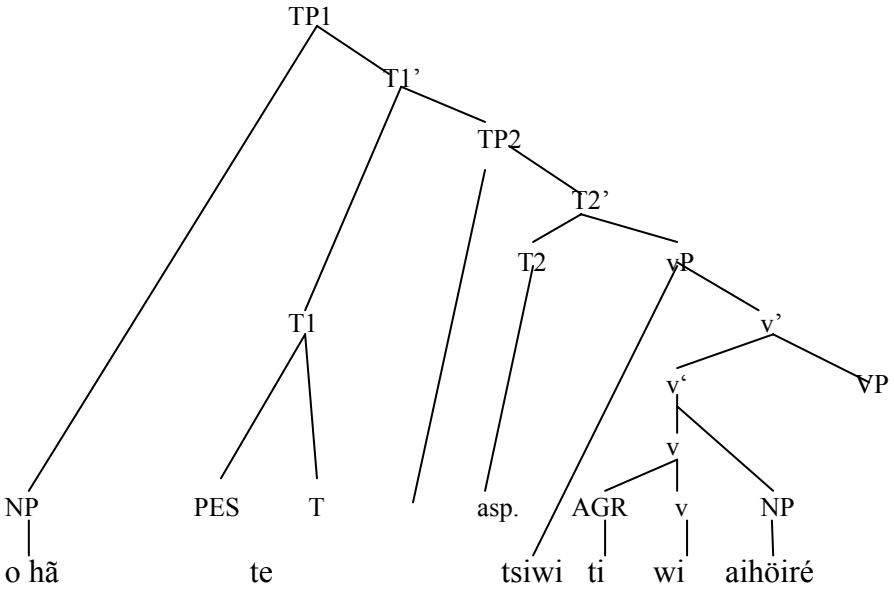
434) (o hã) dzadzahö te ø – uptsõ
3ª roupa 3ª/pres. 3ª – lavar
Ela está lavando roupa

Na árvore abaixo, iremos representar os exemplos acima, mostrando que o objeto se move da posição em que recebeu caso e papel temático para a posição de especificador do sintagma de tópico. Quando o sujeito está presente, também irá para a posição do especificador de tópico que ocorre mais acima da oração:



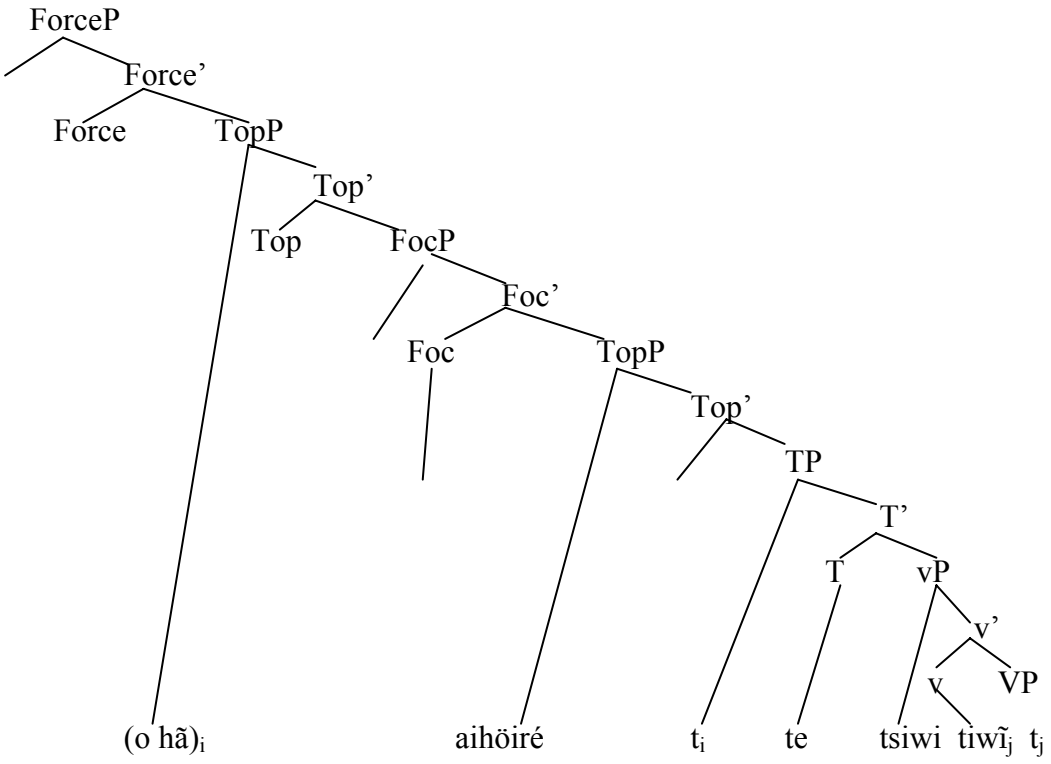
Além do verbo auxiliar, o sujeito, em Xavante, pode ser marcado também pelo coletivo *tsiwi* "todos". A posição de ocorrência deste coletivo, como podemos observar nos exemplos, a seguir, pode ser uma indicação de que o sujeito foi gerado no domínio de vP, posição em que recebeu caso nominativo. O sujeito, em Xavante, precisa subir para o especificador de TP para checar seu traço EPP. No exemplo (435), o sujeito é gerado no especificador de vP e sobe para o nó TP para checar o traço EPP, deixando na sua posição de origem uma cópia, o coletivo *tsiwi*:

435) o hã aihöiré te ø - tsiwi ti - wĩ
3ª jacaré 3ª/pres. 3ª - todos 3ª - matar
Eles estão matando jacaré



Em seguida, o sujeito sobe para a posição de especificador do sintagma de tópico. Esse tópico, pode ser apagado, então, no exemplo (436), o objeto *aihöiré* está em primeira posição, e o coletivo *tsiwi*, na posição de especificador de vP. Podemos notar, nestes exemplos, que o objeto é obrigado a subir para a posição no segundo sintagma de tópico, pois não há posição de aterrissagem para este objeto no especificador de vP.

436) aihöiré te ø - tsiwi ti - wĩ
jacaré 3ª/pres. 3ª - todos 3ª - matar
Eles estão matando jacaré



Há ainda, em Xavante, um outro tipo de tópico que está deslocado para a esquerda do morfema interrogativo *e*. Este morfema, conforme já foi dito antes, é gerado no sintagma de Força. Ele dá à oração o seu valor interrogativo.

Como podemos notar nos exemplos abaixo, os sintagmas nominais aparecem à esquerda da partícula interrogativa.

O exemplo (437) é o sintagma nominal de sujeito *imro* 'marido', que está situado à esquerda da oração. Neste exemplo, o objeto *mã* "ema" está à esquerda do verbo auxiliar *ma*, portanto, também está na periferia esquerda:

437) imro e mã ma ti - wĩ
marido int. ema 3ª/pass. 3ª - matar
'Seu marido, ele matou emas?'

O exemplo (438) é o objeto *Bakairi* que, aparentemente, se move de sua posição de complemento do verbo para uma posição acima do morfema *e*:

438) Ba'airi e te hödzu 'õ di
Bakairi int 3ª picar neg. est.
'Ele não picou o Bakairi?'

O exemplo (439) é uma interrogativa QU. O sintagma nominal *aibö* "homem", é gerado como argumento externo do verbo, isto é, é gerado como sujeito da oração. Este sintagma se move desta posição para a periferia esquerda da oração:

439) aibö, e mari ma ti - rẽ
homem int. o que 3ª/pass. 3ª - comer
'O homem, o que ele comeu?'

Nos exemplos acima, os sintagmas nominais de sujeito ou objeto ocorrem antes do sintagma de força, posição na qual é gerado o morfema interrogativo *e*. Seguindo a proposta de Rizzi (1997), Benincá (2001) acrescenta uma nova posição para a aterrissagem de um tipo de tópico que está acima do sintagma de Força. Segundo sua análise, esta nova posição abrigaria um tópico diferente de um simples deslocamento à esquerda, que é a posição DiscP, que foi apresentada na seção 3.3.1.

De acordo com a análise de Benincá, a posição DiscP é uma posição específica para abrigar o *Hanging Topic*, que possui algumas características diferentes do deslocamento à esquerda.

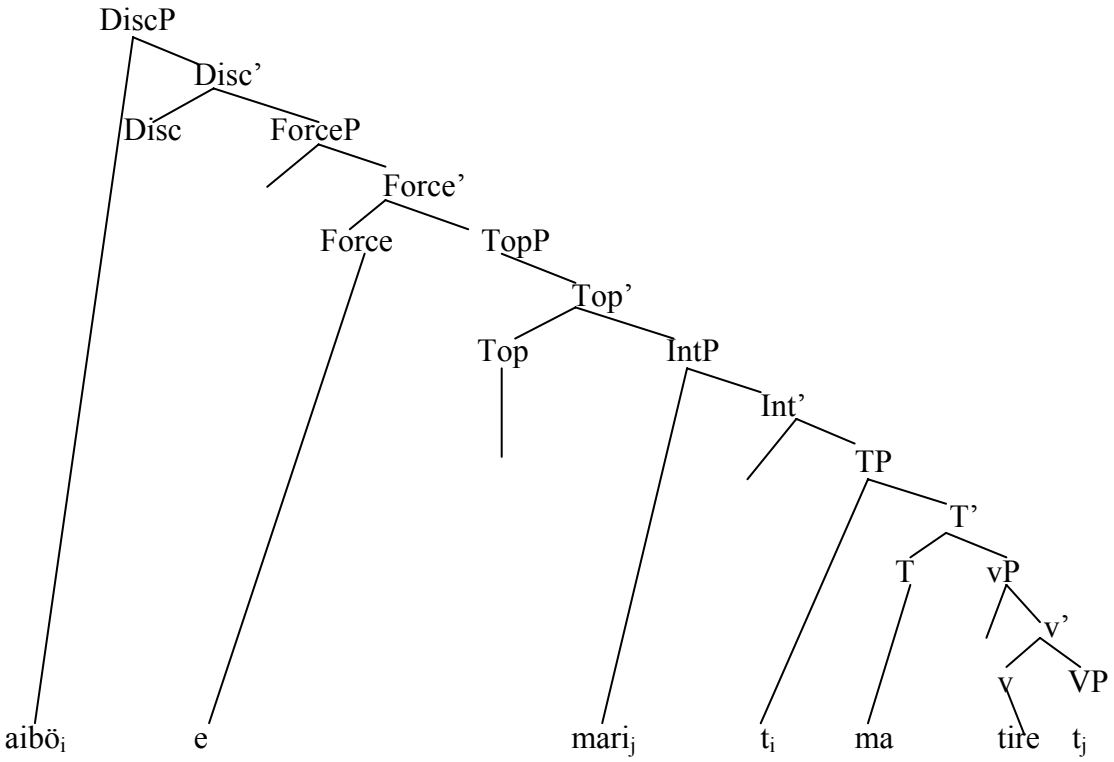
Com o *Hanging Topic*, por exemplo, o sintagma nominal de objeto não seria gerado como complemento do verbo, e sim, na própria estrutura do sintagma complementizador.

Não vamos dizer que os argumentos, em Xavante, são gerados dentro do sintagma complementizador, pois achamos que o sujeito e o objeto que estão acima do sintagma de Força foram gerados em uma posição argumental, onde receberam caso e papel temático. O sujeito, em uma oração declarativa, se move da posição de especificador de TP para uma posição no sintagma de tópico ou de foco, ou diretamente para a posição que abriga o *Hanging Topic.*

Então, em Xavante, este tópico não seria propriamente o *Hanging Topic*, mas um simples deslocamento à esquerda.

Mas, esta posição é uma boa opção para abrigar os sintagmas em Xavante que estão deslocados para a esquerda do morfema interrogativo que, como veremos na estrutura do sintagma complementizador expandido abaixo, está preenchendo o núcleo do sintagma de Força:

440)



Podemos concluir que, a língua Xavante possui um sistema CP rico, pois o sintagma de tópico e foco são sempre ativados. As palavras interrogativas que sofrem movimento sintático vão preencher o especificador do sintagma QU, presente também na cartografia do sintagma complementizador expandido.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram abordadas, nesta tese, questões relacionadas a formação do nome e do verbo dentro do quadro da Morfologia Distribuída. Questões relacionadas a marcação de caso, ordem de palavras e estruturas com impacto na periferia esquerda da oração foram descritas e analisadas dentro do programa Minimalista e do projeto Cartográfico.

Dentro dos pressupostos da Morfologia Distribuída, analisamos a formação do nome e do verbo, além de mostrarmos uma forte evidência para inserção tardia e subespecificação de alguns itens de vocabulário, tais como verbalizadores e verbos auxiliares que carregam os traços de pessoa e tempo.

Vimos que os nomes, em Xavante, são formados pela junção de raízes acategoriais ou raízes verbais a categorizadores nominais fonologicamente nulos ou explícitos. Os verbos são formados somente por raízes acategoriais juntados a categorizadores verbais fonologicamente nulos ou explícitos.

Mostramos que certos itens de vocabulário são subespecificados. Começando pelos verbalizadores, vimos que alguns morfemas verbalizadores transitivos e intransitivos possuem o mesmo molde fonológico, mas possuem feixes de traços diferentes na sintaxe, portanto, são subespecificados, pois não precisam possuir todos os traços presentes em um nó para ser inserido nele. A respeito dos morfemas de pessoa sujeito e tempo, vimos que o morfema que marca 1ª pessoa possui traços de tempo presente e passado, que foram definidos na lista 1. Neste caso, este morfema é subespecificado para o traço tempo. Ele não possui os dois traços juntos – presente e passado – quando é inserido na lista 2. Vimos, também, que o morfema que carrega o

traço presente e o morfema que carrega o traço passado são subespecificados para pessoa, ambos marcam 2ª e 3ª pessoa.

Dividimos os verbos transitivos e intransitivos em classes de acordo com os prefixos que marcam pessoa sujeito. Os verbos transitivos foram divididos em duas classes e os verbos intransitivos em quatro classes, ambos de acordo com o sujeito da oração.

A divisão em classes verbais, segundo os prefixos de sujeito, nos possibilitou descobrir um maior número de prefixos que aparecem no verbo. Com isto, pudemos rever a nossa análise em Oliveira (2002) a respeito da ocorrência dos morfemas presos em relação ao sistema de marcação de caso. Nesta tese, afirmamos que o Xavante possui um sistema de marcação de caso cindido. Esta cisão ocorre entre os pronomes livres, sintagmas nominais, morfemas livres que marcam o sujeito e o tempo e morfemas presos marcadores de sujeito e objeto, em relação às orações afirmativas e negativas e ativas e estativas.

Com a descrição dos morfemas de pessoa e tempo, pudemos perceber que, além desses morfemas serem subespecificados para pessoa ou para tempo, eles são importantes na derivação sintática da língua Xavante. Vimos que uma oração se torna transitiva ou intransitiva não só pela presença de sufixos verbalizadores e pela presença ou ausência de um complemento, mas também pela presença ou ausência desses morfemas em orações negativas. Sabemos quando um verbo é transitivo quando, em orações negativas, há a presença desses morfemas. Um verbo será intransitivo pela ausência desses morfemas em orações negativas.

Para a linearização da cadeia dos constituintes frasais, vimos que Chomsky (1995), por exemplo, adota a proposta de Kayne (1994) de que os princípios da

Gramática Universal apenas determinam o ordenamento Sujeito Verbo Objeto (SVO), sendo as demais ordens atestadas nas línguas derivadas por movimento a partir desta ordem. Segundo Kayne (1994), que diz que o verbo e seus argumentos são gerados internamente ao VP e movimentos ocorrem somente à esquerda, mostramos que, para a linearização das ordens SOV e OSV, o objeto se moveu para uma posição acima do verbo. Vimos que, a língua Xavante, possui verbos auxiliares que são gerados no núcleo de TP. O objeto, na ordem SOV, pode aparecer à esquerda ou à direita desses auxiliares. O sujeito ocorre sempre à esquerda do verbo auxiliar. Como propusemos que tudo o que está à esquerda desses auxiliares está em uma posição não argumental, o sujeito, na nossa análise, se moveu da posição onde checou seu traço EPP, posição de especificador de TP, para uma posição específica na cartografia do sintagma complementizador expandido, a saber, a posição de tópico ou foco. Vimos, também, que o objeto, quando está à direita do verbo auxiliar, irá para a posição de especificador de vP. Assim como o sujeito, o objeto, por razões de pragmática, sobe para uma posição acima da oração, que também pode ser tópico ou foco, formando a ordem vocabular SOAUXV.

Para a derivação das ordens vocabulares, em Xavante, na qual o sujeito, e às vezes o objeto, se move para uma posição na periferia esquerda da oração, utilizamos, nesta tese, a teoria proposta por Rizzi (1997), onde se propõe uma expansão da camada complementizadora, postulando-se um componente fixo envolvendo os núcleos Força e Finitude, e um componente acessório envolvendo os núcleos Tópico e Foco, que são ativados quando necessários. Vimos que, em Xavante, os núcleos Tópico e Foco são sempre ativados. Há casos em que somente um núcleo de tópico é ativado, que é quando o sujeito está acima do verbo auxiliar e o objeto abaixo, ordem SAUXOV. Em Rizzi

(1997), a periferia esquerda da oração é vista como uma zona estrutural definida por um sistema de núcleos funcionais e suas projeções: FORCE (TOP) FOC (TOP) FIN IP. Como podemos observar no esquema acima, a teoria prevê duas posições distintas para tópico. Em Xavante, essas duas posições são ativadas quando o sujeito e o objeto estão acima do verbo auxiliar, ordem SOAUXV. O foco, em Xavante, possui um morfema fonologicamente explícito que preenche o núcleo do sintagma de foco. Portanto, em Xavante, quando o sujeito ou o objeto estão acompanhados pelo morfema *hã*, estarão focalizados. Como vimos nesta tese, no esquema cindido dos núcleos funcionais da periferia esquerda da oração, só há uma projeção funcional para abrigar o núcleo foco. Quando, em Xavante, há dois sintagmas que ocorrem junto com o morfema *hã*, supomos que há duas orações.

Seguindo o projeto Cartográfico, Benincá (2000), por outro lado, cria uma nova posição, a posição DiscP, na camada complementizadora, para abrigar um determinado tipo de tópico, o *Hanging Topic*, que é diferente do deslocamento à esquerda. Como vimos anteriormente, esta posição fica acima do sintagma de Força, sendo ideal para abrigar o tópico que ocorre acima da partícula interrogativa, em Xavante, que é gerada no núcleo do sintagma de Força. Segundo Benincá, à esquerda do sintagma de Força estará apenas um DP, sem nenhuma preposição. Parece que em Xavante isto acontece, pois nos dados que possuímos, os sintagmas nominais aparecem sozinhos à esquerda, sem nenhuma adposição. Não podemos, no entanto, afirmar que o sintagma à esquerda de Força seja realmente um *Hanging Topic* em Xavante, pois não temos dados que comprovem que uma posposição possa acompanhar este sintagma. Afirmamos, ainda, que os sintagmas à esquerda da Força da oração foi deslocado de sua posição de complemento do verbo para a posição DiscP.

Vimos, também, nesta tese que, em Rizzi (1999), há o acréscimo da posição INT(errogativo) na camada complementizadora, argumentando-se em favor de uma posição distinta do sítio de aterrissagem do movimento QU. Com isto, pudemos perceber que a análise de Rizzi (1999) representa melhor a língua Xavante, pois a posição INT é a posição ideal para abrigar a palavra QU em Xavante que ocorre logo após a partícula *e*, que é a força da oração.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Stephen R.. "**Typological distinctions in word formation**". Tymothy Shoopen (org.), Language typology and syntactic description, Volume III, Grammatical categories and lexicon. New York:Cambridge Univerdity Press, 1987 (02-56).

_____. **A-Morphous Morphology.** Cambridge: Cambridge University Press. 1992.

_____. **Morphology by itself**. Ms., SUNY, Stony Brook. 1992.

ARONOFF, M. **Word Formation in Generative Grammar**. MIT Press, Cambridge. 1976.

_____. **Morphology by Itself: Stems and Inflectional Classes**. MIT Press, Cambridge. 1994.

ARAD, Maia**. On "Little v". in Papers on Morphology and Syntax.** Cycle One. edited by Karlos Arregi, Benjamin Bruening, Cornelia Krause, and Vivian Lin. Cambridge, MITWPL 1999.

BENINCÁ, P. *The position of topic and focus in the left periphery*. In: Cinque, G., Salvi, G. **Current Studies in Italian Syntax**. Ed. Elsevies. Amsterdã. P. 39-64. 2001.

BENMAMOUN, E. *The Feature Structure of Functional Categories, A Comparative Study of Arabic Dialects.* Oxford University Press, Oxford, 2000.

BOLBALJIK, J., JONAS, D. *Subject Positions and the Roles of TP*. In: **Linguistic Inquiry**, MIT, vol. 27, number 2, p. 195-236. 1996.

BRESNAN, J. W. **On Complementizers: Toward a Sintactic Theory of Complement Types**. Foundations of Language 6, p. 297-321. 1970.

BURGESS, Eunice. **Foco e tópico em xavante.** Série Lingüística, pp. 11-38. Brasília, 1987.

_____ *Duas análises da sílaba Xavante*. In **Estudos sobre Línguas e Culturas Indígenas**. Brasília. DF. SIL: 96-102. 1971.

_____ *Xavante Hyperphonemics*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1961.

CARNIE, Andrew. **Syntax**. Oxford: Blackwell Publishers. 2001

CHENG, Lisa. **On the typology of wh-questions**. New York & London: Garland Publishing. 1993.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MITPress. 1965.

_____ **Remarks on Nominalization. Readings in Transformational Grammar.** by R. A. Jacobs & P. S. Rosenbaum, p. 184-221. Waltham, Mass.: Ginn 1970.

_____**Some Concepts and Consequencies of the Theory of Government and Binding**. Linguistic Inquiry Monography 6 Cambridge: MITPress. 1982.

_____**Some Notes on Economy of Derivation and Representation**. MIT Working paper in Linguistics. Vol. 10, p. 47-75. 1989.

_____ **The Minimalist Program**. Cambridge: MITPress. 1995.

CHOMSKY, N., and LASNIK. **The theory of Principles and Parameters**. In J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternefeld, and T. Venemann, eds., Syntax: An international handbook of contemporary research. Berlin: de Gruyter, 1993.

CINQUE, G. **Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective**. Oxford University Press, New York, 1999.

_____**Issues in Adverbial Syntax**. University of Venice, 2002.

COMRIE, Bernard. **Language Universals and Linguistic Typology**. Chicago, University of Chicago Press. 1981.

_____*Aspect*. Cambridge University Press. 1978.

DUARTE, F. B. *Ordem de Constituintes e Movimento em Tembé: Minimalismo e Anti-Simetria*. Belo Horizonte, 2003192f., Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/Poslin, UFMG.

EMBICK, D. *Aspects of Distributed Morphology*. Handout 1. Evelin 2004.

_____ *Primitives and Vocabulary Insertion*. Handout 2. Evelin 2004.

_____ *Pieces, Processes*. Handout 3. Evelin 2004.

GREENBERG, J. H. *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements.* In: J. H. Greenberg (ed) **Universals of language**. Cambridge, Mass. The MIT Press, pp. 58-90, 1966.

GRAHAM, Laura R. **Performing Dreams. Discourses of immortality among the xavante of central Brasil**. Austin, University of Texas Press. 1995.

HAAN, J. *Speaking of Questions. An Exploration of Dutch Question Intonation*. Netherlands Organization for Research. 2002.

HAEGEMAN, L. **Introduction to Government and Biding Theory**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____ Remnant Movement and OV order. (org: Peter Svenonious), John Benjanins Publishing Company, Amsterdam, vol. 31, p. 69-96. 2000.

HAGSTROM, P. A. **Decomposing questions**. Orientador: David Pesetsky. MIT, 1998. 199p. Tese. (Doutorado em Lingüística).

HALE, K. & J. KEYSER. **On Argument Structure And The Lexical Expression Of Syntactic Relations. Em K. Hale And J. Keyser (Eds.), The View From Building 20: Essays In Linguistics In Honor Of Sylvain Bromberger**. The MIT Press, Cambridge 1993.

_____**On The Syntactic Projection Of Predicate Argument Structure**. Ms. Department Of Linguistics, MIT, Cambridge 1998.

_____**Conflation**. Ms. Department Of Linguistics, MIT, Cambridge 1999.

HALL, J. *Xavante Noun Phrases and Morpheme Classes*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1961.

HALLE, M. & A. MARANTZ. **Distributed morphology and the pieces of inflection.** The View from Building 20, edited by K. Hale & S. J. Keyser, p. 111-176. Cambridge, Mass.: MIT Press. 1993.

_____. **Some key features of Distributed Morphology** [MIT Working Papers in Linguistics 21: Papers on phonology], edited by A. Carnie & H. Harley, p. 275-288. Cambridge, Mass.: MITWPL.1994.

HARLEY, Heidi AND ROLF Noyer. **Licensing in the Non-Lexicalist Lexicon: Nominalizations, Vocabulary Items and the Encyclopedia**. Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect. MIT Working Papers in Linguistics v. 32. pg.119-138, ed by Heidi Harley. MITWPL 1998.

_____ **Distributed Morphology**. Glot International. v. 4, Issue 4, 1999.

_____**State-of-the-Article: Distributed Morphology**. 1999

HARRIS, James 1999. **Nasal Depalatalization no, Morphological Well-Formedness sí: the Structure of Spanish Word.** *MIT Working Papers in Linguistics* 33, 47-32

IPPOLITO, Michela M. 1999. **On the Past Participle Morphology in Italian**. *MIT Working Papers in Linguistics* 33, 111-137

KAYNE, R. **The Antissimetry of Syntax**. Cambrigde. MA. MIT Press.

LACERDA, R. **Sistema Interrogativo de Seis Línguas Indígenas do Brasil**: uma análise contrastiva. Orientador: Adair Pimentel Palácio, Recife UFPE, 1991. 136p. Dissertação. (Mestrado em Lingüística).

LACHNITT, Georg. **Gramática Xavante**. Mato Grosso: Missão Salesiana de Mato Grosso. 1988.

LEHMANN, W. P. **A Structural principle of language and its implications**. Syntactic Typology. Austin, University of Texas Press, 1978.

_____**Syntactic Typology**. Austin, University of Texas Press. 1978.

LEMLE, Miriam. **Sufixos em verbos: onde estão e o que fazem.** Texto impresso, Dep. de Lingüística, UFRJ. Rio de Janeiro 2002.

LEMLE, M., A. FRANÇA. *Formação de Expressões Idiomáticas*. UFRJ.

LEWIS, David Maybury. **Akwe-shavante society**. New York: Oxford University Press. 1974.

LYONS, J. **Introdução à Lingüística Teórica**. SP: Companhia Editora Nacional. 1979.

MAIA, Marcus A. R. **Aspectos tipológicos da língua javaé**. Rio de Janeiro, 1986.

_____**Palavras interrogativas em karajá**. Revista Laços (ASSEL – RJ), n° 1, p. 91 - 110, 2000.

MAIA, M., A. SALANOVA & E. LANES. *Syntaxis comparada de las interrogativas em karajá, kayapó y manchineri***.** In: Hein Van der Voort & Simon Van de Kerke (eds.) **Essays on Indigenous Languages of Lowland South America**, Leiden: CNWS Publications, vol. 1, p. 297-308, 2000.

MAIA, M., B. FRANCHETTO, Y. LEITE, M.F. SOARES & M.D. VIEIRA. *Comparação de Aspectos da Gramática em Línguas Indígenas* Brasileiras. Revista D.E.L.T.A., São Paulo, v.. 14 n.2, p. 349-376, 1998ª.

_____,B. FRANCHETTO, Y. LEITE, M. F. SOARES & M. D. VIEIRA. *A Estrutura da Oração* em Línguas Índigenas Brasileiras. Revista D.E.L.TA, 1998B.

MCLEOD, Ruth. *Xavante Grammar*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1960.

_____*Macro Jê. Lista de Vocabulário Xavante*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1960.

_____*2 Xavante Texts*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1960.

_____*Fonemas do Xavante*. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. 1961.

_____*Xavante Clause and Sentence Structure*. **Série Lingüística**. Museu Nacional do Rio de Janeiro. RJ. SIL. 1961.

_____*Fonemas Xavante*. **Série Lingüística** (3): 131-152. 1974.

MCLEOD, Ruth; MITCHELL, Valerie **Aspectos da língua xavante.** Brasília: SIL. 1977.

MARANTZ, Alec. *No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon*. A. Dimitriadis, L. Siegel, et al., eds., University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 1997, pp. 201-225.

_____ *Morphology as Syntax: Paradigms and the Ineffable, the Incomprehensible and the Unconstructable*, handout. 1999.

_____ *Words*. Ms. MIT 2001

MIOTO, Carlos. **Manual de Sintaxe.** Florianópolis, 1999.

_____*CP no PB*. Universidade Federal de Santa Catarina. (ms) 2001.

NEWEYER, Frederick J. **Language Form and Language Function.** Cambridge, Mass. The MIT Press, pp.297-366, 1998.

OLIVEIRA, R. C. **Tipologia de Ordem Vocabular na Língua Indígena Xavante**. Orientador: Marcus Maia. Rio de Janeiro: MN/UFRJ, 1998. Monografia. (Especialização em Línguas Indígenas)

_____**Tópico na Língua Indígena Xavante**. UFRJ, (ms) 1999.

_____**Clíticos na Língua Indígena Xavante**. UFRJ, (ms) 2000.

_____**Periferia Esquerda na Língua Xavante**. Orientador: Marcus Antônio Rezende Maia. Rio de Janeiro UFRJ, 2002. 126p. Dissertação. (Mestrado em Lingüística).

_____ *Construções interrogativas em xavante*. In: Ludoviko dos Santos & Ismael Pontes (orgs). **Línguas Jê Estudos Vários**. Londrina: ed. UEL, 185-194, 2002.

PEDROSA, W. Q. **Aspectos da Fonologia Xavante**. Orientador: Angel Humberto Corbera Mori. Campinas UNICAMP, 2000. 159p. Dissertação. (Mestrado em Lingüística)

POLLOCK, J. Y. **Verb movement, universal grammar and the structure oh IP**, LI 20 (3), 365-425, 1989.

PONTES, Eunice. **O tópico no português do Brasil**. Campinas, 1987.

PYLKKÄNEN, L. Causation and External Arguments. MIT Working Papers in Linguistics 35, 161-183. 1999.

RADFORD, A. **Syntactic theory and the structure of english. A minimalist approach**. Cambridge University Press, 1997.

_____ **Syntax A Minimalist Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

RIZZI, L. *The Fine Structure of Left Periphery*. In: L. Haegeman (ed) **Elements of Grammar**. Kluwer Academic Publishers. 1997.

_____*On the position Int(errogative) in the left periphery of the clause*, in Cinque & Salvi. P. 287-297. 1999.

_____*Locality and left periphery.* (ms) 2001.

_____*The Structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures.* Vol. 2. Oxford University Press, 2004.

RODRIGUES, A. D., *Macro-Jê* in: **The Amazonian Languages** , R. M. Y. Dixon and Alexandra Y. Aikhenvald, Cambridge: Cambridge University Press, 165-206, 1999.

SANTOS, G. Mara Ferreira dos. 2002. Morfologia Kuikuro: as categorias 'nome' e 'verbo' e os processos de transitivização e intransitivização. Diss. de Mestrado, UFRJ, Fac. de Letras.

_____. 2005. Raízes homófonas em Kuikuro - XVII Congresso da ABRALIN – Brasília, 17-19 de fevereiro de 2005.

SILVA, M. A. R. **Pronomes, Ordem e Ergatividade em Mebengokre (Kayapó)**. Orientador: Charlotte Galves. Campinas: UNICAMP, 2001. 84p. Dissertação (Mestrado em Lingüística).

SPENCER AND ZWICKY. **The Handbook of Morphology.** by Andrew Spencer and Arnold M. Zwicky. Massachusetts: Blackwell Publishers,. 2001.

SVENONIOUS, P. **The Derivation of VO and OV**: Introduction. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, vol. 31, p.1-27. 2000.

VICENTE, L. **Derived vs. Base Generated OV.** In Boban Arsenijevic, Noureddine Elouazizi, Martin Salzmann & Mark de Vos (eds.), *Leiden Papers in Linguistics* 1.1, p. 83-96. 2004.

VIEIRA, M. M. D. **Guia-Questionário para Pesquisa em Línguas Indígenas Brasileiras**. Museu Nacional/UFRJ. (ms). 1995.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus, and Word Order*. The MIT Press, Cambridge,1988.